



A EVOLUÇÃO URBANA

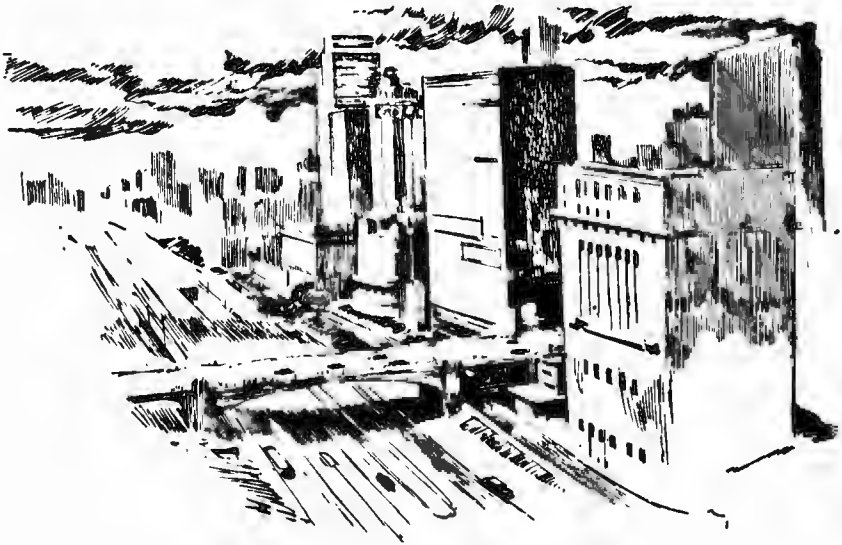


São Paulo nos tempos coloniais

São Paulo no século XIX

São Paulo no século XX

A população paulistana





“São Paulo não é apenas o resultado do seu local, de sua situação e do seu clima: antes disso tudo, é o produto do trabalho dos homens que, em épocas diferentes, conforme as circunstâncias históricas mutáveis, tiraram partido da natureza inerte. Obra humana, São Paulo e o seu crescimento são o reflexo e, ao mesmo tempo, o fruto das civilizações e das sociedades que se sucederam nas margens do Tietê durante quatro séculos.”

PIERRE MONBEIG, *Aspectos geográficos do crescimento de São Paulo*, 1954.

CAPÍTULO I

São Paulo nos tempos coloniais

RAUL DE ANDRADA E SILVA

As bases geográficas da vila quinhentista. O núcleo de origem: o Colégio dos Jesuítas. Os primeiros povoadores. A vila quinhentista. A "capital" do Bandeirismo. Ascensão política e decadência econômica. As transformações urbanas nos séculos XVII e XVIII.

QUEM DAS ALTURAS contempla o compacto casario da metrópole de São Paulo, quem examina o mosaico de seu levantamento aerofotográfico ou simplesmente desdobra a planta da cidade atual, fica perplexo e quase não acredita que êsse imenso bloco urbano, contando já quatro séculos de existência, veio a expandir-se há somente pouco mais de sessenta anos. Fascinante tarefa, que chega por vêzes a atingir as raías do inacreditável, a de quem, através de sucessivas abstrações, se abalance a remontar o passado, numa tentativa de reconstituição, o mais possível exata e honesta, dos diferentes estádios dêsse crescimento realmente prodigioso.

Afastemo-nos do quadro magnífico de nossos dias, recuando até ao meado do século XVI. Colinas de tôpo aplainado, recobertas de vegetação rasteira, com manchas esparsas de bosques naturais; pequenos vales, cujas vertentes, às vêzes abruptas, asilavam modestos cursos de água, a deslizar em busca de várzeas extensas, na mais ampla das quais um rio maior serpenteava, sonolento, tomando o rumo do poente — eis o quadro modelado pela natureza, nas alturas do pla-

nalto que uma serra escarpada e inóspita escondia do homem, a curta distância do mar.

Dentro dessa paisagem de amplos horizontes, limitada só para as bandas do Norte e de Noroeste, nasceu e lentamente cresceu a atual cidade de São Paulo. Não teve nenhuma pedra fundamental, nem um simples marco de granito a assinalar sua fundação; não contou com a presença de nenhuma autoridade civil ou de qualquer representante de El-Rei, o Senhor Dom João III, de Portugal. Surgiu modestamente, silenciosamente, tendo como testemunhas do fato apenas alguns padres da Companhia de Jesus e um grupo de índios.

Com efeito, sôbre a “lombada de campo alto, interposta às águas dos ribeiros Tamandateí e Anhangabaú” (1), na área central da cidade de hoje, onde está o Pátio do Colégio, ergueu-se, em janeiro de 1554, a casa dos Jesuítas, que seria a pequenina semente da metrópole trímilionária de nossos dias.

Escolheram os seus fundadores, dentre os esporões e colinas que acidentam a topografia do sítio urbano de São Paulo, uma das mais estreitas e escarpadas elevações, para que se tornasse mais segura a defesa, numa época em que os povoadores brancos não se podiam fiar na amizade de tôdas as tribos indígenas e tinham razões de sobra para temer, a qualquer momento, o assalto da indiada hostil.

Do alto dessa lombada, cuja altitude não ultrapassa uns 25 metros acima da planície fluvial, o observador dominava tôda a extensa várzea do Tamandateí, abrangendo com a vista um horizonte relativamente amplo, que alcançava a calha do Tietê e podia atingir a colina onde hoje se encontra o núcleo principal da Penha. Do lado oposto, em declive também abrupto, o vale do Anhangabaú igualmente ficava sob as vistas do outeiro dominador. Apresentava, pois, o local excelentes condições estratégicas para o tempo e em relação aos recursos bélicos do provável agressor, flanqueado que se achava por fortes desniveis, bem mais pronunciados e íngremes que o declive das ladeiras de hoje.

O modesto Colégio dos padres Jesuítas foi construído junto à escarpa de Leste, “no ângulo da mais funda de suas

(1) SAMPAIO (Teodoro), *São Paulo no tempo de Anchieta*, em “III Centenário do Venerável Joseph de Anchieta”, pág. 125, Aillaud & Cia., Lisboa, 1900.

reentrâncias" (2), num sítio defensivo dos melhores que a região podia oferecer.

Mas não foi êste o único fator que levou o Padre Manuel da Nóbrega, Provincial da Companhia de Jesus no Brasil, a preferir aquêle local. Outras razões, reveladoras de seu tino político e claro senso das realidades, incluem-se na categoria dos fatores de natureza geográfica que presidiram ao nascimento de São Paulo.

O clima do Planalto Paulistano chamou logo a atenção, graças à sua benignidade, que favorecia a fácil adaptação do europeu, sobretudo em contraste com o da baixada santista-viceentina; e neste sentido depõem os primeiros cronistas.

Descrevendo a pequena vila, em 1565, dizia o Padre BALTAZAR FERNANDES: "É terra como essa do Reino, fria e temperada" . . . (cf. AFONSO D'E. TAUNAY, *Non ducor, duco*, pág. 3, São Paulo, 1924). Por sua vez, Frei VICENTE DO SALVADOR escreveu: "São ares frios e temperados, como os de Espanha, e assim é a terra muito sadia" . . . (cf. TAUNAY, obra cit., pág. 9). SIMÃO DE VASCONCELOS chegou a dizer que os campos de Piratininga mereciam o "nome de Elísios, ou bem afortunados", pois "partiu com êles a natureza do melhor do mundo" (*Crônica*, I, 1, n.º 149). E FERNÃO CARDIM, na *Informação da Província do Brasil para Nosso Padre*, atestou: "É terra muito saudável, aonde vivem os homens muito, máxime os velhos".

Os rios e ribeiros da bacia do Tietê constituíram outro elemento essencial para os habitantes, desde a fase inicial do povoamento, quer como elementos de defesa e vias de comunicação, quer como reservas de alimento.

Suas enchentes inundavam as várzeas circunvizinhas, dificultando a expansão das atividades humanas, por um lado, mas, por outro, favorecendo as condições de segurança e defesa da colina, em cujo tôpo o Colégio se acastelara. Utilizados como vias navegáveis, êsses cursos de água serviam aos Jesuítas, em suas peregrinações de missionários, pelas aldeias indígenas disseminadas nos arredores, "a uma, duas e três léguas por água e por terra" (3), e que os padres iam estabelecendo à margem ou nas proximidades dos rios, sempre que possível. Ao *Pôrto Geral*, que se atingia pela encosta correspondente à atual ladeira dêste nome quadrissecular, atracavam as embarcações que, ao longo do Tamanduateí, iam ter às imediações da antiga Ponte Grande, e pelas águas do Tietê, a montante ou a jusante, alcançavam as lavouras

(2) SAMPAIO (Teodoro), obra cit., pág. 127.

(3) LEITE (Serafim), S. J., *História da Companhia de Jesus no Brasil*, I, pág. 304, Lisboa, 1938.

das fazendas, abastecedoras da vila nascente (4). Além disso, abundavam os peixes nas águas do Piratininga (primitivo nome do Tamanduaté), em cujas margens, por ocasião das grandes enchentes, podiam ser apanhados “sem muito trabalho entre as ervas”, segundo o testemunho de ANCHIETA (5).

Ademais, maravilharam-se os Jesuítas com as possibilidades agrícolas do lugar onde ergueram sua primeira casa. NÓBREGA achou o campo muito próprio “para a criação do



O mais antigo documento iconográfico da cidade de São Paulo. — Data de 1628 e seu autor foi o Capitão-General D. Luís de Céspedes Xeria. Mostra o edifício que, segundo Taunay, seria do Paço Municipal, além do curso do rio Anhemby ou Tietê. (Cópia do original existente no Arquivo Geral das Índias, de Sevilha, feita por Belmonte).

gado e todo gênero de cultivos”, sendo “tão bom o mantimento desta terra, que não alembra o pão do reino”, no dizer do padre BALTAZAR FERNANDES (6). É ANCHIETA exaltou-lhe as qualidades de maneira verdadeiramente entusiástica:

“... é terra de grandes campos, fertilíssima de muitos pastos e gados, de bois, porcos, cavalos, etc., e abastada de muitos

(4) TAUNAY (Afonso d'E.), *São Paulo no século XVI*, pág. 214, Tours, 1921.

(5) Cf. PEREIRA (Batista), *A Cidade de Anchieta*, em “Revista do Arquivo Municipal”, n.º XXIII, pág. 66, São Paulo, 1936. — O nome *Piratininga*, dado ao rio e depois aos campos adjacentes, bem como acrescentado ao topônimo de São Paulo, significa “lugar onde seca o peixe”, segundo a interpretação etimológica de Anchieta, perfilhada por Teodoro SAMPAIO, em *O Tupi na Geografia Nacional*, pág. 340.

(6) Cf. LEITE (Serafim), obra cit., I, pág. 269.

mantimentos. Nelas se dão uvas e fazem vinho, marmelos em grande quantidade e se fazem muitas marmeladas, romãs e outras árvores de fruto da terra de Portugal. Idem, se dão rosas, cravinas, lírios brancos”. (7)

Na verdade, porém, tais possibilidades econômicas não ultrapassavam as limitadas capacidades do pequeno burgo paulistano, no quinhentismo, sendo bastantes apenas para uma economia de subsistência, que assegurou, contudo, o estabelecimento dos povoadores brancos.

Apesar do relativo isolamento do planalto e a despeito da alcantilada barreira da Serra do Mar (que, aliás, resguardava de incursões marítimas, no quadrante Sul, a retaguarda do povoado nascente), as comunicações com os núcleos portugueses do litoral foram mantidas, através do áspero caminho que galgava a encosta, seguindo a antiga “trilha dos tupiniquins” e, mais tarde, através do chamado “Caminho do Padre José” ou do Cubatão, mandado abrir pelo Governador Mem de Sá, em 1560 (8).

O núcleo de origem: o Colégio dos Jesuítas

Nesse quadro geográfico, cuidadosamente explorado pelos Jesuítas a partir de 1550, desde a viagem do Padre Leonardo Nunes, o “Abarebebê” (Padre Voador) dos índios, “inspirador da escolha do local em que se fundou Piratininga” (9), decidiu o Padre Manuel da Nóbrega erigir o Colégio, por assim achar mais adequado aos seus objetivos.

Razões várias justificavam tal decisão: a localização do Colégio de São Vicente, anteriormente fundado, impunha aos pais dos “corumins” catecúmenos, para irem vê-los, penosa viagem do planalto ao litoral, através da serra agreste, por onde “dificultosamente podem subir nenhuns animais, e os homens sobem com trabalho e às vêzes de gatinhas por não se despenharem”, nas expressões do próprio ANCHIETA;

(7) ANCHIETA, *Cartas*, págs. 423-424.

(8) A propósito desses caminhos, consultem-se, principalmente: PRADO (Paulo), *Paulística*, págs. 5-12, Editôra Monteiro Lobato, São Paulo, 1925; ABREU (J. Capistrano de), *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, págs. 63-65, Ed. “Sociedade Capistrano de Abreu”, Rio, 1930; e PEREIRA (Batista), *A Cidade de Anchieta*, loc. cit., págs. 33-38.

(9) PEREIRA (Batista), obra cit., pág. 15.

por outro lado, “a convivência dos estudantes e noviços com os colonos de São Vicente prejudicava a sua formação religiosa e moral”, sendo necessária “a imunização dos índios recém-convertidos” (10), em face dos desregramentos dos habitantes brancos da costa.

Longe dêsses inconvenientes, um Colégio colocado no planalto atenderia melhor às finalidades da obra evangelizadora e educativa da Companhia de Jesus. Destacou, então, o Provincial a missão encarregada de sua fundação, sob a chefia do Padre Manuel de Paiva: eram treze religiosos, entre padres e irmãos, dos quais José de Anchieta foi quem mais se consagrou, com zelo apostolar e com heróicos trabalhos, à instituição e ao progresso do novo estabelecimento jesuítico.

Era o primitivo *Colégio de São Paulo* uma simples casinha de pau-a-pique barreado, que media 14 passos de comprimento por 10 de largura; servia, ao mesmo tempo, de escola, dormitório, refeitório, enfermaria, cozinha e despensa — segundo informa ANCHIETA, em uma de suas conhecidas cartas. Ao lado dessa modestíssima habitação, elevou-se o primeiro templo católico de todo o vasto Planalto Brasileiro — uma capelinha rústica, inaugurada em 1556.

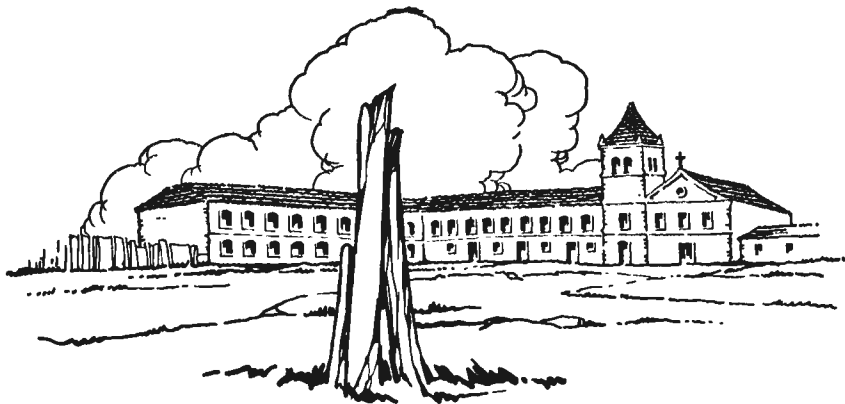
Na manhã de 25 de janeiro de 1554, dia consagrado à conversão de *São Paulo*, o Padre Manuel de Paiva celebrou, pela primeira vez, o sacrifício da missa, no alto da colina onde fôra assentada a nova casa da Companhia de Jesus. Daí vem o nome do Colégio, dedicado à memória dessa efeméride da vida do “Apóstolo dos Gentios” (11), nome que viria a designar a povoação logo depois ali aglomerada e ficaria perpetuado no da vila, da cidade setecentista, da metrópole dos nossos dias, acabando por estender-se a tôda a então Capitania, passando depois à Província e ao Estado.

A origem da cidade de São Paulo encontra-se, portanto, nessa “fundação religiosa e escolar” (12), meticulosamente arquitetada pelos missionários vindos de São Vicente e cujo objetivo consistia, apenas, na conversão e educação do gentio,

(10) LEITE (Serafim), obra cit., págs. 269-270.

(11) Assim vem relatado, na carta quadrimestral de ANCHIETA (maio a setembro de 1554): “. . . e celebramos, em paupérrima e estreitíssima casinha, a primeira missa no dia da conversão do Apóstolo São Paulo, e por isso a ela dedicamos a nossa casa”.

(12) MONBEIG (Pierre), *La croissance de la ville de São Paulo*, em “Revue de Géographie Alpine”, t. XLI, pág. 67, Grenoble, 1953.



Igreja e Colégio de São Paulo, no período colonial (Desenho de Belmonte)

a par da formação de novos professôres e evangelizadores da Ordem recentemente fundada por Inácio de Loiola. Por isso mesmo, a primeira função do aglomerado nascente outra não foi senão a de simples *núcleo de catequese*, tarefa a que dedicavam tanto zêlo os reis católicos de Portugal. Caso particular e único, registrado nos primeiros sessenta anos do século XVI, desde que os demais núcleos coloniais até então fundados desempenharam funções diversas, ora de centros de fixação demográfica e colonizadora, como São Vicente, ora de centros administrativos, como a Cidade do Salvador, ora de centros de ação militar, estabelecidos em face das exigências da conquista e defesa da terra, como o primitivo núcleo português do Rio de Janeiro.

Os primeiros povoadores

No planalto de Piratininga, povoadores pré-afonsinos, traficantes de escravos, haviam precedido os Jesuítas.

De fato, antes da chegada de Martim Afonso de Sousa, vivia em terras de Serra acima a discutida personalidade de *João Ramalho*, como patriarca dos seus apaniguados, preando selvagens. Genro do cacique Tibireçá, dispunha de numerosos aliados indígenas e dominava larga extensão dos campos de Piratininga. Tinha também alguns sócios, como Antônio Rodrigues e outros (13), no comércio de escravos, negociados e exportados no litoral.

(13) PEREIRA (Batista), obra cit., págs. 8 e 13.

A partir de 1550, começaram a concentrar-se tais povoadores, graças ao apostolado do Padre Leonardo Nunes, homem de larga visão e pulso firme. Conseguiu êle que êsses cristãos “se ajuntassem todos em um lugar e fizessem uma ermida” (14).

Deve ser esta capela a mesma que o Governador Tomé de Sousa encontrou, sob a invocação de Santo André, quando predicou em vila (1553) o povoado de João Ramalho (15), dando-lhe o nome de *Santo André da Borda do Campo*. A exemplo do que acontecia no litoral, ia-se regularizando o povoamento das terras de Serra acima, sob a autoridade do “Fronteiro do Campo” — João Ramalho, que teve primeiramente a função de Guarda-Mor da região, outorgada por Martim Afonso, e depois o título e podêres de Alcaide-Mor da vila de Santo André. No entanto, o principal fator dessa regularização seriam, pouco depois, os Jesuítas fundadores do Colégio de São Paulo.

Se bem que os padres visitassem Santo André, para dar assistência aos seus habitantes, motivos de dissensão havia entre êstes e aquêles. Habitados à vida livre, estranhavam os colonos a disciplina moral pregada pelos religiosos; contidos na atividade escravizadora pelos catequistas, que se lhes antepunham, como defensores do índio, não escondiam o seu rancor contra os soldados da Companhia de Jesus.

Todavia, parece-nos mais exato não exagerar essa animadversão. Tanto assim que, de Santo André para o vilarejo do São Paulo jesuítico, não tardou que se transferissem habitantes brancos, como testemunhou Nóbrega (16); e o próprio João Ramalho, por cioso que fôsse de sua autoridade e prestígio entre os índios e brancos do planalto, não regateou serviços à obra de cristianização e civilização dos íncolas, de colaboração com os podêres civis e eclesiásticos, segundo o depoimento do mesmo Nóbrega (17).

Os dois povoados acabaram por se fundir num único, com a transferêcia da sede do município de Santo André para o lugar onde se erguia o Colégio de São Paulo, por determinação do Governador Mem de Sá, em 1560. Causas várias concorreram para a adoção dessa medida: a necessidade de concentrar os povoadores do planalto, aumentando-lhes a fôrça e a

(14) PEREIRA (Batista), obra cit., pág. 8.

(15) LEITE (Serafim), obra cit., pág. 281.

(16) TAUNAY (Afonso d'E.), *São Paulo no século XVI*, pág. 58.

(17) FERREIRA (Tito Lívio), *Gênese Social da Gente Bandeirante*, págs. 85-95, São Paulo, 1944.

capacidade de resistência contra os índios inimigos; o desejo dos Jesuítas de fixar em São Paulo o centro de assistência espiritual aos andreenses (18); as vantagens econômicas oferecidas pela área de São Paulo, onde era mais fácil produzir mantimentos e criar gado, como atestam algumas das Atas da Câmara de Santo André (19); e, finalmente, a vontade expressa tanto dos Jesuítas, como do próprio povo de Santo André (20).

A vila quinhentista

Efetivou-se, em 1560, a elevação de São Paulo à categoria de *vila*, apenas decorridos seis anos da fundação do Colégio; e, com isso, definiu-se-lhe uma nova função: a *função político-administrativa*.

Para a vila recém-instalada, mudou-se o organismo municipal, que havia ensaiado seus primeiros passos em Santo André. Constituída de reduzido número de Oficiais, nem por isso a Câmara de São Paulo deixa de se afirmar para logo, como relevante fator de fixação do núcleo de povoamento nascente (21). Sem demora, vai-se despertando uma consciência comunal das necessidades coletivas e dos interesses locais, que acabou por fortalecer nos habitantes o apêgo ao torrão onde viviam e os tornou mais solidários, em tórno da autoridade municipal.

Tinha o povo participação ativa e direta na administração, quando convocado nos "ajuntamentos", em praça pública, para dirigir petições ao Concelho pela voz de seu Procurador, ao qual ia dar apoio imediato. Distribuindo justiça, baixando posturas a respeito de assuntos de interesse coletivo, zelando pelo patrimônio municipal, decretando fintas e recolhendo rendas, promovendo e fiscalizando benfeitorias públicas, superintendendo a construção de obras, providenciando sôbre

(18) LEBTE (Serafim), obra cit., pág. 283.

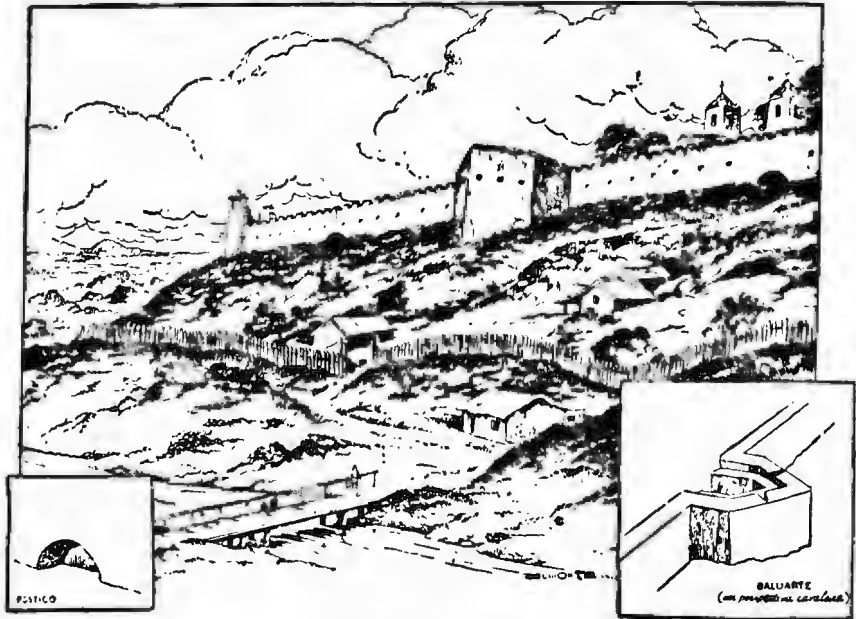
(19) LEBTE (Serafim), obra cit., pág. 283.

(20) Em representação enviada à Rainha Dona Catarina, em 1561, os camaristas de São Paulo, antigos vereadores de Santo André, declaravam, a propósito do ato de Mem de Sá, que "... todos nós lho pedimos por uma petição..." (Cf. Serafim LEBTE, obra cit., pág. 284).

(21) A edilidade de São Paulo, no século XVI, se compunha de um Juiz Ordinário, dois Vereadores, um Procurador do Concelho, além do Almotacel, Alcaide, funcionários subalternos. A respeito das funções desses Oficiais da Câmara, consulte-se TAUNAY (Afonso d'E.), *São Paulo nos primeiros anos*, págs. 16-20, Tours, 1920.

o abastecimento da população, inspecionando atividades particulares relacionadas com o bem-estar do povo, aferindo pesos e medidas, olhando pela limpeza das vias e logradouros, policiando as ruas e cuidando do sossêgo das mesmas, os camaristas e seus subordinados, por deficiente que fôsse sua atuação (e muitas vêzes o foi), concorriam para que se regularizasse a vida social e se consolidasse o vilarejo incipiente.

Árduos foram os anos iniciais da vila paulistana, inquietada pela constante ameaça de ataques dos indígenas contrários. Esse problema de defesa contra o gentio hostil impôs uma



São Paulo, vila fortificada (Desenho de Belmonte)

terceira função — a *militar*: abrigada por detrás de seus muros defensivos, a vila quinhentista apresentava o aspecto de uma acrópole rústica, senhoreando os campos e várzeas circundantes, de onde podia surgir a surpresa dos assaltos armados.

À porta do sertão desconhecido, inçado de silvícolas insidiosos, o primeiro cuidado do conquistador branco deve ter sido a proteção de seus pastos, plantações e moradas contra o inimigo destruidor.

Já no povoado de Santo André, onde se afazendara a gente de João Ramalho, o casario era cintado de tôscas fortificações. E as Atas

da Câmara da vila referem as exigências da defesa militar e aludem à iminência de renovados ataques: “Tynhamos novas que nobos hindios se vynhão escõntra nós” (22).

Idênticas necessidades de defesa impuseram-se a São Paulo de Piratininga. Percebe-as o providente zêlo dos Jesuítas, desde os primeiros anos, salientando-se ANCHIETA nesses cuidados. As primitivas fortificações da vila parece que obedeceram a um estudado plano de castrametação. “Desde os primeiros dias cercou-se de muros e estacada” a restrita área central de defesa, cujo perímetro correspondia aproximadamente ao do atual “Triângulo” (23). Cêrcas de pau-a-pique, amarradas com cipó, e muros de barro de sopapo, taipados a mão, com poucas portas de entrada, com baluartes e guaritas para as atalaias, compunham a tôsca cidadela (24).

No atual estádio das pesquisas históricas, difícil, se não impossível, se nos afigura restaurar com precisão o traçado da linha de muros defensivos, à falta de seguras informações documentárias, menos ainda de vestígios arqueológicos, que não podiam restar dessas construções, frágeis demais para vencer tempo tão longo. Neste ponto, há de limitar-se o pesquisador à tentativa de reconstruções conjecturais.

BATISTA PEREIRA, por exemplo, colocou o perímetro dos muros, ao longo da beira das escarpas da colina fortificada, entre os seguintes pontos da cidade atual: Largo de São Bento, Largo de São Francisco, alto da ladeira da Tabatingüera e Largo de São Bento (25). Mas NUTO SANT'ANNA considera êsse traçado um absurdo, sendo de opinião que as fortificações passariam pelas Ruas do Tesouro, Direita de Trás da Sé, Santa Teresa e Carmo, terminando na Igreja do Colégio; por isso mesmo, as ruas dessa área conservaram um traçado irregular e quase em semicírculo (26).

Completava-se o sistema defensivo, além dos muros, mediante aldeamentos de índios amigos e postos fortificados (27), em “pontos considerados estratégicos do lado dos ser-

(22) PRADO (Paulo), *Paulística*, pág. 49.

(23) TAUNAY (Afonso d'E.), *São Paulo no século XVI*, pág. 84.

(24) TEODORO SAMPAIO menciona quatro portas da vila: duas ao Norte, guardadas pelos guerreiros do cacique aliado Tibireçá; duas ao Sul, pelos homens de seu êmulo Caiubi (Obra cit., pág. 129).

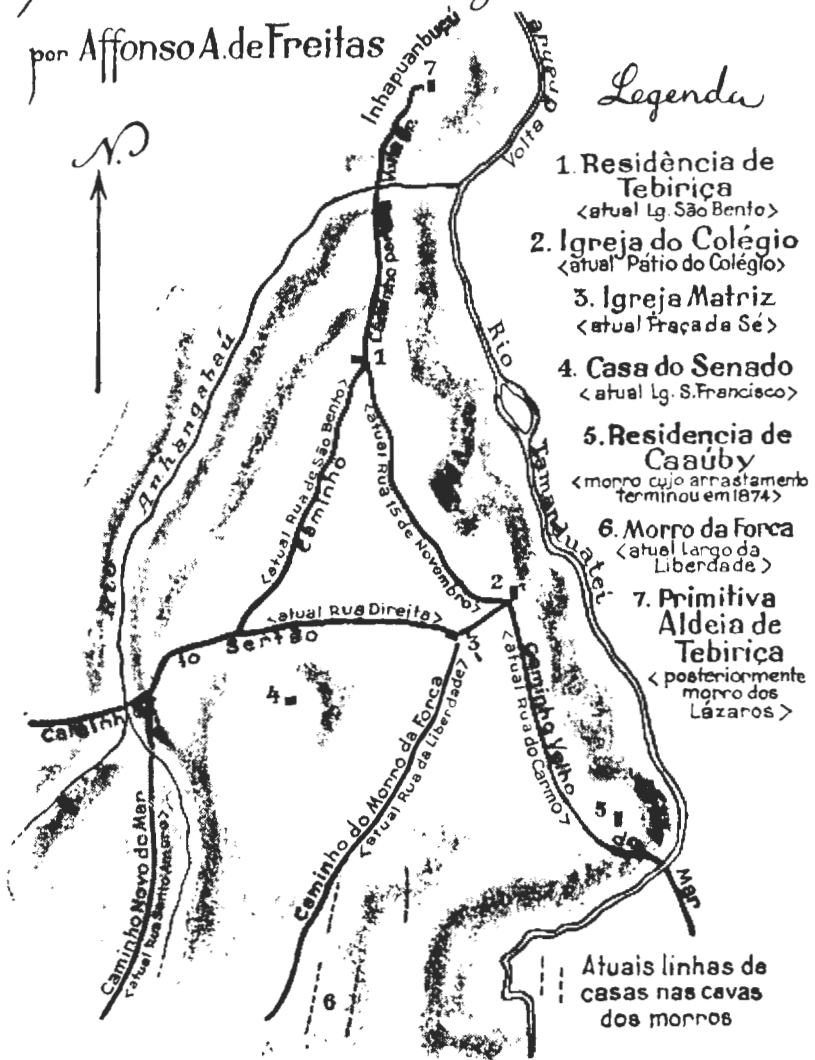
(25) PEREIRA (Batista), obra cit., págs. 78-79.

(26) SANT'ANNA (Nuto), *Os muros defensivos da Vila*, em “O Estado de São Paulo”, 25 de janeiro de 1954.

(27) PEREIRA (Batista), obra cit., págs. 79-81 — “O campo entrincheirado de Piratininga”.

São Paulo de Piratininga em 1560

por Affonso A. de Freitas



A vila de São Paulo no século XVI. — (Cf. esbôço de AFONSO A. DE FREITAS)

tões”, conforme a observação de TEODORO SAMPAIO (28). Não é demais encarecer que êsse aparelhamento de defesa foi essencial para a sobrevivência da vila de São Paulo aos ataques que lhe desfecharam.

(28) Cf. PEREIRA (Batista), obra cit., pág. 80.

Daí o zêlo com que o solícito Concelho Municipal tratou de construir, conservar, reparar e melhorar as fortificações, como provam constantes passagens de suas Atas (29).

Apesar das gestões pacificadoras dos Jesuítas, que logo captaram a confiança de várias tribos vizinhas, não escapou São Paulo às incursões guerreiras dos índios, que começaram com o assédio empreendido pelas hostes coligadas de Guaianás, Carijós e Tamoios (1562).

Nessa emergência, provou a cidadela paulistana sua inexpugnabilidade, resistindo ao assalto, em dura refrega, na qual os Guaianás aliados formaram o grosso da tropa defensiva, sob a chefia de Tibireçá. Depois disso, viveram os moradores de São Paulo, por vários anos, sem o sobressalto de novos ataques. Só em 1593, soou novo rebate de guerra, com a notícia da presença de hordas inimigas nas cercanias de Piratininga. Pouco a pouco, entretanto, ia refluindo para o sertão distante a indiada rebelde, fustigada pelas campanhas preventivas, que empreenderam os Capitães-Mores de São Vicente, sob a instigação dos camaristas de São Paulo. Desde 1596, não mais se registrou a presença de tribos hostis, a cujo alcance ficasse a vila.

Firmou-se, pois, o núcleo de povoamento iniciado pelos Jesuítas, vindo a consolidar-se progressivamente, sob a tutela moral e religiosa dos padres e sob a proteção do poder civil organizado.

Em contato com uma natureza virgem, tão diversa da que conheciam no Velho Mundo, e por mais que procurassem adaptar seus usos e costumes ao novo ambiente, não conseguiram os colonizadores fugir às contingências mesológicas, acentuadas pelo isolamento decorrente da situação geográfica em que se achavam. Assim, de início e por muito tempo, a existência do pequeno grupo humano foi necessariamente simples e rude, sendo condicionada pelas influências poderosas e peculiares do meio físico, que lhe impunha padrões de vida mais ou menos distanciados dos "costumes, técnicas ou tradições vindas da Metrôpole" (30).

Ficou a vida da vila planaltina constringida por essas condições geográficas, das quais derivou o caráter até certo ponto autárquico de suas atividades econômicas.

(29) TAUNAY (Afonso d'E.), *São Paulo nos primeiros anos*, págs. 7-14.

(30) HOLANDA (Sérgio Buarque de), *Monções*, págs. 18-19, Rio, 1945.

“Enquanto os colonos da zona do açúcar usufruíam considerável bem-estar e mantinham intenso comércio com o Reino; a capitania paulista criava sua civilização autônoma, podendo-se dizer que êste ciclo perdurou por cêrca de cento e cinqüenta anos” (31).

Se alguns fatôres naturais, como o clima e as possibilidades de produção agrária, favoreceram o estabelecimento dos povoadores europeus, não é menos certo que as bases geográficas apenas propiciavam modesto desenvolvimento econômico. Com efeito, seria a produção local por longo tempo reduzida, quase não ultrapassando os limites de uma precária economia de consumo (32), cujas mercadorias exportáveis, de escasso valor, mal bastavam para entreter acanhado comércio com as vilas da marinha.

A base essencial da produção era a terra. Além das árvores frutíferas, inclusive as de espínho, de origem européia e aclimadas aqui, além das “restingas de mantimentos de raiz”, medravam os vinhedos, trigais e algodoais, necessários à alimentação e ao vestuário. Espaço e pastagens naturais não faltavam para a criação de gado, que desde cedo se praticou nos campos de Piratininga. Das atividades agrárias, derivavam as rudimentares indústrias da época: a moagem do trigo para o pão; a manufatura de tecidos; a fabricação de chapéus de feltro, que prosperou até fins do século e desapareceu depois, com a extinção dos rebanhos de lanígeros (33); a indústria de “carnes sequas e salgadas”, que provocou a carestia do sal, “objeto exclusivo de importação” (34); e, sobretudo, o fabrico da marmelada, cuja importância, como principal artigo de exportação, foi realçada por TAUNAY (35).

A produção mineral, que o Governador Geral D. Francisco de Sousa tanto procurou estimular, resumiu-se na exploração do ouro de lavagem, principalmente nos depósitos do Jaraguá (36), e na primeira tentativa de aproveitamento das

(31) SIMONSEN (Roberto), *A Evolução Econômica de São Paulo*, em “Paulistânia”, ano II, n.º 6, pág. 17, São Paulo, 1940.

(32) SIMONSEN (Roberto), *História Econômica do Brasil*, tomo I, pág. 326, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1937.

(33) MACHADO (Alcântara), *Vida e Morte do Bandeirante*, pág. 49, São Paulo, 1929.

(34) TAUNAY (Afonso d'E.), *São Paulo nos primeiros anos*, pág. 178.

(35) TAUNAY (Afonso d'E.), obra cit., pág. 141 e seguintes.

(36) Cf. SIMONSEN (Roberto), *História Econômica do Brasil*, tomo I, pág. 333; e TAUNAY (Afonso d'E.), *São Paulo no século XVI*, pág. 254.

jazidas férreas de Ipanema, em 1590 (37), atividades essas de mínima influência sobre a vida urbana.

Desde os primórdios de São Paulo, estabeleceu-se o intercâmbio econômico entre o planalto e o litoral: para abastecer os habitantes da costa, podia a produção paulistana fornecer algum excedente de algodão, mantimentos, gado e couros, recebendo vinho, armas, utensílios, pólvora e sal, que traziam os veleiros da metrópole. Comércio primitivo, em que eram raras as operações de algum vulto, como no caso de Afonso Sardinha (38), e cuja rudimentariedade é atestada pela escassez da moeda, em virtude da qual o mero escambo de mercadorias substituía as verdadeiras transações mercantis.

Essa carência de numerário perdurou até ao século XVIII, funcionando como meios de pagamento, além dos panos de algodão, “mantimentos e carnes, e cêra, e couros, e gado, bois, vacas e porcos, porquanto não há outra fazenda”, como reza um documento da época (39).

A escravidão do indígena, que veio a ter importância comercial só no século XVII, já constituía fator econômico básico, nos primeiros tempos. Com efeito, o índio escravizado permitiu resolver o problema da mão-de-obra. Foram baldadas tôdas as medidas legislativas da Coroa, restritivas ou proibitivas da escravização do gentio, que se desenvolveu como um imperativo econômico, em face da escassez de povoadores brancos.

Mais considerável do que à primeira vista possa parecer foi o papel desempenhado pelos índios, na colonização do planalto paulistano. Como aliados de guerra, forneciam apreciáveis contingentes. E na vida econômica formavam a reserva de braços para as lavouras e constituíam o meio de transporte das mercadorias, que chegavam à vila ou dela partiam, às costas dos cargueiros humanos, os quais, em fila indiana, varavam penosamente as perigosas trilhas abertas, por entre despenhadeiros, nas elevadas e ásperas vertentes da serra marítima, impraticáveis para animais. Explica-se, portanto, o aumento em proporção cada vez maior, relativamente aos brancos, da população indígena (40), bem como a legislação municipal, a respeito do tráfico vermelho, em defesa dos interesses locais (41).

(37) TAUNAY (Afonso d'E.), obra cit., pág. 259; e GARCIA (Emanuel Soares Veiga), *A Real Fábrica de São João de Ipanema*, em “São Paulo em Quatro Séculos”, vol. I, págs. 337-338, São Paulo, 1953.

(38) TAUNAY (Afonso d'E.), *São Paulo no século XVI*, págs. 197-198.

(39) TAUNAY (Afonso d'E.), *São Paulo nos primeiros anos*, pág. 82.

(40) TAUNAY (Afonso d'E.), *São Paulo no século XVI*, pág. 155.

(41) TAUNAY (Afonso d'E.), obra cit., pág. 158.

A rudeza do meio e a simplicidade dos costumes reduziam ao mínimo as necessidades materiais do vilarejo, as quais, contudo, exigiam certas utilidades de consumo imediato. Para tanto bastava uma exígua produção manual, que demandava diminuto número de artífices, cujo trabalho foi organizado em moldes ainda e até certo ponto corporativos.

Interveio a autoridade municipal para regulamentar a produção, arregimentando os “oficiais mecânicos” em grupos, conferindo a cada ofício o seu competente Juiz, fixando normas ao trabalho, estipulando preços de produtos e serviços, tanto em defesa dos direitos do artesão, como dos interesses do consumidor. Registram as Atas repetidas providências do Procurador Geral e da Câmara de São Paulo, sôbre tais matérias, como ocorreu em 1593 (42). Assim, a pequena indústria manual, associativamente organizada, integra-se na vida econômica da comunidade, constituindo mais um fator de estabilidade do núcleo urbano em formação.

Por muito tempo, êsse núcleo permaneceu adstrito aos estreitos limites do triângulo, “em cujos vértices figuram as igrejas de São Francisco, São Bento e Carmo” (43). Não passava de um vilarejo, cujo centro de vida social era o Colégio dos Jesuítas. O casario constituía-se de simples aglomerado de modestíssimas habitações de taipa, cobertas de sapé, só começando a aparecer as coberturas de telhas no último quartel do século XVI (44).

“Não havia telhas porque não havia oleiros nem olarias; e como poderia montar-se uma olaria sem que primeiro houvesse bois ou eqüinos para tirar a almanjarra, que faz girar os cilindros amassadores do barro?” (45). Sômente em 1575 apareceu, na vila, o primeiro fabricante de telhas, o qual “em presença de todos disse que êle se queria vir a morar nesta vila e se queria obrigar a fazer telha para se cobrirem as moradas desta vila, por ser coisa para enobrecimento dela e ser muito necessário” . . . “por rezão desta vila estar coberta de palha e correr risco por rezão do fogo” — conforme reza a Ata da Câmara (46).

Nos documentos mais antigos, não aparecem denominações precisas dos arruamentos ainda mal traçados. Só a partir

(42) TAUNAY (Afonso d'E.), *São Paulo nos primeiros anos*, págs. 135-136.

(43) MACHADO (Alcântara), obra cit., pág. 27.

(44) TAUNAY (Afonso d'E.), *São Paulo nos primeiros anos*, págs. 110-111.

(45) MOTA (Otoniel), *Do Rancho ao Paldcio*, pág. 9, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1941.

(46) Cf. MOTA (Otoniel), obra cit., pág. 9.

de 1809 foi instituída uma nomenclatura oficial, a princípio substituída pelos nomes que o próprio povo ia dando às ruas e logradouros (47), e que, em numerosos casos, sobreviveram até hoje: São Bento, Direita, São Francisco, Carmo, Boa Vista, etc. Desde os primeiros anos, diligenciou a Câmara por que fôsse demarcado o "rocio da vila" que era a área reservada à Municipalidade e dentro da qual fazia ela concessões de terras e chãos (48).

Para além do núcleo urbano, disseminados pelos vales fluviais, até aos arredores das várzeas do Tietê e do Pinheiros, as fazendas da zona rural e os aldeamentos indígenas completavam o estabelecimento colonial do planalto, como elementos econômicos e demográficos.

Desde os alvôres da catequese, em tórno da vila gravitaram as "aldeias", de início flutuantes e depois fixadas pelos Jesuítas, às vêzes com apoio das autoridades civis, para melhor poderem evangelizar e educar o gentio. Desempenhou assim o Colégio o papel de núcleo fixador dêsses aldeamentos, "que vieram a ser mais tarde a melhor defesa de São Paulo" (49).

Identificar-lhes os nomes e a localização é tarefa espínhosa, à falta de informações precisas (50). Situavam-se a variáveis distâncias da vila, mas eram acessíveis, a despeito da aspereza dos caminhos e dos precários meios de transporte (51). Vivendo em função da catequese, pouco ou mesmo nada influíram na vida econômica da vila, transformando-se, porém, muitos dêles em núcleos de povoamento fixo, como Pinheiros, Ibirapuera (Santo Amaro), Embu, Itapecerica, Itaquaquecetuba, São Miguel, Guarulhos, que hoje constituem bairros ou subúrbios de São Paulo.

Os antigos aldeamentos indígenas constituíram, pois, as sementes reêmotas da atual área suburbana, hoje caracterizada por suas atividades rurais ou industriais e em relação à qual São Paulo exerce, como centro de atração, verdadeira *função regional* (52).

(47) A propósito dessas denominações, veja-se: MACHADO (Alcântara), obra cit., págs. 29-33; e TAUNAY (Afonso d'E.), *São Paulo nos primeiros anos*, págs. 98-99.

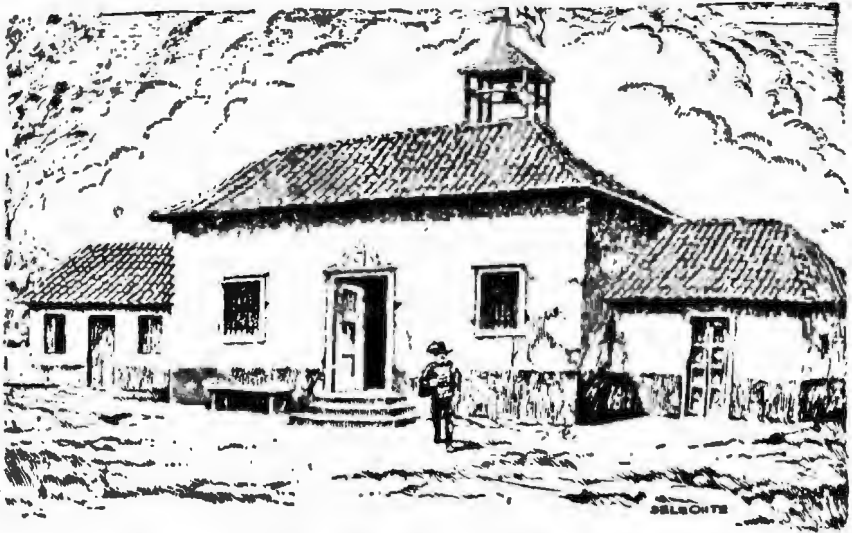
(48) TAUNAY (Afonso d'E.), obra cit., págs. 99-100.

(49) LEITE (Serafim), obra cit., I, págs. 301-302.

(50) LEITE (Serafim), obra cit., I, pág. 301.

(51) LEITE (Serafim), obra cit., I, pág. 304.

(52) MONBEIG (Pierre), obra cit., págs. 69-70.



O Paço Municipal da vila de São Paulo, na primeira metade do século XVII — (Desenho de Belmonte, baseado num quadro a óleo de J. Wash Rodrigues, por sua vez inspirado em detalhe do mapa de D. Luís de Céspedes Xeria).

Tal função, de certo modo e em menores proporções, já se vislumbra no século XVI, relativamente à zona rural, que se formava além dos muros da vila quinhentista. Com efeito, São Paulo se erigia como centro daquela zona, com a qual se articulava economicamente. Dos campos circunvizinhos e das lavouras distantes (53), procedia a produção do solo, de que viviam os habitantes do minúsculo núcleo urbano, ao passo que os fazendeiros, em seus domínios territoriais, quase completamente isolados, se abasteciam praticamente de quase tudo de que careciam para sua subsistência (54). Da exploração da terra, decorriam a opulência e a ascendência social desses fazendeiros quinhentistas, que dominavam “debaixo de sua administração muitos centos de índios” (55), para lavrar as vastas áreas de suas sesmarias (56).

(53) Sobre as fazendas e fazendeiros do quinhentismo, consulte-se: TAUNAY (Afonso d’E.), *São Paulo no século XVI*, págs. 212-215.

(54) A respeito da supremacia social e econômica do meio rural sobre o urbano, veja-se MACHADO (Alcântara), obra cit., págs. 40-42 e 49-50.

(55) TAUNAY (Afonso d’E.), obra cit., pág. 212.

(56) Sobre as antigas sesmarias da Capitania de São Vicente, veja-se: MOURA (Gentil de Assis), *Santo André da Borda do Campo*, em Rev. Instituto

Na vila aglomerada à sombra do Colégio, sob o influxo do poder municipal e sob a proteção de suas rústicas obras de defesa, estruturou-se, pois, uma sociedade de lavradores, que morava dentro do perímetro urbano e cultivava o solo nas áreas rurais circunjacentes. As atividades da comunidade incipiente desdobravam-se “entre o campo e o vilório” (57): ao cabo da labuta diária, nas lavouras, recolhiam-se a suas humildes moradas os camponeses que haviam partido para o amanhã da terra.

Apresentava, portanto, a vila do São Paulo quincentista uma forma comparável à das aldeias portuguesas ou, mesmo, dos “villages” franceses: seus habitantes mourejavam nas roças e campos de criação dispersos pelo têrmo da vila, embora morassem no pequenino povoado, que se abrigava no cimo fortificado da acrópole.

Nesse núcleo, fixou-se uma população que, pelos fins do século XVI, andaria por um milhar de almas ou pouco mais, somando as habitações entre 120 e 150 fogos (58). Quanto à sua composição étnica, era constituída essencialmente de mamelucos, brancos e índios, com ínfima parcela de negros (59).

O século XVI pode ser caracterizado como sendo o da fixação da vila e de seus vizinhos focos de povoamento (aldeamentos indígenas e fazendas). Foi, também, a época em que se começou a definir e afirmar aquêlê espírito de autonomia, que tanto distingue a vida municipal de São Paulo, durante o curso de sua história (60).

“Pelos fins do século XVI, a região de São Paulo apresenta os rudimentos de uma nação, ao passo que a Bahia e as dependências do Norte eram uma fazenda de Portugal na América”, notou OLIVEIRA

Histórico e Geográfico de São Paulo, vol. XIV, São Paulo, 1912; PEREIRA (Batista), obra cit., págs. 40-47; TAUNAY (Afonso d'E.), *São Paulo no século XVI*, págs. 212-213.

(57) FERREIRA (Tito Lívio), *A sociedade paulistana no século XVI*, em “São Paulo em Quatro Séculos”, págs. 296-300.

(58) Cf. TAUNAY (Afonso d'E.), *São Paulo no século XVI*, pág. 188; e CARDIM (Fernão), *Tratado da Terra e da Gente do Brasil*, págs. 314-315, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1939.

(59) FERNANDES (Florestan), *Do Escravo ao Cidadão* (Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo), em “Anhembi”, n.º 30, págs. 441-442, São Paulo, maio de 1953. Síntese das causas determinantes do escasso número de escravos negros.

(60) Sobre êsse espírito de autonomia, veja-se: TAUNAY (Afonso d'E.), *São Paulo nos primeiros anos*, caps. XI e XII; e *São Paulo no século XVI*, págs. 174-175.

MARTINS (61). Na fase do Bandeirismo, mais se acentuou essa tendência autonomista e municipalista, tantas vezes manifestada nas Atas da Câmara paulistana, cujos magistrados não descuravam de alçar a voz, na salvaguarda dos interesses locais.

Todavia, o crescimento da vila era obstado por fatores naturais e econômicos desfavoráveis. Nas vilas litorâneas do Brasil meridional, as lavouras canavieiras iniciais da estreita e insalubre orla marítima não alcançaram o desenvolvimento das da Bahia e do Nordeste. Por isso, essas vilas, escassamente povoadas, não exigiram do núcleo de Serra acima uma intensa produção agropecuária para abastecê-las, como ocorreu na zona de criação do Sertão nordestino, que funcionou como abastecedor dos centros de população da Zona da Mata (62). Assim, à falta de produção agrícola e mineral, capaz de alimentar uma atividade comercial de vulto, e mantida em relativo isolamento, em virtude da Serra do Mar e da dificuldade de comunicações com o litoral e a Metrópole, estagnou a vila quinhentista.

Ao findar o século XVI, São Paulo de Piratininga era ainda um acanhado núcleo demográfico e econômico, fixado como “bôca de sertão”, à porta do interior desconhecido e despovoado de colonizadores. Mas — caso único no primeiro século, em terras brasileiras —, firmara-se como foco organizado de colonização, além da faixa litorânea povoada, graças à sua tríplice função religiosa, militar e administrativa, quando já se prenunciava a expansão geográfica para o sertão, movimento de que São Paulo foi o principal centro gerador e que lhe caracteriza a história, a partir do século XVII.

A “capital” do Bandeirismo

O fato dominante da história de São Paulo, durante o seiscentismo, é a expansão das Bandeiras. O reduzido núcleo de povoamento, que se condensara e consolidara no século XVI, passava a exercer uma *função nova*, como centro irradiador das famosas penetrações de sertanistas: função de desbravamento e de conquista, tão considerável por suas relevantes

(61) Cf. PRADO (Paulo), obra cit., pág. 34.

(62) MONBEIG (Pierre), obra cit., pág. 70.

conseqüências para a formação territorial e política do Brasil, mas que de modo algum concorreu para o desenvolvimento urbano, demográfico e econômico da vila paulistana.

Inicialmente impulsionado pelo Governador Geral D. Francisco de Sousa (63), ampliou-se espontaneamente o movimento das Bandeiras, sob a influência de incoercíveis imperativos, sobretudo econômicos, ativando-se continuamente até fins do seiscentismo. Movimento assim tão vasto estimulou as melhores iniciativas, absorveu as energias mais varonis da população válida, atraída pela miragem do sertão, onde o bandeirante aventureiro esperava descobrir a sonhada prosperidade, que lhe negavam as limitadas possibilidades econômicas dos campos de Piratininga.

A partir da Regência do Príncipe D. Pedro de Portugal (1667), voltou a Coroa, àvidamente interessada na descoberta de minas, a incentivar os sertanistas de São Paulo, mediante a concessão de favores, títulos e honrarias. E só quando foram localizadas as primeiras jazidas auríferas, começou a declinar o movimento, ao qual sucedeu a época da mineração e do povoamento regular das terras anexadas ao domínio português, em virtude dessa expansão.

Foram predominantemente econômicas as causas do Bandeirismo. Era notória a pobreza da vila, como atestam os inventários paulistas da época colonial, paciente e argutamente analisados por ALCÂNTARA MACHADO (64). Era frisante o contraste entre o escasso valor das lavouras de São Paulo e a opulência dos engenhos de açúcar do Nordeste. Daí, na vida paulistana do século XVII, a importância do sertão misterioso e ignorado, “por os moradores não poderem viver sem o sertão”, como declararam os Oficiais da Câmara, numa vereança de 1640 (65), ou porque muitos partiam, à maneira de Afonso Dias, “. . . a buscar minha vida neste sertão . . .”, conforme depõe com simplicidade aquêle sertanista, em seu testamento (66). Entretanto, nesse traiçoeiro “El-Dorado”, o bandeirante muitas vezes encontrou menos a riqueza que os

(63) TAUNAY (Afonso d'E.), *História Seiscentista da Vila de São Paulo*, vol. I, págs. 3-10, São Paulo, 1926.

(64) MACHADO (Alcântara), obra cit., especialmente os capítulos referentes ao mobiliário, à baixela, ao vestuário e à carência de dinheiro; e ELLIS JÚNIOR (Alfredo), *Resumo da História de São Paulo*, Tipografia Brasil, São Paulo, 1942.

(65) MACHADO (Alcântara), obra cit., pág. 243.

(66) MOTA (Otoniel), obra cit., pág. 125.



Bandeirantes paulistas. — (Desenho de BELMONTE)

simples meios de subsistência, não raro achando apenas a miséria ou a morte.

O primeiro móvel econômico das Bandeiras foi a escravização do indígena. Já existia a escravidão, desde os primór-

dios do povoamento, em São Vicente. E, em 1548, um observador coevo calculava, para a Capitania de Martim Afonso de Sousa, cerca de 3 000 escravos, numa população em que havia somente 600 brancos (67).

A necessidade de mão-de-obra para as roças e fazendas locais, a utilização de arcos e flechas para a guerra e a defesa dos colonos, mais ainda a procura de braços para os latifúndios açucareiros do Nordeste, durante o domínio holandês, quando ficou temporariamente interrompido o tráfico de negros africanos — tôdas essas causas determinaram o desenvolvimento das *Bandeiras de apresamento* ou de *caça ao índio*, de “cunho francamente guerreiro” (68).

Com a decadência do Bandeirismo de apresamento (69), o objetivo econômico das expedições passou a ser a busca de minas de ouro e pedras preciosas, que assume maior vulto com a heróica arrancada de Fernão Dias Pais, no sertão mineiro, a partir de 1673. Desde então, multiplicaram-se as *Bandeiras do ciclo do ouro*, no rumo das Minas Gerais, desviado depois para Mato Grosso e Goiás, quando o advento dos Emboabas provocou o interesse por novos descobertos auríferos.

O elemento humano por excelência das Bandeiras foi o mameluco paulista do século XVII, audaz, vigoroso e fragueiro, afeito ao meio geográfico em que se desenrolava sua espantosa aventura. Essa gente mestiça — a “raça de gigantes”, na consagrada frase de SAINT-HILAIRE (70) — produto do cruzamento do português com o índio, herdara das duas raças geradoras as qualidades típicas do sertanista, apuradas pela consangüinidade e a endogamia, no isolamento do planalto (71).— Aquêles homens fortes e rudes, que se lançavam

(67) PRADO (Paulo), obra cit., pág. 48 (carta de Luís de Góis ao Rei de Portugal).

(68) PRADO (Paulo), obra cit., págs. 52-62; ELLIS JÚNIOR (Alfredo), obra cit., págs. 159-160 e 225; e SIMONSEN (Roberto), *História Econômica do Brasil*, tomo I, págs. 315, 319-322.

(69) ELLIS JÚNIOR (Alfredo), obra cit., págs. 226-228, onde faz a análise das causas dessa decadência.

(70) SAINT-HILAIRE (Auguste de), *Viagem à Província de São Paulo*, pág. 33, Livraria Martins, São Paulo, 1940. Cumpre não esquecer a influência de outras etnias, sobretudo os espanhóis (cf. TAUNAY, *São Paulo no século XVI*) e os judeus (cf. Paulo PRADO, *Paulística*, págs. 18-19).

(71) PRADO (Paulo), obra cit., págs. 15-16, 21-23 e 66-69; ELLIS JÚNIOR (Alfredo), obra cit., págs. 154-157, e *Raça de Gigantes*, São Paulo, 1926.

ao continuado devassamento do sertão remoto, tudo empenhavam — robustez física e energias morais, cabedais e crédito, na organização da Bandeira.

“Sociedade de capital e indústria”, definiu-a ALCÂNTARA MACHADO (72), na qual o bandeirante (a exemplo do que se verifica no comércio marítimo) muitas vêzes recorria ao “armador”, que lhe fornecia os elementos para a “armação” da entrada: escravos, correntes, armas, munições de guerra e de bôca, e as famosas couraças acolchoadas de algodão (73).

Dessa empreitada febril, que assumiu aspectos de quase migração desordenada, todos participavam — homens feitos, anciões, adolescentes e até filhos de menor idade, que os pais incluíam nas expedições. A vila ficou, por vêzes, despovoada, “despejada pelos moradores serem idos ao sertão”, conforme reza uma Ata municipal de 1623. E o formidável movimento não se detém nem mesmo diante dos obstáculos erguidos pela natureza agreste, das ciladas do bugre hostil, da penosa escassez de alimentos, do desconforto e das fadigas de intermináveis jornadas, em suma, das mil dificuldades que o rudimentar aparelhamento das Bandeiras mal podia vencer (74).

Surpreende, por isso, que, assim providas de meios tão parcos, tenham as Bandeiras atingido limites tão extremos, palmilhando terras do Paraguai e da Argentina, ao devassar o sertão meridional, no encalço da escravaria indígena, raiando pelo Sertão nordestino e pelo vale do Amazonas em expedições de guerra ao gentio rebelde, embrenhando-se pelo sertão centro-ocidental, em busca do ouro.

Essa prodigiosa expansão, que ensejou triplicar o domínio colonial português, a Oeste do meridiano de Tordesilhas, e formar a imensa base territorial do Brasil hodierno, foi condicionada por fatores geográficos especiais, a começar pela posição da vila paulistana. Por sua situação, como centro demográfico isolado no planalto, era São Paulo o ponto de convergência e partida das vias de penetração para as regiões do Sul e do Centro-Oeste do país (75).

(72) MACHADO (Alcântara), obra cit., pág. 249.

(73) MACHADO (Alcântara), obra cit., págs. 250-251.

(74) MACHADO (Alcântara), obra cit., págs. 252-254; e PRADO (Paulo), obra cit., págs. 64-66.

(75) Consulte-se PRADO JÚNIOR (Caio), *O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo*, em “Geografia”, ano I, n.º 3, págs. 239-262, São Paulo, 1935; e *Formação do Brasil Contemporâneo (Colônia)*, págs. 241-242; 247-248, 2.ª edição, Editora Brasiliense, São Paulo, 1945.

No rumo do Sul, além das modestas elevações dos terrenos da série São Roque, abriam-se os caminhos até o vale do Paranapanema e de seus afluentes da margem esquerda, em demanda das "missões" mantidas pelos Jesuítas espanhóis, em terras do atual Estado do Paraná. O vale do Tietê norteava a penetração para Oeste, a partir de Arariaguaba (Pôrto Feliz), permitindo alcançar o rio Paraná e seus tributários da margem direita, em terras de Mato Grosso. Ainda no rumo do Brasil Central e facilitado pelas linhas do relevo, o caminho que levava ao atual Triângulo Mineiro, passando por Jundiáí, Campinas, e Franca, assegurava o acesso aos planaltos de Goiás e à região de Cuiabá. E o centro montanhoso de Minas Gerais atingia-se pelos vales modelados nos contrafortes ocidentais da Mantiqueira (na atual região de Atibaia e Bragança), bem como pelo vale do médio Paraíba do Sul, ao qual se chegava, sem obstáculos, através da região de Moji das Cruzes, bastando vencer a linha divisora de águas do Tietê-Paraíba. Este último caminho, tão bem descrito por ANTONIL (76), conduzia ao sopé da Mantiqueira, onde os sertanistas logo descobriram colos transponíveis, como a garganta de Embaú, nas proximidades do antigo povoado de Guaipacaré (atual Lorena). Eméritos pesquisadores (77) esquematizaram admiravelmente essas vias de penetração e de acesso, fixadas através de caminhos explorados pelas Bandeiras e traçados conforme a disposição da rede hidrográfica, que evidentemente as favorecia (78).

Em pleno surto do Bandeirismo, reforçou-se aquêle espírito de autonomia, que se vinha definindo desde o século XVI. Plenamente cômicos do vulto de seus arrojados cometimentos, experimentavam os bandeirantes o sentimento cada vez mais vivo de uma comunidade paulista, quase inteiramente isolada, no seio do império português.

Em suas destemerosas empreitadas, os paulistas não recuavam diante de imposições das autoridades lusitanas, agiam contra as leis restritivas da escravidão, procediam como régulos nas regiões senhoreadas pelas Bandeiras (79). Essas manifestações autonomistas, que cul-

(76) ANTONIL (André João), *Cultura e Opulência do Brasil por suas drogas e minas*, págs. 238-241, Comp. Melhoramentos de São Paulo, 1923.

(77) Veja-se, além de ANTONIL, obra cit., principalmente: ABBRU (Capistrano de), *Capítulos da História Colonial*, págs. 142-143, e *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, ed. Sociedade Capistrano de Abreu, Rio, 1928 e 1930; MONBEIG (Pierre), obra cit., págs. 71-72; PRADO JÚNIOR (Caio), obra cit., págs. 250-257, com mapa das estradas paulistas; TAUNAY (Afonso d'E.), *História das Bandeiras Paulistas*, vol. II, pág. 316, Ed. Melhoramentos, São Paulo; SIMONSEN (Roberto), obra cit., tomo II, pág. 28, com mapa das vias de penetração e caminhos antigos.

(78) MONBEIG (Pierre), obra cit., págs. 72-73.

(79) Cf. JARDIM (Caio), *São Paulo no século XVIII*, em *Revista do Arquivo Municipal*, vol. XLI, págs. 150-152, São Paulo, 1937; e TAUNAY (Afonso d'E.), obra cit., vol. II, pág. 293.



Um vereador paulistano ao tempo do Bandeirismo
(Desenho de BELMONT)

minaram no episódio da tentativa de aclamação de Amador Bueno como rei, em 1641, ainda perduraram até fins do seiscentismo (80) e primeiras décadas do século XVIII (81). Em 1693, o Governador do Rio de Janeiro, Antônio Pais de Sande, informava o Rei D. Pedro II, a respeito dos paulistas: “são homens briosos, valentes, impacientes da menor injúria, ambiciosos de honras, amantíssimos de sua pátria, benéficos aos forasteiros e adversíssimos a todo ato servil”.

Em meio a essas afirmações de independência, agravou-se o conflito com os Jesuítas, infatigáveis protetores do gentio, que acabaram sendo expulsos da vila em 1640, por ação conjunta do povo e das autoridades municipais (82). Entrava assim em declínio a antiga função religiosa, tão decisiva nas origens do primitivo povoado piratiningano. Restaurados pouco mais tarde, continuariam, porém, os padres da Companhia de Jesus a desempenhar papel de relêvo no ensino, em seu tradicional Colégio (83).

Ascensão política e decadência econômica

Em conseqüência do Bandeirismo, cresceram a importância e o prestígio de São Paulo. A fama de seus sertanistas ecoava nas Capitanias do Norte, onde haviam êles ajudado a combater os quilombolas dos Palmares e a índiada rebelde, dando início à conquista do alto Sertão nordestino. As autoridades portuguesas da colônia e até mesmo os reis de Portugal seguiam, com interesseira atenção, as atividades dos paulistas (84). Por isso, ampliou-se consideravelmente a *função político-administrativa* de São Paulo: a partir de 1681, tornou-se sede da Capitania de São Vicente, e no ano de 1711 viu-se elevada à categoria de cidade, chegando a ser a metrópole político-administrativa de vasta porção do território brasileiro.

(80) PRADO (Paulo), obra cit., pág. 70.

(81) TAUNAY (Afonso d'E.), *História da Cidade de São Paulo no século XVIII* (1711-1720), págs. 329-335.

(82) TAUNAY (Afonso d'E.), *História Seiscentista da Vila de São Paulo*, vol. I, pág. 131-145.

(83) TAUNAY (Afonso d'E.), *História da Vila de São Paulo no século XVIII* (1701-1711), págs. 167-168.

(84) TAUNAY (Afonso d'E.), *História da Cidade de São Paulo no século XVIII* (1711-1720), págs. 352-357.

De fato, levando em conta os problemas políticos, administrativos e militares (Guerra dos Emboabas) da região das minas e da sua capital, decidiu El-Rei D. João V criar a *Capitania de São Paulo e Minas de Ouro*, separada do governo do Rio de Janeiro, em 1709 (85). Logo depois resolvia o mesmo soberano atender aos apelos da Câmara e do povo, endossados pelo Governador da Capitania recém-criada, e assinava a carta-régia de 11 de julho de 1711, que elevava a antiga vila à categoria de cidade (86). No meado do século XVIII, a 29 de abril de 1745, era criado o *Bispado de São Paulo*. Completava-se, pois, o quadro administrativo da cidade, que se erigia em capital política, depois de ter sido a “capital” do Bandeirismo (87).

Em 1748, a Coroa extinguiu a Capitania de São Paulo, submetendo-a novamente ao governo do Rio de Janeiro. Restaurada em 1765, entrava a Capitania na fase do governo dos Capitães-Generais. Data de então a sucessão de administrações totalmente orientadas pelos interesses da Metrópole, agravando-se a decadência da Capital paulista, abatida pelo despovoamento e pela miséria. Reduzido a mera circunscrição administrativa, nivelava-se São Paulo às demais Capitâncias, anulando-se ou, pelo menos, fazendo-se sopitar sua consciência autonômica, outrora tão altaneira.

No entanto, essa ascensão político-administrativa coincidiu, durante o setecentismo, com uma fase de decadência econômica e de estagnação urbana. Encerrados os ciclos de expansão das Bandeiras, até o primeiro quartel do século XVIII, a cidade se encontrava empobrecida e desfalcada de moradores. “Mortos no sertão”, consoante se declara a cada passo nos testamentos e inventários da época, ou recrutados para as guerras contra os espanhóis do Rio da Prata, haviam os paulistas, especialmente os mais capazes, abandonado em massa o torrão natal. Em seguida, a febril exploração das riquezas minerais provocou ativo movimento migratório para os distritos auríferos. E outra corrente povoadora se deslocou para as campinas do Sul, onde ia próspera a criação do gado. Em detrimento de sua cidade, o paulista ia povoar, ao lado dos forasteiros

(85) TAUNAY (Afonso d'E.), *História da Vila de São Paulo no século XVIII (1701-1711)*, págs. 142-145.

(86) Veja-se a íntegra deste documento em TAUNAY (Afonso d'E.), obra cit., págs. 161-162.

(87) A elevação de São Paulo à categoria de cidade acarretou certas mudanças administrativas. O Concelho Municipal passou a ser *Senado da Câmara*, que na época se compunha de dois Juizes Ordinários, três Vereadores, um Procurador e um Escrivão. Foram criados novos cargos, como os de Ouvidor-Geral e Juizes de bairros e de vintena, cf. TAUNAY (Afonso d'E.), *História da Cidade de São Paulo no século XVIII (1711-1720)*, págs. 339-342.

atraídos pela miragem do ouro, os territórios imensos que o Bandeirismo desvendara (88).

O fastígio da mineração, porém, foi efêmero. Na fase mais ativa da exploração das minas, o declínio da produção agropecuária ocasionou profundo desequilíbrio entre a riqueza aurífera e o valor das utilidades mais corriqueiras, chegando-se, por exemplo, a comprar “uma abóbora por quatro oitavas de ouro” (89) ou a pagar quarenta oitavas por um alqueire de milho (90), nas zonas mineiras. E em São Paulo a carestia da vida era motivo de constante atribulação das Câmaras (91). Agravou-se a alta dos preços com a escassez crescente de gêneros e gado, substancialmente desviados para o abastecimento dos centros mineradores nascentes. Só nas últimas décadas do setecentismo, tomaram os Capitães-Generais algumas medidas, no sentido de reerguer a produção da zona rural paulistana, cujo consumo tinha passado a depender das safras colhidas em localidades próximas, como Atibaia, Parnaíba e Moji das Cruzes (92).

A falta de numerário, que ainda obrigava ao recurso do pagamento em “drogas da terra”, por seu turno concorria para uma aguda crise financeira. Evadia-se a reduzida moeda, inclusive o ouro produzido na Capitania paulista, por causa da insuficiência de mercadorias exportáveis (93). De modo que nem mesmo o aparecimento do ouro em pó ou em barras, com o desenvolvimento da mineração, foi capaz de provocar sensível acréscimo do moedário corrente, sendo aliás pouco o metal que passou pela Casa de Fundição de São Paulo (94), no século XVIII.

Extinguiu-se a extração intensiva do metal amarelo na segunda metade do século XVIII (a partir de 1764, segundo ESCHWEGE), mas aumentaram contraditariamente as exigências

(88) SIMONSEN (Roberto), obra cit., tomo I, pág. 363; e TAUNAY (Afonso d'E.), *História da Vila de São Paulo no século XVIII* (1701-1711), págs. 3-8.

(89) HOLANDA (Sérgio Buarque de), obra cit., pág. 76.

(90) PRADO (Paulo), obra cit., pág. 29; e SIMONSEN (Roberto), obra cit., tomo II, págs. 79-80.

(91) TAUNAY (Afonso d'E.), *História da Cidade de São Paulo no século XVIII* (1711-1720), págs. 403-410.

(92) Cf. TAUNAY (Afonso d'E.), *História da Cidade de São Paulo no século XVIII* (1765-1801), 2.ª parte, págs. 91-93, São Paulo, 1951; e BRUNO (Ernani Silva), *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, vol. I, pág. 266, Liv. José Olímpio, Rio, 1953.

(93) SIMONSEN (Roberto), obra cit., tomo I, pág. 338.

(94) TAUNAY (Afonso d'E.), *História da Cidade de São Paulo no século XVIII* (1765-1801), vol. II, 2.ª parte, pág. 223.

do fisco real, que pesavam em excesso sobre uma lavoura, uma pecuária e um comércio de diminuto rendimento (95). Exauria-se São Paulo de Piratininga, em virtude do seu próprio movimento de expansão, determinado por imperativos econômicos (96), e perdia grande parcela de seus habitantes aptos que, passado o acesso febril da mineração, se haviam afazendado nas vilas e arraiais fundados ao longo dos caminhos das Bandeiras ou em torno dos centros auríferos decadentes.

A vida econômica local de São Paulo, por isso mesmo, acusou certas transformações, que acabaram por caracterizá-la, a partir do século XVIII.

As propriedades da zona rural (núcleos agropecuários que se espalhavam pelos arredores da vila, dentro de um perímetro não muito extenso) tenderam cada vez mais a dividir-se. Tornaram-se predominantes as pequenas e médias propriedades, já porque eram limitadas as áreas distribuídas pela maioria das concessões públicas, já porque as sesmarias mais vastas, doadas a princípio, dificilmente se mantinham e, em regra, iam sendo retalhadas (97). Continuou reduzido o valor da propriedade imobiliária, quer o das fazendas e fazendolas da zona rural (98), quer o dos prédios urbanos (99), informando TAUNAY que “ainda em meados do século XVIII, valia um par de escarpins de sêda para senhora mais que uma casinha do Triângulo, cujo aluguel se cotava por quatro vinténs mensais” (100). O valor da terra se amesquinhava, em comparação com o dos artigos manufaturados, sobretudo os provenientes da importação.

A organização do trabalho continuou obedecendo às normas que vinham do primeiro século, dentro da regulamentação dos ofícios manuais, cada qual com os respectivos Juizes. O modesto desenvolvimento do núcleo urbano apenas comportou o aparecimento de alguns ofícios novos e especializados (101).

(95) SIMONSEN (Roberto), obra cit., tomo I, pág. 364.

(96) SIMONSEN (Roberto), obra cit., tomo I, pág. 365.

(97) ELLIS JÚNIOR (Alfredo), *Raça de Gigantes*, págs. 257-271.

(98) TAUNAY (Afonso d'E.), *História Seiscentista da Vila de São Paulo*, vol. IV, págs. 173-175; e SIMONSEN (Roberto), obra cit., tomo I, pág. 329.

(99) MACHADO (Alcântara), obra cit., págs. 34-37.

(100) TAUNAY (Afonso d'E.), obra cit., vol. IV, pág. 165.

(101) TAUNAY (Afonso d'E.), obra cit., vol. IV, págs. 323-328; e *História da Cidade de São Paulo no século XVIII (1765-1801)*, vol. II, 2.ª parte, págs. 19-26.

Sob outro aspecto, o trabalho dependia ainda do indispensável contingente de mão-de-obra escravizada. Ao lado dos índios, “descidos” pelas Bandeiras de preia, começou a avolumar-se a introdução de escravos negros, incrementada desde os fins do século XVII, em consequência da exploração das minas (102). Vendidos a preços mais altos, pois eram trabalhadores mais aptos que o índio, só em reduzida percentagem se fixaram os africanos em São Paulo. Ainda assim, durante o século XVIII, passou o escravo negro a constituir a mão-de-obra essencial no trabalho agrícola e o elemento indispensável aos serviços domésticos.

Apesar da decadência econômica que temporariamente acarretou, foi a expansão paulista propícia ao início da *função comercial* da cidade. No desenvolvimento dessa função nova, ainda uma vez influenciou decisivamente o fator geográfico, isto é, a situação de São Paulo, como centro de convergência e irradiação de caminhos (103). A atividade comercial dos paulistas, que com o tempo constituiria o primordial fator de seu reerguimento econômico, acusa crescente predominância nos fins do século XVIII, como atesta o “Divertimento Admirável”, de MANUEL CARDOSO DE ABREU (104).

Pelo intercâmbio a longas distâncias, ligavam-se os comerciantes de São Paulo ao Rio de Janeiro, de onde traziam mercadorias para a sua cidade; e freqüentavam os campos de criação do Brasil meridional, aonde iam buscar, para sua própria Capitania e para as regiões de lavoura e mineração, os muares destinados às “tropas”, que constituíam o meio de transporte por excelência, naquela época. Outra corrente comercial típica do século XVIII foi a que se estabeleceu com a região mineradora de Cuiabá e tinha por ponto de partida o pôrto de canoas do Ararituaba (Pôrto Feliz): em troca do ouro mato-grossense, os mercadores de São Paulo enviavam cereais, toucinho, tecidos, armas e munições, aos povoados incipientes daquele sertão longínquo (105). Tal comércio era

(102) TAUNAY (Afonso d'E.), *História Seiscentista da Vila de São Paulo*, vol. III, pág. 13.

(103) Cf. PRADO JÚNIOR (Caio), obra cit., pág. 255; e BRUNO (Ernani Silva), obra cit., vol. I, pág. 225.

(104) Veja-se a transcrição desse interessante e valioso depoimento em MOTA (Otoniel), obra cit., págs. 170-178.

(105) HOLANDA (Sérgio Buarque de), obra cit., págs. 196-198.

praticado pelas *Monções* ou expedições fluviais, que utilizavam as águas do rio Anhembi (Tietê) e dos afluentes da margem direita do rio Paraná, até alcançar o “varadouro” de Camaçã, em penosa e arriscada viagem, numa rota que se regularizou a partir da descoberta do ouro cuiabano (106).

Transformou-se também o sistema de transportes. Pelo século XVIII, havia diminuído a importância das vias fluviais, tão utilizadas nos dois primeiros séculos da colonização do planalto paulista (107). O sistema potamográfico, que tem por eixo o Tietê, se bem que ainda aproveitado até ao início do século XIX, tinha sido alterado, em virtude de pequenas obras de retificação dos leitos e enxugo das várzeas marginais, e experimentava a concorrência das vias terrestres, pouco a pouco melhoradas (108).

Entretanto, as estradas ainda eram primitivas e dificilmente transitáveis, sendo o transporte por meio de animais o mais adequado ao meio geográfico, cujas condições de relevo e de clima estavam longe de facilitar a construção e a conservação de boas vias. Daí, nos transportes da época, o crescente emprêgo de eqüinos e muares, cuja importância aumentou à medida que se ampliavam o comércio e as comunicações de São Paulo com as afastadas zonas de mineração e pecuária. Tal fato determinou o aparecimento de *feiras de burros*, das quais a mais célebre foi a de Sorocaba, desde a segunda metade do setecentismo (109).

Por essa época, as tropas percorriam as ruas da cidade, transportando cargas dos povoados próximos, demandando o pôrto de Santos ou de lá voltando (110), sob a direção dos

(106) HOLANDA (Sérgio Buarque de), obra cit., págs. 93-98. Ligadas a princípio à história das Bandeiras e ao povoamento inicial de Mato Grosso, as *Monções* se transformaram em expedições com fins administrativos e mercantis — *monções de povoado*, como as denominou êste historiador (obra cit., págs. 200 e seguintes).

(107) BRUNO (Ernani Silva), obra cit., vol. I, pág. 210.

(108) BRUNO (Ernani Silva), obra cit., vol. I, págs. 211-213.

(109) Vejam-se, a propósito: MEDEIROS (F. L. d'Abreu), *Curiosidades Brasileiras*, tomo I, págs. 20-28, ed. Laemmert, Rio, 1864; DEPPONTAINES (Pierre), *As feiras de burros de Sorocaba*, em “Geografia”, ano I, n.º 3, São Paulo, 1935; ELLIS JÚNIOR (Alfredo), *O ciclo do luar*, em “Revista de História”, n.º 1, págs. 73-80, São Paulo, 1950; ELLIS (Myriam), *Estudos sobre alguns tipos de transporte no Brasil Colonial*, em Boletim n.º 115 da Fac. Filosofia da U. S. P., São Paulo, 1950.

(110) BRUNO (Ernani Silva), obra cit., vol. I, pág. 237.



Tipos de habitação da área urbana, no período colonial. — Em cima, casa urbana com camarinha (Desenho de BELMONTE). Embaixo, um sobrado (Desenho de J. WASTH RODRIGUES).

tropeiros e conduzidas pelos seus subordinados. Esse rudimentar, mas providencial sistema de transportes era secundado pelos característicos carros de bois, que também procediam das circunvizinhanças e estacionavam em pontos marginais da colina central, em que se colocava a cidade (111).

(111) BRUNO (Ernani Silva), obra cit., vol. I, págs. 238-241.

Foram-se regularizando, durante o século XVIII, as ligações por terra entre São Paulo e os povoados circunjacentes, através dos caminhos que partiam da cidade e vinham sendo transitados, desde os fins do quinhentismo (112). O velho *Caminho do Mar*, palmilhado também no primeiro século, mas durante muito tempo em precário estado de uso, foi afinal melhorado sob o govêrno do Capitão-General Bernardo José de Lorena, especialmente com a pavimentação da serra até ao Cubatão — a *Calçada do Lorena*, que o tornava uma via segura e praticável até para animais cargueiros (113). Ficaram igualmente regularizadas as comunicações com os focos econômicos mais distantes do Rio de Janeiro (114) e de Minas Gerais. Cessara, em suma, o antigo isolamento de São Paulo, que se tornou, no meado do século XVIII, “o centro de uma estrêla irradiando em todos os quadrantes” (115).

As transformações urbanas nos séculos XVII e XVIII

Sem pretender fixar, dentro de exatos limites, a área ocupada pela vila e cidade paulistana, na era colonial — tarefa impossível, à falta de documentação precisa —, pode-se dizer que essa área pouco se estendeu, desde o estabelecimento do primitivo núcleo quinhentista até aos fins do século XVIII. O centro urbanizado da cidade estava confinado na área aproximadamente triangular, delimitada pelos cursos do Tamanduateí e do seu afluente Anhangabaú, sem atingir ao Norte a confluência dêstes dois cursos de água (116).

(112) Eram cinco os principais caminhos, a saber: *Tabatingüera*, para Leste; *Ipiranga e Ibirapuera* (Santo Amaro), para o Sul; *Pinheiros*, para Oeste; e *Guaré* (Luz), para o Norte — cf. BRUNO (Ernani Silva), obra cit., vol. I, págs. 214-218, e SANT'ANNA (Nuto), *São Paulo Histórico*, I, pág. 115, e V, págs. 151 e segs., São Paulo, 1944.

(113) TAUNAY (Afonso d'E.), *História da Cidade de São Paulo no século XVIII* (1765-1801), vol. II, 2.^a parte, págs. 157-165; e BRUNO (Ernani Silva), obra cit., vol. I, págs. 226-229.

(114) TAUNAY (Afonso d'E.), *História da Cidade de São Paulo no século XVIII*, vol. II, pág. 70.

(115) PRADO (Paulo), obra cit., Introdução, págs. XIII-XIV. Veja-se o esquema das estradas que partiam de S. Paulo nos fins do século XVIII, em PRADO JÚNIOR (Caio), obra cit., pág. 257.

(116) BRUNO (Ernani Silva), obra cit., vol. I, pág. 181-189.



Habitações da área rural. — Em cima uma sede de fazenda (Desenho de J. WASTH RODRIGUES). Embaixo, um sobrado da zona rural (Desenho de BELMONTE).

Pelas terras do têrmo da cidade, houvera limitada expansão de moradores até ao meado do setecentismo. Do lado de Oeste, as habitações mal se avizinhavam do futuro *Largo do Rosário* (atual Praça Antônio Prado) e estava desocupada a área que se estendia, pelos desbarrancados íngremes, até ao leito do Anhangabaú. A cavaleiro dêste ribeirão, a rua extrema foi a de *São Bento*, até fins do século XVIII, quando se abriu a de *São José*, hoje Líbero Badaró (117). Para a banda de Leste, a escarpa acentuada e sujeita a desmoronamentos dificultava o acesso à várzea do Tamanduateí; por isso mesmo, dêste lado, por muito tempo os arruamentos principais foram

(117) TAUNAY (Afonso d'E.), *História Seiscentista da Vila de São Paulo*, vol. IV, pág. 335.

as ladeiras do *Carmo* e da *Tabatingüera*. E no rumo do Norte, a partir do mosteiro de São Bento, começava o caminho para o *Guaré* (Luz), que haveria de se transformar na atual Rua Florêncio de Abreu.

A *zona rural* que, à maneira dos vilarinhos portugueses, se constituíra desde a primeira centúria em tórno do núcleo inicial de São Paulo (118), já se estendia, na segunda metade do seiscentismo, a mais de seis ou sete léguas “por caminhos fragosos”, conforme reza uma Ata municipal de 1655 (119). Tal progressão tendeu a acentuar-se, na segunda metade do século XVIII, quando iam melhorando as condições econômicas.

Se o crescimento urbano de São Paulo obedeceu a um ritmo apenas perceptível, não menos vagaroso se processou o aumento de sua *população* (120). As primeiras avaliações de relativo valor, mas ainda incompletas e pouco rigorosas, datam da segunda metade do setecentismo, quando as mandaram proceder os Capitães-Generais. Em 1794, foram recenseados 9 359 habitantes, no tórno da cidade (121).

Até à entrada do século XIX, apresentava a Capital paulista o seu aspecto de cidadezinha provinciana. O *casario*, entre o qual eram raras as habitações de sobrado (122), mal começava a exhibir maiores dimensões e certos sinais de conforto, predominando ainda a taipa de pilão (123), velho processo de construir introduzido pelos povoadores portugueses. A elevação de São Paulo à categoria de cidade veio concorrer para a construção de edifícios públicos de algum vulto, a cujo lado os edifícios conventuais iam emprestando certo ar de importância à Capital.

(118) TAUNAY (Afonso d'E.), *História das Bandeiras Paulistas*, vol. II, pág. 280.

(119) BRUNO (Ernanil Silva), obra cit., vol. I, pág. 185.

(120) Veja-se a explicação das causas deste fato em Toledo Piza, citado por MILLIET (Sérgio), *Roteiro do Café e outros ensaios*, págs. 136-142, ed. Departamento de Cultura, São Paulo, 1941.

(121) TAUNAY (Afonso d'E.), *Velho São Paulo*, tomo I, pág. 24, ed. Melhoramentos, São Paulo.

(122) Os sobrados tinham começado a aparecer desde fins do século XVI, cf. TAUNAY (Afonso d'E.), *História Seiscentista da Vila de São Paulo*, vol. IV, pág. 330.

(123) Veja-se a descrição deste tipo de construção em LEITE (Aureliano), *A Igreja e o Colégio dos Jesuítas*, em “O Estado de São Paulo”, 6 de janeiro de 1954.



Dia de feira na vila de São Paulo (Desenho de BELMONTE).

A irregularidade dos *arruamentos*, em boa parte decorrente da atormentada topografia do sítio urbano, levou as autoridades municipais a nomear tardiamente um “Oficial arruador”, só em 1753. No “Divertimento Admirável”, de 1783, são enumeradas doze ruas principais, “tôdas com suas travessas correspondentes”, com o defeito, porém, de serem mal ordenadas

e mal calçadas. No extremo de algumas dessas ruas, com as quais se cruzavam becos estreitos, abriam-se os velhos “pátios”, também chamados “terreiros” ou praças (124). Esse conjunto desordenado de vias tortuosas e apertadas mergulhava na escuridão da noite, salvo quando se aclarava a cidade com as luminárias, por ocasião das raras festas e solenidades coloniais. E com êste aspecto de desarranjo urbanístico, São Paulo entrou no século XIX.

Os vales e os rios, elementos típicos da topografia paulistana, deram causa ao problema da construção de viadutos, na fase moderna de urbanização da cidade. Já as tôscas pontes de madeira da época colonial, ainda que pouco numerosas, bem como a conservação dos caminhos vicinais, eram motivo de constante preocupação dos edis (125).

Os viajantes estrangeiros, que visitaram São Paulo no início do século XIX, particularmente John Mawe e Saint-Hilaire, tiveram a atenção voltada para êsse aspecto característico da paisagem urbana (126).

Outro problema, diretamente ligado ao fator hidrográfico, era o das grandes inundações, que alagavam as várzeas, caminhos e estradas, e punham em risco a integridade das pontes. Durante os meses do Verão, ficavam seriamente comprometidas as comunicações com o litoral e com as vilas do interior (127).

O *abastecimento* da cidade já determinara, desde os dois primeiros séculos, problemas sérios, como os do sal e da carne. O fornecimento de gêneros alimentícios só melhoraria a partir do século XIX, em cujo início ainda se recorria à caça e à pesca (128). Mas, no século anterior, para o comércio dêsses gêneros, foi estabelecido o primeiro mercado regular da cidade, com a construção das “casinhas” (129) ou quitandas, onde os

(124) BRUNO (Ernani Silva), obra cit., vol. I, págs. 157-161.

(125) Cf. TAUNAY (Afonso d'E.), *História Seiscentista da Vila de São Paulo*, vol. IV, pág. 350, e *História da Cidade de São Paulo no século XVIII*, tomo II, págs. 55-58, e tomo III, págs. 138-147; BRUNO (Ernani Silva), obra cit., vol. I, págs. 242-249.

(126) MAWE (John), *Viagens ao interior do Brasil*, pág. 771, ed. Zélio Valverde, Rio, 1944; e SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., pág. 178.

(127) Cf. TAUNAY (Afonso d'E.), *História da Cidade de São Paulo no século XVIII (1711-1720)*, pág. 423.

(128) BRUNO (Ernani Silva), obra cit., vol. I, pág. 271.

(129) BRUNO (Ernani Silva), obra cit., vol. I, pág. 303.

roceiros e plantadores das cercanias vinham vender os produtos de seus sítios, e também com as feiras armadas fora da área urbana (130).

Abastecimento de água potável canalizada só existiu realmente a partir do meado do setecentismo, pelos processos mais rudimentares, aumentando então o número de chafarizes públicos, o que não excluía o uso já antigo das bicas e fontes naturais (131).

Desde as primeiras décadas do século XIX, manifestam-se os indícios do *reerguimento econômico*, que pouco a pouco criaria condições mais favoráveis ao surpreendente surto urbano do São Paulo moderno. O fator principal dêsse reerguimento foi a atividade comercial, já notada na segunda metade do setecentismo e que paulatinamente se foi ampliando. Os comerciantes da Capital continuavam a fornecer mercadorias às vilas do interior da Província; intercâmbio de proporções ainda modestas, mas que se apoiava num mercado regional de base constante (132). De fato, o centro mercantil de São Paulo contava com uma sólida retaguarda agrícola, graças ao desenvolvimento das plantações de cana e da produção de açúcar, nos núcleos de povoamento fundados pelos pioneiros, que agora arroteavam o solo fértil das zonas então recobertas de florestas (Jundiaí, Campinas, Pôrto Feliz, etc.). Êsse ciclo agrícola, iniciado desde as últimas décadas do século XVIII (133), serviu de ponto de apoio à restauração da economia paulista, até ao advento do café.

Já havia começado uma pequena exportação para outras províncias e para a Europa (134). E a Capital paulista ia assumindo o aspecto de uma pequena praça comercial, cujas transações comportaram a fundação do "Banco de São Paulo", espécie de sucursal de estabelecimento congênere do Rio de Janeiro (135).

(130) BRUNO (Ernani Silva), obra cit., vol. I, págs. 305-306.

(131) BRUNO (Ernani Silva), obra cit., vol. I, págs. 280-288.

(132) MONBÉIG (Pierre), obra cit., pág. 76.

(133) Cf. ELLIS JÚNIOR (Alfredo) e ELLIS (Myriam), *A Economia Paulista no século XVIII*, págs. 77-90, em Boletim n.º 115 da Fac. Filosofia da U. S. P., São Paulo, 1950.

(134) MONBÉIG (Pierre), obra cit., pág. 77.

(135) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., pág. 180.

A cidade, que assim se refazia da decadência conseqüente ao Bandeirismo e à mineração, por outro lado se beneficiava de sua *função política*, como Capital e sede das mais altas autoridades civis e eclesiásticas da Província. E, já entrando em sua fase de recuperação, despedia-se São Paulo do período colonial, em busca do surto de progresso político, cultural, social, econômico, demográfico e urbano, que lhe caracteriza a história, desde a segunda metade do século XIX.

BIBLIOGRAFIA

I. Estudos especiais :

- ABREU (Manuel Cardoso de) — *Diver-timento Admirável* . . . — na Revista do Instituto Hist. e Geogr. de S. Paulo, vol. VI, pág. 253.
- BRUNO (Ernani Silva) — *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, 3 vols., Livraria José Olímpio, Rio, 1954.
- CAMPOS (Pedro Dias de) — *Piratin-ninga na era da fundação de São Paulo*, em "Paulistânia", n.º 38, São Paulo, janeiro-fevereiro de 1951.
- CINTRA (Assis) — *Como se fundou São Paulo*, em "Paulistânia", n.º 38, São Paulo, janeiro-fevereiro de 1951.
- CORDEIRO (J. P. Leite) — *Nóbrega, fundador de São Paulo*, em "O Cruzeiro", ano XXVI, n.º 15 Rio, 23 de janeiro de 1954.
- FALCÃO (Edgard de Cerqueira) — *Dados cronológicos sobre a fundação de São Paulo*, em "Paulistânia", n.º 44, São Paulo, março-abril-maio, de 1952.
- FERREIRA (Tito Lívio) — *A propósito da fundação da cidade de São Paulo*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. CXL, São Paulo. — *Onde nasceu a cidade*, em "Paulistânia", n.º 38, São Paulo, janeiro-fevereiro de 1951. — *Padre Manuel da Nóbrega e São Paulo de Piratin-ninga*, em "O Estado de São Paulo", 25 de janeiro de 1954.
- FLORENCE (Amador) — *Curiosidades do censo paulistano de 1765*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. LXXIX, São Paulo.
- JARDIM (Caio) — *São Paulo no século XVIII*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. XLI, São Paulo 1937.
- LEITE (Aureliano) — *A Igreja e o Coélgio dos Jesuítas*, em "O Estado de São Paulo", 6 de janeiro de 1954, pág. 26. — *O Cabo Maior dos Paulistas*, São Paulo.
- LEITE (Serafim, S. J.) — *A Cidade de São Paulo e a Companhia de Jesus*, em "O Estado de São Paulo", 25 de janeiro de 1954. — *Os Jesuítas na Vila de São Paulo*, "Revista do Arquivo Municipal", vol. XXI, pág. 3.
- MARTINS (Antônio Egídio) — *São Paulo Antigo (1554-1910)* — S. Paulo, 1911-1912.
- MONBEIG (Pierre) — *La croissance de la Ville de São Paulo*, em "Revue de Géographie Alpine", tomo XLI, Grenoble, 1952. — *Aspectos geográficos do crescimento de São Paulo*, em "O Estado de São Paulo", 25 de janeiro de 1954.
- MONTEIRO (Zenon Fleuri) — *Reconstituição do Caminho de Carro para Santo Amaro* — Prefeitura Municipal, São Paulo, 1943.
- MORSE (Richard N.) — *São Paulo* (Raízes oitocentistas da metrópole), Imprensa Oficial, São Paulo, 1950.
- MOTA (Otoniel) — *Do Rancho ao Paldcio*, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1941.
- PEREIRA (Batista) — *A Cidade de Anchieta*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. XXIII, São Paulo, 1936. — *Piratinninga no século XVI*, em "Revista do Arquivo

- Municipal", vol. XLIII, São Paulo, 1938.
- PIZA (Antônio de Toledo) — *A Igreja da Capital do Estado de São Paulo*, — Revista do Instituto Hist., Geog. e Etnográfico Brasileiro, vol. LIX, II, pág. 57.
- PRADO JÚNIOR (Caio) — *O fator geográfico na formação e desenvolvimento da cidade de São Paulo*, em "Geografia", ano I, n.º 3, São Paulo, 1935. — *Nova contribuição para o estudo geográfico da cidade de São Paulo*, em "Estudos Brasileiros", ano III, vol. VII, Rio, 1941.
- SAMPAIO (Teodoro) — *São Paulo no tempo de Anchieta*, São Paulo, 1897. — *A fundação da cidade de São Paulo*, em "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", vol. X. — *São Paulo de Piratininga no fim do século XVI*, em "Revista do Inst. Hist. e Geog. de São Paulo", vol. IV. — V. Bueno, pág. 1410.
- SANT'ANNA (Nuto) — *São Paulo Histórico* (Aspectos, lendas e costumes), 6 vols., Ed. Departamento de Cultura, São Paulo, 1937-1944. — *Os fundadores de São Paulo de Piratininga*, em "Correio Paulistano", 24 de janeiro de 1954. — *Os muros defensivos da vila*, em "O Estado de São Paulo", 25 de janeiro de 1954. — *Metrópole* — Departamento de Cultura, São Paulo, 1950.
- TAUNAY (Afonso d'E.) — *São Paulo nos primeiros anos (1554-1601)*, ed. Arrault & Cia., Tours, 1920. — *São Paulo no século XVI*, ed. Arrault & Cia., Tours, 1921. — *Piratininga*, Tip. Ideal, São Paulo, 1923. — *Non Ducor, Duco* (Notícias de São Paulo, 1565-1820), Tip. Ideal, São Paulo, 1924. — *História Seiscentista da Vila de São Paulo*, 4 vols., Tip. Ideal, São Paulo, 1926-1929. — *História da Vila de São Paulo no século XVIII*, Imprensa Oficial, São Paulo, 1931. — *História da Cidade de São Paulo no século XVIII*, 3 vols., Imprensa Oficial, São Paulo, 1934-1935. — *Velho São Paulo*, 2 vols., ed. Melhoramentos, São Paulo, 1952. — *Os quatro séculos paulistanos*, em "Correio Paulistano", São Paulo, 25 de janeiro de 1954. — *Amador Bueno e Outros Ensaios*, Imprensa Oficial, São Paulo, 1943. — *História Antiga da Abadia de São Paulo*, Tipografia Ideal, São Paulo, 1927. — *História da Cidade de São Paulo no século XVIII (1711-1720)*, Imprensa Oficial, São Paulo, 1931. — *História da Cidade de São Paulo*, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1954.
- VIOTTI (Hélio Abranches, S. J.) — *A Fundação de São Paulo pelos Jesuítas*, Revista de História, Ano V, n.º 17, pág. 119, São Paulo, 1954.

II. Estudos gerais e subsidiários:

- ABREU (J. Capistrano de) — *Caminhos Antigos e Povoamento do Brasil*, ed. Sociedade Capistrano de Abreu, Rio de Janeiro, 1930. — *Capítulos de História Colonial*, idem, Rio de Janeiro, 1928.
- ALMEIDA (Francisco José Lacerda de) — *Diário de Viagem*, Instituto Nacional do Livro (Imprensa Nacional), Rio de Janeiro, 1944.
- ALMEIDA JÚNIOR (João Mendes de) — *Monografia do Município da Cidade de São Paulo*, Tipografia Jorge Seckler, São Paulo, 1882.
- ANCHIETA (José de) — *Cartas Inéditas*, Casa Eclética, São Paulo, 1900. — *Cartas (1554-1594)*, Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1933. — *A Providência do Brasil* — Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1946.
- ANTONIL (André João) — *Cultura e Opulência do Brasil por Suas Drogas e Minas*, Edições Melhoramentos, São Paulo, 1923.
- AZEVEDO (Aroldo de) — *Subúrbios Orientais de São Paulo*, São Paulo, 1945.
- BELMONTE — *No Tempo dos Bandeirantes*, 2.ª edição, Departamento de Cultura, São Paulo, 1940.
- CARDIM (Fernão) — *Tratado da Terra e da Gente do Brasil*, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1939.
- CARTAS JESUÍTICAS — *Cartas Avulsas (1550-1568)*, Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1931.

- COSTA (Lúcio)** — *Documentação Necessária*, Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, n.º 1, pág. 31.
- DEFFONTAINES (Pierre)** — *Regiões e Paisagens do Estado de São Paulo*, "Geografia", n.º 2, pág. 117, São Paulo, 1935. — *As Feiras de Burros de Sorocaba*, "Geografia", n.º 3, São Paulo, 1935.
- ELLIS JÚNIOR (Alfredo)** — *O Bandeirismo Paulista e o Recuo do Meridiano*, Tipografia Piratininga, São Paulo, s. d. — *Meio Século de Bandeirismo (1590-1640)*, Boletim IX da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1939. — *Resumo da História de São Paulo*, Tipografia Brasil, São Paulo, 1942. — *Amador Bueno e a Evolução da Psicologia Planaltina*, Boletim XLIII da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1944. — *Capítulos da História Psicológica de São Paulo*, Boletim LIII da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1945. — *Raça de Gigantes*, Editorial Hélios, São Paulo, 1926. — *O Ciclo do Muar*, "Revista de História" n.º 1, pág. 73, São Paulo.
- ELLIS JÚNIOR (Alfredo) e ELLIS (Myriam)** — *A Economia Paulista no Século XVIII*, Boletim 115 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, 1950.
- ESCHWEGE (Wilhelm Ludwig von)** — *Pluto Brasiliensis*, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1944.
- FERNANDES (Florestan)** — *Do Escravo ao Cidadão*, "Relações Raciais entre Negros e Brancos em São Paulo", "Anhembi", n.º 30, São Paulo, 1953.
- FERREIRA (Tito Lívio)** — *Gênese Social da Gente Bandeirante*, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1944. — *A Sociedade Paulistana no Século XVI*, "São Paulo em Quatrocentos Anos", edição da Comissão do IV Centenário, I, São Paulo, 1953.
- FLORENCE (Amador)** — *Curiosidades do Censo Paulistano de 1765*. "Revista do Arquivo Municipal", LXXIX, pág. 131, São Paulo.
- FONSECA (Pe. Manuel da)** — *Vida do Venerável Padre Belchior de Pontes (1753)*, Reedição da Cia. Melhoramentos, São Paulo, s. d.
- FRANCO (Francisco de Assis Carvalho)** — *Bandeiras e Bandeirantes de São Paulo*, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1940.
- FREITAS (Afonso A. de)** — *Dicionário Histórico, Topográfico, Etnográfico, Ilustrado do Município de São Paulo*, Gráfica Paulista, São Paulo, 1929. — *Geografia do Estado de São Paulo*, Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1906.
- GANDAVO (Pero de Magalhães)** — *Tratado da Terra do Brasil*, Edição do Anuário do Brasil, Rio de Janeiro, 1924.
- GARCIA (Emanuel Soares Veiga)** — *A Real Fábrica de S. João do Ipanema*, "São Paulo em Quatrocentos Anos", edição da Comissão do IV Centenário, I, São Paulo, 1953.
- HOENE (F. C.)** — *Botânica e Agricultura do Brasil*, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1937.
- HOLANDA (Sérgio Buarque de)** — *Monções*, Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1945. — *Raízes do Brasil*, Livraria José Olímpio Editora, Rio de Janeiro, 1936.
- JAMES (Preston)** — *Rio de Janeiro and São Paulo*, "Geographical Review", XXIII, 1933.
- JARDIM (Caio)** — *São Paulo no Século XVIII*, "Revista do Arquivo Municipal", XLI, pág. 149.
- LEITE (Aureliano)** — *Breve Resumo Cronológico da História de São Paulo*, Livraria Martins Editora, São Paulo, 1944. — *História da Civilização Paulista*, Livraria Martins Editora, São Paulo, s. d.
- LEITE (Serafim, S. J.)** — *Novas Cartas Jesuíticas (de Nóbrega a Vieira)*, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1940. — *Páginas da História do Brasil*, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1937. — *História da Companhia de Jesus no Brasil*, Livraria Portugália, Lisboa, 1938.
- LEME (Pedro Taques de Almeida Pais)** — *História da Capitania de São Vicente*, Edições Melhoramentos, São Paulo, s. d.
- LIMA JÚNIOR (Augusto de)** — *Ligeiras Notas sobre Arte Religiosa no Brasil*, "Revista do Serviço do Patri-

- mônio Histórico e Artístico Nacional, n.º 2, pág. 101.
- MACHADO (J. de Alcântara) — *Vida e Morte do Bandeirante*, Revista dos Tribunais, São Paulo, 1929.
- MADRE DE DEUS (Frei Gaspar da) — *Memórias para a História da Capitania de São Vicente, Hoje Chamada São Paulo*, Tipografia da Academia, Lisboa, 1797.
- MAGALHÃES (Basilio de) — *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1935.
- MARQUES (Manuel Eufrásio de Azevedo) — *Apointamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo*, Tipografia Laemmert, Rio de Janeiro, 1879.
- MARTIUS (C. F. P. von) e SPIX (J. B. von) — *Viagem pelo Brasil*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1938.
- MAWE (John) — *Viagens ao Interior do Brasil*, Ed. Zélio Valverde, Rio de Janeiro, 1944.
- MEDIROS (F. L. d'Abreu) — *Curiosidades Brasileiras*, Tipografia Laemmert, Rio de Janeiro, 1864.
- MILLIET (Sérgio) — *Roteiro do Café e Outros Ensaios*, Departamento de Cultura, São Paulo, 1941.
- MOURA (Gentil de Assis) — *As Bandeiras Paulistas*, Editôra O Pensamento, São Paulo, 1914. — *Santo André da Borda do Campo*, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, XIV, pág. 3, São Paulo, 1912.
- MOURA (Paulo Cursino de) — *São Paulo de Ourora*, 2.ª edição, Livraria Martins, São Paulo, 1943.
- NÓBREGA (Manuel da) — *Cartas do Brasil*, Academia Brasileira de Letras, Rio de Janeiro, 1931.
- NÓBREGA (Melo) — *História de um Rio — o Tietê*, Livraria Martins, São Paulo, 1948.
- OLIVEIRA (J. J. Machado d') — *Quadro Histórico da Província de São Paulo até 1822*, 2.ª edição, Tipografia Brasil, São Paulo, 1897.
- PIZA (Antônio de Toledo) — *O Tenente General Arouche Rendon*, "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", V, pág. 105.
- PRADO (Paulo) — *Paulística*, Editôra Monteiro Lobato, São Paulo, 1925.
- PRADO JÚNIOR (Caio) — *Formação do Brasil Contemporâneo*, 2.ª ed., Editôra Brasiliense, São Paulo, 1945.
- *História Econômica do Brasil*, Editôra Brasiliense, São Paulo, 1945.
- RENDON (José Arouche de Toledo) — *Memória sobre as Aldeias de Índios da Província de São Paulo, segundo Observações Feitas no ano de 1792*, "Revista do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Brasileiro", IV, pág. 295. — *Reflexões sobre o Estado em que se Acha a Agricultura na Capitania de São Paulo*, "Documentos interessantes para a História e Costumes de São Paulo", XLIV, pág. 195.
- RIBEIRO (José Jacinto) — *Cronologia Paulista . . .*, São Paulo, 1899.
- RICARDO (Cassiano), *Marcha para Oeste*, Livraria José Olímpio Editôra, Rio de Janeiro, 1942.
- RODRIGUES (José Wash) — *Documentário Arquitetônico*, Livraria Martins, São Paulo, s. d.
- SAIA (Luís) — *Fontes Primárias para o Estudo das Habitações, das Vias de Comunicação e dos Aglomerados Humanos em São Paulo no Século XVI*, Instituto de Administração da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo, 1948. — *Notas sobre a Arquitetura Rural Paulista no Segundo Século*, "Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional", n.º 8, pág. 211.
- SAINT-ADOLPHE (J. C. R. Milliet de) — *Dicionário Geográfico, Histórico e Descritivo do Império do Brasil*, vol. II, 1845.
- SAINT-HILAIRE — *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a São Paulo* (1822), Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1938. — *Viagem à Província de São Paulo*, Livraria Martins, São Paulo, 1940.
- SALVADOR (Frei Vicente do) — *História do Brasil*, Ed. Weiszflog Irmãos, Rio e São Paulo, 1918.
- SCHMIDT (Carlos Borges) — *Construções de Taipa*, Secretaria da Agricultura, São Paulo, 1949.
- SIMONSEN (Roberto) — *História Econômica do Brasil*, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1937. — *A Evolução Econômica de São Paulo, "Paulistânia"*, ano II, n.º 6, pág. 17, São Paulo, 1940.
- SOUSA (Washington Luís Pereira de) — *A Capitania de São Paulo (Governo de Rodrigo César de Menezes)*,

- 2.^a edição, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1938.
- SOUTHEY (Robert) — *História do Brasil*, Livraria Garnier, Rio de Janeiro, 1862.
- SPIX (J. B. von) e MARTIUS (C. F. P. von) — *Viagem pelo Brasil*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1938.
- STADEN (Hans) — *Duas Viagens ao Brasil (1547-1555)*, Sociedade Hans Staden, 1942.
- TAUNAY (Afonso d'E.) — *Escritores Coloniais*, Diário Oficial, São Paulo, 1925. — *Rio de Janeiro de Antanho (Impressões de Viajantes Estrangeiros)*, Cia. Editora Nacional, São Paulo, 1942. — *História das Bandeiras Paulistas*, 2 vols., Edições Melhoramentos, São Paulo, s. d.
- TAUNAY (Visconde de) — *Memórias*, Editôra Ipê, São Paulo, 1948.
- VASCONCELOS (Simão de) — *Crônica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil*, 2.^a edição, J. Fernandes Lopes, Lisboa, 1865.
- ZENHA (Edmundo) — *O Município no Brasil (1532-1700)*, Editôra Ipê, São Paulo, 1948.

III. Documentos e Publicações Oficiais:

- ATAS da Câmara da Vila de São Paulo — Arquivo Municipal de São Paulo, 2 vols., 1914 e 1915.
- ATAS da Câmara de Santo André da Borda do Campo — Arquivo Municipal de São Paulo.
- DOCUMENTOS INTERESSANTES para a História e Costumes de São Paulo — Arquivo do Estado de São Paulo.
- REGISTRO GERAL da Câmara da Cidade de São Paulo — Arquivo Municipal de São Paulo e Departamento de Cultura de São Paulo.
- INVENTÁRIOS E TESTAMENTOS — Arquivo do Estado de São Paulo.

CAPÍTULO II

São Paulo no século XIX

ODILON NOGUEIRA DE MATOS

Fisionomia da cidade na primeira metade do século XIX. A população e a expansão da cidade. A economia urbana e rural. A Academia de Direito e seu papel na vida urbana. A segunda metade do século XIX e os fatores do crescimento da cidade. São Paulo, metrópole do café. A expansão urbana e os novos bairros. A fisionomia da cidade na segunda metade do século XIX.

NEM AS CONDIÇÕES geográficas, nem as circunstâncias históricas concorreram para o crescimento da cidade de São Paulo, nas três centúrias iniciais de sua existência. Por isso mesmo, na primeira metade do século XIX, a capital paulista pouco diferia da vila e cidade dos tempos coloniais.

Para esse período do oitocentismo, existem algumas fontes seguras de muito interesse para o estudo da evolução urbana de São Paulo: como documentos cartográficos, as duas plantas mais antigas da cidade, de que se tem conhecimento, devidas a RUPINO FELIZARDO E COSTA e ao engenheiro C. A. BRESSER (1); no que se refere à população e à vida econômica, o admirável recenseamento de DANIEL PEDRO MÜLLER (2);

(1) *Planta da Imperial Cidade de São Paulo*, levantada em 1810 pelo capitão de engenheiros RUPINO J. FELIZARDO E COSTA, e copiada em 1841 com todas as alterações (Sem indicação de escala). — *Mapa da Cidade de São Paulo e seus Subúrbios* (1843?), feito por ordem do Exmo. Sr. Presidente, o Marechal de Campo Manuel da Fonseca Lima e Silva, pelo Engenheiro Civil C. A. BRESSER (Escala de 3 000 palmos).

(2) MÜLLER (Daniel Pedro), *Ensaio dum Quadro Estatístico da Província de São Paulo*, Tip. Costa Silveira, São Paulo, 1838, cf. reedição literal impressa na Seção de Obras de "O Estado de São Paulo", 1923.

e, finalmente, no concernente à fisionomia urbana, as *impressões e depoimentos*, de valor nem sempre igual, dos viajantes estrangeiros que visitaram a cidade: JOHN MAWE (1809-10), SPIX e MARTIUS (1818), LUÍS D'ALINCOURT (1818), AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE (1819 e 1822), HÉRCULES FLORENCE (1825) e DANIEL P. KIDDER (1836-37). Isto sem falar na contribuição dos pesquisadores, entre os quais merece referência especial ERNANI SILVA BRUNO. Com a ajuda desses preciosos elementos, tentaremos, de início, reconstituir a fisionomia da Paulicéia de então.

Tal como nos tempos coloniais, a área ocupada pela cidade limitava-se à colina que se alteia entre os vales do Anhangabaú e do Tamanduateí. Foram os seguintes os pontos extremos do modestíssimo aglomerado urbano: a *Ponte do Fonseca*, sobre o rio Tamanduateí, onde hoje termina a Rua Tabatinguera; a *Ponte de Miguel Carlos*, sobre o Anhangabaú, bem perto de sua confluência no Tamanduateí; o *Largo da Fôrça*, hoje Praça da Liberdade, de onde partia o “Caminho do Mar” (Estrada do Vergueiro), com destino à baixada de Santos; a *Estrada do Mata-Fome*, que se iniciava no antigo Piques, hoje Praça da Bandeira; e, finalmente, no rumo de Oeste, a *Ponte do Acu*, sobre o córrego do mesmo nome, onde hoje se inicia a Avenida de São João. Para os lados da Luz (então chamada *Guaré*), aparecia o “Jardim Botânico”, em construção, a Casa de Correição, e, já fora do perímetro urbano, o Convento da Luz.

Nessa área restrita, o traçado das *vias públicas* era praticamente o mesmo de hoje, não sendo difícil reconstituí-lo, apesar das grandes realizações urbanísticas levadas a efeito nos últimos anos. No que se refere ao aspecto das ruas, os depoimentos dos viajantes servem para que delas possamos fazer idéia: eram “extraordinariamente limpas” (3), “calçadas, espaçosas e boas” (4), “largas, bastante retas”, permitindo que os veículos por elas circulassem livremente (5), e “não feias” (6).

(3) MAWE (John), *Viagens ao Interior do Brasil*, pág. 77, tradução brasileira de Solena Benevides Viana, ed. Zélio Valverde, Rio, 1944.

(4) D'ALINCOURT (Luís), *Memória sobre a Viagem do Porto de Santos à Cidade de Cuiabá*, pág. 35, vol. VIII da “Biblioteca Histórica Paulista”, Livraria Martins, São Paulo, 1953.

(5) SAINT-HILAIRE (Auguste de), *Viagem à Província de São Paulo*, pág. 173, tradução brasileira de Rubens Borba de Moraes, vol. II da “Biblioteca Histórica Brasileira”, Livraria Martins, São Paulo, 1940.

(6) FLORENCE (Hércules), *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas (1825-29)*, pág. 6, tradução brasileira do Visconde de Taunay, ed. Melhoramentos, São Paulo.

As casas dessa Paulicéia antiga não seriam mais do que umas 4 200 (7), predominando ainda as construções de taipa. A êste propósito, escreveu SAINT-HILAIRE:

“As casas, construídas de taipa muito sólida, são tôdas brancas e cobertas de telhas côncavas; nenhuma delas apresenta grandeza e magnificência, mas há um grande número que, além do andar térreo, tem um segundo andar e fazem-se notar por um aspecto de alegria e de limpeza. Os telhados não avançam desmesuradamente além das casas, mas têm bastante extensão para dar sombra e garantir as paredes contra as chuvas. As janelas não se fecham umas contra as outras, como é comum no Rio de Janeiro. As das casas de um andar possuem quase tôdas vidraças e são guarnecidas de balcões e postigos pintados de verde. As outras casas têm venezianas, que se erguem de baixo para cima, formadas de travessas de madeira cruzadas obliquamente” (8).

Tanto JOHN MAWE como DANIEL KIDDER (9) se preocuparam em fornecer detalhes a respeito do processo de construção das casas de taipa; salientando sua durabilidade, escreveu o primeiro dêsses viajantes: “. . . vi casas assim construídas que resistiram duzentos anos e a maioria tem várias histórias” (10).

As habitações paulistanas, de taipa ou de pedra, eram revestidas e caiadas, contrastando admiravelmente a brancura dos prédios com o vermelho dos telhados; além do branco, dava-se preferência ao amarelo-palha e ao rosa-pálido, o que assegurava às casas um aspecto externo alegre e asseado (11).

Quanto ao interior das habitações, KIDDER deixou-nos valiosas informações: “Varia muito a divisão das casas; quase tôdas, porém, são construídas de forma a deixar uma área interna que serve para arejar os dormitórios, sistema êsse tanto mais indispensável quanto é hábito generalizado manterem fechadas, com pesadas fôlhas, as janelas que dão para a rua. Nas cidades, o andar inferior raramente é ocupado para moradia; serve às vezes para casas de comércio, outras vezes para cocheira ou estábulo. As dependências mais comuns, em cima, são: a sala de visitas e a de jantar, entre as quais existem, invariavelmente, alcovas que servem de dormitórios. A mobília da sala de visitas varia

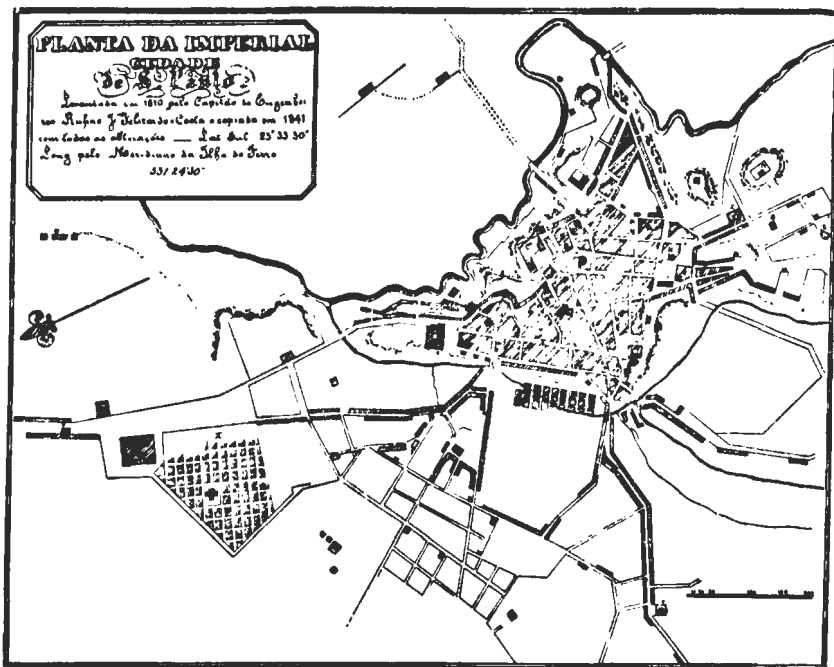
(7) As cifras variam pouco, conforme os autores consultados: 4 020 (AIRES DE CASAL, *Corografia Brasílica*), 4 142 (SPIX e MARTIUS, *Viagem pelo Brasil*) e 4 168 (DANIEL P. MÜLLER, *Quadro Estatístico*).

(8) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., pág. 174.

(9) KIDDER (Daniel P.), *Reminiscências de Viagens e Permanência no Brasil*, vol. I, págs. 188-189, tradução brasileira de Moacir N. Vasconcelos, vol. III da “Biblioteca Histórica Brasileira”, Livraria Martins, São Paulo, 1940.

(10) MAWE (John), obra cit., pág. 78.

(11) Cf. KIDDER (Daniel P.), obra cit., pág. 189.



São Paulo na primeira metade do século XIX. — De acôrdo com a planta levantada, em 1810, por Rufino J. Felizardo e Costa, a cidade concentrava-se na colina histórica, entre o Tamanduaeté e o Anhangabaú. Fora dêsse núcleo principal, a planta acima, "copiada em 1841, com tôdas as alterações", registra, em sua parte inferior (NW), o embrião do bairro de Santa Ifigênia e o Jardim da Luz.

de conformidade com o maior ou menor luxo da casa, mas o que se encontra em tôdas elas é um sofá, com assento de palhinha, e três ou quatro cadeiras dispostas em alas rigorosamente paralelas que, partindo de cada extremidade da primeira peça, se projetam em direção ao meio da sala" (12).

Por sua vez, SAINT-HILAIRE observou que, na maioria, as habitações eram mobiliadas com gôsto e tinham paredes pintadas com côres muito claras, vendo-se, nas mais antigas, desenhos e grandes arabescos, ao passo que, nas mais novas, predominavam paredes de uma só côr, apenas guarnecidas com barras e rodapés (13).

As principais edificações da cidade estavam perfeitamente de acôrdo com a modéstia dêsse aglomerado oitocentista, não se destacando nem pelo número e, muito menos, pela riqueza e estilo arquitetônico. Além dos dois mais importantes edi-

(12) KIDDER (Daniel P.), obra cit., págs. 189-191.

(13) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., pág. 175.

fícios públicos — o Palácio do Governo e a Câmara Municipal, sobressaíam alguns conventos e numerosas igrejas, nenhum dêles, porém, lembrando nem de longe o período áureo do Bandeirismo.

O *Palácio do Governo*, antigo Convento dos Jesuítas, erguia-se ao lado do Colégio histórico; guardava, ainda, a aparência de mosteiro, sendo espaçoso e constituído por dois corpos, de um só andar, disparado em seu aspecto arquitetônico (14) e insignificante como edifício (15). A *Câmara Municipal*, situada na atual Praça João Mendes, era “uma linda construção, de um andar, decorada com uma frontaria”, com 9 janelas de frente, tendo no rés-do-chão a Cadeia (16), que, embora vasta, se apresentava tão mal construída e tão pouco sólida, que não raro dela fugiam os presos . . . (17). Os principais conventos eram os de São Francisco, de São Bento, do Carmo e da Luz. Quanto às igrejas, além das pertencentes aos citados conventos, merecem ser referidas as da Sé, do Colégio, da Misericórdia, dos Remédios, do Rosário e de Santa Ifigênia, esta última “situada no subúrbio do mesmo nome, que se estende à margem esquerda do Hinhangabahú” (18). Cumpre lembrar que, a par das sedes paroquiais, existiam em São Paulo diversas capelas (19), uma das quais, a “ermida de Nossa Senhora da Consolação”, se erguia no ponto em que, em 1818, terminava a cidade e principiava a estrada no rumo de Itu e Sorocaba (20).

As praças públicas eram tôdas acanhadas e irregulares (21), destacando-se apenas as do Palácio (Pátio do Colégio), da Sé e da Câmara Municipal. A atual Praça da República era um logradouro semi-abandonado — o chamado “Largo dos Curros”; em idênticas condições, apresentava-se o chamado Jardim Botânico, germe do atual Jardim da Luz.

“A pouca distância da cidade — informa SAINT-HILAIRE — existe uma praça espaçosa, denominada do *Corro*, cujo nome, que significa a arena em que se realizam *touradas*, indica o fim a que a mesma se destina. Essa praça é circundada por aléias de cedros, espécies de árvores que vegetam com grande rapidez, produzindo muita sombra; e para dentro dessa arborização é cercada de muros” (22).

(14) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., pág. 176.

(15) FLORENCE (Hércules), obra cit., pág. 6.

(16) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., pág. 175.

(17) FLORENCE (Hércules), obra cit., pág. 6.

(18) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., pág. 175.

(19) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., pág. 175.

(20) D'ALINCOURT (Luís), obra cit., pág. 43.

(21) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., pág. 174.

(22) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., pág. 174.

Segundo o mesmo e já tantas vêzes citado naturalista francês, a cidade ressentia-se da falta de um passeio público e a administração provincial havia compreendido que semelhante melhoramento era “indispensável aos habitantes da cidade, para que êles possam, por vêzes, respirar um ar mais puro do que o de seus mercados e suas ruas, entregar-se a diversões salutaras, e para que não percam completamente o gôsto pelos prazeres puros” (23). Assim nasceu, em 1825, embora planejado desde a segunda metade do século XVIII, o *Jardim Botânico*, que se transformou no atual Jardim da Luz e que mereceu palavras elogiosas de KIDDER, como do próprio presidente da Província, em 1844.

“Seu plano geral é de muito gôsto — informa aquêlê pastor norte-americano —, dispondo de alamêdas curvilíneas arborizadas e um esplêndido lago artificial de água límpida” (24). “Desenhado sôbre um terreno vasto e perfeitamente unido, ornado com deliciosas aléias de árvores frutíferas, cheio de grande quantidade de outras árvores, tanto exóticas quanto indígenas, e de grande variedade de arbustos e de flôres, o Jardim Público oferece aos habitantes de nossa capital um lugar de descanso, onde êles se acostumam a sentir todo o valor das belezas da natureza” — afirmava, em discurso, o presidente Manuel Felizardo de Sousa e Melo (25).

A população e a expansão da cidade

Quantos habitantes viveriam nessa pacata Capital de província, até os meados do século XIX? Não constitui tarefa fácil dar resposta a esta pergunta, porque os únicos dados mais seguros se referem ao ano de 1836, quando o Marechal Daniel Pedro Müller fêz o recenseamento da Província; no mais, só dispomos de estimativas, que muitas vêzes se contradizem.

MAWE, na primeira década do século, calculava entre 15 e 20 000 habitantes a população do município (26). A *Paulópolis*, a “cidade medíocre” a que se refere AIRES DE CASAL, teria 23 760 habitantes, “dos quais metade é gente branca” (27). SPIX e MARTIUS estimaram em 30 000 almas sua população (28). SAINT-HILAIRE afirma que, em

(23) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., págs. 178-179.

(24) KIDDER (Daniel P.), obra cit., pág. 191.

(25) Cf. SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., pág. 179.

(26) MAWE (John), obra cit., pág. 78.

(27) CASAL (Pe. Manuel Aires de), *Corografia Brasílica ou Relação Histórico-Geográfica do Reino do Brasil*, tomo I, pág. 163, Ed. Cultura, São Paulo, 1943.

(28) SPIX (J. B. von) e MARTIUS (C. F. P. von), *Viagem pelo Brasil*, tomo I, pág. 208, tradução brasileira de Lúcia Furquim de Lahmeyer, Imprensa Nacional, Rio, 1938.

1822, teriam a cidade e seu distrito 25 682 habitantes (29). HÉRCULES FLORENCE, visitando São Paulo três anos depois, deu-lhe 12 000 (30), referindo-se, certamente, apenas ao núcleo urbano. Escrevendo em Portugal, no terceiro decênio do século, D. JOSÉ DE URCELLU informava que a população da cidade seria de uns 16 ou 18 000 habitantes (31).

O Marechal MÜLLER, no seu notável recenseamento (32), levado a efeito em 1836, registrou a presença de 4 068 “fogos”, compreendendo um total de 21 933 habitantes, assim discriminados:

ELEMENTOS	HOMENS	MULHERES
Branços..	4 715	5 233
Índios..	205	240
Pardos.....	2 813	3 534
Pretos crioulos...	1 520	1 632
Pretos africanos..	1 209	832

No entanto, cumpre observar, das 10 freguesias que constituíam o térmo da cidade apenas três correspondiam ao *centro urbano*: Sé, Santa Ifigênia e Brás, englobando um total de apenas 9 391 habitantes, o que significa bem menos da metade da população recenseada. A maior parte da gente paulistana espalhava-se pelas demais freguesias, que seriam os *subúrbios* da Paulicéia de então: Guarulhos, Nossa Senhora do Ó, Cotia, Nossa Senhora da Penha, São Bernardo, Juqueri e M'Boi (Embu).

Por conseguinte, não chegaria a 10 000 habitantes a população urbana de São Paulo ao findar a terceira década do século XIX, encontrando-se assim distribuída:

Sé.....	5 668
Santa Ifigênia..	3 064
Brás.....	659

Todavía, o próprio Marechal DANIEL P. MÜLLER, demonstrando a honestidade de seus propósitos, logo de início adverte o leitor “que

(29) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., pág. 170.

(30) FLORENCE (Hércules), obra cit., pág. 6.

(31) URCELLU (D. José de), *Tratado Elementar de Geografia Astronômica, Física, Histórica ou Política, Antiga e Moderna*, tomo III, pág. 345, Tip. Comercial Portuense, Pôrto, 1839.

(32) MÜLLER (Daniel P.), obra cit., págs. 137, 148-151, 169-172 e 185-187.

não convém depositar-se inteira confiança nos dados estatísticos, que servirão de base ao presente ensaio, e que apenas se deverá contar com alguma aproximação à verdade” (33).

Infelizmente não conseguimos dados precisos a respeito do *elemento estrangeiro* que viveria na cidade de São Paulo, na primeira metade do século XIX. O Marechal Müller, em geral tão minucioso, não cogitou dêsse aspecto; apenas, através do relato de alguns viajantes, podemos dispor de vagas informações, que nos servem para indicar ser diminuto o número de europeus, afora os portugueses, na Capital paulista.

JOHN MAWE relata que sua presença “excitou de maneira indescritível a curiosidade do povo, que parecia nunca ter visto ingleses, até então; as próprias crianças demonstravam o seu espanto, algumas fugindo, outras contando os nossos dedos, constatando, admiradas, têrmos o mesmo número que elas”; e informa que muitas pessoas convidaram-no para ir às suas casas, congregando os amigos para que o fôssem ver, e outros ficaram a observar como êle comia e bebia . . . (34). Isto se passou na primeira década do século XIX e, descontado um provável exagêro da parte do narrador ou mesmo um êrro de interpretação daquelas manifestações, o fato parece indicar ser bastante rara a presença de estrangeiros na cidade.

Nos anos que se seguiram, a situação alterou-se bastante, se bem que tudo esteja a indicar haver sido sempre muito escasso o número de alienígenas, fixados na cidade. SAINT-HILAIRE faz referências a estrangeiros ali residentes e êle próprio estêve por algum tempo hospedado na “casa de um suíço chamado Grellet, que vendia mercadorias francesas por conta de uma casa estabelecida no Rio de Janeiro”, homem “bondoso e delicado, que tinha conseguido fazer-se querido dos habitantes de São Paulo” (35). Por sua vez, HÉRCULES FLORENCE, nos quatro dias passados na cidade, só conseguiu entrar em contato com dois estrangeiros: “um francês”, negociante varejista, e outro prussiano, que viera para o Brasil com o Rei D. João VI (36).

Foi sòmente nas vizinhanças da metade do século que o número de estrangeiros começou a avolumar-se: eram franceses, ingleses, alemães, que se dedicavam aos mais variados misteres e abriram, em São Paulo, os primeiros hotéis, as primeiras lojas de artigos de luxo ou de modas, as primeiras serriárias.

(33) MÜLLER (Daniel P.), obra cit., “Advertência”.

(34) MAWE (John), obra cit., pág. 90.

(35) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., págs. 165 e 166.

(36) FLORENCE (Hércules), obra cit., pág. 7.



Palácio do Governo e C. dos Jesuítas



Igreja de S. e Irmã de S. Pedro



Academia no C. do S. Fran.ª e Orde.ª 3.ª

Três aspectos do velho São Paulo. — Alguns dos desenhos que acompanham a planta da cidade, levantada por Rufino Felizardo e Costa em 1810 e copiada em 1841: ao alto, o Pátio do Colégio, berço da cidade; ao centro, a antiga Sé, no largo de seu nome; embaixo, a Academia de Direito e a igreja de São Francisco.

Convém não esquecer que, pouco antes de 1830, registrou-se uma tentativa de *colonização alemã* em Santo Amaro, fadada ao fracasso, como outras do mesmo tipo, em virtude da inexistência de uma política colonizadora bem orientada e da má escolha do elemento colonizador. O Marechal MÜLLER anotou a presença de 157 colonos alemães nessa localidade, que se desmembrara da capital em 1832.

Percebe-se, por tudo isso, que o São Paulo dessa primeira metade do século XIX era uma pequena cidade, cuja *população*

branca se via constituída por uma esmagadora maioria de portugueses ou seus descendentes. No entanto, de acôrdo com o censo do Marechal MÜLLER, tal como nos tempos coloniais, continuavam a predominar os *elementos de côr*: para o total já mencionado de 9 391 habitantes, concentrados na área urbana, nada menos de 5 220 foram recenseados como pardos, pretos e índios, com uma sensível maioria de pretos.

Assim se distribuía a população, segundo a côr, nas três freguesias urbanas (37):

FREGUESIAS	BRANCOS	PARDOS	PRETOS	ÍNDIOS
Sé.....	2 557	1 085	1 935	1
Santa Ifigênia..	1 196	1 067	739	62
Brás.....	328	175	156	—
Totais.....	4 081	2 327	2 830	63

É provável que, no total de pardos, ainda figurasse um elevado número de *mamelucos* ou *caboclos*, resultantes do cruzamento luso-americano, embora não tenhamos dados concretos para comprovar esta assertiva. Também não encontramos elementos para avaliar qual seria, nessa época, a importância da língua tupi no linguajar da população paulistana, a qual teria sido falada, até o começo do século XVIII, na proporção de três para um em relação ao português, sendo que em São Paulo, “onde a catequese mais influíu, o tupi prevaleceu por mais tempo ainda”, de acôrdo com o ensinamento de TEODORO SAMPAIO (38). Entretanto, ao se cogitar da instalação do curso jurídico na cidade de São Paulo, os que combateram a escolha da Capital paulista fizeram referências desabonadoras ao “dialeto de São Paulo”, procurando demonstrar que “a mocidade do Brasil, fazendo aí os seus estudos, contrairia pronúncia mui desagradável” (39), o que nos leva a supor que, pelo menos, a influência cabocla ainda se fazia sentir no linguajar da gente paulistana.

Através do depoimento dos viajantes, pode-se ter uma idéia de algumas *características* dessa população: sua psicologia, seus costumes, sua educação e cultura, sua moral, seus alimentos usuais, as moléstias mais freqüentes — um verdadeiro

(37) MÜLLER (Daniel P.), obra cit., págs. 169-170.

(38) SAMPAIO (Teodoro), *O Tupi na Geografia Nacional*, pág. 3, 3.ª edição, Seção Gráfica da Escola de Aprendiziz Artífices, Bahia, 1928.

(39) Discurso de SILVA LISBOA, na sessão de 28 de agosto de 1823, em *Anais do Parlamento Brasileiro — Assembléa Constituinte* (1823), tomo IV, pág. 178, Tip. H. J. Pinto, Rio, 1879.

“retrato” do paulistano da época, pelo menos de acôrdo com a opinião dêsses observadores sagazes e cultos. Particularmente JOHN MAWE e SAINT-HILAIRE notabilizaram-se pela abundância dos informes, neste particular.

O ser paulista era considerado, principalmente pelas mulheres, uma grande honra, “pois os paulistas são decantados em todo o Brasil pelos seus atrativos e dignidade de caráter”, além de “sua probidade, indústria e afabilidade de maneiras” (40). Eram “trabalhadores, espi-rituosos, robustos, afáveis, generosos e bastantemente polidos”, sendo “dotados de talentos próprios para grandes coisas” (41); os habitantes da cidade, como em geral os de tôda a Província, eram tidos entre os brasileiros por “valentes e rancorosos”, caracterizando-se por serem “hospitaleiros, francos e amigos dos estrangeiros” (42).

Tanto os homens como as mulheres tinham, em suas casas, um lugar predileto: eram as sacadas, de onde podiam “gozar do frescor da manhã e da noite ou assistir à passagem de procissões ou ainda a qualquer ocorrência” que despertasse a atenção (43). Referindo-se às mulheres da Paulicéia, KIDDER timbrou em observar: “Devemos deixar aqui consignado o fato de não terem rivais no Império as paulistanas, quanto à beleza e aos dotes que as exornam, constituindo motivo de orgulho a pureza e a nobreza de sua linhagem” (44).

As senhoras, principalmente quando iam à igreja, vestiam-se de sêda preta, com um longo xale da mesma fazenda; no Inverno, usavam casimira preta ou lã. Nos bailes e outras festas públicas, já apareciam metidas “em elegantes vestidos brancos, com uma profusão de colares de ouro no pescoço, o cabelo graciosamente penteado, prêso com travessas”. Por sua vez, os homens, principalmente os de alta categoria, vestiam-se muito bem (45). Costume generalizado para os dois sexos consistia no uso de capotes de lã, de grandes golas, que encobriam a metade do rosto (46).

O divertimento favorito das mulheres, “extremamente abstêmias à mesa”, era a dança, em que revelavam variedade e graça; sua conversa, sempre animada, parecia “ter qualquer coisa de musical”, embora a educação por elas recebida se limitasse a conhecimentos superficiais; muito pouco se ocupavam com assuntos domésticos, deixados a cargo dos empregados (47) e, quando ricas, passavam o dia entregues ao bordado ou à confecção de flôres, não costumando aparecer às pessoas

(40) MAWE (John), obra cit., págs. 90-91 e 95.

(41) D'ALINCOURT (Luís), obra cit., pág. 35.

(42) FLORENCE (Hércules), obra cit., pág. 6.

(43) KIDDER (Daniel P.), obra cit., pág. 189.

(44) KIDDER (Daniel P.), obra cit., pág. 193.

(45) MAWE (John), obra cit., págs. 90-91.

(46) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., pág. 187.

(47) MAWE (John), obra cit., pág. 91.

estranhas (48). Os homens eram de fino trato, estendendo-se a polidez dos paulistas até às classes inferiores (49); “muito delicados e atenciosos, procurando sempre agradar”, eram loquazes e propensos à jovialidade (50). Notava-se na cidade de São Paulo “mais cultura do que na capital de Minas Gerais”, porque, havia tempo, a civilização fôra “continuadamente mantida pelos europeus” (51).

Quer em São Paulo, quer nos outros lugares visitados por MAWE, não presenciou êle nenhuma leviandade da parte das mulheres brasileiras, ao contrário do que outros haviam afirmado (52). Todavia, SAINT-HILAIRE impressionou-se com o número de prostitutas, que “eram de tôdas as côres”, ficando as calçadas, “por assim dizer, cobertas de fregueses nas esquinas”, embora nunca abordassem ou injuriassem os homens, guardando “uma espécie de pudor exterior”, ao contrário do “cínico despudor que, na mesma época, era tão freqüentemente revelado pelas prostitutas parisienses de baixa classe” (53).

O paulistano dessa época era extremamente sóbrio, bebia muito pouco vinho e contentava-se com mesa simples, embora agradável. Como alimentos preferidos apareciam o feijão com farinha de mandioca, carne de porco, galinha e verduras. Comia-se pouco pão, embora fôsse de boa qualidade, e raramente a manteiga, salvo no café da manhã e no chá da noite. Por ocasião das grandes festas, era costume servir de 30 a 50 pratos diferentes, que se distribuíam em mesas suntuosamente ornamentadas (54).

Essa população, ao tempo em que SAINT-HILAIRE a conheceu, não aparentava gozar de boa saúde; pelo contrário, tinha a pele amarelada, um ar doentio, sofrendo com freqüência de moléstias da pele e apresentando índices de moléstias venéreas (55).

Na pequenez de sua cifra e com as características que acabamos de assinalar, a população da cidade começou a expandir-se para além dos limites do burgo colonial. O primeiro início dessa expansão vamos encontrar no aparecimento do núcleo de *Santa Ifigênia*, mero subúrbio ao tempo de Saint-Hilaire, mas freguesia já bastante povoada por ocasião do recenseamento do Marechal Müller (3 000 habitantes); surgiu numa das saídas da cidade — a que levava a Jundiáí e a Campinas, e fôra favorecida pela topografia do trecho

(48) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., págs. 187 e 186.

(49) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., pág. 186.

(50) MAWE (John), obra cit., pág. 91.

(51) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., pág. 188.

(52) MAWE (John), obra cit., pág. 92.

(53) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., pág. 187.

(54) Cf. FLORENCE (Hércules), obra cit., pág. 6; e MAWE (John), obra cit., pág. 92.

(55) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., pág. 184.

correspondente à margem esquerda do Anhangabaú. No caminho da Penha, com rumo para o Rio de Janeiro, outra freguesia começava a se formar, na terceira década do século: o *Brás*, então com pouco mais de meio milhar de habitantes. Todavia, longe ainda estava a cidade de sentir a força expansora que a viria sacudir na segunda metade do oitocentismo.

A economia urbana e rural

A exemplo do que já vinha acontecendo desde o século XVII, a principal função econômica da cidade era a *função comercial*, que se concentrava particularmente em duas ruas do velho núcleo: a Rua da Quitanda e a Rua das Casinhas (hoje Rua do Tesouro). Seus nomes eram bastante significativos, pois na primeira eram vendidos os legumes, as frutas e as mercadorias de consumo imediato, ao passo que, na segunda, se alinhavam as “vendas em pequenas casas isoladas, fornecendo farinha, toucinho, arroz, milho, carne-sêca”, etc.

“Não há em São Paulo — escreveu SAINT-HILAIRE — rua mais freqüentada do que a das Casinhas. A gente do campo ali vende suas mercadorias aos comerciantes, em cujas mãos os consumidores vão adquiri-las. Durante o dia, nota-se ali acúmulo de negros, de roceiros, de muares, de arrieiros; de noite a cena é outra: os animais de carga e os compradores cedem lugar a verdadeiras nuvens de prostitutas de baixa classe, atraídas pelos *camaradas* (servidores livres) e pelos roceiros, que elas tentam pescar em suas rêdes” (56).

São Paulo era uma espécie de entreposto comercial, que mantinha contato permanente com o pôrto de Santos e com a zona agrícola do interior, onde prosperava a lavoura canavieira e tinha início a expansão do café, no vale do Paraíba. Tais fatores, embora modestos em suas proporções, bastavam para ocasionar uma certa animação à vida comercial da cidade.

Por ocasião do censo do Marechal Müller, o têrmo ou município de São Paulo, com suas 10 freguesias e abrangendo uma vasta área territorial, ocupava posição de destaque dentro da Província (que, então, ainda incluía o atual Paraná), como *centro econômico*. Na verdade, ocupava o primeiro lugar na

(56) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., pág. 181.

produção de chá e de telhas, o segundo em gado cavalariço (apenas suplantado pelo de Castro, no Paraná de hoje), o terceiro em gado mular e na produção de farinha de mandioca, o quinto em gado lanígero e na produção de aguardentes, o sexto na produção de algodão em rama e o oitavo em gado bovino (57).

Com evidente exagero, já havia escrito D'ALINCOURT: "... o terreno fertilíssimo, produz em grande cópia as canas-de-açúcar; é muito próprio, em diversos lugares, para a plantação do trigo; abunda em milho e toda a qualidade de legumes; muitas frutas da Europa, e outras diversas e preciosas produções. O açúcar forma o principal ramo de exportação; e, além de todos os mais gêneros que mencionei tratando do comércio de Santos, não se deve omitir a exportação das bestas muaras para muitas Províncias, o que faz um ramo assaz lucroso; assim como o gado que sai para a Côrte. É a Cidade cercada de quintas ou chácaras, que embelezam os seus subúrbios" (58).

A *cultura do chá* constituía, sem nenhuma dúvida, uma das riquezas do município, merecendo por isso mesmo a atenção de quase todos os viajantes que passaram por São Paulo, na primeira metade do século XIX. Seu núcleo original se localizou à margem esquerda do Anhangabaú, mais precisamente no lugar posteriormente denominado *Morro do Chá*, mais tarde propriedade do Barão de Itapetininga; trata-se da área limitada pelas atuais Ruas Xavier de Toledo e Sete de Abril, Praça da República e Avenida de São João, cuja chácara foi arruada na segunda metade do oitocentismo. O nome do *Viaduto do Chá* recorda essa velha chácara paulistana e, por sua vez, a importante cultura do município.

O iniciador dessa cultura foi o Tenente-General Arouche Rendon, figura de projeção na vida paulistana, em tal época. Outras áreas também foram produtoras de chá, em terras paulistanas, bastando citar a propriedade do Coronel Anastácio de Freitas Trancoso (cujo nome permaneceu no atual Bairro do Anastácio), situada no caminho de Junídiá e que foi visitada por KIDDER (59).

A produção paulistana, em 1836, teria atingido o valor de pouco mais de 100 contos de réis, cifra bastante pequena se accentuarmos que o total da Província foi de quase 4 767 contos

(57) MÜLLER (Daniel P.), obra cit., pág. 125.

(58) D'ALINCOURT (Luís), obra cit., pág. 34.

(59) KIDDER (Daniel P.), obra cit., págs. 207-209

e que nada menos de 14 distritos ultrapassavam o da Capital. Província de suas 27 fazendas, das quais 24 de criação e 3 de café, e de pequenos engenhos de aguardente (60).

Por essa época, Campinas (então, São Carlos) e Moji-Mirim apareciam como sendo os mais ricos distritos da Província, com uma produção de 308 contos, cada. Seguiam-se-lhes, em ordem decrescente: Jacareí, Bananal, Castro, Pindamonhangaba, Itu, Lorena, Curitiba, Bragança, Jundiá, Capivari, Franca e Guaratinguetá, todos com produção superior à do distrito da cidade de São Paulo.

Naturalmente, as *indústrias* paulistanas eram modestíssimas e não se poderia nem sequer imaginar o surto industrial da cidade, obra principalmente do século XX. JOHN MAWE refere-se a uma pequena indústria de fiação de algodão e de lã, manufaturada a mão e de evidente caráter doméstico, como também a uma cerâmica rústica, a que se dedicavam índios "crioulos", nos arredores da cidade (61). Mas, consultando-se a obra de DANIEL MÜLLER, na parte referente às profissões, constata-se a existência de uma ativa *pequena indústria*, indispensável para atender às necessidades da cidade e de sua população; pelo número de profissionais, destacavam-se notadamente: carpintarias, sapatarias, oficinas de ferreiro, alfaiatarias, olarias, ourivesarias, marcenarias, selarias, etc.

No têrmo da cidade, foram os seguintes os *profissionais* recenseados: carpinteiros - 77; sapateiros - 69; ferreiros - 54; alfaiates - 49; oleiros - 38; ourives - 30; marceneiros - 28; seleiros - 13; latoeiros - 7; padeiros - 7; violeiros - 6; entalhadores - 3; tecelões - 3; tanoeiros, serradores, fogueteiros, caldeireiros, chapeleiros e sirigueiros - 2, cada; e relojoeiro - 1.

Ao lado desses, apareciam os que se dedicavam a outras profissões: músicos - 21; pintores - 10; boticários - 7; pedreiros - 7; e barbeiros - 6 (62).

A Academia de Direito e seu papel na vida urbana

Inegavelmente, o acontecimento mais importante para a vida da cidade de São Paulo, em tôda a primeira metade do século XIX, foi a instalação de sua *Academia de Direito*, criada

(60) MÜLLER (Daniel P.), obra cit., págs. 124-129 e 130.

(61) MAWE (John), obra cit., pág. 79.

(62) MÜLLER (Daniel P.), obra cit., pág. 242.



A Academia de Direito e o largo de São Francisco. — Aspecto da igreja e do convento de São Francisco (onde se abrigava a Academia de Direito), ao iniciar-se a década de 1870-80 (Foto do Arquivo do Dep. de Cultura da Municipalidade).

pela lei de 11 de agosto de 1827 e posta a funcionar a partir de março de 1828.

A importância cultural, social e também política dêsse fato já foi devidamente salientada em obras bem conhecidas, cujos autores, se não esgotaram o assunto, pelo menos souberam realçar o papel de alto relêvo representado pelas venerandas Arcadas do Largo de São Francisco na vida política e cultural do Brasil (63).

AURELIANO LEITE considerou a Faculdade de Direito de São Paulo “o maior laboratório de homens públicos do Brasil” (64). E GILBERTO FREYRE, muito recentemente, escreveu estas frases sugestivas:

“Prepararam-se ali bacharéis, magistrados, homens públicos, publicistas, advogados, burocratas, que concorreram poderosamente para aperfeiçoar, num Brasil ainda informe em sua vitalidade mestiça, aquilo que Croce denominava *civilidade*. Brasileiros de origens diversas tornaram-se, numa modesta São Paulo de sobrados baixos e de casas de

(63) Consultem-se, sobre o assunto: NOGUEIRA (Almeida), *Tradições e Reminiscências da Academia de São Paulo*, 9 vols., São Paulo, 1907-12; VAMPRÉ (Spencer), *Memórias da Academia de São Paulo*, 2 vols., Livraria Saraiva, São Paulo, 1924; BRUNO (Ernani Silva), *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, vol. II, Livraria José Olímpio, Rio, 1953.

(64) LEITE (Aureliano), *Retratos a pena*, 2 vols., São Paulo, 1929-31.

rótula — verdadeira Maria Borrallheira ao lado do Rio de Janeiro e do Salvador e rivalizada apenas por Olinda em seu recato de burgo acadêmico —, bacharéis em Direito que durante anos foram mais do que técnicos ou peritos em ciências ou artes jurídicas: agentes de civilidade. Essa civilidade aprendida dentro dos muros de uma acanhada e tristonha São Paulo que, entretanto, cedo — e ainda mais que o Recife, mais intelectualista em seu modo de ser político e mestra de política — começou a ensinar ao brasileiro a ser cidadão em oposição a cortesão. Nunca tendo sido Côrte, nem se esmerado em graças e requintes de sede de govêrno colonial, nacional ou quase nacional, como o Rio ou Salvador no Brasil, ou como a Lima dos vice-reis, na América Espanhola, São Paulo madrugou na paisagem não só brasileira mas sul-americana, como centro de uma civilidade menos urbana porém mais cívica que a irradiada das cidades-Côrtes” (65).

Graças a essa instituição, transformou-se São Paulo na *cidade acadêmica*, de que falam alguns viajantes do século passado. Como que retornou à sua primitiva função escolar, que lhe foi dada pelos padres da Companhia de Jesus, naquele remoto janeiro de 1554. Relegada a um segundo plano por vicissitudes várias, praticamente desaparecida nos derradeiros tempos da fase colonial, essa *função cultural* passou a marcar fundamente a vida paulistana através do século XIX, exercendo sôbre a cidade uma influência tão poderosa, como jamais outro centro urbano brasileiro recebeu, e fazendo com que, por muito tempo, ambas — a cidade e a Academia— fôssem totalmente confundidas, a história de uma sendo quase a história da outra.

Da cidade fechada, voltada sôbre si mesma, resultante de seu próprio isolamento no planalto, veio a tornar-se São Paulo, depois da instalação da Academia de Direito, uma cidade procurada por jovens procedentes de todos os recantos do Brasil.

Basta dizer que, dos 1 776 bacharéis formados entre 1831 e 1875, apenas 20% eram nascidos em terras paulistas, 33% eram do Rio de Janeiro, repartindo-se os 47% restantes pelas outras províncias do Império.

A presença dêsse estabelecimento de ensino superior transformou, desde logo, a fisionomia da Paulicéia, dando uma vida e um alvoroço, que nunca dantes conhecera. E, por isso

(65) FREYRE (Gilberto), Prefácio à obra de Ernani Silva BRUNO, cit., vol I, págs. XIV-XV.

mesmo, apenas como *cidade acadêmica* foi que São Paulo alcançou a segunda metade do século XIX, época de importância capital para sua evolução urbana.

“A presença física de centenas de jovens do sexo masculino teve repercussões mais imediatas na vida da cidade do que as doutrinas professadas pelos seus mestres. A produção literária e política dos estudantes, começando com o *Amigo das Letras*, em 1830, atingiu proporções surpreendentes. A irregular e ruidosa vida de república provocou um rompimento do austero código do sobrado e da família. Os estudantes introduziram novas modas no vestuário. As caçadas, a natação, os “flirts”, as bebidas, as orgias e o hábito de se reunirem para discussão e divertimento levaram a vida para as ruas, ao ar livre, criaram a necessidade de tavernas e de livrarias, e inauguraram o sentimento de comunidade” (66).

A segunda metade do século XIX e os fatores do crescimento da cidade

Representa para São Paulo a segunda metade do século XIX uma época de profundas transformações, através das quais começou a delinear-se a grande cidade de nossos dias. Se até 1870 continuou a ser uma “cidade acadêmica” ou um “burgo de estudantes”, gravitando sua vida em torno da Faculdade de Direito, a partir daquela data a Capital paulista como que rompeu as barreiras que a cingiam à colina histórica, pôs-se a expandir-se de maneira sempre crescente e imprevisível, viu alterar-se seu ritmo de vida, passou a conhecer funções novas, modernizou-se, num caminho rápido e seguro para o espetacular crescimento registrado no século atual.

Bem ao contrário do que se passa com a primeira metade do século XIX, nessa fase da evolução de São Paulo são extraordinariamente abundantes as fontes em que nos podemos basear. Numerosas são as *plantas* da cidade, de enorme interesse para esse estudo (67). Também se pode contar com o testemunho de *viajantes* estrangeiros,

(66) MORSE (Richard M.), *Raízes oitocentistas da Metrópole*, em “Anais do Museu Paulista”, tomo XIV, pág. 462.

(67) Consultem-se, notadamente: *Planta da Cidade de São Paulo*, levantada pelo Eng.º D. RATH, 1875; *Mapa da Capital da Província de São Paulo* (Seus edifícios públicos, hotéis, linhas férreas, igrejas, bondes, passeios, etc.), publicado por FRANCISCO DE ALBUQUERQUE e JULES MARTIN, 1877; *Planta da Cidade de São Paulo*, levantada pela Companhia Cantareira de Esgotos, sendo Eng.º-chefe HENRY B. JOYNER, na escala de 1: 50 000, 1881; *Planta da Cidade de São Paulo*,

notadamente JAMES C. FLETCHER (1855), ROBERTO AVÉ-LALLEMENT (1853), JOÃO J. VON TSCHUDI (1860), AUGUSTO EMÍLIO ZALUAR (1861), FREDERICO HOUSSAY (1862), WILLIAM HADFIELD (1868 e 1870), CHARLES D'URSEL (1874), CARL VON KOSERITZ (1883), ALFONSO LOMONACO (1885-87), ALFRED MARC (1889) e MAX LECLERC (1890). A par disso, cumpre acrescentar: o repositório precioso constituído pelos "*Almanaques*" da época, particularmente os organizados por ANTÔNIO J. BATISTA DE LUNÉ (1873) e FRANCISCO INÁCIO XAVIER DE ASSIS MOURA (1883); os *depoimentos* de "JÚNIUS", TEODORO SAMPAIO, ALFREDO MOREIRA PINTO e DONA MARIA PAES DE BARROS; as contribuições de *historiadores* antigos e modernos, como AZEVEDO MARQUES, JOSÉ JACINTO RIBEIRO, ANTÔNIO EGÍDIO MARTINS, AFONSO A. DE FREITAS, NUTO SANT'ANNA, PAULO CURSINO DE MOURA, AFONSO D'E. TAUNAY, ERNANI SILVA BRUNO e tantos outros; e, finalmente, os ensinamentos e as interpretações dos *geógrafos*, de ÉLISÉE RECLUS a PIERRE MONBEIG.

Dentre os fatores de importância que podem explicar o crescimento da cidade na segunda metade do século XIX, três aparecem intimamente entrelaçados: a expansão cafeeira, a multiplicação das estradas de ferro e o surto da imigração européia.

Os dois primeiros — o *café* e as *vias férreas* — acham-se de tal maneira correlacionados dentro da história econômica de São Paulo, que dificilmente podem ser separados. Todavia, sobre a cidade e sua evolução, exercem, cada um a seu tempo, influências marcantes e perfeitamente definidas.

Embora a inauguração da primeira estrada de ferro paulista se tenha dado em 1868 — a antiga "Estrada de Ferro Inglesa", que uniu a Capital ao porto de Santos —, foi somente a partir de 1872, quando os trilhos atingiram as novas áreas cafeeiras da Província (que se haviam deslocado do vale do Paraíba para a região de Campinas), foi só então que a cidade de São Paulo começou a sentir as benéficas conseqüências desse grande empreendimento.

A expansão da rede ferroviária paulista fez-se sempre paralelamente à expansão do café e os nomes dos grandes fazendeiros do Planalto são os que primeiro aparecem entre os idealizadores e promotores das novas ferrovias.

incluindo a nova zona a conceder-se à Intendência Municipal, sem indicação de autor, na escala de 1:20 000, 1890; *Planta da Cidade de São Paulo*, com indicação do eixo dos encanamentos assentados nas ruas e praças para o serviço de iluminação e gás e dos limites da décima urbana, sem indicação de autor, na escala de 1:10 000, 1896; *Planta Geral da Capital de São Paulo*, organizada sob a direção do Dr. GOMES CARDIM, Intendente de Obras, retificada, na escala de 1:20 000, 1897.

Daí a fundação da *Companhia Paulista* (1868), que uniu Jundiá a Campinas em 1872 e à qual estão ligados os nomes do Barão de Itapetininga, do Barão de Sousa Queirós, do Barão da Limeira, do Barão de Piracicaba, de Martinho Prado, Gavião Peixoto, Clemente Falcão de Sousa Filho; em 1876, seus trilhos alcançaram Rio Claro. Daí, também, a organização da *Companhia Ituana* (1870), que uniu Itu a Jundiá em 1873, da *Companhia Mogiana* (1872), cujos trilhos, partindo de Campinas, atingiram Moji-Mirim em 1875 e Ribeirão Preto em 1883 (68). Uma seqüência impressionante de datas próximas, que coincide com a marcha do café no rumo das terras roxas de Ribeirão Preto (69).

Por isso mesmo, ao findar o século XIX, pôde São Paulo apresentar índices expressivos de um progresso ininterrupto: 3 375km de vias férreas, mais de meio bilhão de cafeeiros e uma população de quase 2 300 000 habitantes, em todo o Estado (70). E a Capital paulista, que apenas contava com 31 000 habitantes em 1872 e ocupava o modesto pôsto de décima cidade brasileira, passou a ter uma população de quase 240 000, no ano de 1900.

Também estreitamente ligada à expansão do café, a *imigração européia*, principalmente italiana, que se intensificou a partir de 1887, veio dar novas fôrças à economia paulista e, sobretudo, contribuir para acentuar a feição cosmopolita que já vinha caracterizando a cidade de São Paulo, desde meados do século.

“No quinquênio de 1885-1889, São Paulo recebia 168 127 imigrantes. Nos cinco anos seguintes (1890-94), as entradas eram de 219 780. De 1895 a 1899, as lavouras absorviam 415 296 trabalhadores estrangeiros. Num período de 15 anos, 903 203 imigrantes traziam novo impulso à riqueza paulista. A cultura cafeeira continuava absorvendo, quase totalmente, os elementos recém-chegados e tomando de assalto a atividade do homem de São Paulo” (71).

(68) Veja-se PINTO (Adolfo Augusto), *História da Viação Pública de São Paulo*, Tip. e Papelaria de Vanorden & Cia., São Paulo, 1903.

(69) Consulte-se MILLIET (Sérgio), *Roteiro do Café*, São Paulo, 1938; e SIMONSEN (Roberto), *Aspectos da História Econômica do Café*, em “Revista do Arquivo Municipal”, vol. LXV, São Paulo, 1940.

(70) Veja-se MATOS (Odilon Nogueira de), *A Evolução Ferrovieira de São Paulo*, em “Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia”, vol. IV, págs. 556-568.

(71) AZEVEDO (Sálvio de Almeida), *Imigração e Colonização no Estado de São Paulo*, em “Revista do Arquivo Municipal”, vol. LXXV, pág. 114, São Paulo, 1941.



A Rua Direita na década de 1860-70. — Tranqüila e provinciana, a mais importante rua do velho Centro aparece no trecho próximo à atual Rua Quintino Bocaiúva, no rumo da Praça da Sé. Em destaque, vê-se um palacete residencial, em cujos baixos alojavam-se lojas varejistas e pequenas oficinas. — (Foto do Arquivo do Dep. de Cultura).

Desde essa época, o elemento estrangeiro, sobretudo o italiano, começou a aparecer nas mais diferentes atividades — no comércio, na indústria, em funções técnicas especializadas, nas artes, no ensino. Na indústria, principalmente, notável foi a influência desse novo elemento da população urbana, cuja presença se fez sentir sobretudo na última década do século, quando teve lugar o primeiro surto industrial da Paulicéia (72).

Em 1901, existiam na cidade de São Paulo 7 962 operários, dos quais 4 999 eram estrangeiros, em sua grande maioria italianos. O mesmo acontecia em todo o Estado, pois, nessa época, o operariado paulista se elevava a um número superior a 50 000 “entre homens, mulheres e crianças, quase em sua totalidade italianos” (73).

(72) PETRONE (Pasquale), *As indústrias paulistanas e os fatores de sua expansão*, em “Boletim Paulista de Geografia”, n.º 14, pág. 29, São Paulo, julho de 1953.

(73) Cf. BANDEIRA JÚNIOR (Antônio Francisco), *A Indústria no Estado de São Paulo em 1901*. Tip. do “Diário Oficial”, São Paulo, 1901.

São Paulo, metrópole do café

Sòmente a partir de 1870-80 conjugaram-se, numa influência única, os fatores que acabamos de referir; por isso mesmo, só depois daquela data, se processou o ininterrupto desenvolvimento da cidade.

AFONSO A. DE FREITAS, ao elaborar sua excelente *Plan'História da Cidade de São Paulo* (1914), limitou-se a representar a evolução urbana apenas ao período 1800-74; agiu acertadamente, porque, até aquela data extrema, praticamente era a mesma a planta da cidade, em todo êsse período do século XIX.

Por sua vez, E. SIMÕES DE PAULA, em estudo publicado em 1936, ao referir-se à Presidência João Teodoro (1872-75), considerou-a uma "segunda fundação de São Paulo", tais foram as transformações por que passou a cidade (74).

Recentemente, ERNANI SILVA BRUNO, ao dividir em períodos seu notável estudo a respeito da história paulistana, fêz estender até 1872 a fase a que denominou de "Burgo de Estudantes" (1828-72) e considerou a fase subsequente (1872-1918) como sendo a da "Metrópole do Café" (75). Dentro da mesma ordem de idéias, PIERRE MONBEIG, ao estudar êsse período, preferiu usar a expressão "A Capital dos Fazendeiros" (76).

Percebe-se, assim, que a década de 1870-80 constitui indubitavelmente um marco na evolução da capital paulista; e que foi o café, direta ou indiretamente, o grande responsável pela impressionante mutação sofrida pela cidade de São Paulo, a partir dessa época.

Nos primeiros vinte anos da segunda metade do século XIX, a principal função da cidade continuava a ser a *função política e cultural*. A êste propósito, expressivo é o depoimento de JAMES FLETCHER, ao escrever: "Senti um mais profundo respeito por São Paulo, do que

(74) PAULA (E. Simões de), *Contribuição monográfica para o estudo da segunda fundação de São Paulo*, São Paulo, 1936.

(75) BRUNO (Ernani Silva), obra cit., vols. II e III.

(76) MONBEIG (Pierre), *La croissance de la ville de São Paulo*, pág. 27, ed. do "Institut et Revue de Géographie Alpine", Grenoble, 1953; e *Aspectos geográficos do crescimento de São Paulo*, em "O Estado de São Paulo", n.º especial de 25 de janeiro de 1954, transcrito no "Boletim Paulista de Geografia", n.º 16, São Paulo, março de 1954.

por qualquer outra cidade sul-americana que tenha visitado”; e esclarece, logo a seguir, que tal sentimento não se originava do tamanho nem do pitoresco da cidade, mas porque notara um ar mais intelectual e menos comercial em seus habitantes, diferente do que vira noutras regiões brasileiras. “Não se ouvia a palavra dinheiro constantemente soando aos ouvidos, como no Rio de Janeiro” e nada menos de 500 estudantes cursavam a Academia de Direito, “cujo aspecto evoca as escolas de direito dinamarquesas, da Universidade de Harvard e dos estudantes de Heidelberg” (77).



A Ladeira do Carmo, ao iniciar-se a década de 1860-70. — Descendo da colina histórica para a várzea do Tamanduacé (atual Parque D. Pedro II), a Ladeira do Carmo prolongava-se através do Aterrado do Brás, no rumo da Penha. — (Foto do Arquivo do Dep. de Cultura).

ZALUAR sentiu bem essa dupla função, quando observou que São Paulo devia ser considerado sob dois pontos de vista diversos: “a capital da província e a faculdade de direito, o burguês e o estudante” (78), chegando a afirmar que a presença da Academia era uma das condições da prosperidade urbana, embora exagerasse ao dizer, com ênfase: “Tirem a academia de São Paulo e êsse grande centro morrerá inárido. Sem lavoura e sem indústria montadas em grande escala, a capital da província, deixando de ser o que é, deixará de existir” (79). Foi mais

(77) KIDDER (Daniel P.) e FLETCHER (James C.), *O Brasil e os Brasileiros*, vol. II, pág. 72, tradução brasileira de Elías Dolianiti, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1941.

(78) ZALUAR (Augusto Emílio), *Peregrinação pela Província de São Paulo* (1860-61), pág. 137, Ed. Cultura, São Paulo, 1943.

(79) ZALUAR (Augusto Emílio), obra cit., pág. 142.

além: prognosticou a mudança da capital para a cidade de Santos, depois que se fizesse a ligação ferroviária entre o planalto e o litoral... (80).

A Faculdade de Direito raramente deixa de aparecer com destaque, no relato dos viajantes da época; não apenas ZALUAR, mas também VON TSCHUDI (81) e VON KOSERITZ (82) dedicaram-lhe páginas muito expressivas.

No entanto, ao visitar a cidade em 1874, o conde CHARLES D'URSEL já teve outra impressão: "Saint-Paul est une ville rendue fort animée par son École de droit et son grand commerce de café" (83). Transformou-se na *capital dos fazendeiros*, de que nos fala PIERRE MONBEIG, uma vez que esta nova classe social tinha novas necessidades e mentalidade nova. Não foi mais possível conservar o costume de passar a maior parte do tempo na fazenda e raramente vir à Capital. Instaurou-se um regime exatamente inverso: "Para tratar dos negócios financeiros e comerciais, para administrar as emprêsas em que aplicavam seus capitais, os chefes do movimento pioneiro eram obrigados a residir mais tempo na cidade, junto das repartições públicas e particulares, em contato com os organismos políticos; as demoras nos domínios rurais começavam a encurtar: a casa rural perdia em austeridade o que ganhava em elegância para estadas confortáveis; mas, ao mesmo tempo, a casa da cidade passava a ser a residência principal, objeto de todos os cuidados, manifestação exterior da riqueza do seu proprietário. A formação de emprêsas capitalistas modernas e as necessidades de sua gestão eram incompatíveis com o gênero de vida tradicional. A ruptura do círculo estreito da velha economia paulista, a evolução social que a acompanhou — tais foram os fatores da urbanização da classe dirigente" (84).

Tal alteração, de tão grandes conseqüências para a vida urbana, vê-se plenamente confirmada pelo testemunho de veneranda senhora, paulistana de nascimento, que bem conheceu essa Paulicéia da segunda

(80) ZALUAR (Augusto Emílio), obra cit., pág. 143. .

(81) TSCHUDI (J. J. von), *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e São Paulo*, págs. 202-203, vol. V da Biblioteca Histórica Paulista, Livraria Martins, São Paulo, 1953, tradução brasileira de Eduardo de Lima Castro.

(82) KOSERITZ (Carl von), *Imagens do Brasil*, págs. 263-267, tradução brasileira de Afonso Arinos de Melo Franco, vol. XIII da Biblioteca Histórica Brasileira, Livraria Martins, São Paulo, 1943.

(83) D'URSEL (Charles), *Sud-Amérique*, pág. 20, Ed. Plon, Paris, 1880.

(84) MONBEIG (Pierre), *Aspectos geográficos do crescimento de São Paulo*, loc. cit.

metade do oitocentismo — Dona MARIA PAES DE BARROS. “A maioria das famílias abastadas de São Paulo — escreve ela — possuía fazendas no interior. Na lavoura, principalmente na de café, tinham adquirido suas fortunas. Era, portanto, hábito quase geral irem os paulistanos, todos os anos, passar alguns meses em suas terras. Fugiam ao áspero e úmido Inverno, procurando novos ares, aproveitando ao mesmo tempo a oportunidade para acompanhar a gerência dos administradores, nesse tempo homens rudes e de pouca cultura, que necessitavam de orientação” (85). Era com alvoroço que os membros da família e os próprios escravos se preparavam para tais viagens, sempre penosas pela falta de conforto dos meios de transporte e pela falta de conservação dos caminhos. E os preparativos constituíam tarefa delicada, pois muita coisa tinha de ser levada: roupas próprias para a vida na roça, certos gêneros alimentícios (açúcar fino, farinha de trigo, manteiga, chá, etc.), uma pequena farmácia (em que não faltavam os medicamentos usuais na época e os clássicos volumes da “Medicina Popular” de Chernoviz), velas de sebo, castiçais de latão, esteiras, chapéus de palha, utensílios domésticos . . . Preparavam-se os cavalos e as bêstas de carga, enchiam-se as canastras de couro ornadas de tachas amarelas e lá se ia, a pequena expedição, rumo ao interior (86).

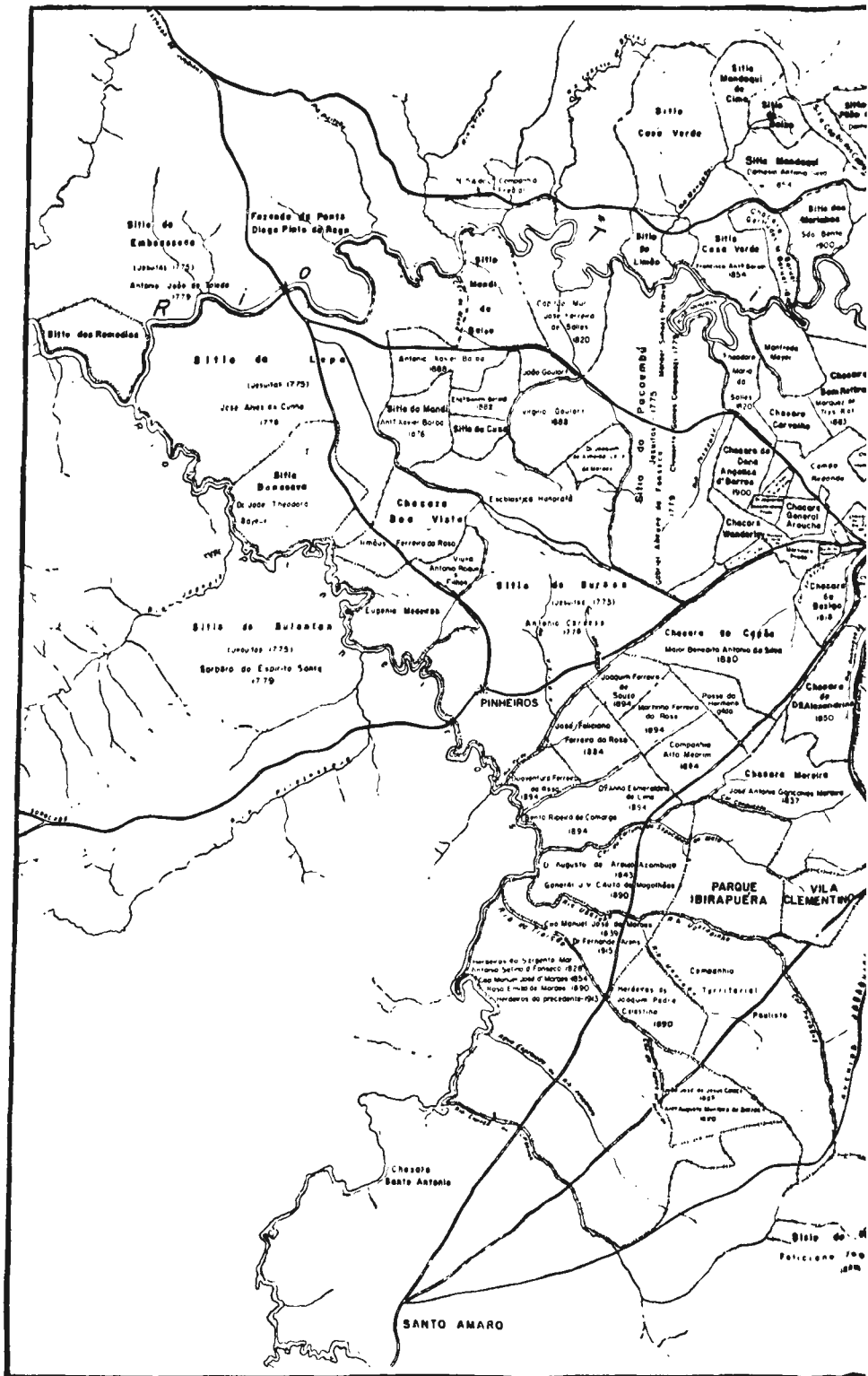
Cada vez mais estimulada pela riqueza que vinha do interior através de um número sempre crescente de sacos de café, fortalecida pela colaboração eficiente do braço imigrante (que contrastava tão fortemente com a indolência e a má vontade do braço escravo) e animada pelo entusiasmo contagiante dessa fase inicial da “era das vias férreas”, transformou-se São Paulo num importante *centro comercial*. Passou a ser o verdadeiro “fulcro” da vida econômica da província, aproveitando-se de sua situação geográfica e da ligação ferroviária com o pôrto de Santos. Através dela escoavam-se as riquezas destinadas à exportação, como por ela passava tudo quanto a importação fornecia para a província.

Compreendendo perfeitamente êste fato, escrevia MACHADO D'OLIVEIRA, ainda em 1862: “Sendo esta cidade o ponto que está em mais contato com a serra de Paranapiacaba, na parte em que através desta corre a estrada que desemboca no litoral de Santos, concentra em si as estradas que vêm do interior da Província em todos os rumos do hemicírculo setentrional, o que aumenta a importância que lhe dá a categoria de capital” (87).

(85) BARROS (Maria Paes de), *No tempo de Dantes*, pág. 55, Editora Brasileira Ltda., São Paulo, 1946.

(86) Cf. BARROS (Maria Paes de), obra cit., págs. 60-63.

(87) OLIVEIRA (Machado d'), *Geografia da Província de São Paulo*, pág. 80, Tip. Imparcial, de J. R. de A. Marques, São Paulo, 1862.



Sítio do Embocadura
Luzulot 1773
Antônio João de Souza 1779

Fazenda da Ponta Diego Pinto da Rosa

Sítio dos Remedios

Sítio do Lapa
Luzulot 1773
José Alves da Cunha 1779

Sítio do Mondicó
Antônio de Bona 1880
Antônio de Bona 1876

Sítio do Mondicó
Antônio de Bona 1880
Antônio de Bona 1876

Sítio do Mondicó
Antônio de Bona 1880
Antônio de Bona 1876

Sítio do Mondicó
Antônio de Bona 1880
Antônio de Bona 1876

Sítio do Bulcão
Luzulot 1773
Barbosa do Espírito Santo 1779

PINHEIROS

Sítio do Burro
João da Silva 1773
Antônio Corrêa 1779

Chocara do Cygna
Maurício de Siqueira 1810

Chocara de São João
1884

Chocara de São João
1884

Chocara de São João
1884

Chocara de São João
1884

Chocara de São João
1884

Chocara de São João
1884

Chocara de São João
1884

Chocara de São João
1884

Chocara de São João
1884

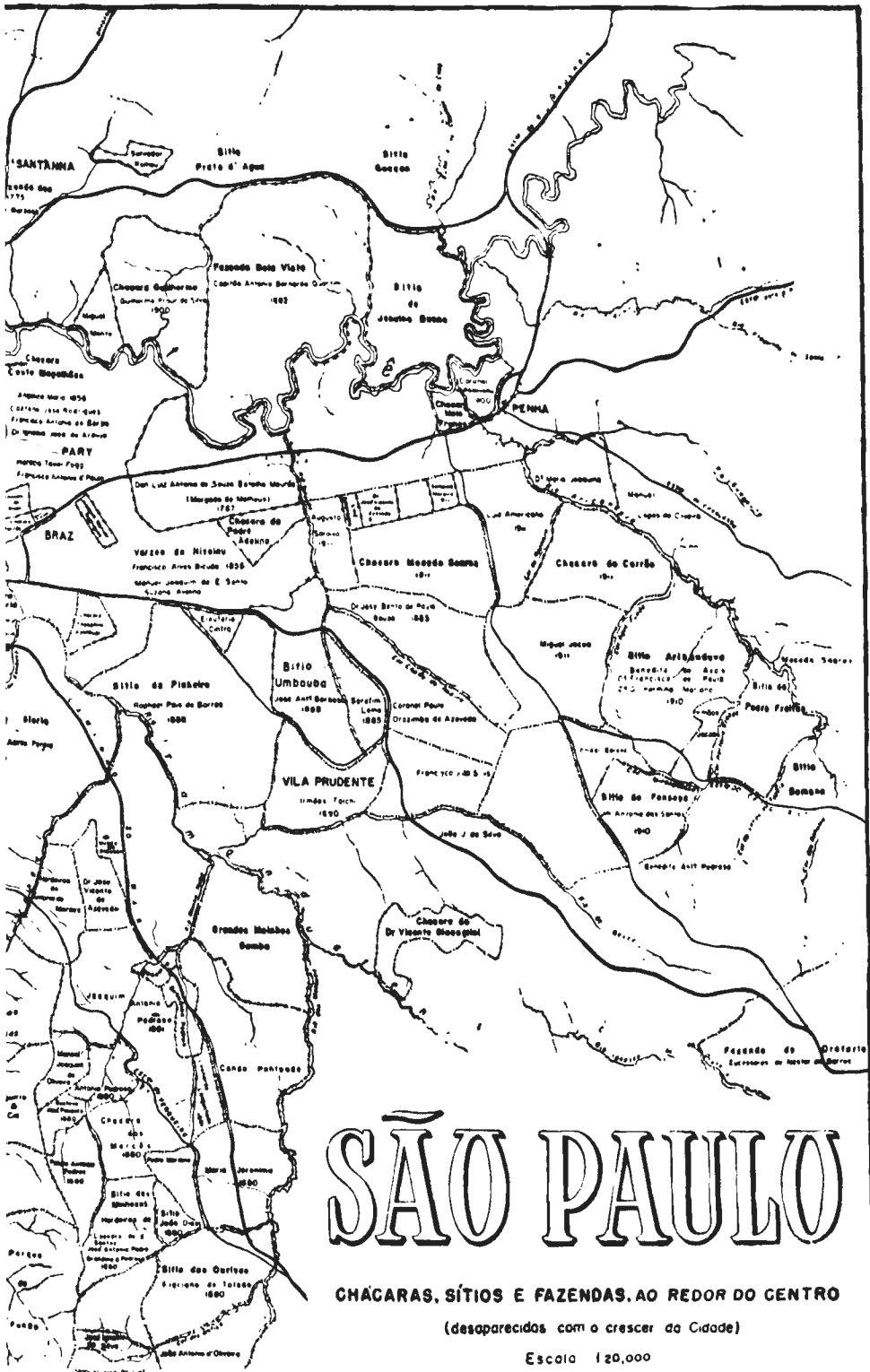
PARQUE IBIRAPUERA

VILA CLEMENTE

Chocara Santo Antonio

SANTO AMARO

Sítio do Espírito Santo
1879



SÃO PAULO

CHACARAS, SÍTIOS E FAZENDAS, AO REDOR DO CENTRO

(desaparecidas com o crescer da Cidade)

Escala 1:20,000



A igreja do Brás e a atual Avenida Rangel Pestana, na década de 1870-80.
— (Foto do Arquivo do Dep. de Cultura da Municipalidade)

A falta de dados estatísticos, o estudo analítico das informações contidas em “Almanaques” da época pode servir para que se tenha uma idéia, incompleta embora, da função econômica da cidade de São Paulo, pois essas publicações não se propunham a registrar a totalidade dos fatos concernentes à vida urbana. Limitar-nos-emos a examinar o “Almanaque da Província de São Paulo” de ASSIS MOURA, referente ao ano de 1883 (88).

Muito numerosos, nessa época, eram as casas de *comércio atacadista* e os *depósitos* de mercadorias, destacando-se, por sua quantidade, os de produtos alimentares e bebidas, num total de 45, e os de vestuário, num total de 24. Cumpre observar que existiam, na cidade, 14 estabelecimentos destinados à venda de “artigos de importação”. No mais, merecem referência: artigos para construção, num total de 15, e um número bastante reduzido de outras especialidades (ferragens, chá e cêra, pianos, farinha de trigo, couros, alfafa, máquinas de costura, sal, carvão-de-pedra, querosene, drogas). Evidente-

(88) MOURA (Francisco Inácio Xavier de Assis), *Almanaque Administrativo, Comercial e Industrial da Província de São Paulo para o ano bissexto de 1884*, Ed. Jorge Seckler & Cia., São Paulo, 1883.

mente, para bem longe ficara o tempo em que êsse comércio por atacado se concentrava ao longo das "Rua das Casinhas" . . .

É a seguinte a especificação das casas de *comércio atacadista e depósitos*, que pode ser obtida no citado Almanaque (89): Molhados - 22; Artigos de importação - 14; Carnes (marchantes) - 12; Madeiras, roupas feitas, calçados, fazendas e armarinho - 8, cada; Vinhos - 6; Ferragens e armarinho - 5; Cal e telhas - 5; Chá e cêra - 4; Pianos, farinha de trigo, couros e alfafa - 3, cada; Cerveja, cal hidráulica e máquinas de costura - 2, cada; Sal, carvão-de-pedra, querosene e drogas - 1, cada.

No que se refere ao *comércio varejista*, os dados não são menos expressivos, pois denotam perfeitamente a vitalidade da função comercial da cidade, ao mesmo tempo que indicam quais eram, na época, as necessidades maiores da população, quando não suas preferências. Nada menos de 547 casas comerciais forneciam gêneros alimentícios e bebidas à gente paulistana; 70 são as lojas de fazendas, modas e armarinhos, que figuram no citado Almanaque; 13 as que vendiam ou alugavam móveis. Simbolizando bem o vulto das transações comerciais, existiam pelo menos 25 casas comissárias. As casas de loterias proliferavam: 18. Numerosas também eram as charutarias: 15. As casas comerciais restantes distribuía-se, em número reduzido, por uma variedade muito grande de especialidades: joalharias e ourivesarias; chapéus, louças, cristais e porcelanas; aparelhos de óptica; papéis pintados, livrarias, instrumentos de música, artigos para viagem, armas e munições, artigos de desenho e engenharia, etc., etc. — tudo, enfim, que uma cidade, digna dêste nome, podia apresentar em seu comércio varejista.

Especificamente, eis o número de casas de *comércio varejista* mencionado no Almanaque de ASSIS MOURA (90): Gêneros do país e molhados - 456; Fazendas, modas e armarinho - 49; Cafés, botequins, hospedarias e restaurantes - 41; Açougues - 44; Casas comissárias - 25; Casas de loterias - 18; Charutarias - 15; Ferragens e armarinhos - 13; Joalharias e ourivesarias - 9; Móveis e colchoarias - 9; Chapelarias - 8; Frutas e molhados finos - 6; Louças, cristais e porcelanas - 5; Armarinhos - 5; Aparelhos de óptica, papéis pintados e livrarias - 4,

(89) MOURA (Francisco I. Xavier de Assis), obra cit., págs. 307-327.

(90) MOURA (F. I. Xavier de Assis), obra cit., págs. 307-327.

cada; Instrumentos de música, armarinhos e brinquedos, artigos de viagem — 3; Armas e munições, mobílias de aluguel, artigos de desenho, artigos de engenharia e móveis de vime — 2, cada; Livros em branco e selos usados — 1, cada.

Comparem-se êsses dados, exatos e significativos, com os que figuram no recenseamento do Marechal Daniel Pedro Müller, recolhidos menos de meio século antes: sente-se, com facilidade, que São Paulo deixara de ser, definitivamente, o burgo tranqüilo de aspecto colonial, para se transformar num centro comercial cheio de vida, onde o dinheiro começava a correr em abundância e uma parcela da população dava-se a requintes e a certos luxos até então desconhecidos. “Sólidas eram as fortunas, baseadas em bens territoriais” — atesta Dona MARIA PAES DE BARROS, com perfeito conhecimento do assunto; e por ser ainda incipiente a indústria paulistana, vinham “da Europa quase tôdas as mercadorias necessárias” (91).

Por essa mesma época, como é de se esperar, já bem se definira a *função bancária*, reflexo de tôda essa prosperidade econômica. A cidade não mais se contentava com o único banco, fundado de pouco por ocasião da primeira visita de SAINT-HILAIRE (92). No Almanaque, que vimos analisando, figuram nada menos de sete estabelecimentos bancários.

Eram os seguintes êsses estabelecimentos de crédito: a filial do *Banco do Brasil*, com o capital de 800 contos de réis; o *Banco de Crédito Real de São Paulo*, com o capital de 5 000 contos; a agência do *Banco Mercantil de Santos*; a agência de *The New London & Brazilian Bank Ltd.*; a agência do *Banco do Minho*; a agência do *Banco Lombardo de Milão*; e a casa bancária de *Teodoro Reichert* (93).

Cumprê acrescentar, finalmente, que constam do referido Almanaque 4 agências de *companhias de seguro* (de vida e contra o fogo), das quais duas norte-americanas, uma nacional e uma alemã (94).

Foi somente na última década do século XIX que se delineou, de maneira nítida, a *função industrial* da capital paulista: ao passo que, em 1889, a cidade não tinha mais do que 32 fábricas, ao iniciar-se o século atual êsse número ele-

(91) BARROS (Maria Paes de), obra cit., pág. 113.

(92) SAINT-HILAIRE (Auguste de), obra cit., pág. 180.

(93) MOURA (F. I. Xavier de Assis), obra cit., págs. 244-246.

(94) MOURA (F. I. Xavier de Assis), obra cit., págs. 254-255.

vava-se para uma centena (95). Escrevendo por essa mesma época, informa RECLUS: "A indústria paulista compreende já tôdas as manufaturas e fábricas que produzem os objetos de consumo e de uso ordinário" (96). Precioso para esta nossa tentativa de geografia urbana retrospectiva, para usarmos a expressão de ROGER DION (97), também é o Almanaque organizado por ASSIS MOURA. Da análise da extensa relação, que ali se encontra, observa-se, desde logo, o predomínio da *pequena indústria*, representada por pequenas fábricas e simples oficinas e "ateliers". As mais numerosas correspondem às referentes ao vestuário e ao mobiliário: 67 fábricas de calçados, 47 alfaiatarias, 32 marcenarias, 20 "ateliers" de costura e modas. Também importantes eram os estabelecimentos produtores de alimentos e bebidas: 38 padarias, 12 refinarias de açúcar, 11 cervejarias e (símbolo da influência, apenas iniciada, da imigração italiana) 6 fábricas de macarrão. Quanto ao mais, merecem uma referência os estabelecimentos produtores de materiais de construção (entre os quais, 37 olarias), as fundições e oficinas mecânicas (25 ferreiros, serralheiros e mecânicos; 17 funileiros) e inúmeros outros, representados por cifras menores (entre os quais queremos destacar: 6 fábricas de carroças, 3 fábricas de carruagens, 6 ferradores). A indústria hoteleira encontra-se representada por 19 hotéis.

Especificadamente e agrupadas por especialidades, assim se distribuíam as *fábricas e oficinas*, de acôrdo com o mencionado Almanaque (98):

a) *Vestuário e mobiliário*: Calçados - 67; Alfaiatarias - 47; Marcenarias - 32; Costuras e modas - 20; Chapéus-de-sol - 6; Tinturarias - 5; Camisarias, consêrto de chapéus e colchoarias - 4, cada; Chapéus - 3; Estofadores e douradores, meias e tamanqueiros - 2, cada; Botineiro, chapéus para senhora, chitas, colêtes para senhora - 1, cada.

b) *Alimentação e bebidas*: Padarias - 38; Refinação de açúcar - 12; Cerveja - 11; Vinhos - 6; Macarrão - 6; Confeitarias - 5; Torrefações de café - 5; Licores - 3; Salsichas - 3; Águas gasosas - 2; Vinagre - 2; Doces nacionais - 1; Gêlo - 1.

(95) PETRONE (Pasquale), obra cit., pág. 29.

(96) RECLUS (Élisée), *Estados Unidos do Brasil*, pág. 327, tradução brasileira de Ramiz Galvão, Ed. H. Garnier, Rio-Paris, 1900.

(97) DION (Roger), *La Géographie Humaine Rétrospective*, em "Cahiers Internationaux de Sociologie", vol. VI, Paris, 1949.

(98) MOURA (F. I. Xavier de Assis), obra cit., págs. 328-344.



A cidade de São Paulo em 1881. — Ao iniciar-se a década de 1880-90, a cidade expandia-se principalmente no rumo de Noroeste, através de Santa Ifigênia, Bom Retiro e Campos Elísios. No caminho da Penha, o bairro do Brás apenas se esboçava.

c) *Materiais de construção*: Olarias — 37; Carpintarias — 6; Aparelhos de água, gás e esgotos — 4; Serrarias e carpintarias — 4; Vidraceiros — 4; Douradores e pintores — 3; Pedra artificial — 2; Pedras e cantaria — 2.

d) *Fundições e oficinas mecânicas*: Ferreiros, serralheiros e mecânicos — 25; Funileiros — 17; Caldeireiros — 3; Fundições — 3; Oficinas mecânicas — 2; Cutedeiro — 1.

e) *Diversos*: Hotéis — 19; Tipografias — 15; Relojoarias — 15; Ourives e joalheiros — 11; Cocheiras — 6; Fábricas de carroças

- 6; Ferradores - 6; Correiros - 5; Fogueteiros - 5; Afinadores de pianos - 4; Curtumes - 4; Fotografias - 4; Tanoarias, livros em branco, horticultura, encadernadores, fábricas de carruagens, fábricas de bilhares - 3, cada; Abridores, casas de banho, gravadores, marmoristas, litografias - 2, cada; Sabão e velas, pianos, pautação de papel, moinho a vapor, louças, gaioleiro, artefatos de fumo, livros em branco, correias para máquinas, cola, amolador de tesouras e navalhas, armador para festividades - 1, cada.

Durante sua estada em São Paulo, VON KOSERITZ teve oportunidade de visitar algumas fábricas, particularmente de alemães: refere-se êle às fábricas de fiação de algodão do Major Diogo Antônio de Barros (considerado o iniciador da indústria têxtil, na Capital paulista, pois seu estabelecimento foi fundado em 1872) e de Kowarick, à oficina tipográfica de Jorge Seckler, à fábrica de carros de Messenberg e à fábrica de chapéus de João Adolfo Schritzmeyer (99).

Sem dúvida alguma, ficaria incompleta esta nossa tentativa de estudo funcional da cidade de São Paulo, no derradeiro quartel do século XIX, se não acrescentássemos alguns dados concernentes às chamadas *profissões liberais*, porque também êles servem para que possamos avaliar a importância da cidade, na época em que a estamos focalizando; e, ainda uma vez, a obra de Assis MOURA vai ser-nos útil. Antes de mais nada, sente-se a influência da Academia de Direito, a par da importância da vida forense: nada menos de 69 advogados aparecem citados no referido Almanaque. Também numerosos eram os guarda-livros, num total de 45, o que parece simbolizar a intensidade e o vulto das atividades mercantis. Denotando, sem dúvida, o aumento das construções urbanas e as reformas em prédios já existentes, encontramos 33 empreiteiros de obras, 10 engenheiros e 4 mestres "arquitetos". Os médicos e cirurgiões são também numerosos: 32, quase iguallados em número aos barbeiros e cabeleiros - 29. Vinham, depois, os professores de música, os farmacêuticos, os solicitadores, etc.

Eis, especificadamente, o número de *profissionais* registrados no citado Almanaque (100): Advogados - 69; Guarda-livros - 45; Empreiteiros de obras - 33; Médicos e cirurgiões - 32; Barbeiros e cabeleiros - 29; Professores de música - 19; Farmacêuticos - 12; Solicitadores - 11; Engenheiros - 10; Pintores e decoradores - 9; Escritórios comerciais - 8; Dentistas - 8; Professores particulares -

(99) KOSERITZ (Carl von), obra cit., págs. 256 e 267.

(100) MOURA (F. I. Xavier de Assis), obra cit., págs. 138-140 e 348-352.

5; Retrataístas a óleo — 4; Mestres de obras — 4; Leiloeiros, agrimensores, calistas e parteiras — 3, cada; Tradutores e intérpretes, veterinários e escultores — 2, cada; Cobrador — 1.

Essa “capital dos fazendeiros”, essa “metrópole do café” chegou ao fim do século XIX com uma população de quase 240 mil habitantes, passando a ocupar o segundo posto entre as maiores cidades brasileiras. E tudo isso se verificou somente nos derradeiros 30 anos daquele século.

Três recenseamentos nacionais e um provincial fornecem-nos elementos para acompanhar o crescimento demográfico da cidade, nesse período. Eis as cifras referentes ao município:

1872..	31 000
1886..	47 697 (101)
1890..	64 934
1900..	239 934

Alguns dos viajantes, que visitaram São Paulo nessa época, apresentam cifras referentes à sua população de valor, certamente, relativo; VON TSCHUDI deu 22 744 para o núcleo urbano e suas freguesias afastadas, calculando para aquêlê um total de 14 a 15 000 habitantes (102); ZALUAR, ao contrário, diz ser de 46 000 (103); FREDERICO HOUSSAY confirma esta cifra (104) — e os três a visitaram no mesmo período, entre 1860 e 1862. Ora, como o recenseamento de 1872 acusou a presença de cêrca de 31 000 habitantes, tudo parece indicar ser exata a primeira das cifras citadas e inexata a mencionada por ZALUAR e HOUSSAY.

Para a última vintena do século, encontramos também alguns dados a êsse propósito: VON KOSERITZ — 35 000 (105); ALFONSO LOMONACO — 50 000 (106); ALFREDO MARC — 60 a 65 000 (107); e MAX LECLERC — 60 000, talvez mais (108) — cifras, sem dúvida, aceitáveis.

Em vinte anos, duplicou a população paulistana, exatamente no período em que se transformou na “metrópole do

(101) COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA, *Relatório*. Tip. King, São Paulo, 1888.

(102) TSCHUDI (J. J. von), obra cit., pág. 208.

(103) ZALUAR (Augusto E.), obra cit., pág. 137.

(104) Cf. TAUNAY (Afonso d'E.), *Velho São Paulo*, vol. II, pág. 25, Ed. Melhoramentos, São Paulo.

(105) KOSERITZ (Carl von), obra cit., pág. 254.

(106) Cf. TAUNAY (Afonso d'E.), obra cit., vol. II, pág. 32.

(107) Cf. TAUNAY (Afonso d'E.), obra cit., vol. II, pág. 33.

(108) LECLERC (Max), *Cartas do Brasil*, pág. 62, tradução brasileira de Sérgio Milliet, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1942.

café" (1870-90). Mas o salto admirável se registrou na última década do século, quando a população quadruplicou, refletindo muito bem o enorme afluxo dos elementos imigrantes, particularmente italianos.

Já em 1882, JÚNIUS (pseudônimo atribuído ao Dr. Paula Ramos Júnior) calculava em 6 000 os italianos moradores na cidade, alguns dos quais ocupavam posição de destaque na vida urbana (109). Escrevendo ao iniciar-se a última década do oitocentismo, observou RECLUS que São Paulo, crescendo de modo quase vertiginoso, "não teve tempo de acomodar-se ao seu futuro destino e a sua população ainda se não pôde fundir em uma sociedade urbana consciente de sua vida comum"; e acrescentou: "Quase metade dos habitantes de São Paulo são italianos, que ainda se sentem estrangeiros neste meio do Novo Mundo" (110). ALFREDO MOREIRA PINTO, ao retornar após muitos anos, surpreendeu-se ao entrar em contato com uma *cidade de italianos* . . . (111).

Como é natural, em virtude de tôdas essas circunstâncias, a população da capital paulista apresentou fortes mutações em suas características, no decorrer da segunda metade do século XIX. Nas duas primeiras décadas, ainda guardava muito das tradições e dos costumes cimentados desde os tempos coloniais; ao passo que, nas décadas seguintes, como que sacudida de seu tradicional torpor, passou a compreender melhor o destino que lhe fôra reservado e a ter consciência de seu papel na vida nacional.

ZALUAR observou que o paulistano era desconfiado ao primeiro contato com estranhos e, às vêzes, pouco sociável; mas, no trato familiar, muito pelo contrário, era ameno e franco, primando por um excesso de requintada amabilidade — o que lhe dava um certo cunho de originalidade, que o distinguia dos demais habitantes do Império, a par da maneira descansada no falar e no sotaque que lhe era peculiar (112).

Por essa mesma época (e até muito mais tarde, também), nas famílias abastadas, era costume mandar os filhos estudar na Europa, quase sempre na França. "Grandes e pequenos, todos no sobrado falavam francês. Também eram nessa língua os livros didáticos, bem como os volumes das duas estantes que se viam na espaçosa sala de estudos" (113). Ao contrário do que hoje costuma acontecer, "a vida

(109) Cf. TAUNAY (Afonso d'E.), obra cit., vol. II, págs. 30-31.

(110) RECLUS (Élisée), obra cit., pág. 327.

(111) PINTO (Alfredo Moreira), *A Cidade de São Paulo em 1900*. Imprensa Nacional, Rio, 1900.

(112) ZALUAR (Augusto E.), obra cit., págs. 138-139.

(113) BARROS (Maria Paes de), obra cit., págs. 17 e 18.

doméstica decorria suave e igual”, “sendo por isso mais intensa portas adentro do que fora” (114). As senhoras trajavam-se com simplicidade, cortando e costurando no lar seus vestidos de chita e só mandando confeccionar por costureiras os vestidos de passeio, em geral de cassa. Em casa, os homens usavam invariavelmente ternos de brim; na rua, calça branca, sobrecasaca preta e chapéu alto. Mesmo nos lares ricos o mobiliário da sala de visitas era bastante sóbrio: um grande sofá de jacarandá, algumas cadeiras enfileiradas, dois pequenos consolos, onde eram colocadas figurinhas chinesas e flôres artificiais. Almoçava-se às nove horas, jantava-se às duas da tarde e tomava-se o chá



O Largo de São Bento, ao final do século XIX. — Aspecto do velho largo paulistano, na confluência das ruas de São Bento (centro da fotografia) e Bôa Vista. O jardim público era, ainda, cercado por grades e os bondes puxados por burros. — (Foto do Arquivo do Dep. de Cultura).

às oito da noite. O jantar era a principal refeição, farta e variada: sopa, cozido, assados, legumes, doces sortidos. Os empregados, geralmente escravos, eram numerosos: 10 ou 12, sem falar nas mucamas, engomadeiras, lavadeiras. Poucas pessoas possuíam seges, sendo raríssimas as “cadeirinhas”. Depois da construção da via férrea, era comum viajar até Santos ou São Vicente, para uma temporada de banhos de mar. — Eis, resumidamente e em seus traços essenciais, as características e a vida de uma família abastada, proprietária de fazendas no interior, na Paulicéia da década de 1860-70, conforme o testemunho de quem muito bem a conheceu (115).

(114) BARROS (Maria Paes de), obra cit., pág. 47.

(115) Cf. BARROS (Maria Paes de), obra cit., págs. 13, 23, 24, 31, 47, 53 e 55.

Entretanto, o paulistano da última década do século XIX, tal como viu e sentiu MAX LECLERC, era geralmente “um homem grande e forte, de largos ombros e traços enérgicos”, que adotara o chapéu de feltro, de abas largas, e usava-o altivamente; tinha uma compreensão muito nítida de seus interesses, era acusado de egoísmo e caracterizava-se por ser prático em tudo, qualidade esta que muito o lisonjeava quando lhe era atribuída; era empreendedor e prudente, a um tempo; acolhia o progresso só após verificar os bons resultados da experiência, confiando mais nos começos modestos; enfim, sob múltiplos aspectos, dava excelentes exemplos aos brasileiros de outras regiões (116).

Dois testemunhos totalmente diversos, simbolizando duas mentalidades e duas épocas diferentes, embora apenas vinte anos mediassem entre os fatos apontados.

A expansão urbana e os novos bairros

Ao iniciar-se a segunda metade do século XIX, a cidade de São Paulo ocupava uma área sensivelmente semelhante à dos tempos coloniais. Consulte-se a pequena “Geografia da Província de São Paulo” de MACHADO D’OLIVEIRA, publicada em 1869 (117), ou a delimitação que figura na obra de AZEVEDO MARQUES, terminada na década seguinte: a colina histórica, que se alteia entre o Tamanduateí e o Anhangabaú, continuava a ser praticamente a verdadeira cidade.

“O que é pròpriamente a cidade — diz AZEVEDO MARQUES — compreende as freguesias da Sé, Santa Ifigênia, Bom Jesus do Brás e Senhora da Consolação” (118). Era hábito “fazer longos passeios de carro pelos subúrbios. Iam ao Brás, à Glória e, principalmente, à Ponte Grande”, seguindo “por estradas poeirentas, por campos desertos e incultos, divisando aqui e ali uma pobre choça, vendo passar um caipira com seu burrico carregado dos mínguados produtos da roça que o homem ia tentar vender na cidade” (119).

A ampliação dessa reduzida área urbana processou-se através do retalhamento das *chácaras* próximas, embora sem obedecer a um plano diretivo.

(116) LECLERC (Max), obra cit., págs. 62-65.

(117) OLIVEIRA (Machado d’), obra cit., págs. 79-80.

(118) MARQUES (Manuel E. de Azevedo), *Apontamentos Históricos, Geográficos, Biográficos, Estatísticos e Noticiosos da Província de São Paulo*, tomo II, pág. 242, vol. I da Biblioteca Histórica Paulista, Livraria Martins, São Paulo, 1952.

(119) BARROS (Maria Paes de), obra cit., pág. 27.

É difícil saber-se com exatidão quando a cidade transpôs o Anhangabaú. A planta de RUFINO JOSÉ FELIZARDO E COSTA, de 1810, já assinala um pequeno núcleo à margem esquerda daquele córrego, na direção do atual bairro de Santa Ifigênia e, também, no rumo da atual Praça da República. Tendo, em 1836, cêrca de 3 000 moradores, aparecia êsse distrito com 4 459 habitantes, de acôrdo com o censo de 1872, o que correspondia a quase um têrço da população dos outros dois distritos — Sé e Brás. Na década de 1870-80, a Chácara do Chá já se achava arruada até às proximidades do atual Largo do Arouche ; é isto, pelo menos, que se depreende da planta elaborada por JULES MARTIN, de 1877, na qual também aparece tôda a Santa Ifigênia de nossos dias, com suas ruas assinaladas com nomes que perduraram até hoje, salvo poucas exceções. Esta era a *cidade nova*, a que se referem alguns viajantes da época.

De maneira bastante feliz, CAIO PRADO JÚNIOR esboçou as diretrizes geográficas da expansão da cidade :

“As linhas pelas quais se fêz esta irradiação, que acompanhou, como era natural, as antigas estradas, fixaram o traçado das grandes artérias de hoje. Desceu para o Tietê, seguindo as elevações que ficam no ângulo formado pelas várzeas dêste rio e do Tamanduateí e riscando o traçado atual das Ruas Brigadeiro Tobias e Florêncio de Abreu. Para o Tamanduateí, atravessando-o e seguindo além, sempre para Leste, foi margeando a estrada que levava às cidades e povoações do vale do Paraíba. Em sentido oposto, a expansão da cidade encontra os obstáculos da topografia acidentada do maciço. Envereda pelos espigões, acompanhando as estradas que procuram os altos, porque aí encontram um terreno melhor e porque, para irem além, têm de galgar o espigão mestre do maciço que fecha a cidade para o Sul. Três são estas estradas principais : a primeira toma o divisor entre o Tamanduateí e o Anhangabaú, e é hoje representada pela *Rua da Liberdade*, que continua pela Rua Vergueiro até à estrada do mesmo nome. A outra, começando no fundo do vale do Anhangabaú, no ponto em que êste recebe seu afluente Saracura, procura o divisor dêstes riachos, e é nos dias que correm a *Rua Santo Amaro*, prolongada pela Avenida Brigadeiro Luís Antônio (cujo setor mais próximo do centro é de origem muito mais recente). Finalmente, a última destas estradas que seguem para o Sul é a que demanda as aldeias e povoações que se formam nas margens dos rios Pinheiros e seus afluentes, bem como a Oeste da Capital ; esta estrada, principalmente no mesmo ponto que a anterior, alcança, por uma ladeira íngreme, o alto do espigão que separa o Anhangabaú do Pacaembu, seguindo por êle. Êste caminho é hoje reproduzido pela *Rua da Consolação*.

Ficou assim delineada a cidade e balizado o seu crescimento. Este foi, inicialmente de preferência e quase exclusivamente, no interior do maciço principal da cidade. As planícies que o cercam, salvo ao longo das estradas que as atravessam para Leste e para Norte, ficaram desertas; terreno ingrato, varzeoso, pouco saudável, ninguém o queria. É um fator recente que lhes deu vida e impulsionou para elas o crescimento da cidade. São as estradas de ferro. Estas não acompanham as antigas vias de comunicação, situadas em regra nos altos; instalam-se naquelas baixadas, onde encontram um terreno mais igual e fácil, cosendo-se embora, para ficarem próximas, às rampas que limitam o maciço onde estava concentrada a cidade" (120).

Dentro dêsse esquema de irradiação do povoamento, podemos enquadrar a expansão urbana, realizada principalmente a partir de 1880, através do loteamento de chácaras e sítios das redondezas da cidade (121).

Eram numerosas essas *chácaras*, que o mapa elaborado por AFONSO DE FREITAS (122) registra com detalhes: para o Norte, as chácaras do Bom Retiro, de Miguel Carlos e do Campo Redondo; para Oeste, a do Marechal Arouche, do Senador Queiroz, de Martinho Prado e a do Bexiga; para o Sul, a do Barão de Limeira, de Dona Ana Machado, do Fagundes, do Cônego Fidélis, da Glória, do Menezes e a do Lavapés; para Leste, a do Ferrão e da Figueira.

Para além dos limites dessas chácaras, existiam alguns *sítios* mais extensos: o Tapanhoim, o Caaguaçu, a Casa Verde, o Ipiranga, a Freguesia do Ó; e, mais distante ainda, a Freguesia da Penha, que contava com mais de 1 000 moradores, em 1836.

Assim, de forma irregular e não planejada, foi aos poucos crescendo a área da cidade de São Paulo, ao mesmo tempo que novos bairros se integravam na vida urbana.

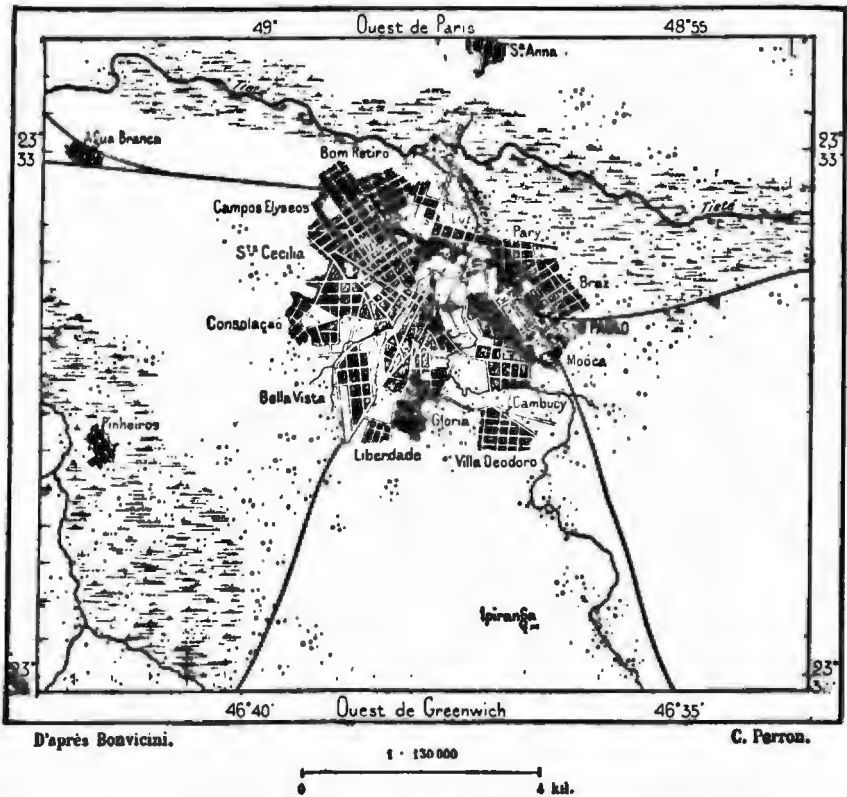
Os exemplos são numerosos. A Chácara das Palmeiras, que ainda em 1872 tinha casa-grande, senzalas, armazéns, cocheiras, plantações de chá e grandes capinzais, veio a transformar-se no bairro de *Santa Cecília*, onde logo se abriram, entre outras, as atuais Ruas Martim Francisco, Imaculada Con-

(120) PRADO JÚNIOR (Caio), *Nova contribuição para o estudo geográfico da Cidade de São Paulo*, págs. 208-209, em "Estudos Brasileiros", ano III, vol. 7, ns. 19-20-21, Rio, 1941.

(121) BRUNO (Ernani Silva), obra cit., vol. III, pág. 1 025.

(122) FREITAS (Afonso A. de), *Plan'História da Cidade de São Paulo (1800-1874)*, São Paulo, 1914

ceição, Barão de Tatuí, São Vicente de Paulo, Alamêda Barros, e boa parte da Avenida Angélica, cuja denominação recorda exatamente a antiga proprietária da chácara — Dona Angélica de Sousa Queiroz Barros. A antiga Chácara do Campo Redondo passou a ser o bairro dos *Campos Elísios*. A Chácara do Marechal Arouche, que se estendia da Rua Alegre (atual Rua Sebastião Pereira) até ao beco do Mata Fome (atual Rua Araújo) e que pertenceu posteriormente a Rêgo Freitas, foi loteada a partir de 1894, passando a substituí-la a atual *Vila Buarque*. A Chácara de Luís Antônio de Sousa Barros foi loteada também, nela se abrindo a antiga Rua de São João, o Largo de Paissandu, a Rua do Seminário e a Praça do Correio. A Chácara do Brigadeiro Tobias corresponde ao trecho onde



A cidade de São Paulo, ao iniciar-se a década de 1890-1900. — Mapa reproduzido do vol. XIX da "Nouvelle Géographie Universelle", de É. Reclus (1894). Santana, Água Branca, Pinheiros e Ipiranga aparecem bastante isolados do núcleo principal da Capital paulista.

hoje se encontram o Largo de Santa Ifigênia, a Avenida Cásper Líbero e a Rua Brigadeiro Tobias. A antiga Chácara do Carvalho, que pertencera ao Barão de Iguape e que chegava até à várzea do Tietê, contribuiu para a formação de parte dos bairros da *Barra Funda* e do *Bom Retiro*. A Chácara do Conselheiro Antônio Prado veio a transformar-se nas atuais Praça Marechal Deodoro, Alamêda Eduardo Prado e Ruas Brigadeiro Galvão, Barra Funda e Vitorino Carmilo. Na antiga Chácara de Dona Ana Machado, abriram-se as Ruas Sinimbu, Santa Luzia, Tomás de Lima e Conselheiro Furtado. Das chácaras do Fagundes e do Cônego Fidélis resultou o atual bairro da *Liberdade*. Na antiga Chácara do Barão de Limeira, abriu-se a Avenida Brigadeiro Luís Antônio, a fim de encurtar o caminho para Santo Amaro. Os campos do Bexiga transformaram-se no bairro da *Bela Vista*, ainda hoje conhecida por aquêlê nome, na linguagem do povo. Não tardou, por tudo isso, que os novos arruamentos atingissem o Espigão Central da cidade, onde, em fins do século, se abriu a *Avenida Paulista*, em terrenos que constituíam, outrora, as Chácaras Paím e Pamplona e o Sítio do Caaguaçu.

Dentro dessa linha de evolução, São Paulo desenvolveu-se com uma rapidez extraordinária, que as demais cidades do país, salvo o Rio de Janeiro, não conheceram, naquele fim de século; e nada havia de fictício nessa febre de crescimento, conforme bem observou LECLERC (123).

Enquanto se conservou enclausurado na colina histórica, São Paulo não conhecia as diferenças funcionais de um ponto a outro da cidade, a não ser as chácaras periféricas. As residências dos homens abastados e da classe média localizavam-se no próprio Triângulo, de mistura com as casas de comércio e as pequenas oficinas. Sobretudo a partir da década de 1880-90, porém, iniciou-se a diversificação de funções e o aparecimento, ao lado do velho centro, de bairros operários e de bairros residenciais finos (124).

Os primeiros *bairros operários* localizaram-se nas terras baixas vizinhas ao Tamanduateí, ao pé da colina central, instalando-se próximo às estações ferroviárias e ao longo das

(123) LECLERC (Max), obra cit., pág. 65.

(124) Cf. PRADO JÚNIOR (Caio), obra cit., pág. 210.

vias férreas (a “Inglêsa”; a “São Paulo-Rio de Janeiro”, hoje “Central do Brasil”, em ligação com Moji das Cruzes desde 1875 e que havia atingido Cachoeira Paulista, no vale do Paraíba, em 1877; e a “Sorocabana”). Foi assim que, a pouco e pouco, se desenvolveram os bairros do Brás, da Luz e do Bom Retiro.

Ao tempo do censo do Marechal Müller, o Brás era um modesto aglomerado de umas 700 almas, que se congregavam em tórno da capela do Senhor Bom Jesus, no caminho para o Rio de Janeiro. ZALUAR encontrou nêle apenas “elegantes casas de campo e deliciosas chácaras”, ao lado de alguns casebres e ranchos de tropeiros (125). Na “Plan’História” de AFONSO DE FREITAS, ali figuram a Chácara do Ferrão e um pouso de tropeiros. Em 1872, contava já com 2 300 moradores. Todavia, a partir da década de 1880-90, quando os trilhos da “São Paulo-Rio” haviam chegado ao vale do Paraíba, o seu crescimento passa a ser constante. Lotearam-se as Chácaras do Ferrão e da Figueira, pavimentaram-se suas novas ruas, até lá chegou o benefício da iluminação pública. No comêço dessa década, VON KOSERITZ ficou desapontado com o que ali viu: as chácaras de um alemão e de um francês (êste último fornecedor de flôres para a cidade) e uma cervejaria, na qual os alemães costumavam reunir-se aos domingos (126). Mas o censo provincial de 1886 já lhe deu 6 000 habitantes, havendo quase triplicado sua população em apenas 14 anos. Para lá começaram a afluír os italianos recém-chegados, como também para o Bom Retiro, e ali se instalaram muitas fábricas, atraídas pelo baixo preço dos terrenos e pela facilidade da mão-de-obra. Por isso mesmo, o Brás chegou a ser o mais populoso distrito da Capital paulista.

Já os primeiros *bairros residenciais finos* se instalaram nos topos aplainados das colinas situadas para além do Anhangabaú, no rumo geral de Oeste, onde foram abertas ruas largas e construíram-se elegantes palacetes, sobretudo nos Campos Elísios, durante muitos anos o local preferido para residência da nova aristocracia do café.

Foi sòmente na década de 1880-90 que se completou o arruamento dos *Campos Elísios*; visitando-o em 1883, VON KOSERITZ não compreendeu por que deram um tão bonito nome “a um campo sem importância”, como aquêle . . . (127). Esqueceu-se êle, certamente, da poderosa influência exercida pela França e, em particular, pela cidade de Paris na mentalidade e nos costumes da gente paulistana, na época; e não soube prever o futuro desenvolvimento dêsse bairro. Logo ali

(125) ZALUAR (Augusto E.), obra cit., pág. 136.

(126) KOSERITZ (Carl von), obra cit., pág. 261.

(127) KOSERITZ (Carl von), obra cit., pág. 261.

se instalaram ricos fazendeiros de café, fazendo construir belíssimos e até luxuosos palacetes, no meio de grandes jardins, alguns dos quais ainda hoje lá se encontram, testemunhando, na tristeza de seu semi-abandono, dias de riqueza e de glória, de um passado que não tem 80 anos. Sòmente nos primeiros anos do século atual foi que êsse bairro perdeu sua privilegiada posição, deixando de ser o mais elegante trecho da cidade.

Com efeito, substituiu-o nessa posição o bairro de *Higienópolis*, instalado em continuação à Vila Buarque e a Santa Cecília, sem demora caracterizado por suas luxuosas “mansões” de tipo francês ou inglês, centro da aristocracia paulistana até 1925, pelo menos.

Em ritmo menos acelerado e com mais modestas pretensões, outros *bairros residenciais* também apareceram, nesse fim de século, seguindo quase sempre as vias de comunicação que punham São Paulo em contato com o litoral ou o interior. Na direção de Pinheiros, rumo a São Roque e Sorocaba, surgiu o bairro da Consolação (cujá semente pequenina já D’Alincourt assinalara) e foi entrosar-se na Avenida Paulista. No rumo do Sul, na direção de Santo Amaro, surgiram os bairros da Liberdade e de Vila Mariana, esta última sòbre o espigão divisor da bacia Tietê-Pinheiros. No caminho do Ipiranga, em direção ao litoral santista, apareceram o Cambucí e a Vila Deodoro.

“Em alguns pontos, a zona urbana avançou num raio de 2,5km em relação ao centro, o que é espantoso se lembrarmos que permanecera 300 anos enclausurada num modesto âmbito que não tinha mais de um quilômetro de raio. Santana, Perdizes, Pinheiros, Ipiranga, Penha — constituíam arrabaldes afastados, os verdadeiros subúrbios da Capital paulista, nessa última década do século passado” (128).

A fisionomia da cidade na segunda metade do século XIX

Nos primeiros vinte anos da segunda metade do oitocentismo, a cidade de São Paulo conservava aquêlê aspecto provinciano e tristonho, que de longa data a vinha caracterizando; apenas os estudantes de Direito conseguiam sacudi-la dessa seriedade e dessa tristeza. A fisionomia urbana não se alterara.

(128) AZEVEDO (Aroldo de), *Subúrbios Orientais de São Paulo*, págs. 22-23, São Paulo Editora Ltda., São Paulo, 1945.

“A cidade conservava hábitos um tanto feudais e aparência medieval. Nas ruas tristes, com passeios tão estreitos que apenas davam para duas pessoas lado a lado, não se viam senão casas baixas e pequenas, habitadas por profissionais de vários ofícios: sapateiros, latoeiros, caldeireiros” e “aqui e ali, um vasto casarão, grave e soturno, residência de família mais abastada, com suas janelas de rótulas, sempre cerradas” (129).

ZALUAR considerou-a monótona, taciturna e reservada (130); e tudo, nela, parecia “monacalmente velho”, conforme a observação de AVÉ-LALLEMENT, que também escreveu: “Algumas ruas, um ou outro bairro bonito e às vezes até magnífico; em alguns lugares, fileiras de casas assobradadas e, além disso, bom empedramento com calçadas, mas em geral ruas estreitas e a cidade absolutamente irregular” (131).

No entanto, a partir da década de 1870-80 registrou-se uma grande transformação nessa carrancuda Paulicéia. Foi quando teve lugar “a segunda fundação da cidade”, conforme a frase feliz de SIMÕES DE PAULA.

“Só em 1870 começa a capital a progredir de modo apreciável; e êsse progresso acentua-se na Presidência do Dr. João Teodoro Xavier (1872-75). Instalam-se fábricas, fazem-se prédios bons, abrem-se ruas novas, melhoram-se edifícios públicos, em geral os logradouros da cidade são cuidados; criam-se novos pontos de repouso e embelezamento. Uma febre de progresso rápido, constante e seguro, apodera-se dos paulistas. Êles querem que a sua Capital seja uma cidade procurada por todos, nacionais e estrangeiros, que se torne um centro, um grande empório de comércio, indústria e arte.” (132)

Com efeito, coube ao Presidente João Teodoro — que foi, no dizer de PAULO CURSINO DE MOURA, “o primeiro que realmente se interessou pelos problemas de urbanismo” (133) — a iniciativa e a realização de importantes melhoramentos públicos, que acabaram por dar à cidade uma feição mais moderna e mais de acôrdo com os grandes progressos que se registravam na Província. Fêz o saneamento da várzea do Carmo (que as

(129) BARROS (Marta Paes de), obra cit., pág. 12.

(130) ZALUAR (Augusto E.), obra cit., pág. 137.

(131) AVÉ-LALLEMENT (Roberto), *Viagem pelo Sul do Brasil no ano de 1858*, vol. II, pág. 336, tradução brasileira de Teodoro Cabral, ed. Instituto Nacional do Livro, Rio, 1953.

(132) EGAS (Eugênio), *Os Municípios Paulistas*, vol. I, pág. 469, São Paulo, 1923.

(133) MOURA (Paulo Cursino de), *São Paulo de Outrora*, pág. 236, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1932.

águas do Tamanduateí inundavam anualmente) e abriu ruas novas, a fim de realizar a ligação entre os bairros nascentes.

Dêsse tempo são as atuais Ruas: *João Teodoro*, que une o bairro da Luz ao Brás; *Glicério*, que contorna a colina central, no rumo do litoral; *Helvetia*, que pôs os Campos Elísios em contato com a Luz e o Bom Retiro; *Frederico Alvarenga* (antiga do Hospício), para uma ligação mais fácil com a nascente Mooca.

As ruas paulistanas foram postas em melhor alinhamento, arborizadas, calçadas, iluminadas. VON KOSERITZ, em 1883, sentiu perfeitamente a diferença entre o velho núcleo e a parte nova: "Na parte antiga, as ruas são estreitas, tortuosas, ligadas em tôdas as direções e interrompidas por uma quantidade de praças pequenas e irregulares, como, por exemplo, as da Sé, e Sete de Setembro, a Praça Municipal, o Largo do Rosário e mesmo o Largo de São Bento", ao passo que "a parte nova, que se estende para o Sul e para o Norte aquém do Inhangabaí, é regularmente construída, possui quarteirões bem desenhados, ruas largas e tem aspecto moderno" (134). Observou, ainda, que a cidade era calçada em quase tôda sua extensão, embora o paralelepípedo só fôsse utilizado nas ruas principais, sendo as outras pavimentadas com pedras irregulares. Anos mais tarde, LOMONACO constatava que, ao lado de ruas bem calçadas, outras havia cobertas de capim ou de simples terra, tornando-se impraticáveis ao tempo das chuvas (135).

JÚNIUS pôde sentir muito bem a transformação da Paulicéia, quando a visitou em 1882, após trinta anos de ausência. Sua impressão foi a mais agradável possível: as ruas semi-desertas e quase sem veículos haviam-se transformado em vias servidas por linhas de bondes, ao lado dos quais se movimentavam carros públicos e particulares; e chegou a incomodar-se com o incessante rodar de carros e carroças, durante certas horas do dia (136).

Com efeito, a partir de 1872, passou a contar a cidade com um *serviço de bondes* a tração animal. A primeira linha estabeleceu a ligação entre o centro e a Estação da Luz. Em 1877, inaugurou-se a linha do Brás, com ponto terminal na

(134) KOSERITZ (Carl von), obra cit., pág. 254.

(135) Cf. TAUNAY (Afonso d'E.), obra cit., vol. II, pág. 33.

(136) Cf. TAUNAY (Afonso d'E.), obra cit., vol. II, pág. 28.

Estação do Norte, de onde partiam os trens para o vale do Paraíba e o Rio de Janeiro. A seguir, novas linhas foram criadas, unindo o centro à Mooca, aos Campos Elísios, a Santa Cecília, à Consolação e à Liberdade. A dêste bairro fazia ponto final na Rua São Joaquim, onde se localizava a estação da “Companhia Carris de Ferro”, cuja linha pôs a cidade em comunicação com Santo Amaro, a partir de 1883.

Outras obras de vulto — pontes, aterramentos, saneamentos, serviço de águas e esgotos, iluminação a gás e depois elétrica, o Viaduto do Chá — contribuíram para tornar São Paulo uma cidade de aspecto moderno.

VON KOSERITZ refere-se a três pontes de pedra, no estilo português, mais ou menos boas e que, embora sólidas, nada tinham de bonitas. Mas, sôbre o Tietê, já notou a Ponte Grande, que lhe causou melhor impressão (137) e que serviu de atrativo para a instalação de clubes náuticos, ainda em fins do século passado.

Na década de 1860-70, a cidade não dispunha de água encanada e a população abastecia-se em fontes públicas, como as da Rua Formosa (onde, ao pé de três coqueiros, se aglomeravam os pretos a encher seus potes e barris), a do Miguel Carlos (na atual Rua Florêncio de Abreu) e a do Moringuinho (138). O engenheiro inglês William Elliot, contratado pelo governo provincial, vinha infrutiferamente estudando o problema (139).

Para a cidade, muito grande foi a influência exercida pelo *Viaduto do Chá*, construído por sôbre o vale do Anhangabaú. Projetado desde 1879, sòmente em 1892 foi entregue ao público, com sua armação metálica e seu chão de tábuas, após prolongada demanda para a desapropriação do velho sobrado do Barão de Tatuí, que lhe barrava a entrada no lado da atual Praça do Patriarca. Após sua inauguração, prosseguiu com maior intensidade o crescimento da área urbana no rumo de Oeste, libertando-se definitivamente dos estreitos limites da colina central.

Como era de se esperar, não tardou a se fazer sentir a influência italiana na arquitetura dos prédios paulistanos, tanto em novos edifícios públicos (feitos dentro do estilo neoclássico italiano), como nas residências particulares, notadamente nos bairros dos Campos Elísios, Higienópolis, Vila Buarque e Consolação (140).

(137) KOSERITZ (Carl von), obra cit., pág. 258.

(138) Cf. BARROS (María Paes de), obra cit., pág. 28.

(139) Cf. TSCHUDI (J. J. von), obra cit., pág. 206.

(140) Sôbre o assunto, consulte-se: DEBENEDETTI (E.) e SALMONI (A.), *Architettura Italiana a San Paolo*, ed. do Instituto Cultural Italo-Brasileiro, São Paulo, 1953.

“Entre os moradores novos da cidade contaram-se numerosos fazendeiros abastados, que puderam, com a colaboração de arquitetos e empreiteiros italianos e de outras nacionalidades — muitos radicados em São Paulo com as primeiras levas de imigrantes — edificar palacetes, vilinos e chalés, cujas linhas estabeleceram vivo contraste com as da velha casa acaçapada de tradição portuguesa” (141).

Em menos de trinta anos, nessa segunda metade do século XIX, a Paulicéia tristonha e de aspecto colonial, o “burgo de estudantes”, passou a ser “a capital dos fazendeiros”, a “metrópole do café”, “une des plus belles villes du Brésil” (142), a segunda cidade do país, o maior centro populoso de todo o vasto Planalto Brasileiro. E, por entre perspectivas tão animadoras, plenamente cônica de seu grande destino, viu a cidade de São Paulo iniciar-se o século XX.

BIBLIOGRAFIA

I. Estudos especiais:

- AGUIRRA (João B. C.) — *Tombamento de 1817*, em “Revista do Arquivo Municipal”, vol. 10, São Paulo, 1935.
- ALMEIDA JÚNIOR (João Mendes de) — *Monografia do Município da Cidade de São Paulo*, Tip. Jorge Seckler, São Paulo, 1882.
- AMARAL (Edmundo) — *Rótulas e mantilhas - Evocações do passado paulista*, Livraria Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1932.
- ARAÚJO (José de Souza Azevedo Pizarro e) — *Memórias históricas do Rio de Janeiro*, vol. VIII, 1.ª parte, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1948.
- ARNOLD (Samuel Greene) — *Viaje por América del Sur (1847-1848)*, tradução de Clara de la Rosa, Emecê, Buenos Aires, 1951.
- AVÉ-LALLEMENT (Roberto) — *Viagem pelo sul do Brasil*, dois volumes, Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1953.
- AZVEDO (Vicente de Paulo Vicente de) — *São Paulo na época da Independência*, em “Revista do Arquivo Municipal”, vol. 7, São Paulo, 1934.
- BARRETO (Paulo Thedin) — *Ligeiras notas sobre a arquitetura colonial de São Paulo*, em “O Estado de São Paulo”, 25-1-1954.
- BARROS (Maria Paes de) — *No tempo de dantes*, Editôra Brasiliense, São Paulo, 1946.
- BUENO (Francisco de Assis Vieira) — *A cidade de São Paulo - Recordações evocadas de memória*, em “Revista do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas”, ano II, números 1-2-3, Campinas, 1903.
- CANNABRAVA (Alice P.) — *Chácaras paulistanas*, em “Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros”, vol. IV, São Paulo, 1950.
- CARVALHO (Affonso José de) — *São Paulo antigo (1882-1886)*, em “Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo”, XLI, 1942.
- CASAL (Manuel Aires do) — *Corografia Brasileira ou Relação histórico-geográfica do Reino do Brasil*

(141) BRUNO (Ernani Silva), obra cit., vol. III, pág. 918.

(142) LEVASSEUR (E.), *Le Brésil*, pág. 42, ed. H. Lamirault & Cia., Paris, 1889.

- (1817), dois vols. Edição fac-similar do Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro, 1945.
- CODMAN (John) — *Ten months in Brazil*, Grant & Son, Edimburgo, 1870.
- COELHO (Salvador José Correia) — *Passeio à minha terra*, Tip. da Lei, São Paulo, 1860.
- COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA — *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo*, Tip. King, São Paulo, 1888.
- CANSTATT (Oscar) — *O Brasil, a terra e a gente*, tradução de Eduardo de Lima Castro, Pongetti, Rio de Janeiro, 1954.
- D'ALINCOURT (Luís) — *Memória sobre a viagem do porto de Santos à cidade de Cuiabá*, Martins, São Paulo, 1953.
- D'ASSIER (Adolphe) — *Le Brésil contemporain*, Durant et Lauriel, Paris, 1867.
- DENIS (Ferdinand) — *O Brasil*, dois vols., Livraria Garnier, Rio de Janeiro, s. d. Reed. Livraria Progresso Editôra, Salvador, 1955.
- DIOESTO ECONÔMICO — *São Paulo de 1870 e o início das indústrias de tecidos de algodão*, ano I, n.º 4, São Paulo, março de 1945.
- EDCUMBE (Edward) — *A holiday in Brazil and on the River Plate*, Chatte & Windus, Londres, 1887.
- FERREIRA (Tito Lívio) — *São Paulo de 1830*, em "A Gazeta", 25 de janeiro, 1954.
- FLORENCE (Hércules) — *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas*, 1825-1829, tradução do Visconde de Taunay, Melhoramentos, São Paulo, 1942.
- FREITAS (Affonso A. de) — *A cidade de São Paulo no ano de 1822*, em "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", XXIII, 1925. — *Plan'história da Cidade de São Paulo (1800-1874)*, em "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", XVI, 1911.
- FREITAS JR. (Affonso de) — *Origem do viaduto do Chá*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. 25, São Paulo, 1936.
- GODOY (Joaquim Floriano de) — *A Província de São Paulo*, "Diário do Rio de Janeiro", ed., Rio de Janeiro, 1875.
- HOUSSAY (Frédéric) — *De Rio de Janeiro à São Paulo*, Gauthiers Villars, Paris, 1877.
- JÚNIUS — *Em São Paulo - Notas de viagem*, Dolivais Nunes, ed., São Paulo, 1883.
- KIDDER (Daniel P.) — *Reminiscências de viagem e permanência no Brasil (1837-1844)*, tradução de Moacir N. Vasconcelos, dois vols., Martins, São Paulo, 1940.
- KIDDER (Daniel P.) e FLETCHER (J. C.) — *O Brasil e os brasileiros*, tradução de Elias Dolianiti, dois vols., Editora Nacional, São Paulo, 1941.
- KOENIGSWALD (Gustavo) — *São Paulo*, Berlim, 1895.
- KOSERITZ (Carl von) — *Imagens do Brasil*, tradução de Afonso Arinos de Melo Franco, Martins, São Paulo, 1943.
- LECLERC (Max) — *Cartas do Brasil*, tradução de Sérgio Milliet, Editora Nacional, São Paulo, 1942.
- LEVASSEUR (E.) — *Le Brésil*, Edição Lamirault & Cia., Paris, 1889.
- LOMONACO (Alfonso) — *Al Brasile*, Valardi, Milão, 1889.
- LUNÉ (Antônio João Batista de) — *Almanaque da Província de São Paulo para 1873*, São Paulo, 1873.
- MACOLA (Ferruccio) — *L'Europa alla conquista dell'America Latina*, Ferdinando Ougania, ed., Veneza, 1894.
- MARC (Alfred) — *Le Brésil - Excursion à travers ses 20 provinces*, Argolo Ferrão, ed., Paris, 1889.
- MARQUES (Abílio A.) — *Indicador de São Paulo, administrativo, judicial, industrial, comercial, para o ano de 1878, acompanhado de mapa topográfico da cidade, município e comarca de São Paulo e da carta das estradas de ferro da província*, Tip. de Jorge Seckler, São Paulo, 1878.
- MARQUES (Manuel Eufrázio de Azevedo) — *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da Província de São Paulo*, dois vols., ed. Laemmert, Rio de Janeiro, 1879. Reedição da Livraria Martins, 1952.
- MAWE (John) — *Viagens ao interior do Brasil (1810)*, tradução de Soledade Benevides Viana, Valverde, Rio de Janeiro, 1944.
- MOREL (CHARLES) — *Province de São Paulo*, Gaspar da Silva, ed., Rio de Janeiro, 1888.

- MORSE (Richard N.) — *A cidade de São Paulo no período 1855-1890*, em "Sociologia", vol. XIII, ns. 3-4, São Paulo, 1951 e vol. XIV, ns. 1-2, São Paulo, 1952. - *São Paulo in the nineteenth century - Economic roots of the metropolis*, em "Inter-American Economics Affairs", V, n. 3, 1951. - *São Paulo - Raízes oitocentistas da metrópole*, em "Anais do Museu Paulista", XIV, São Paulo, 1950.
- MOURA (Francisco I. Xavier de Assis) — *Almanaque administrativo, comercial e industrial da Província de São Paulo para o ano bissexto de 1884*, Tip. Jorge Seckler, São Paulo, 1883.
- MÜLLER (Daniel Pedro) — *Quadro Estatístico da província de São Paulo*, Tip. Costa Silveira, São Paulo, 1838. Reedição literal, Of. "Estado de São Paulo", 1923.
- NOGUEIRA (J. L. de Almeida) — *A Academia de São Paulo - Tradições e reminiscências*, nove vols., São Paulo, 1907/12.
- PAULA (Eurípedes Simões de) — *Contribuição monográfica para o estudo da segunda fundação de São Paulo - Da pequena cidade de há meio século à grande metrópole de hoje*, em "Folha da Manhã", 25-1-1936 (Separata, 1936). Reproduzido em "Revista de História", n.º 17, São Paulo, 1954.
- PINTO (Alfredo Moreira) — *A Província de São Paulo*, dois vols., São Paulo, 1884. — *A cidade de São Paulo em 1900 - Impressões de viagem*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1900.
- RAPPARD (Henrique) — *Alguns dias na Paulicéia*, em "Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro", LV, II parte, Rio de Janeiro.
- RECLUS (Élisée) — *Estados Unidos do Brasil*, tradução de Ramiz Galvão, Livraria Garnier, Rio de Janeiro, 1900.
- RIBEIRO (José Jacinto) — *Cronologia paulista, ou Relação histórica dos fatos mais importantes ocorridos em São Paulo desde a chegada de Martim Afonso de Souza a São Vicente até 1898*, dois vols., São Paulo, 1899-1901.
- SAINT-ADOLPHE (J. C. R. Milliet de) — *Dicionário geográfico, histórico e descritivo do Brasil*, Rio de Janeiro, 1845.
- SAINT-HILAIRE (Auguste de) — *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas e a São Paulo (1822)*, tradução de Afonso d'E. Taunay, Editora Nacional, São Paulo, 1933. — *Segunda viagem a São Paulo e Quadro histórico da província de São Paulo*, Martins, São Paulo, 1953. — *Viagem à Província de São Paulo*, tradução de Rubens Borba de Moraes, Martins, São Paulo, 1940.
- SAMPAIO (Teodoro) — *São Paulo no século XIX*, em "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", vol. VI, São Paulo, 1902.
- SANT'ANNA (NUTO) — *As Casinhas - O primeiro mercado de São Paulo*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. 14, São Paulo, 1935. — *O beco do Colégio*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. 26, São Paulo, 1936. — *O Jardim da Luz*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. 61, São Paulo, 1939.
- SOUZA (Everardo Valim Pereira de) — *A Paulicéia há 60 anos*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. CXI, São Paulo, 1946. — *Reminiscências acadêmicas (1887-1889) - Metamorfose da Paulicéia provinciana em grande metrópole*, em "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", vol. 44, 1.ª parte, págs. 55-75, São Paulo, 1948.
- SPIX (J. B. von) e MARTIUS (Carl Ph. von) — *Viagem pelo Brasil (1817-1820)*, por J. B. Spix e Carl Ph. von Martius, tradução de Lúcia Furquim Lahmeyer, quatro vols. Impr. Nac. Rio de Janeiro, 1938.
- TAUNAY (Afonso d'E.) — *Non ducor, duco - Notícias de São Paulo (1565-1820)*, Tip. Ideal, São Paulo, 1924.
- TAUNAY (Visconde de) — *Marcha das forças (Expedição de Mato Grosso, 1865-1866) - Do Rio de Janeiro ao Coxim*, Prefácio de Afonso d'E. Taunay, Melhoramentos, São Paulo, 1928.
- THORMAN (Canuto) — *Completo anuário administrativo, comercial e profissional do Estado de São Paulo para 1895*, Cia. Comercial e Industrial de São Paulo, São Paulo, 1895.
- TSCHUDI (J. J. von) — *Viagem às províncias do Rio de Janeiro e São*

- Paulo (1860), tradução de Eduardo de Lima Castro, Martins, São Paulo, 1953.
- URSEL (Charles d') — *Sud-Amérique - Séjours et voyages au Brésil, à La Plata, au Chili, en Bolivie et au Pérou*, Plon, Paris, 1880.
- VAMPRE (Spencer) — *Memórias para a história da Academia de São Paulo*, dois vols., Livraria Acadêmica, São Paulo, 1924.
- VEIRA (A. Paim) — *Chácara do Capão - Esboço histórico do bairro da Bela Vista, antes Bela Cintra*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. 148, São Paulo, 1952.
- ZALUAR (Augusto Emílio) — *Peregrinação pela província de São Paulo (1860-1861)*, Cultura, São Paulo, 1943. Reed.: Livraria Martins, 1953.
- ZENHA (Edmundo) — *A colônia alemã de Santo Amaro - Sua instalação em 1829*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. 132, São Paulo, 1950.

II. Estudos gerais e subsidiários:

- AGUIRRA (João B. C.) — *A vida orçamentária de São Paulo durante um século*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. 2, São Paulo, 1934.
- ALMEIDA (Aluísio de) — *Notas para a história de São Paulo*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. 149, São Paulo, 1950.
- ALMEIDA JÚNIOR (A. de) — *A Faculdade de Direito e a Cidade*, em "O Estado de São Paulo", 25 de janeiro, 1954.
- ARROYO (Leonardo) — *Igrejas de São Paulo - Introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo nas suas relações com a crônica da cidade*, José Olímpio, Rio de Janeiro, 1954 (Col. "Documentos brasileiros").
- AZEVEDO (Sálvio de Almeida) — *Imigração e colonização no Estado de São Paulo*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. LXXV, São Paulo, 1941. Publ. também em "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", vol. III, Rio de Janeiro, 1944.
- BRUNO (Ernani Silva) — *História e tradições da cidade de São Paulo*, três volumes, José Olímpio, Rio de Janeiro, 1954 (Col. "Documentos brasileiros").
- CAMARGO (José Francisco de) — *Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos*, três vols., Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1952 (Boletim 153 - Cadeira de Economia Política, n.º 1 - da Faculdade de Filosofia da U. S. P.).
- CARVALHO (Affonso José de) — *Os primeiros anos de São Paulo*, Livraria Duprat, São Paulo, 1932. Obs.: Publicado primeiramente na "Revista do Instituto Histórico de São Paulo", vol. XXIX, São Paulo, 1932.
- DEBENEDETTI (E.) e SALMONI (A.) — *Architettura italiana a San Paolo* (de E. Debenedetti e A. Salmoni), Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, São Paulo, 1953.
- DUARTE (Raul) — *São Paulo de ontem e de hoje*, ed. Revista dos Tribunaes, São Paulo, 1941.
- EDIÇÕES MELHORAMENTOS — *Isto é São Paulo*, Melhoramentos, São Paulo, 1951.
- EGAS (Eugênio) — *Os municípios paulistas*, dois vols., São Paulo, 1925. — *Galeria dos presidentes de São Paulo*, três volumes, Seção Gráfica de "O Estado de São Paulo" São Paulo 1927. — *Teatros e artistas* em "Revista do Arquivo Municipal" vol. 8, São Paulo, 1935. Publ. original no "Diário Popular" de 8-11-1934.
- FERRERA (Tito Lívio) — *Onde nasceu a cidade*, em "Paulistânia", n.º 38, janeiro-fevereiro, 1951.
- FREITAS (Affonso A. de) — *Dicionário histórico, topográfico, etnográfico, ilustrado do município de São Paulo*, tomo I, letra A, Gráfica Paulista, São Paulo, 1930. — *Tradições e reminiscências paulistas*, Monteiro Lobato, São Paulo, 1921.
- GODOY FILHO (Gustavo de) — *A mobilidade da população paulista através de seu crescimento*, em "Re-

- vista do Arquivo Municipal", vol. 16, São Paulo, 1935.
- HERMAN (Lucila) — *Estudos do desenvolvimento de São Paulo através da análise de uma radial - A estrada do café*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. 99, São Paulo, 1944.
- LEITE (Aureliano) — *História da civilização paulista*, Saraiva, São Paulo, 1954.
- LIMA (Heitor Ferreira) — *A evolução industrial de São Paulo*, Martins, São Paulo, 1954. — *A indústria paulista em quatrocentos anos*, em "Diário de São Paulo", 25-1-1954.
- MARQUES (Cícero) — *De pastora a rainha - Memórias*, Rádio Panamericana, ed., São Paulo, 1944.
- MARTIN (Jules) — *São Paulo Antigo e São Paulo moderno*, por Jules Martin, N. R. Pestana e H. Vanorden, São Paulo, 1905.
- MARTINS (Antônio Egídio) — *São Paulo antigo (1554-1910)*, dois vols., Alves, Rio de Janeiro, 1911-1912.
- MATOS (Odilon Nogueira de) — *A evolução ferroviária de São Paulo*, em "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", vol. IV, IBGE, Rio de Janeiro, 1944.
- MEDINA (José) — *São Paulo, o que foi e o que é*, Ind. Gráfica Donato, São Paulo, 1954.
- MELLO (Randolpho Homem de) — *A água em São Paulo*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. 14, São Paulo, 1935.
- MENEZES (Raimundo de) — *Histórias da história de São Paulo*, Melhoramentos, São Paulo, 1954.
- MONBEIG (Pierre) — *La ville de Saint-Paul*, em "Revue de Géographie de Lyon", ano XXV, n.º 4, Lyon, 1950. — *La croissance de la ville de São Paulo*, em "Revue de Géographie Alpine", Grenoble, 1953. — *Aspectos geográficos do crescimento da cidade de São Paulo*, em "O Estado de São Paulo", 25-1-1954. Reproduzido em "Boletim Paulista de Geografia", n.º 16, São Paulo, 1954.
- MOTA (Otoniel) — *Do rancho ao palácio - Evolução da civilização paulista*, Editora Nacional, São Paulo, 1941 (Col. "Brasiliana").
- MOURA (Paulo Cursivo de) — *São Paulo de outrora - Evocações da metrópole e psicologia das ruas*, Melhoramentos, São Paulo, 1932.
- MÜLLER (Nice Lecocq) — *Em menos de um século, a cidade de São Paulo viu alterar-se profundamente sua fisionomia urbana*, em "Boletim Paulista de Geografia", n.º 16, São Paulo, 1954.
- PESTANA (Nestor Rangel) — *São Paulo antigo e São Paulo moderno*, por Jules Martin, N. R. Pestana e H. Vanorden, São Paulo, 1905.
- PRADO (J. F. de Almeida) — *São Paulo antigo e sua arquitetura*, em "Ilustração Brasileira", Rio de Janeiro, 1929.
- PRADO JÚNIOR (Caio) — *Nova contribuição para o estudo geográfico da cidade de São Paulo*, em "Estudos Brasileiros", ano III, vol. 7, ns. 19-21, Rio de Janeiro, 1941. Reprod. em "Evolução política do Brasil e outros estudos", Brasiliense, São Paulo, 1953. — *O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo*, em "Geografia", ano I, n.º 3, São Paulo, 1935. Reprod. em "Revista do Arquivo Municipal", vol. 19, São Paulo, 1936 e em "Evolução política do Brasil e outros estudos", Brasiliense, São Paulo, 1953.
- SALMONI (A.) — *Architettura italiana a San Paolo* (de E. Debenedetti e A. Salmoni), Instituto Cultural Italo-Brasileiro, São Paulo, 1953.
- SAMPAIO (Teodoro) — *A fundação da cidade de São Paulo*, em "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", vol. X, São Paulo, 1906. — *São Paulo de Piratininga no fim do século XVI*, em "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", vol. IV, São Paulo, 1898-9. — *São Paulo no tempo de Anchieta*, São Paulo, 1897.
- SANT'ANNA (Nuto) — *São Paulo antigo*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. IX, São Paulo, 1935. — *São Paulo histórico - Aspectos, lendas e costumes*, seis vols., Ed. Departamento de Cultura, São Paulo, 1937-1944. — *São Paulo antigo, São Paulo moderno - Album comemorativo*, Melhoramentos, São Paulo, 1953. — *São Paulo de cem anos atrás e de hoje*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. 1, São Paulo, 1934.

— *São Paulo de ontem, São Paulo de hoje - Portfólio da evolução da capital paulista desde os seus primórdios até os dias presentes*, em "Paulistânia", n.º 38, janeiro-fevereiro, 1951.

TAUNAY (Affonso d'E.) — *Antigos aspectos paulistas - Separata do tomo III dos "Anais do Museu Paulista"*, São Paulo, 1927. — *Estudos de história paulista - Separata dos "Anais do Museu*

Paulista", tomo III, São Paulo, 1927. — *História da cidade de São Paulo*, Melhoramentos, São Paulo, 1954. — *Os quatro séculos paulistanos*, em "Correio Paulistano", 25-1-1954. — *Velho São Paulo*, três vols., Melhoramentos, São Paulo, 1952-4.

VANORDEN (H.) — *São Paulo antigo e São Paulo moderno*, por Jules Martin, N. R. Pestana e H. Vanorden, São Paulo, 1905.

1957. 12/11/57

CAPÍTULO III

São Paulo no século XX

PASQUALE PETRONE

São Paulo transforma-se em metrópole industrial. A expansão industrial e seus reflexos sobre a cidade. Fisionomia da cidade no primeiro quartel do século XX. O crescimento de São Paulo até 1925 e os problemas que acarretou. A cidade de São Paulo no segundo quartel do século XX. São Paulo atual e suas principais características.

OS CINQUENTA ANOS já decorridos, no século atual, foram assinalados por um fato novo, cujas origens remontam à última década do oitocentismo: o surto industrial, que veio transformar a “metrópole do café” ou “a capital dos fazendeiros” na dinâmica e movimentada *metrópole industrial* de nossos dias.

De acordo com os dados de BANDEIRA JÚNIOR (1), foi o seguinte o crescimento das indústrias paulistanas, no decorrer do século XIX:

PERÍODOS	FÁBRICAS
Antes de 1880.... .	16
De 1880 a 1889.. . . .	16
De 1890 a 1894.....	21
De 1895 a 1901.....	39
Total.....	92

(1) BANDEIRA JÚNIOR (Antônio Francisco), *A Indústria no Estado de São Paulo em 1901*, Tip. do “Diário Oficial”, São Paulo, 1901.

Na verdade, nos últimos 50 anos, importantes acontecimentos mundiais vieram repercutir extraordinariamente sobre a Capital paulista, fazendo com que nela surgisse seu grande parque industrial: a primeira Grande Guerra (1914-18), a crise econômica decorrente do “crack” de 1929 e a última conflagração mundial (1939-45).

Os que escreveram sobre a cidade na primeira década do século XX sentiram, já, a importância dessa nova função urbana. MANUEL BERNÁRDEZ considerou São Paulo “una verdadera metrópole industrial y económica del Estado, y quizás de la Unión” (2). PIERRE DENIS classificou a cidade como “un gros centre industriel” (3) e PAUL WALLE, confessando sua surpresa ante o inacreditável desenvolvimento da indústria no Estado, afirma que “la capitale est devenue un important centre manufacturier, le second du Brésil après Rio de Janeiro” (4).

Uma série de fatores, além dos citados, se conjugaram para ocasionar o desenvolvimento e o fortalecimento do parque industrial paulistano: 1) a facilidade de obtenção da *energia elétrica*, que somente nos últimos anos veio a tornar-se escassa, criando um problema angustiante; 2) a existência de um *mercado consumidor* interno, que se tornou cada vez maior em virtude do crescimento da população da cidade e do Estado; 3) o afluxo de *capitais*, tanto estrangeiros como nacionais, possibilitando o aparecimento de grandes indústrias; 4) a facilidade de *mão-de-obra* operária, a princípio oriunda da massa imigrada, mais tarde resultante da crise cafeeira de 1929-30 e do incessante êxodo das áreas rurais; 5) a existência de um *mercado fornecedor* de matérias-primas, dentro do próprio Estado (no que se refere ao algodão, notadamente) ou fora dele; 6) a importante *rêde de transporte*, que tem na cidade de São Paulo o seu fulcro (5).

(2) BERNÁRDEZ (Manuel), *El Brasil — su vida, su trabajo, su futuro*, pág. 193, Buenos Aires, 1908.

(3) DENIS (Pierre), *Le Brésil au XXe. siècle*, pág. 112, 4.ª edição, Liv. Armand Colin, Paris, 1911.

(4) WALLE (Paul), *Au Brésil — De l'Uruguay au Rio São Francisco*, pág. 160, Lib. Orientale & Américaine, E. Guilmoto, Paris, 1910.

(5) Consultem-se, sobre o assunto: PETRONE (Pasquale), *As Indústrias paulistanas e os fatores de sua expansão*, em “Boletim Paulista de Geografia”, n.º 14, São Paulo, julho de 1953; e MONBEIG (Pierre), *La croissance de la ville de São Paulo*, págs. 50-57, ed. do Institut et Revue de Géographie Alpine, Grenoble, 1953.

Ao findar a terceira década do presente século, São Paulo aparecia como o maior centro industrial da América do Sul. Possuindo pouco menos de 2 000 estabelecimentos fabris em 1918 (6), tinha em 1932 cêrca de 2 100 (7); mas, em 1947, êste número elevava-se a 12 000(8) e, hoje, pode ser calculado em 20 000, onde exercem sua atividade nada menos de 440 000 operários e de onde sai mais da metade da produção industrial de todo o país.

A “metrópole industrial”, assim surgida, ainda não repousa em bases muito sólidas: foi incrementada por acontecimentos anormais (como as duas Grandes Guerras) e por situações artificiais, decorrentes da política protecionista; não conta com o necessário potencial de energia, capaz de atender às suas exigências sempre crescentes; precisa preocupar-se sempre com o problema de maquinarias e com o fornecimento de certas matérias-primas e outras fontes de energia; embora tenha diante de si amplas perspectivas, no que se refere aos mercados consumidores, sofre a concorrência de outros centros industriais de destaque, desenvolvidos no interior do próprio Estado de São Paulo (9).

Todavia, coube à indústria paulistana o importante papel de haver valorizado o produto nacional, outrora sempre desprezado e preterido pelo produto estrangeiro, muitas vêzes de qualidade inferior. Coube-lhe, outrossim, aumentar o poderio econômico da cidade, fazer surgir “millionaires mansions such as the U. S. has not seen since the days of Carnegie and Frick” (10) e, principalmente, influir poderosamente sôbre a área da cidade, sua população e a própria paisagem urbana.

(6) Cf. PESTANA (Paulo Rangel) em *A Capital Paulista comemorando o Centenário da Independência*, ed. Sociedade Editôra Independência, São Paulo, 1920.

(7) Cf. QUEIROZ (Vitorino Seixas) e ARANTES JÚNIOR (Lourenço), *Os Municípios do Estado de São Paulo — Informações interessantes*, págs. 107 e 108, Diretoria de Publicidade Agrícola da Secretaria da Agricultura do Estado, São Paulo, 1933.

(8) Cf. BRASIL (Raimundo Pereira), *São Paulo, força econômica*, pág. 204, Emp. Gráfica “Revista dos Tribunais”, São Paulo, 1949.

(9) Sôbre o assunto, vejam-se JAMES (Preston), *Brazil*, págs. 150-151, The Odyssey Press, Nova York, 1946; MONBIEG (Pierre), obra cit., págs 52-57; e PETRONE (Pasquale), obra cit., pág. 37.

(10) *City of Enterprise*, em “Time” (Edição latino-americana), pág. 20, Nova York, 21 de janeiro de 1952.

A expansão industrial e seus reflexos sobre a cidade

Quando se comparam as plantas da cidade de São Paulo referentes à última década do século XIX com as que correspondem às diversas etapas de sua vida no século atual (11), nota-se que São Paulo se expandiu em tôdas as direções, mas que foi para Oeste, para Leste e para o Sul que tal expansão se verificou com maior intensidade. Ora, exatamente em tais direções se localizam as mais importantes e características *áreas industriais* da Capital paulista.

Não resta dúvida que as principais áreas industriais acompanham as *vias férreas*: Brás, Belènzinho, Tatuapé, Comendador Ermelino e São Miguel Paulista, ao longo dos trilhos da “Central do Brasil”; ainda o Brás, Pari, Mooca, Ipiranga, São Caetano do Sul e Santo André, acompanhando a “Santos-Jundiaí”; Barra Funda, Água Branca, Lapa e Osasco, servidas tanto por esta via férrea, como pela “Sorocabana”. Mas, inegavelmente, foi a função industrial, mais do que outro qualquer fator, que ocasionou seu crescimento e sua expansão em área. O fato de terem as estradas de ferro aproveitado os vales, onde os terrenos podiam ser obtidos a baixos preços por não serem apreciados como locais de residência, atraiu a instalação de estabelecimentos fabris. Cresceu, dêste modo, a área urbanizada, e as várzeas do Tamanduateí e do Tietê, naqueles trechos, deixaram de ficar ao abandono.

(11) Consultem-se, principalmente: *Planta Geral da Cidade de São Paulo*, levantada e organizada pelo Eng.º civil ALEXANDRE MARIANO COCOCI e LUÍS FRUTUOSO DA COSTA, na escala de 1:20 000, edições de 1905 e 1913; *Planta Geral da Cidade de São Paulo*, organizada pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado, sendo chefe o Eng.º João Pedro Cardoso, na escala de 1:20 000, 1914; *Planta da Cidade de São Paulo, com todos os arrabaldes e terrenos arruados*, executada por VALDOMIRO GONÇALVES, na escala de 1:26 000, 1924; *Carta dos Excursionistas* (1.ª seção), organizada pelo INSTITUTO ASTRONÔMICO E GEOGRÁFICO do Estado, na escala de 1:200 000, 1924, reeditada em 1935; *Planta da Cidade de São Paulo e municípios circunvizinhos*, organizada pela Repartição de Eletricidade da LIGHT AND POWER, na escala de 1:40 000, 1926-27; *Mapa Topográfico do Município de São Paulo*, executado pela empresa SARA DO BRASIL, S. A., pelo método Nistri de aerofotogrametria, nas escalas de 1:20 000 e 1:5 000, 1930; *Planta de São Paulo*, por JOSÉ CASTIGLIONE, na escala de 1:20 000, 1941; e *Mapa do Município e da Cidade de São Paulo*, organizado por L. STRINA & CIA., na escala de 1:20 000, 1944.

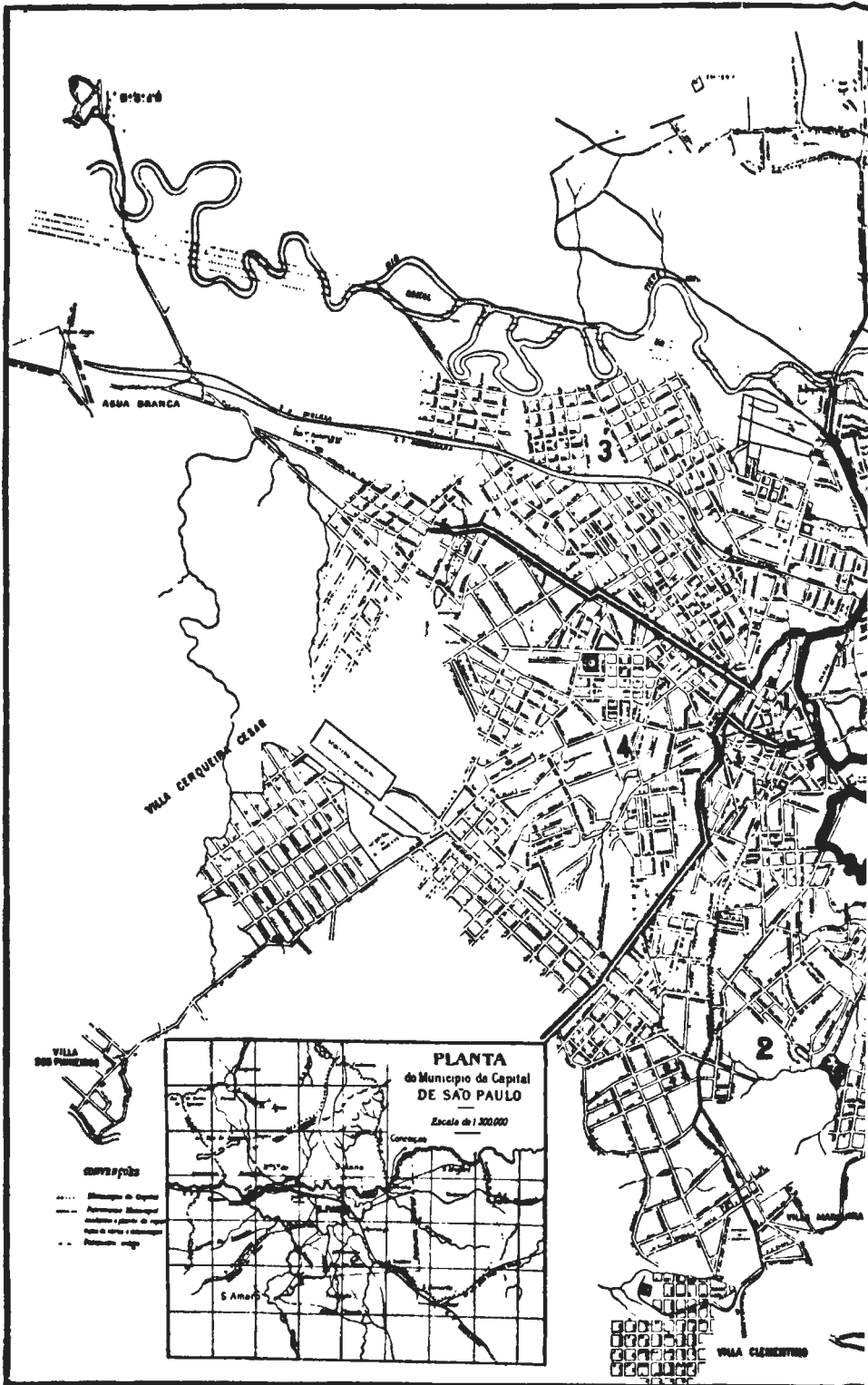
Não é só. O surto industrial ainda influiu sobre a cidade, concorrendo para o *aumento da população* (em virtude da crescente necessidade de mão-de-obra e impulsionado pela “miragem” que vive a atrair, para a metrópole, a população da zona rural e do interior, em geral) e, sobretudo, modificando a paisagem urbana e acabando por concretizar a existência do “Grande São Paulo”.

No que se refere à *paisagem urbana*, cumpre observar que, em São Paulo, não se formaram áreas tipicamente industriais, exclusivamente ocupadas por fábricas. Sendo o parque industrial paulistano caracterizado pelo predomínio de fábricas de tamanho médio e pequeno, destinadas principalmente à transformação, o que se presencia é a intercalação de estabelecimentos fabris no meio de residências proletárias e, conseqüentemente, o aparecimento de verdadeiros *bairros mistos*, industriais e residenciais a um só tempo.

Dentro do perímetro urbano, em zonas como o Brás, a Mooca e o Belênzinho, observa-se um ininterrupto suceder de pequenas habitações, quase sempre térreas e sem nenhum jardim à frente, geralmente geminadas (duas a duas, quatro a quatro), tôdas mais ou menos iguais, de estilo pobre ou indefinível. Estendem-se assim, em sua monotonia e em sua humildade, em filas intermináveis, que chegam a ocupar quarteirões inteiros. No meio delas, porém, surge de quando em vez a pesada e característica fachada de uma fábrica ou, então, pequenas oficinas ou fabriquetas. Estas são muito numerosas, aparecendo instaladas numa casa igual às demais, em antigas garagens, em barracões ou simples telheiros, no fundo de quintais. Já as fábricas maiores se destacam, quando não por suas chaminés, pelo menos pela grande extensão de suas fachadas e seu amplo portão de entrada.

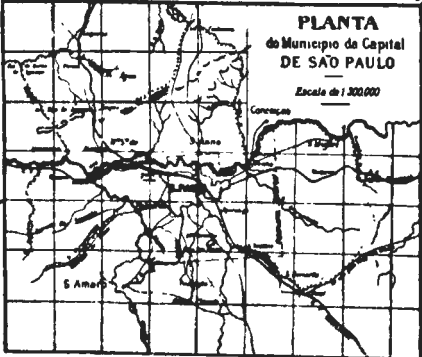
A presença da ferrovia acrescenta novos elementos a essa paisagem: são as passagens de nível, com suas porteiras e periódicos estrangulamentos do tráfego; são as estações e os respectivos pátios de manobras, sempre movimentados e barulhentos; são os grandes armazéns de mercadorias, alinhados ao longo das vias férreas; são as ruas de traçado irregular, que muitas vezes não têm saída.

Nas áreas suburbanas, a paisagem é bastante diferente. Nota-se uma diferenciação mais nítida entre a zona fabril e a



PLANTA
do Município da Capital
DE SÃO PAULO
Escala de 1:500,000

- convenções**
- Município de origem
 - Anterior Município
 - Anterior Município
 - Anterior Município
 - Anterior Município



VILA CLEMENTINO

PLANTA GERAL DA CAPITAL DE SÃO PAULO

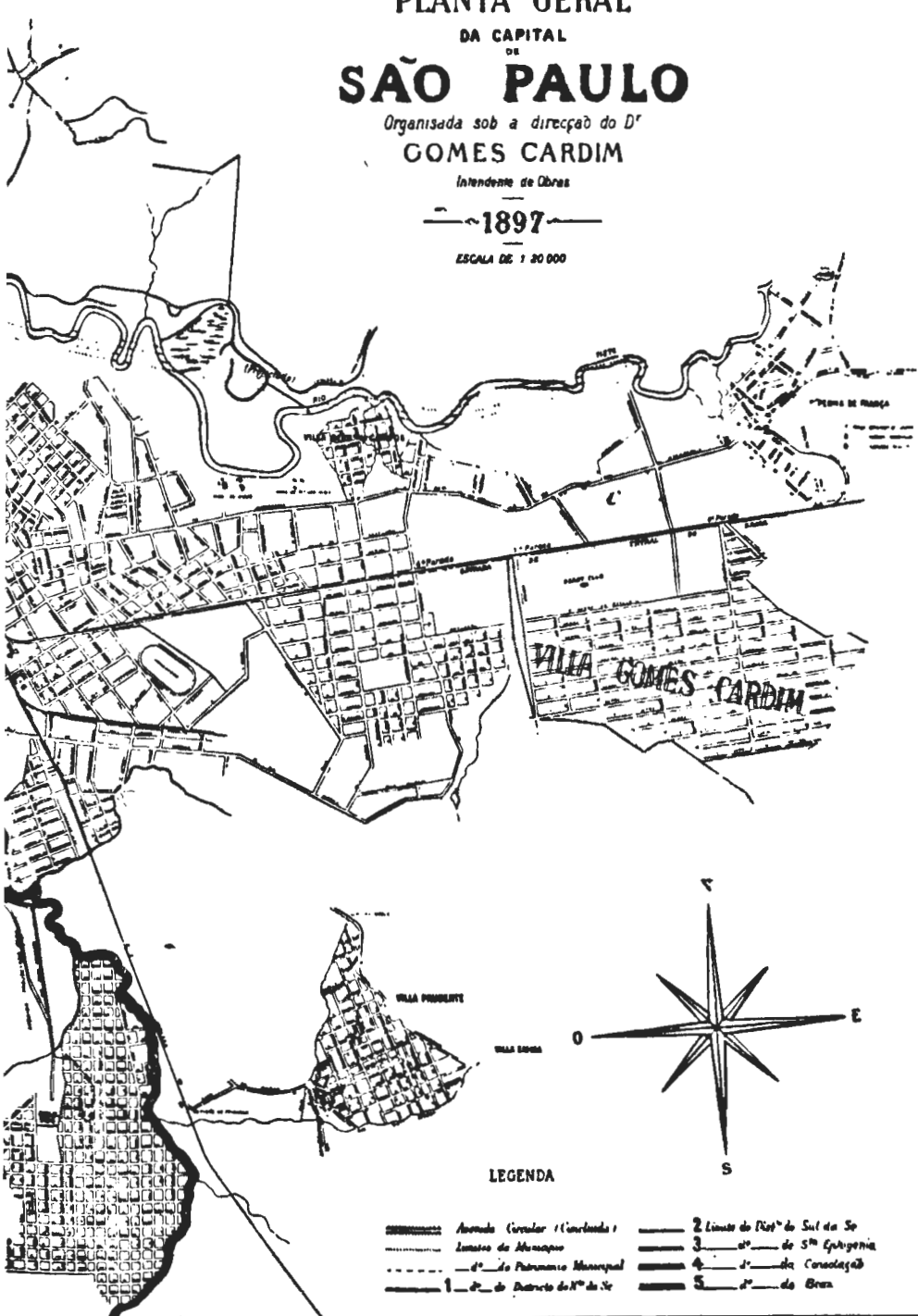
Organizada sob a direcção do D^r

GOMES CARDIM

Intendente de Obras

1897

ESCALA DE 1 20 000



LEGENDA

- | | |
|--|---|
| ——— Avenida Circular (Concluída) | ——— 2 Limite do Rio ^o de Sul da Se |
| Limites do Município | ——— 3 ——— do S ^o Epitáfio |
| ----- do Património Municipal | ——— 4 ——— da Coroaçãõ |
| ——— 1 ——— do Distrito do N ^o de N | ——— 5 ——— do Brã |

zona residencial; não se registra a mesma concentração do “habitar”, aparecendo as fábricas de maneira esparsa e ocupando áreas muito maiores, sem falar nos terrenos reservados para futuras ampliações. Surgem “vilas” operárias, que se instalam na própria área urbanizada ou até mesmo na zona rural.

Estará completo esse quadro correspondente à paisagem criada pela indústria na Capital paulista? É evidente que não, pois é preciso fazer uma referência, pelo menos, ao burburinho das ruas, que se intensifica nas horas de entrada e de saída nas fábricas, quando, ao soar das sireias, um enxame de homens, mulheres e menores enche as calçadas, dando vida e movimento às ruas; aos variados meios de transporte de que se utilizam os operários — bicicletas, ônibus, bondes, caminhões arvorados em veículos para passageiros, trens suburbanos, tomados de assalto por essa pequena multidão que anseia voltar depressa para suas casas; aos bares ou simples botequins, que se instalam nesses bairros industriais, porque a freguesia é certa e numerosa; aos vendedores ambulantes, sobretudo de comestíveis, sempre apreciados, embora nem sempre limpos; e, finalmente, ao padrão de vida geralmente baixo da população que ali vive, que bem pode ser simbolizado pela imundície das calçadas, pelo aspecto desleixado das crianças e pela sordidez das habitações, muitas delas de caráter coletivo, miseráveis “cortiços” da grande metrópole.

Abrindo novas áreas industriais na periferia da cidade, em busca de terrenos de menor preço e de maiores espaços, condicionada quase sempre pela proximidade das vias férreas, a expansão industrial vem concorrendo para a formação e o fortalecimento do que poderemos chamar o *Grande São Paulo*, a exemplo do que se verifica com as maiores aglomerações urbanas do planeta — Nova York, Londres, Paris, Berlim, Moscou ou Tóquio. No caso paulistano, o fenômeno é tão palpável e evidente que a própria administração pública terá de lhe dar uma solução adequada, dentro de breve tempo.

O desmesurado crescimento da cidade, com efeito, já não mais comporta um sistema administrativo, como o atualmente existente. Tudo parece indicar a necessidade de descentralizar a administração municipal; e a criação de subprefeituras ou, mesmo, de prefeituras subordinadas a um órgão administrativo superior, parece ser a solução mais adequada à importância do problema.

O fenômeno, ainda em pleno processo, mas impulsionado por forças irresistíveis, consiste na aglutinação de núcleos pró-

ximos pela metrópole paulista. Não se trata de um fato novo na evolução da cidade de São Paulo: no passado, a Penha, a Freguesia do O, a Lapa, Pinheiros viveram, por muito tempo, isolados da cidade, mas acabaram sendo alcançados pelos seus tentáculos e confundiram-se na massa de seus bairros periféricos. Nos casos citados foi a cidade que chegou até êles, envolvendo-os em sua trama. No momento atual, porém, o que se presencia é algo de diferente e de proporções muito maiores: trata-se de verdadeiros exemplos daquilo que os geógrafos franceses vêm designando pelo nome de *conurbação* ou, talvez melhor, *conurbanização* (12).

Na verdade, em tôrno da cidade de São Paulo e no presente século, desenvolveram-se extraordinariamente alguns novos aglomerados urbanos, como Santo André, São Caetano do Sul, Santo Amaro e Osasco. Salvo Santo Amaro, cuja fundação remonta aos tempos coloniais, todos êles se formaram nos últimos 80 anos; mas, até recentemente, permaneceram mais ou menos estagnados. Graças notadamente ao desenvolvimento industrial, tais núcleos puseram-se a crescer nos últimos anos, em ritmo comparável ao da metrópole, se bem que em menores proporções; suas áreas urbanizadas passaram a expandir-se em direção à cidade de São Paulo, ao mesmo tempo que esta avançava na direção daquelas. Hoje, praticamente, já se encontraram essas "frentes" expansionistas; e tudo isso se deve notadamente às indústrias, instaladas simultaneamente tanto num como noutros.

Em direção a *São Caetano do Sul* e *Santo André*, a expansão de São Paulo fêz-se através dos bairros localizados à margem direita do Tamanduateí (Vila Prudente, Vila Isolina, Vila Califórnia, etc.) e por intermédio da Estrada de São Caetano, que sai do Sacomã. Cumpre assinalar que o crescimento não se fêz ao longo da via férrea, mas paralelamente, em terrenos mais elevados; é que, junto dela, na várzea, acham-se instalados muitos estabelecimentos fabris.

No rumo de *Osasco*, a expansão seguiu três direções: da Lapa, acompanhando a via férrea, através de Domingos de Moraes e Presidente Altino; do Alto da Lapa, seguindo pela margem do Pinheiros, através da Vila Jaguaré; e de Pinheiros, através do Butantã, acompanhando a Estrada de Itu.

Para *Santo Amaro*, o crescimento foi maciço, embora por meio de caminhos diversos: seguindo a linha de bondes, através do Brooklyn Paulista; em continuação à Vila Mariana, por intermédio do Jabaquara; através da região de Congonhas, por meio da Auto-Estrada; e pela atual avenida, antiga Estrada de Santo Amaro.

(12) Consultem-se, entre outros: *SORRE (Max.)*, *Les Fondements de la Géographie Humaine*, tomo III (*L'habitat*), Liv. Armand Colin, Paris, 1952; e *GEORGE (Pierre)*, *La Ville — Le fait urbain à travers le Monde*, ed. Presses Universitaires de France, Paris, 1952.

Em conseqüência dessa insopitável expansão (que se viu acompanhada por outra, em menor ritmo, partida dos pontos visados), extensas áreas rurais ou semi-rurais muitas vêzes desocupadas, existentes de permeio, foram sendo pouco a pouco urbanizadas e os “vazios” de outrora deixaram de existir, em muitos casos. Por essa forma, trechos já pertencentes ao município de São Paulo e outros integrantes de municípios vizinhos (como é o caso de São Caetano do Sul e Santo André) passaram a integrar o enorme aglomerado paulistano, que prevaleceu por ser maior e por dispor de uma pluralidade funcional não conhecida em seus vizinhos. E o “Grande São Paulo”, mais do que antes, concretizou-se.

Torna-se interessante registrar que idêntico processo de “conurbanização” já se tinha verificado em relação a Santo André e São Caetano do Sul; e o mesmo está em vias de se realizar entre Santo André e São Bernardo do Campo. Aliás, compreendendo perfeitamente as identidades que os aproximam e no desejo de resolver em comum determinados problemas, as autoridades municipais dêsses três municípios constituíram uma espécie de “entente” — o chamado *A.B.C.*, que sintetiza os nomes dos três santos patronímicos daquelas cidades.

Fisionomia da cidade no primeiro quartel do século XX

De tudo quanto deixamos escrito, não se conclua, porém, que haja sido o desenvolvimento industrial o único fator do crescimento da cidade de São Paulo nos 50 anos decorridos do presente século. Outros muitos *fatôres* também concorreram com sua parcela, particularmente: o ininterrupto desenvolvimento econômico do Estado, que lhe assegurou a liderança dentro do país, neste particular; o conseqüente e paralelo desenvolvimento da função comercial; e, naturalmente, a preeminência político-administrativa que a cidade, por ser a Capital, continuou a usufruir, dentro das terras paulistas e, mesmo, fora delas, num âmbito cada vez mais vasto, que PRESTON JAMES soube fixar com muita fidelidade (13). Tudo isso ressaltará

(13) JAMES (Preston), obra cit., cap. V.

do exame, que faremos a seguir, das grandes etapas dêsse crescimento e das respectivas características, marcadas de maneira inegável na fisionomia da cidade.

Para AFONSO A. DE FREITAS, que escreveu nos primeiros anos do século atual, São Paulo era “uma bela cidade”, “muito comerciante e industriosa” (14). Seria certamente bonita, pois outra fonte, menos suspeita, considerava-a “uma das mais belas da União, reconstruída e aumentada com apuro artístico” a partir de 1890 (15). Embora



O Largo de São Bento na década de 1910-20. — (Foto do Arquivo do Departamento de Cultura).

acentuando que nada tinha de pitoresco, como situação e como aspecto, PAUL WALLE viu nela “une belle ville active et vivante” (16). Já era, nessa primeira década do novecentismo, “a capital econômica do Brasil”, no dizer de MANUEL BERNÁRDEZ (17). Além de considerá-la um grande centro industrial, PIERRE DENIS sentiu perfeitamente sua função comercial, pois era, “avant tout, une grande ville d'affaires”, o “mercado central de um território ativo, onde a circulação do dinheiro se faz rápida”; mas percebeu nela a existência de um “mercado de homens”, porque era o centro distribuidor de imigrantes para as regiões cafeeiras, como

(14) FREITAS (Afonso A. de), *Geografia do Estado de São Paulo*, pág. 50, Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1906.

(15) Cf. *Almanaque Brasileiro para o ano de 1907*, ano V, pág. 181, ed. Garnier, Rio.

(16) WALLE (Paul), obra cit., pág. 151.

(17) BERNÁRDEZ (Manuel), obra cit., pág. 201.

também constituía um foco de atração da mão-de-obra procedente das zonas rurais; e deu o merecido valor à sua função cultural (18). Finalmente, MARIE R. WRIGHT definiu-a bem, quando escreveu: “Como capital do Estado, São Paulo é o lugar de residência de muitos homens públicos e políticos de destaque; como grande centro educacional, atrai um grande número de estudantes; e como centro distribuidor das indústrias do interior, é a residência de ricos e numerosos *capitães da indústria*, de São Paulo” (19), ao mesmo tempo que a classificou como “moderna metrópole” (20).

“Estendendo-se desmesuradamente sobre o planalto, São Paulo traz, na desordem de sua estrutura, o traço de seu precoce crescimento, embora ali reinem a animação e o movimento de uma grande cidade. Os bairros comerciais são ruidosos; o fechamento das fábricas e dos escritórios enche as ruas de transeuntes” escreveu PIERRE DENIS (21). Segundo êle, no Brasil daquele tempo, São Paulo e Rio de Janeiro eram as únicas cidades onde se podia encontrar uma multidão. Por outro lado, impressionou-o a perfeita coesão existente entre a cidade e o campo, estreitamente ligados por comuns interesses (22), observação de alto valor, pois parece indicar que, sob certo aspecto, São Paulo continuava sendo “a capital dos fazendeiros”.

Embora ficasse admirado com “o prodigioso aumento de sua prosperidade e de sua população” e prognosticasse uma marcha sempre ascendente, PAUL WALLE achou São Paulo uma cidade triste e sem distrações: quando soavam 6 horas da tarde e o comércio se fechava, uma pesada solidão descia sobre as ruas comerciais e o silêncio tornava-se tão profundo, como se a cidade tivesse sido abandonada (23).

L. A. GAFFRE anotou a existência de bonitos bairros novos, com ruas largas e opulentamente arborizadas, “onde se sucediam indefinidamente pequenas casas de estilo italiano, com balaústres, cornijas, decorações de estuque e estatuetas simbólicas coloridas”, em que leões montavam guarda nas extremidades dos muros, e as janelas, largamente abertas, permitiam que olhares indiscretos devassassem seu interior. Estranhou a inexistência de flôres às janelas, mas verificou que outras, mais belas e mais vivas, ali ficavam horas a fio: as mulheres paulistanas (24) . . . Encantou-se ao penetrar na intimidade do lar de uma das importantes famílias da época e testemunhou que a influência da cultura francesa continuava a ser total (25). Neste particular, GEORGE CLEMEN-

(18) DENIS (Pierre), obra cit., págs. 111 e 112-113.

(19) WRIGHT (Marie Robinson), *The New Brazil — Its resources and attractions — Historical, descriptive and industrial*, pág. 207, 2.^a edição, ed. George Barrie & Sons, Filadélfia, 1907.

(20) WRIGHT (Marie Robinson), obra cit., pág. 213.

(21) DENIS (Pierre), obra cit., pág. 112.

(22) DENIS (Pierre), obra cit., pág. 112.

(23) WALLE (Paul), obra cit., págs. 151 e 155.

(24) GAFFRE (L. A.), *Visions du Brésil*, págs. 151-153, ed. Aillaud, Alves & Cia., Paris, 1912.

(25) GAFFRE (L. A.), obra cit., págs. 198-200.

CEAU chegou a afirmar que a cidade de São Paulo era tão curiosamente francesa em alguns de seus aspectos que, no decorrer de toda uma semana, esqueceu-se êle de que se achava no estrangeiro (26).

Sob a influência de um entusiasmo certamente exagerado e abusando dos adjetivos, ROBERTO CAPRI deixou-nos um retrato da cidade, por volta de 1912: "A Capital é essa cidade quase européia, toda coalhada de construções magníficas no belo estilo italiano, toda cortada de ruas e avenidas, com fábricas por toda parte, edifícios públicos suntuosos, uma vida larga e intensa, uma população já quase de meio milhão de habitantes"; tudo ali crescia vertiginosamente e, "a par de todo êsse avanço material, a instrução pública, esmeradamente zelada, e as artes e ciências florescem" (27). Oito anos mais tarde, cada vez mais entusiasmado, considerou São Paulo a "capital artística" do Brasil (28). Entretanto, nem todas as impressões de viajantes estrangeiros que aqui estiveram foram totalmente favoráveis; ERNST VON HESSE-WARTEGG, no primeiro decênio dêste século, deixou-nos as seguintes linhas sobre a cidade: "A primeira impressão que obtive de São Paulo, no longo trajeto da estação através das ruas que sobem e descem, decepcionou-me bastante e eu tive a sensação de que estava caminhando através de qualquer das grandes cidades do sul da América do Norte, talvez Wilmington ou Atlanta ou Louisville, mas não através do maravilhoso país tropical que é o Brasil. E quando, nas duas semanas seguintes, fiquei conhecendo mais de perto a cidade e suas instituições, não conseguí mudar de opinião. São Paulo não é uma cidade brasileira de 450 000 habitantes, mas uma cidade italiana de aproximadamente 100 000, uma portuguesa de talvez 40 000, uma espanhola de igual tamanho e uma cidade pequena (*Kleinstadt*) alemã de mais ou menos 10 000 habitantes, com poucas de suas vantagens, mas muitas de suas desvantagens. Ainda há uns 5 000 sírios, que, sòzinhos, possuem três jornais impressos em caracteres arábicos, alguns mil franceses, russos, japoneses, poloneses, turcos, ainda ingleses, escandinavos, americanos em número desconhecido por falta de uma estatística fidedigna. O resto, provavelmente um terço do total, deve ser de brasileiros" (29).

A documentação cartográfica da época e as obras que pudemos consultar fornecem-nos elementos suficientes para que possamos fixar a *área urbana*, na primeira década do século atual. Dois importantes blocos constituíam a cidade e o divisor

(26) Cf. *São Paulo e seus homens no Centenário*, vol. I, pág. 67, Emp. Publicidade Independência Editora, São Paulo, 1922.

(27) CAPRI (ROBERTO), *O Estado de São Paulo e seus Municípios*, págs. 12-13, Tip. Pocaí & Weiss, São Paulo, 1913.

(28) CAPRI (ROBERTO), *São Paulo, a Capital Artística, na comemoração do Centenário*, São Paulo, 1922.

(29) HESSE-WARTEGG (Ernst von), *Zwischen Anden und Amazonas*, 2.ª edição, Union Deutsche Verlagsgesellschaft, Stuttgart, 1915, pág. 149.



A Rua Direita, "coração" da cidade. — A fotografia, tomada por volta de 1920, mostra a principal artéria paulistana junto à confluência das ruas José Bonifácio e Quintino Bocaiúva — (Foto do Arquivo do Dep. de Cultura).

entre ambos era representado pela várzea do Tamanduaté. Tal separação apresentava-se, com maior nitidez, entre o Cambucí e a Mooca e na chamada Várzea do Carmo (atual Parque Dom Pedro II). As duas áreas interpenetravam-se, porém, no Pari e na Luz, embora através de número reduzido de ruas.

Esses dois blocos formavam, então, duas cidades distintas, como se fôsem duas cidades gêmeas; e só recentemente, na verdade, vieram a unir-se. De um lado, apareciam o velho centro e os bairros das zonas Oeste, Sudoeste e Sul; de outro lado, o Brás e seus prolongamentos no rumo de Leste (30).

O centro da cidade continuava a ser presidido pelo tradicional “Triângulo” (Ruas de São Bento, Direita e Quinze de Novembro), com suas ruas tortuosas e estreitas, “bordejadas por belas lojas e casas vastas e sólidas, de bonita arquitetura” (31). O Largo do Rosário era o mais movimentado, embora o coração da cidade estivesse na Rua Quinze de Novembro, “a Rua do Ouvidor de São Paulo” (32). Em suas “ruas agitadas se processavam os negócios políticos e comerciais, trabalhava o cérebro e batia o coração de São Paulo” (33).

Em direção ao Sul, apareciam os bairros da Liberdade, Bela Vista e Consolação. Para Oeste, Santa Ifigênia, Campos Elísios, Bom Retiro e Barra Funda. Vila Buarque já se achava totalmente formada, mas Santa Cecília apenas se esboçava como bairro. Higienópolis era, na época, o bairro aristocrático da cidade, após haver destronado o dos Campos Elísios. A Avenida Angélica ainda não se povoara e a Avenida Paulista, embora ainda com vazios, já era o orgulho dos paulistanos. Assistia-se a uma alta constante no valor dos terrenos nesses novos bairros, onde “os negociantes, os altos funcionários e os ricos fazendeiros do interior” tinham feito construir “casas mais ou menos bonitas, mas sempre vastas e cômodas” (34). A Vila Cerqueira César ainda estava apenas arruada. O conjunto das Avenidas Angélica e Paulista, criado em fins do século XIX, juntamente com a Avenida São João e Rua Vergueiro, passou a formar a primeira “circular” de São Paulo (radial concêntrica), que influiu poderosamente na expansão da cidade para o Sul.

(30) Além das plantas da cidade, já citadas, consultem-se, principalmente, as obras de Marie Robinson WRIGHT, Manuel BERNÁRDEZ, Paulo WALLE e L. A. GAFFRE, também já citadas, e mais: MARQUES (Cícero), *De Pastora a Rainha*, São Paulo, 1944; MOURA (Paulo Cursino de), *São Paulo de Outrora*, ed. Melhoramentos, São Paulo, 1932; BRUNO (Ernani Silva), *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, vol. III, ed. José Olímpio, Rio, 1954.

(31) WALLE (Paul), obra cit., pág. 151.

(32) WALLE (Paul), obra cit., pág. 152.

(33) GAFFRE (L. A.), obra cit., pág. 158.

(34) WALLE (Paul), obra cit., pág. 152.

O bairro de *Higienópolis* era, sem nenhuma dúvida, nessa época, o mais elegante da cidade. MARIE WRIGHT informa que ali muitos milionários paulistas tinham “palatial homes, unsurpassed in splendor and luxury by the great mansions of Europe” (35). Ponto de reunião do que a cidade e o Estado possuíam de mais rico e de mais distinto, diz PAUL WALLE, notabilizava-se pelo elevado número de casas suntuosas, palacetes luxuosos e confortáveis, embora alguns dêles fôssem “d’un gout douteux, tout au moins bizarre” . . . (36).

A *Avenida Paulista*, por sua vez, constituía algo de representativo daquela cidade que se tornava cada vez mais rica e mais próspera. E os estrangeiros também se embasbacavam diante dela. MARIE WRIGHT chama-a de “magnificent” e a considera “the most beautiful boulevard of the capital” (37). MANUEL BERNÁRDEZ, classificando-a de “dilatada y vistosa”, encantou-se com “el frescor umbrío de sus alamedas” e, principalmente, do bellissimo panorama que dela se descortinava, podendo-se ver a cidade “con sus treinta alamedas, sus veinte plazas, sus cuarenta y una avenidas, sus novecientas calles” (38). E L. A. GAFFRE, chamando-a de esplêndida, diz que só poderia compará-la a “certaines avenues de New York, où la fantaisie des millionnaires américains encercle dans la verdure des grandes arbres et la polychromie des parterres, leur palais aux élégantes sculptures”; e fica assombrado quando lhe vão indicando os principais proprietários daquelas residências luxuosas: aqui, um grande nome da velha estirpe lusitana; ali, um antigo vendedor ambulante, um “mascate” há 25 anos atrás, então transformado em grande senhor, descendente talvez de velhos mercadores de Veneza ou de Gênova . . . (39). Assim era São Paulo nesse comêço de século.

Na direção de Leste, separado pela várzea do Tamanduatéi, aparecia o bloco compacto do *Brás*, que se prolongava até às proximidades da estação da Mooca (na então “São Paulo Railway”) e alcançava o Belênzinho. O Pari já estava, pràti-

(35) WRIGHT (Marie Robinson), obra cit., pág. 212.

(36) WALLE (Paul), obra cit., pág. 152.

(37) WRIGHT (Marie Robinson), obra cit., pág. 212.

(38) BERNÁRDEZ (Manuel), obra cit., pág. 159.

(39) GAFFRE (L. A.), obra cit., pág. 159.



Rua Líbero Badaró, próximo ao Largo de São Bento. — (Foto do Arquivo do Dep. de Cultura).

camente, unido ao Brás. A Avenida Rangel Pestana, ligando o centro da cidade a êste populoso bairro, terminava no Largo da Concórdia, onde existia um mercado (40), e via-se prolongada pela Avenida da Intendência, no rumo da Penha. Em

(40) WRIGHT (Marie Robinson), obra cit., pág. 212.



A igreja do Brás e a Avenida Rangel Pestana. — (Foto do Arquivo do Dep. de Cultura).

direção ao Norte, para além do bairro da Luz, a Avenida Tiradentes, “bordejada em tôda sua extensão por habitações elegantes e por jardins” (41), alcançava as margens do Tietê e punha a cidade em contato com a região da Cantareira, através de Santana.

O *Brás*, “immense quartier populaire et laborieux”, passava, então, por importantes melhoramentos e preparava-se para receber os benefícios da iluminação elétrica e da pavimentação (42).

Pode-se perceber, com relativa facilidade, quais eram, por essa época, os rumos prováveis da expansão da cidade: na direção de Oeste e de Noroeste, através da Avenida Água Branca e da Rua Itapicuru (no trecho hoje denominado Rua Turiaçu), até o bairro da Água Branca (de onde partia a estrada para a veneranda Freguesia do Ô) e à nascente Lapa; no rumo do Norte, através da Rua dos Voluntários da Pátria, que ia ter ao pequenino núcleo de Santana, à margem direita do Tietê; em direção do Leste, através da então Avenida da Intendência (atual Celso Garcia), em busca do isolado e pe-

(41) GAFFRE (L. A.), obra cit., pág. 160.

(42) GAFFRE (L. A.), obra cit., pág. 160.

queno núcleo da Penha; no rumo de Sudoeste, através de um simples caminho carroçável, de que resultou a atual Avenida Rebouças, a qual alcançava a "Vila dos Pinheiros". Já arruados, embora pouco habitados e ainda isolados da cidade, apareciam o Ipiranga e Vila Prudente.

Todavia, grandes *espaços vazios* continuavam a existir, separando as zonas mais densamente ocupadas, em plena cidade. Assim acontecia no início da Rua Augusta e vizinhanças, no trecho entre as Ruas Santo Amaro e Frei Caneca, entre a Avenida Brigadeiro Luís Antônio e a Liberdade, como também no Cambuci. Correspondem a áreas de topografia movimentada e irregular, onde se situam as cabeceiras de ribeirões afluentes da margem esquerda do Tamanduateí (como o Lavapés, Anhangabaú, Saracura, etc.). De um modo geral a cidade continuava a formar blocos que davam a idéia de várias pequeninas cidades sucessivas e sucessivamente agrupadas, dentro de um perímetro constituído por uma periferia instável, dado que se expandia a olhos vistos.

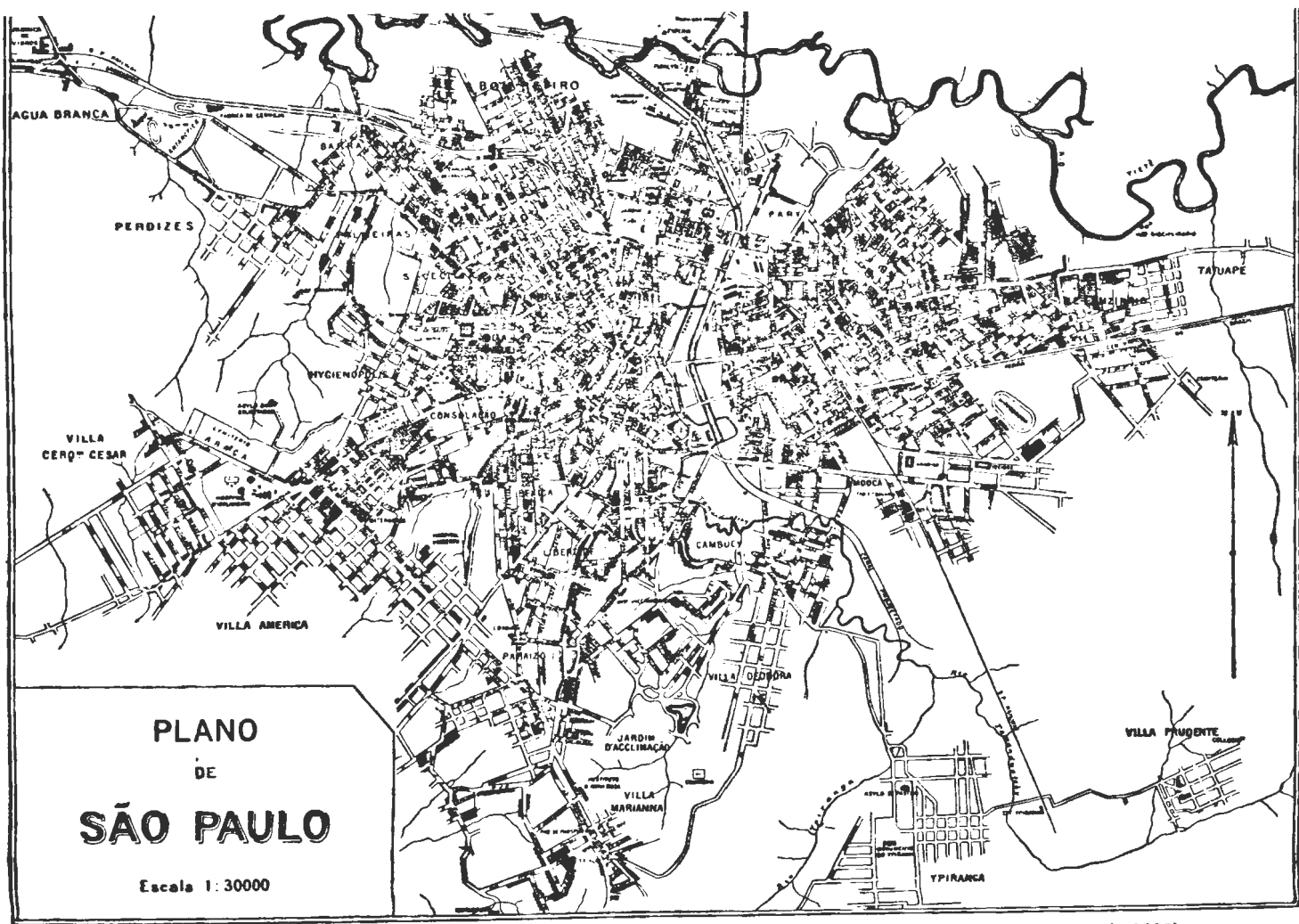
"São Paulo não é uma grande cidade (*Grosstadt*), mas um amontoado de pequenas cidades construídas uma ao lado da outra e uma dentro da outra, uma cidade que está em vias de se transformar em cidade grande, e a única coisa grandiosa nela é seu futuro" (43). Essa foi a impressão de HESSE-WARTEGG na época. É o mesmo autor que, mais adiante, continua: "Tudo transpira o estado inacabado e a grandeza futura, até os homens, pois as relações sociais ainda são confusas, turvas, as águas ainda não se clarificaram, os sedimentos ainda não se depositaram no fundo, as camadas ainda não se formaram" (44).

Percebe-se, por outro lado, que dois fatores de natureza econômica presidiram a expansão urbana: de um lado, a riqueza proveniente do café fazendo nascer os bairros residenciais finos; de outro lado, o desenvolvimento industrial estimulando o crescimento dos bairros da área do Brás e vizinhanças.

Salvo êsses bairros industriais e operários, fixados na parte baixa da cidade, os outros deram preferência aos topos das colinas e aos espigões; neste particular, a Avenida Paulista pode ser considerada um verdadeiro símbolo, pois se instalou

(43) HESSE-WARTEGG, obra cit., pág. 149.

(44) HESSE-WARTEGG, obra cit., pág. 151.



São Paulo na primeira década do século XX. — (Planta que figura no *Almanaque Brasileiro Garnier*, ed. 1909).

exatamente no Espigão Central, divisor das bacias do Tietê e Pinheiros.

O próprio vale do Anhangabaú, em pleno centro da cidade, continuava sem urbanização, que só se completou na segunda década do século atual.

Dentro, ainda, da primeira década do século XX, registrou-se o que poderíamos denominar de *terceira fundação da cidade*, em virtude de razões idênticas às que levaram SIMÕES DE PAULA a referir-se a uma segunda “fundação” (45). Na realidade, sob a administração dos prefeitos Antônio Prado e Raimundo Duprat, passou a cidade por tais transformações urbanísticas e recebeu tais melhoramentos, que somos levados a compará-los aos realizados durante a Presidência de João Teodoro (46). Tais fatos justificam e confirmam, por isso mesmo, as referências lisonjeiras feitas pelos estrangeiros que nos visitaram, por essa época.

Na verdade, ao mesmo tempo que Francisco Pereira Passos e Osvaldo Cruz faziam aparecer um novo Rio de Janeiro, com amplas vias públicas e livre de endemias, um fato idêntico se verificava na Paulicéia: executaram-se vastas e custosas obras de saneamento, sobretudo na várzea do Tamanduateí; canalizaram-se os rios e ribeirões da cidade; garantiu-se, para a população, melhor e maior quantidade de água potável; rasgaram-se novas ruas e avenidas; ajardinaram-se as praças e pavimentaram-se, da melhor maneira possível, as ruas da parte principal da cidade. Disso tudo resultou uma nova cidade de São Paulo, bem diversa daquela que nos havia legado o século XIX.

“Tal como a Capital Federal — escreveu MARIE WRIGHT, exatamente nesse período — São Paulo transformou-se em poucos anos; e, embora a mudança não tenha sido tão rápida nem tão radical como

(45) PAULA (E. Simões de), *Contribuição monográfica para o estudo da segunda fundação de São Paulo*, São Paulo, 1936.

(46) Ainda muito recentemente, escreveu o Eng.º FRANCISCO PRESTES MAIA: “Pode-se dizer que a cidade teve quatro surtos urbanísticos de importância crescente. O primeiro, por volta de 1875, no Governo João Teodoro. O segundo, no início do século, na Administração Antônio Prado. O terceiro, envolvendo já apreciável transformação central, na Administração Duprat (1911). O quarto, no período 1938-1945, quando foi tentada uma remodelação mais radical e sob critérios gerais de coordenação” (em *São Paulo*, álbum com fotografias coloridas, de KURT P. KARFELD, ed. Melhoramentos, São Paulo, 1954).

no Rio, aparece com suficiente importância para deixar sua marca em muitos trechos do velho São Paulo imperial, o qual rapidamente se transformou no moderno São Paulo republicano” (47). Tanto ela como MANUEL BERNÁRDEZ (48) e PAUL WALLE (49) fazem encomiásticas referências à administração do *Conselheiro Antônio Prado*, que se prolongou por dez anos, a partir de 1898. Além de obras de saneamento, que fizeram de São Paulo “una de las ciudades más sanas del mundo” (50), deve-se-lhe a abertura da Avenida Tiradentes, o aformoseamento do Largo do Paissandu e o ajardinamento, ainda hoje existente, da Praça da República. Em 1905, recebeu uma grandiosa manifestação popular e foi inaugurado seu busto em bronze, na Câmara Municipal, para atestar “aos vindouros o culto do Dever e a valorosa dedicação do administrador modelo” (51).

Nos anos que se seguiram, até findar-se o primeiro quartel do presente século, prosseguiu a expansão da cidade.

De início, ampliou-se a área do Belêzinho e da Mooca, graças aos três fatores conjugados: o desenvolvimento industrial, as correntes imigratórias e a presença da via férrea. Passou a ser inteiramente ocupado o espigão de Vila Mariana, no Paraíso. Na Avenida Paulista, os vazios foram preenchidos e novos palacetes vieram atestar o progresso econômico da cidade. Os paulistanos continuavam a dar preferência aos trechos mais elevados. Ampliou-se o bairro das Perdizes, que passou a se unir ao da Água Branca, embora por estreita faixa edificada. Também a Ponte Grande, graças à Avenida Tiradentes, veio a integrar-se definitivamente na área urbana. A expansão da cidade não se fez, apenas, pelo aumento de seu perímetro: adensou-se o casario nas áreas já anteriormente ocupadas e, sobretudo, foram preenchidos os claros até então existentes no interior da cidade.

Escrevendo em 1920, ROBERTO CAPRI caracterizou, com sua abundante adjetivação, alguns dos logradouros da cidade: o Brás era “o pulmão industrial” da metrópole; a Avenida de São João, “extensa e borbulhante”; a Avenida Angélica, “quieta e suave”; a Avenida Higienópolis, “aristocrata e grave, de construções solenes”; e a Ave-

(47) WRIGHT (Marie Robinson), obra cit., pág. 206.

(48) BERNÁRDEZ (Manuel), obra cit., págs. 179 e 194.

(49) WALLE (Paul), obra cit., pág. 167.

(50) BERNÁRDEZ (Manuel), obra cit., pág. 180.

(51) Cf. *São Paulo Magazine*, ano I, n.º 2, pág. 43, São Paulo, 15 de junho de 1906.

nida Paulista, “ampla, *rendez-vous* do povo chique, com seus palácios fidalgos, com o Belvedere”. . . “onde, em ágapes distintos, se reúne a nossa nobreza intelectual”. A vida noturna seria intensa, girando em tórno dos teatros (Municipal, São José, Santana, Colombo) e nos “cinemas borbulhantes de gente” (Central, Roial, Avenida, Colombo) (52).

Por volta de 1925, finalmente, pode ser assim delimitada a área urbana (53):

- a) um bloco compactamente edificado, limitado ao Norte pelas vias férreas, a Leste pelo vale do Anhangabaú, a Oeste pelo vale do Pacaembu e ao Sul pelo espigão da Avenida Paulista;
- b) uma área compactamente edificada, a Leste do Tamanduaté, compreendendo o Brás, a Mooca e o Belênzinho, a qual é cortada em três pontos por estradas de ferro;
- c) uma área pequena, porém populosa, situada na várzea, ao Norte das linhas férreas, compreendendo o Bom Retiro, a Luz e a Baixa Casa Verde;
- d) uma área a Oeste do vale do Pacaembu, compreendendo Perdizes, Vila Pompéia, Água Branca, Lapa e o início do Alto da Lapa;
- e) uma zona de bairros novos, situados nas vizinhanças do Tietê (margem esquerda) e da colina da Penha;
- f) o Ipiranga, então bairro-subúrbio, instalado parte na várzea e parte nas vertentes do Tamanduaté;
- g) uma zona irregular, nucleada pelo centro da cidade, entre o vale do Anhangabaú e a Aclimação;
- h) a zona localizada a Sudeste do espigão da Avenida Paulista, compreendendo Vila Cerqueira César, Pinheiros, Vila América e Jardim América;
- i) uma zona situada ao Sul da Avenida Paulista, constituída principalmente pela Vila Mariana;
- j) uma pequena área ao Norte do Tietê, com o antigo núcleo de Santana.

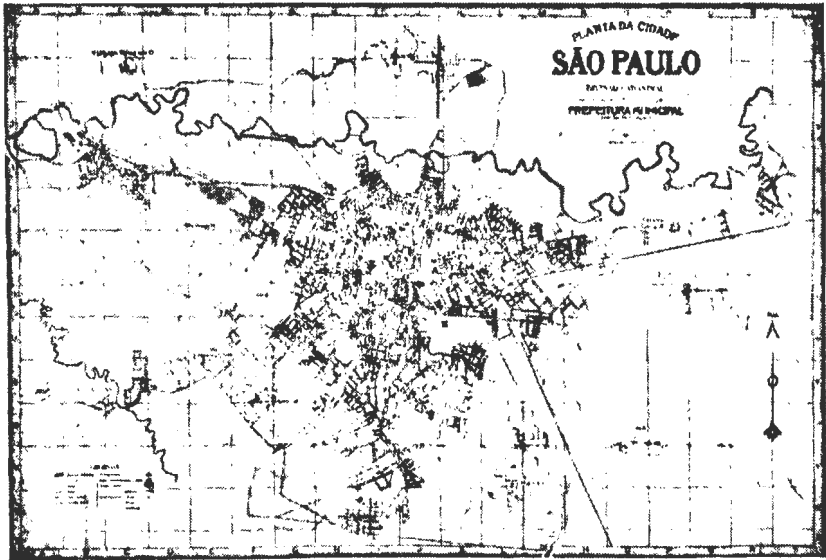
(52) CAPRI (Roberto), *São Paulo, a Capital Artística, na comemoração do Centenário*, São Paulo, 1922.

(53) Consultem-se a *Planta da Cidade de São Paulo*, organizada por VALDOMIRO GONÇALVES, São Paulo, 1924; e RUDOLFER (BRUNO) e LE VOCE (ANTÔNIO), *Transporte coletivo na cidade de São Paulo*, São Paulo, 1943.

Como se vê, São Paulo era ainda uma cidade fracionada, constituída por trechos edificadas separados uns dos outros, ora por obstáculos naturais (como é o caso das várzeas e dos vales mais escavados), ora pela presença das vias férreas.

Exatamente nesse período, um novo elemento foi acrescentado à fisionomia da cidade: os *bairros-jardins*, introduzidos a partir de 1915 e multiplicados na terceira década do século. Viriam a tornar-se, mais tarde, alguns dos bairros mais elegantes e bonitos da cidade atual, como o Jardim América, o Jardim Europa e o Pacaembu.

Coube à *Companhia City*, de capitais ingleses, iniciar a construção dos bairros-jardins em São Paulo, a partir de 1915. Antes da primeira Grande Guerra, comprou essa empresa extensas áreas de terrenos nas zonas urbana e suburbana, investindo desde logo importantes somas em obras de terraplenagem, arruamentos e pavimentação. Já em 1916, achava-se completamente arruado o Jardim América; e outros se lhe seguiram: Jardim Europa, Pacaembu, Alto da Lapa, Bairro Siciliano e Alto de Santana (54).



São Paulo em 1916. — Percebe-se, através desta planta da Prefeitura Municipal, a expansão da cidade no rumo Sul. Ao mesmo tempo, seus tentáculos dirigem-se tanto em direção à Penha, como em direção à Lapa.

(54) SARAIVA (Amadeu de Barros), *As recentes criações urbanas em São Paulo*, "Arquitetura no Brasil", vol. V, n.º 29, págs. 176-181, Rio, junho-julho de 1926.

O crescimento de São Paulo até 1925 e os problemas que acarretou

Como é de se esperar, ao mesmo tempo que se processava a expansão da área urbana, nesse primeiro quartel do século XX, tinha lugar o crescimento da população paulistana.

No período focalizado, realizou-se apenas um *recenseamento*: o de 1920, que deu para o município uma população de 579 033 habitantes, o que significa que aumentou mais de duas vezes, numa vintena, a exemplo do que já acontecera no período de 1870-90. No entanto, o ritmo de crescimento foi menor que o da década final do século XIX, quando a população quadruplicara, por haver sido êste o período áureo da imigração européia.

Afora aquela cifra da população efetivamente recenseada, encontramos *estimativas* para vários anos (55):

A N O S	HABITANTES
1905..	300 000
1910..	375 000
1915..	472 000
1919..	526 000
1922.. 	637 000

Percebe-se, assim, que a cidade teve um aumento médio de 70 000 habitantes nos dois primeiros quinquênios, ao passo que tal aumento passou a ser de 100 000 nos dois quinquênios seguintes. Explica-se o fato pelo declínio da imigração, no decorrer da primeira década do século, em virtude da sensível diminuição da entrada de italianos e dos numerosos retornos verificados. O movimento migratório no Estado chegou a ser quase deficitário: no período de 1900-1907, entraram 308 809 imigrantes e saíram 277 029! (56).

(55) Cf. PAULO RANGEL PESTANA em *São Paulo, a Capital Artística, na Comemoração do Centenário*, 1922; e EGAS (Eugênio), *Os Municípios Paulistas*, São Paulo, 1925.

(56) Cf. AZEVEDO (Sálvio Almeida), *Imigração e Colonização no Estado de São Paulo*, pág. 121, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. LXXV, São Paulo, 1941.

No terceiro quinquênio (1910-1915) novamente a imigração retomou seu antigo ritmo, graças à resolução da crise da imigração italiana, à melhoria da situação da lavoura cafeeira e ao crescente desenvolvimento industrial. Eis algumas cifras (57):

A N O S	IMIGRANTES
1910..	40 479
1911..	64 990
1912..	101 947
1913..	119 757

De qualquer maneira, pode-se afirmar que São Paulo alcançara a população de 800 000 habitantes ao findar o primeiro quartel do presente século, firmando cada vez mais sua bela posição de segunda cidade brasileira e deixando longe, em sua marcha ascensional, as demais capitais de Estados. Já era a terceira cidade da América do Sul, ultrapassando Montevidéu e Santiago do Chile; alinhava-se ao lado de Roma e de Colônia (58).

Essa bela posição não foi alcançada apenas pelo gênio progressista dos paulistas, sua habilidade prática e seus enérgicos empreendimentos — como pensava MARIE WRIGHT (59); ou porque houvesse “something in the air of São Paulo which makes strong and vigorous men”, conforme a frase de ELIHU ROOT (60). Também não se deve exclusivamente à contribuição do elemento estrangeiro, que continuou a ser sempre numeroso na cidade, embora em menores proporções e não apenas italianos, como no comêço do século; portugueses e espanhóis vinham à frente das correntes imigratórias, logo seguidos pelos italianos, e um elemento novo apareceu — o imigrante japonês (61). Todos êsses fatores, a par da crescente prosperidade econômica, então já assegurada pelo binômio café-indústria, concorreram para criar condições inteiramente favoráveis ao crescimento vegetativo. Na verdade, em todo o período que

(57) Cf. AZEVEDO (Sálvio Almeida), obra cit., págs. 126-127.

(58) Cf. CAPRI (Roberto), *São Paulo, a Capital Artística*, pág. 34.

(59) WRIGHT (Marie Robinson), obra cit., pág. 205.

(60) Cf. WRIGHT (Marie Robinson), obra cit., pág. 205.

(61) Cf. AZEVEDO (Sálvio Almeida), obra cit., págs. 120-127.

vimos focalizando, a taxa de natalidade é, em média, duas vezes mais elevada que a da mortalidade.

De acôrdo com os dados obtidos por PAULO RANGEL PESTANA (62), assim se caracterizaram a natalidade e mortalidade na Capital paulista, na primeira vintena do século:

A N O S	NATALIDADE		MORTALIDADE	
	<i>Nascimentos</i>	<i>Taxa</i>	<i>Óbitos</i>	<i>Taxa</i>
1900 .	8 684	36,02 %	4 537	18,91 %
1910 .	12 287	32,73 %	6 246	16,64 %
1919 .	16 916	32,13 %	9 995	18,96 %

A queda verificada no ano de 1919 explica-se pelo elevado coeficiente de mortalidade infantil, então registrado, em virtude da gripe, do sarampo, da escarlatina e da coqueluche, que se fizeram sentir com desusada virulência. Cumpre ainda assinalar que a gripe espanhola, em 1918, fêz 5 372 vítimas na capital paulista (63).

São Paulo continuava a ser *cidade cosmopolita*. Predominavam os europeus, que em grande número, juntamente com seus descendentes, tinham já um bom padrão de vida (64). De acôrdo com PAUL WALLE, com base nas cifras de natalidade e na nacionalidade dos pais dos recém-nascidos, formariam, por volta de 1910, nada menos de dois terços da população da cidade (65).

São Paulo deixara de ser “a cidade de italianos”, que ALFREDO MOREIRA PINTO conhecera, em 1900 (66). Mas o elemento peninsular, como é natural, continuava a representar papel de muita importância, não apenas na massa da população, como nas atividades urbanas e na própria fisionomia da Paulicéia (67). A seu lado, em sensível minoria, apareciam os ele-

(62) Em CAPRI (Roberto), *São Paulo, a Capital Artística*.

(63) Cf. PESTANA (Paulo Rangel), em *São Paulo, a Capital Artística*.

(64) WALLE (Paul), obra cit., pág. 174.

(65) WALLE (Paul), obra cit., pág. 174.

(66) PINTO (Alfredo Moreira), *A Cidade de São Paulo em 1900* (Impressões de viagem), pág. 9, Imprensa Nacional, Rio, 1900.

(67) Consultem-se as obras de M. BERNÁRDEZ, P. WALLE, R. CAPRI e DEBENEDETTI (E.) e SALMONI (A.), *Architettura Italiana a San Paolo*, ed. do Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, São Paulo, 1953.

mentos ibéricos, além de sírio-libaneses e japoneses. Nos anos imediatamente posteriores à primeira Grande Guerra, novos contingentes chegaram, insatisfeitos com as conseqüências do pós-guerra: húngaros e povos do Báltico. Tudo isso, sem falar nos elementos germânicos e anglo-saxões. PIERRE DENIS admirou-se com a capacidade de assimilação do elemento alie-nígena por parte de São Paulo: “Por sua atividade e por sua



O vale do Anhangabaú. — Fotografia tomada na década de 1920-30, após a transformação urbanística por que passou esse recanto da cidade (Foto do Arquivo do Dep. de Cultura)

energia, São Paulo tem um poder de absorção relativo aos imigrados que não se encontra, no mesmo grau, em nenhuma outra região brasileira” (68).

De acôrdo com ROBERTO CAPRI, em 1912 os italianos eram proprietários de 32 milhões de pés de café, produziam 425 000 sacas e possuíam 23 520 propriedades urbanas (69).

A expansão da área urbana e o crescimento demográfico repercutiram, naturalmente, no ritmo das *construções urbanas*. Na primeira década do século, o número de prédios passou de 21 656, em 1900,

(68) DENIS (Pierre), *Amérique du Sud*, tomo XV, 1.^a parte, pág. 189, Liv. Armand Colin, Paris, 1927.

(69) CAPRI (Roberto), *O Estado de São Paulo e seus Municípios*, págs. 16-17.

para 32 914, em 1910, o que significa um aumento de mais de 10 000 prédios, isto é, cêrca de mil por ano. Ao terminar a segunda década, o total já atingia quase 60 000, o que corresponde a um aumento três vêzes maior ao registrado no período anterior, com a média anual de 3 000 prédios (70).

Eis uma estatística expressiva, referente ao número de prédios segundo os distritos (71).

DISTRITOS	1911	1918
Sé.....	1 128	1 434
Santa Ifigênia..	5 874	4 827
Consolação..	5 885	4 719
Brás.....	8 058	5 365
Mooca.....	—	7 183
Santa Cecília.....	5 670	6 216
Bom Retiro..	—	2 836
Liberdade....	4 160	5 185
Bela Vista..	—	3 874
Belênzinho.....	2 120	5 370
Vila Mariana.....	1 478	3 403
Cambuci..	165	1 390
Lapa....	—	2 221
Santana.....	651	1 707
Penha..	353	478
TOTAIS.....	35 542	56 208

Através das próprias cifras e dos desmembramentos verificados (em 1911, Mooca, Bom Retiro, Bela Vista e Lapa ainda não eram distritos autônomos), pode-se sentir o crescimento e a expansão da cidade, impressionante em alguns setores, embora lento noutros.

Essas habitações ofereciam contrastes chocantes. Perduravam, ainda, muitas casas e uns poucos sobrados construídos de taípa, herança do passado. Na área central, notavam-se já alguns prédios altos, embora a maioria não tivesse mais do que um ou dois andares, a exemplo dos que existem até hoje, sobretudo nas vizinhanças da Praça da Sé. Datam desse período o ajardinamento do vale do Anhangabaú, o alargamento da Rua Líbero Badaró e os melhoramentos introduzidos na Praça Ramos de Azevedo; ergueram-se os palacetes Prates, um dos quais ainda resta, abrigando a Câmara Municipal. Canali-

(70) Cf. PAULO R. PESTANA, loc. cit.

(71) Cf. PAULO R. PESTANA, nas obras publicadas por R. CAPRI.

zado o Tamanduateí (1914) e saneada a Várzea do Carmo, surgiu ali o Parque Dom Pedro II.

Nos bairros, predominavam as habitações de aspecto modesto, de um só pavimento, geralmente possuindo porões, dando diretamente para a rua e obedecendo a um estilo mais ou menos padronizado, sem nenhum encanto arquitetônico; assim eram as moradias da classe média e da população operária, de que perduram numerosos exemplos, notadamente na Bela Vista, em Vila Buarque, em Santa Ifigênia, na Barra Funda, no Bom Retiro e no Brás. Em contraposição, nos bairros aristocráticos predominavam as grandes mansões senhoriais e os ricos palacetes dos milionários do café e “capitães da indústria” da Paulicéia de então; ainda hoje podemos admirá-los, embora alguns se encontrem em plena decadência: as fidalgas residências de Elias Chaves (atual Palácio dos Campos Elísios) e do Conde de Prates, no bairro dos Campos Elísios; as admiráveis mansões da Avenida Higienópolis, entre as quais se destacavam a “Vila Veridiana” (residência do Conselheiro Antônio Prado) e o palacete do Conde Álvares Penteado, onde hoje se acha instalada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; e tantas outras, construídas na Avenida Paulista.

Ao findar o primeiro quartel do século atual, São Paulo era, ainda, uma cidade baixa, que muito pouco crescera no sentido vertical e só excepcionalmente conhecia prédios de seis e sete andares. A êste propósito, são significativos os dados numéricos que se seguem (72):

	1911	1919
Prédios térreos.....	26 750	40 301
Prédios assobradados.....	6 600	13 526
Prédios de 1 andar.....	2 619	4 531
Prédios de mais de 1 andar	159	340
TOTAIS	36 128	58 698

Todavia, tais cifras atestam inequívocos sinais do crescimento vertical que haveria de caracterizar o segundo quartel

(72) Cf. PAULO R. PESTANA em *O Estado de São Paulo e seus Municípios* (ed. de ROBERTO CAPRI, 1913), pág. 82; e *A Capital Paulista comemorando o Centenário da Independência*, ed. em 1920.

do século, embora apenas no que concerne aos prédios assobradados e de um andar. Com efeito, tal fato aparece melhor quando examinadas as percentagens:

	1911	1919
Prédios térreos.....	74 %	71 %
Prédios assobradados..	18 %	24 %
Prédios de 1 andar.....	7 %	12 %
Prédios de mais de 1 andar	0,4 %	0,6 %

A maioria das novas construções, tanto as residências finas como as da classe média, trazia a marca da arquitetura italiana, em estilo neoclássico ou floreal; e os próprios edifícios públicos, construídos nessa época, sofreram, como é natural, essa influência (73).

A êsse respeito, eis o que nos diz BARTOLOTTI: "Os bairros elegantes concentram-se em uma zona de luxuriante vegetação tropical estupendamente combinada à delicada flora das regiões tropicais, de onde surgem elegantes *villini*, graciosos palacetes e mesmo soberbas *vile*, em uma variedade de côres e de formas arquitetônicas tais, que, se à primeira vista dão a impressão de uma confusão de estilos, demonstram, todavia, um bom gôsto artístico, regra geral de marca italiana" (74).

O *Teatro Municipal*, por exemplo, construído entre 1908 e 1911, foi arquitetado por Ramos de Azevedo com a colaboração de Domiciano e Cláudio Rossi. Antes disso, o mesmo escritório de engenharia havia construído o edifício da antiga *Escola Normal* (atual Instituto de Educação "Caetano de Campos"), inaugurado em 1908, dentro das linhas do neoclássico italiano.

Muitos *problemas urbanos* tiveram feliz solução durante essa fase da evolução da cidade; assim, a iluminação pública e particular, a pavimentação, o serviço de águas e esgotos, os transportes.

De início, a maioria das ruas paulistanas era iluminada a gás, embora a área central já conhecesse os benefícios da luz elétrica. Sòmente a partir de 1922 se registrou a expansão da iluminação elétrica, no conjunto da cidade. Daí o aspecto algo

(73) Consultem-se, sôbre o assunto, DEBENEDETTI (E.) e SALMONI (A.), obra cit.

(74) BARTOLOTTI (Domenico), *Il Brasile Meridionale*, Alberto Stock, Roma, pág. 204, Roma, 1930.

provinciano e tristonho que São Paulo apresentava à noite, no decorrer de todo êsse período; daí a importância daquela personagem urbano, hoje desaparecido — o acendedor de lâmpadas, que pontualmente a percorria ao anoitecer.

Em 1907, existiam na cidade 4 558 combustores de gás; em 1915, êste número elevou-se para 9 396, o que correspondia a dez vezes o de focos elétricos; e, em 1922, atingiu 10 031 (75).

Sòmente a partir de 1916, a “Light” passou a fornecer luz elétrica às vias públicas; por isso mesmo, antes dessa data, era reduzidíssimo o número de focos elétricos (em 1914, apenas 846). Entretanto, já em 1920, êsse total elevava-se a 2 153 e, dois anos mais tarde, a 2 661, isto é, menos de um quinto dos combustores de gás. A partir de 1922, a expansão da luz elétrica prosseguiu em marcha acelerada, substituindo a iluminação a gás, que veio a desaparecer pouco depois de 1930.

A iluminação elétrica deu vida nova à cidade. Mesmo bairros distantes viram-se beneficiados: é o caso da Água Branca, Lapa, Ipiranga e Penha que, já em 1912, possuíam alguns focos elétricos. De modo geral, dava-se preferência ao centro da cidade, às ruas dos melhores bairros e aos locais de recreação. Em 1915, iluminou-se o Miradouro (Trianon) da Avenida Paulista; em 1916, todo o “Triângulo”, a esplanada do Teatro Municipal e os relógios públicos passaram a ser iluminados por luz elétrica. Em 1918, a Avenida Paulista recebeu novos focos e o mesmo benefício estendeu-se ao vale do Anhangabaú, à Bela Vista e ao Largo da Concórdia (Brás). Em 1922, chegou a vez do Jardim América, de Santana e do Ipiranga.

A *pavimentação* das ruas e praças recebeu um grande impulso na administração do Prefeito Antônio Prado, que elevou êsse benefício a um total de um milhão de metros quadrados, o que fêz com que cada habitante da cidade passasse a dispor de 5,40m², quando, na mesma época, cada habitante de Buenos Aires só dispunha de 6,45m² (76). Utilizavam-se o macadame e paralelepípedos de granito. Em 1912, a área calçada da cidade tinha uma superfície de 2 740 000m² (77).

(75) Cf. EGAS (Eugênio), *Galeria dos Presidentes do Estado de São Paulo*, vols. II e III, São Paulo, 1927.

(76) BERNARDEZ (Manuel), obra cit., pág. 194.

(77) EGAS (Eugênio), *Os Municípios Paulistas*, vol. I, pág. 476.

O serviço de *águas e esgotos* não conseguia alcançar o ritmo acelerado do crescimento urbano. Foi também na primeira década do século que a cidade passou a ser mais bem servida de água, graças à utilização de mananciais da Serra da Cantareira e do rio Cotia. Todavia, registraram-se muitos contrastes de um bairro para outro, o mesmo acontecendo com a rede de esgotos.

Em 1905, 22 889 prédios eram abastecidos de água, numa rede total de 392 867 metros. Em 1908, tais cifras haviam passado, respectivamente, para 26 370 e 416 336.

No que se refere à rede de esgotos, em 1903 existiam 20 074 prédios beneficiados; ao passo que, em 1908, este número subiu para 24 270, numa rede total de 874 548 metros. Por essa época, Vila Mariana, Perdizes, Água Branca, Lapa e Belênzinho não gozavam de tal vantagem; Cambuci, Mooca, Bom Retiro, Barra Funda e Higienópolis eram servidos de maneira incompleta.

Nos anos seguintes, a situação foi sempre melhorando, conforme se pode constatar pelos dados abaixo:

EXTENSÃO DAS RÊDES (em metros)		
	<i>Água</i>	<i>Esgotos</i>
1911	449 793	1 144 300
1916-1917.. ..	598 414	1 657 644
1922.	660 899	—

NÚMERO DE PRÉDIOS SERVIDOS		
	<i>Água</i>	<i>Esgotos</i>
1911.	55 502	32 444
1918.	—	48 815
1921.	53 875	—

Cumpra assinalar que, em 1912, foram concluídas as redes de esgotos das vertentes do Tamanduateí, em Vila Mariana e no Cambuci, e iniciadas as redes das Perdizes e de parte do Ipiranga, que se concluíram em 1914. Em 1915, estavam terminadas as redes da Barra Funda e do Bom Retiro, dando-se



Bonde de burros. — Até o início do século XX, a cidade conheceu os bondes de tração animal, embora os primeiros bondes elétricos começassem a circular em 1900. (Foto do Arquivo do Dep. de Cultura).

início às da Água Branca, Lapa e Santana. Em fins de 1922, iniciaram-se os serviços para o prolongamento da rêde de esgotos, desde a Alamêda Santos até ao Jardim América e a Vila Cerqueira César (78).

Em relação aos *transportes urbanos*, as primeiras linhas de bondes elétricos (de cujo serviço era concessionária a “Light”) foram inauguradas em 1900, pondo o centro da cidade em comunicação com a Barra Funda, a Vila Buarque e o Bom Retiro; mas os bondes de tração animal e algumas linhas a vapor (para Santo Amaro e para a Cantareira) continuavam a servir a cidade (79). Durante todo o período que vimos focalizando, entretanto, são os veículos de tração animal que predominam no tráfego urbano, particularmente as pequenas carroças de duas rodas (largamente utilizadas no serviço de abastecimento alimentar) e as carruagens de quatro rodas (largamente utilizadas no serviço de passageiros). Os automóveis não passariam, ao findar o primeiro quarto do século, de pouco mais de 2 500.

(78) Cf. EGAS (Eugênio), *Galeria dos Presidentes do Estado de São Paulo*.

(79) Cf. *Cinquenta anos de progresso com São Paulo (1900-1950)*, publicação de “The São Paulo Tramway, Light and Power Co. Ltd.”.

A rigor, os primeiros bondes elétricos começaram a circular a partir de 1897; mas só depois de 1900 foi que se estabeleceram as linhas de maior extensão.

Em 1908, os bondes da "Light" transportaram 24 981 106 passageiros e o "Tramway" da Cantareira conduziu 277 629. Dez anos mais tarde, símbolo do crescimento demográfico da cidade, os primeiros transportaram 58 455 792 passageiros e o segundo 1 730 941. Neste mesmo ano de 1918, assim se distribuíam os automóveis (80):

Particulares..	1 234
De aluguel..	...	586
De carga..	157

Em 1921, a "Light" tinha em serviço 407 bondes para passageiros, havendo transportado nada menos de 103 938 584 pessoas, o que é realmente notável, pois significa quase o dôbro da cifra registrada três anos antes (81).

Muito expressiva é a relação discriminada dos veículos urbanos, mencionada por EUGÊNIO EGAS (82), que vamos aqui sintetizar de acôrdo com os respectivos grupos:

a) *Veículos de tração animal:*

Carroças....	8 468
"Aranhas"	934
Carruagens....	...	68
Carros de bois..	57
Tílburis...	49
Carretões.....	7
Troles de sítio..	6
TOTAL	9 589

b) *Veículos motorizados:*

Automóveis particulares.....	2 380
Automóveis de aluguel ou carga..	...	1 419
Motocicletas..	278
TOTAL	4 077

(80) Cf. *A Capital Paulista comemorando o Centenário da Independência*, dados de PAULO R. PESTANA.

(81) Cf. EGAS (Eugênio), *Os Municípios Paulistas*, I, pág. 479.

(82) Cf. EGAS (Eugênio), *Os Municípios Paulistas*, I, pág. 477.

c) *Outros veículos :*

Bicicletas.....	3 312
Carroças de mão..	870
Barcas..	311
Botes.....	133
Carros para entêro.....	15
Lanchas ou botes a vapor..	10
Balsas..	2
TOTAL.	4 653

Isto significa que, num total de 18 319 veículos, mais de 51% eram movidos por tração animal. Pormenores interessantes há a registrar, neste particular : entre as carroças, 1 039 destinavam-se ao transporte de pão ou leite, 1 160 ao transporte de lenha ou hortaliças, e 45 ao de carne ; entre as carruagens, 67 eram de aluguel e 65 tinham rodas de borracha ; e entre os tîlburis (ainda os havia há vinte e cinco anos atrás !), 45 eram de aluguel. Note-se, outrossim, o número elevado de “aranhas” e, naturalmente, correspondendo à zona rural, os carros de bois e os troles.

Os veículos motorizados correspondiam a somente 20% do total. Quanto aos demais, observa-se que o número de bicicletas era superior ao de automóveis particulares e que não era desprezível o número dos que se destinavam à navegação fluvial (num total de 456).

O fenômeno, que já se esboçara na segunda metade do século XIX, como consequência da expansão da área urbana, acentuou-se definitivamente no primeiro quartel do século XX : a cidade passou a possuir *áreas funcionais* mais ou menos bem definidas.

O velho centro caracterizava-se inteiramente como *zona comercial*, sobretudo do comércio varejista, ao mesmo tempo que o comércio atacadista passava a instalar-se nas vertentes do Tamanduatéí, junto à colina histórica, e na própria várzea. Fora daí, o comércio se desenvolveu nos bairros, em determinadas ruas ou constituindo pequenos núcleos bem caracterizados.

Não nos é possível examinar em detalhes a *função comercial* da cidade, nessa época, pois não teríamos espaço para tanto. Sendo uma grande cidade com 800 000 habitantes, dispunha de elevado número de casas comerciais e, sobretudo, um comércio variadíssimo, perfeitamente à altura de sua importância. “A

enorme atividade comercial da praça de São Paulo — escrevia MARCELO PIZA, em 1924 — centraliza boa parte do comércio de exportação e grande parte do de importação, assim como dirige a produção agrícola, pastoril e industrial do Estado” (83).

Os trabalhos de MARCELO PIZA (84) e EUGENIO EGAS (85) fornecem abundante material para o estudo dessa função urbana, por volta de 1921-1922. Limitar-nos-emos a pôr em destaque uns poucos mas significativos aspectos da vida comercial da Paulicéia, por essa época. É provável que existissem cêrca de 10 000 casas de comércio, das quais 292 se dedicavam a artigos de importação. O abastecimento alimentar era assegurado por 2 617 armazéns de secos e molhados, 463 açougues, 183 quitandas e casas de frutas, 162 leiterias, 106 confeitarias e pastelarias, etc. Havia 198 carvoarias, 183 lenharias, 219 casas de móveis, 513 de fazendas e armarinho, 243 de calçados, 59 de fazendas, 67 de chapéus para homens, 22 perfumarias, 36 casas de brinquedos, 86 joalherias, 32 relojoarias, 62 papelarias, 64 livrarias, 152 charutarias, 15 casas importadoras de automóveis, 28 de acessórios para automóveis, etc., além das que forneciam artigos para a indústria e materiais de construção. Resta acrescentar a existência de 30 estabelecimentos bancários.

A *zona industrial* da cidade, já também definida, encontrava-se localizada principalmente nos bairros de várzea, não longe das vias férreas, como tivemos oportunidade de acentuar. Brás, Mooca e Belênzinho eram os mais característicos. Cêrca de 2 000 estabelecimentos fabris e 70 000 operários definiam a vida industrial da Paulicéia, ao findar o primeiro quartel do século.

Também não pretendemos estudar, nos pormenores, a *função industrial* da Capital paulista, nessa época. As obras atrás citadas de MARCELO PIZA e EUGÊNIO EGAS (86) contêm, neste particular, minuciosos informes. Julgamos necessário, apenas, acentuar que as indústrias têxteis eram as mais importantes, não pelo número, mas pela produção e mão-de-obra empregada: existiam 37 fábricas de tecidos de algodão, 39 malharias, 8 fábricas de tecidos de sêda, 6 de tecidos de lã, 3 de tecidos de juta, que davam trabalho para mais de 20 000 operários; e que também se destacavam: as fábricas de calçados, num total de

(83) PIZA (Marcelo), *Os Municípios do Estado de São Paulo*, pág. 257, ed. Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, 1924.

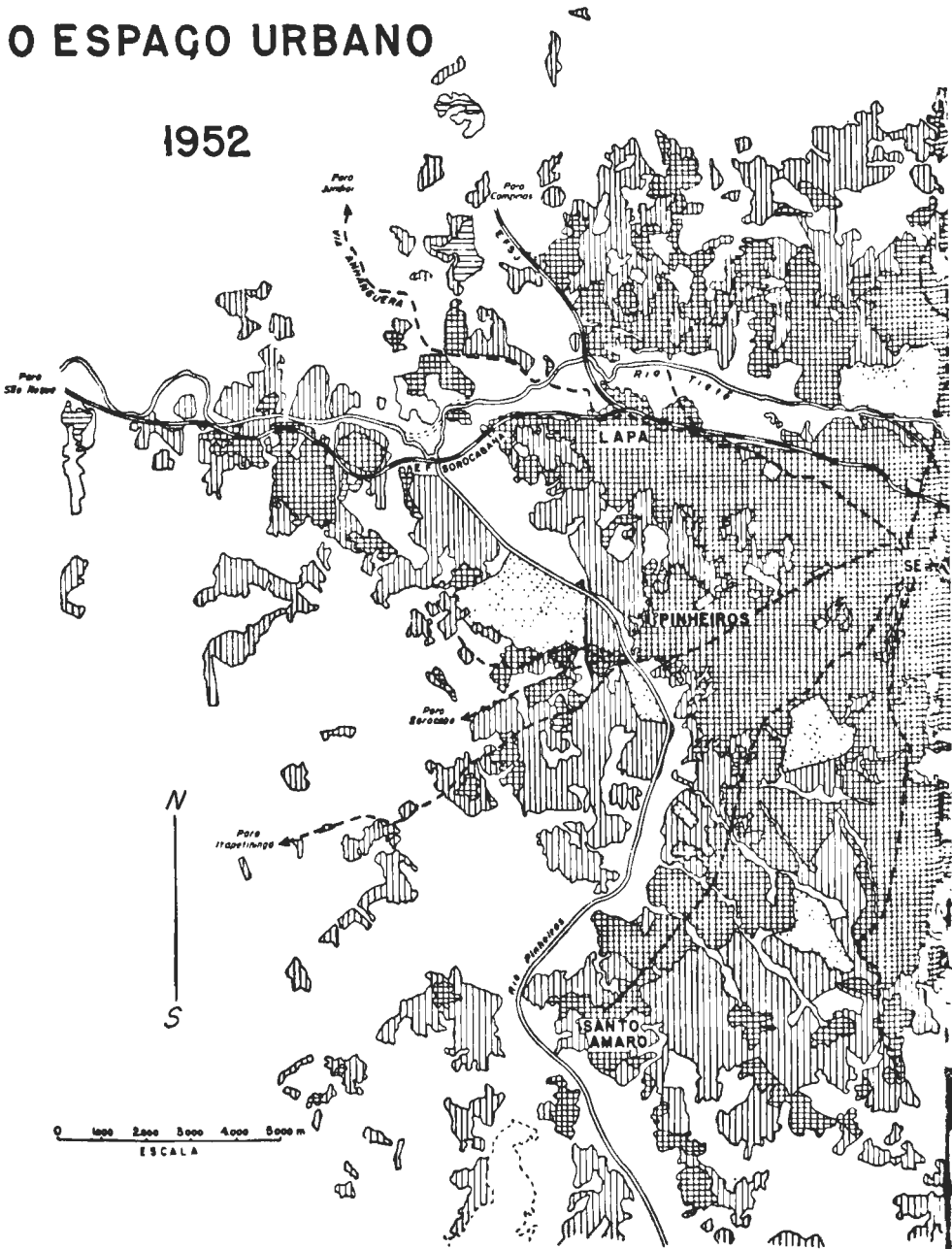
(84) PIZA (Marcelo), obra cit., págs. 257-258.

(85) EGAS (Eugênio), *Os Municípios Paulistas*, I, págs. 480-481.

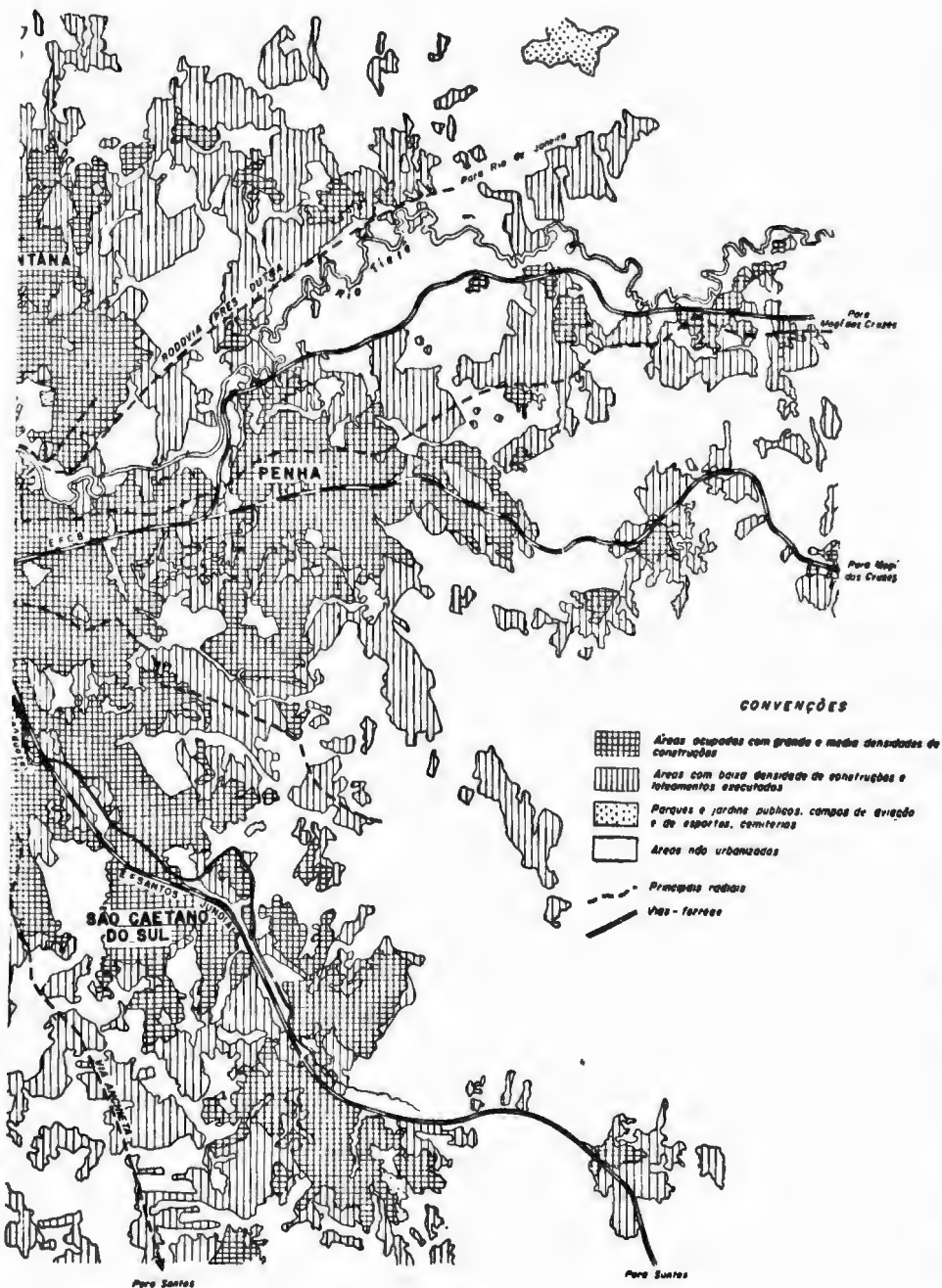
(86) PIZA (Marcelo), obra cit., págs. 258-262; e EGAS (Eugênio), obra cit., págs. 482-483.

CIDADE DE SÃO PAULO O ESPAÇO URBANO

1952



Mapa baseado no levantamento aero-fotográfico executado na escala de 1:25.000.



da "Cruzeiro do Sul S.A." no dia 15 de novembro de 1952,

83; as de chapéus, num total de 36; as fundições, as de produtos químicos, as serrarias, etc. Por outro lado, muito ativa continuava a ser a pequena indústria (609 sapateiros, 250 marceneiros, 124 tintureiros, etc.).

Uma terceira área funcional — a *residencial* — completava o quadro urbano, sob êsse aspecto. Praticamente afastada do velho centro, aparecia bem caracterizada no restante da cidade, sob a tríplice modalidade a que já tivemos oportunidade de nos referir: os bairros da *classe média*, na periferia do centro e, ainda, em pontos mais ou menos afastados; os bairros *operários*, localizados sobretudo nas vizinhanças da zona industrial; e os bairros *aristocráticos*, desde os Campos Elísios até à Avenida Paulista e ao então nascente Jardim América.

“Esta metrópole, cuja descrição detalhada é difícil, requerendo muito espaço, pode dividir-se em três zonas — do centro comercial, dos bairros elegantes e dos arrabaldes populares. O centro comercial é constituído pelas três ruas principais — 15 de Novembro, São Bento e Direita, que formam o famoso Triângulo no coração da cidade. São os logradouros dos bancos, das principais casas comerciais, das grandes confeitarias e casas de bebidas, das redações dos jornais, dos estabelecimentos de modas, das joalherias, etc., do mundo elegante e daquele dos negócios, que, porém, não se confundem, o primeiro dominando sobretudo na Rua Direita, o segundo, por seu lado, recolhendo-se prevalentemente na Rua 15 de Novembro.

Os bairros elegantes, onde aparecem *villini*, *palazzine*, *ville*, demonstram bom gosto artístico. São as grandes avenidas, primeira entre todas a Carlos de Campos, anteriormente Paulista, a ampla via asfaltada e arborizada, em uma elevação maravilhosa, onde freqüentemente se escondem as luxuosas habitações dos ricos paulistas; em seguida, Campos Elísios, Brigadeiro Luís Antônio, Liberdade, Higienópolis, etc., rôdas amplas, com numerosas praças adornadas de jardins floridos. Os bairros populares — Brás, Bexiga, Cambuci — localizam-se longe do centro, na zona dos mais importantes estabelecimentos comerciais, onde, em consequência, se concentra e se desenrola a vida do operariado” (87).

Êsse rápido esquema da vida funcional da cidade, nos primeiros 25 anos do presente século, ficaria incompleto se não fizéssemos referência às chamadas *profissões liberais*. Os advogados continuavam à frente: cêrca de 500. Numerosos também eram os médicos — 410, os dentistas — 320, os farmacêuticos — 220, os engenheiros civis e arquitetos — 176. Noutras profissões, destacavam-se pelo número: barbeiros e cabeleireiros — 805, parteiras — 100, fotógrafos — 56, etc. (88).

(87) BARTOLOTTI (Domenico), *Il Brasile Meridionale*, págs. 203-204.

(88) EGAS (Eugênio), obra cit., pág. 487; e PIZA (Marcelo), obra cit., pág. 257.

A cidade de São Paulo no segundo quartel do século XX

A partir da 3.^a década do século atual, ninguém poderia ter nenhuma dúvida a respeito da marcha ascensional da Capital paulista. Debalde a crise cafeeira, que se seguiu ao “crack” da bolsa de Nova York (1929), abalou em seus alicerces a economia paulista. Debalde os acontecimentos políticos, como as revoluções de 1924 e 1930 e a constitucionalista de 1932, além das vicissitudes que se lhes seguiram, convulsionaram e perturbaram a vida da população do Estado. Debalde a segunda Grande Guerra (1939-1945), em seus reflexos sobre o nosso país, criou problemas de tôda espécie, para seu comércio e para sua atividade industrial. Nada disso foi capaz de interromper ou, mesmo, arrefecer o ritmo de crescimento e a expansão da metrópole paulista. As estatísticas referentes a êsse período dão saltos de assombrar. Aumenta ininterruptamente sua população, amplia-se cada vez mais sua área urbana, consolida-se sua posição na liderança econômica e cultural do Estado e até do país. Um espetáculo, ao mesmo tempo, admirável e confortador.

Logo no início do segundo quartel do século, PIERRE DENIS afirmou que São Paulo “a mené la marche en avant du jeune Brésil” (89). Pela mesma época, o conde CARTON DE WIART, depois de acentuar que era a cidade que construía uma casa por hora, admirou-se de sua atividade comercial e industrial, comparando-a, neste particular, às “cidades-cogumelo” da América do Norte; mas sentiu nela o aspecto de uma cidade européia: fazia-lhe lembrar Lausanne, pelos seus viadutos e Manchester ou Lião, por suas ruas movimentadas (90). “Dans les rues, pas de promeneurs, pas de flâneurs” . . . (91).

Visitando-a na década de 1930-1940, um brasileiro da Amazônia — VIRGÍNIO SANTA ROSA — teve, diante dos olhos, um espetáculo que o levou, certamente, a pensar nas paragens onde nasceu: “As ruas extravasam gente como a torrente que desliza na calha de um vale. Subindo ou descendo, as correntes humanas que sulcam as ruas e becos do Triângulo como que se dissolvem e quebram em pontos fixos. Súbitamente como que desaparecem, tranqüilizam-se em remansos

(89) DENIS (Pierre), *Amérique du Sud*, 1.^a parte, pág. 188, Paris, 1927.

(90) WIART (Conde Carton de), *Mes Vacances au Brésil*, pág. 107, ed. Desclée de Brouwer & Cie., Bruges, 1928.

(91) WIART (Conde Carton de), obra cit., pág. 109.

no Largo da Sé, Praça do Patriarca, Largo de São Bento, Largo dos Correios . . ." (92). Do mesmo período — mais ou menos 1935 — são as impressões de ULLMANN: "Essa cidade que faz lembrar tôda espécie de cidades e, no entanto, não se parece com nenhuma. Talvez nessa "Chicago sul-americana" já exteriormente se manifeste que entre o milhão de habitantes que ela conta estão representados todos os povos da Europa e ainda alguns da Ásia. Ao lado de arranha-céus inacabados, cujas rendas futuras estão em discussão, ao lado de maravilhosas avenidas com grandes palacetes, um bairro comercial apertado e quase asfíxiado pelo trânsito e subúrbios que lembram quarteirões proletários



O Largo da Sé na década de 1920-30. — (Postal da época).

em qualquer lugar do Mediterrâneo" (93). Escrevendo na mesma época, PIERRE DEFFONTAINES foi sintético, mas rigorosamente exato: "São Paulo pertence, por excelência, à família das *idades de energia*" (94). E um norte-americano, profundamente enraizado no país — BENJAMIM HUNNICUTT — chamou-a de "cidade dinâmica" (95).

"No centro de São Paulo, no Triângulo — afirmou WOLFGANG HARNISCH — a vida pulsa numa atividade e num ritmo pouco tropical. Nessas ruas estreitas, de edifícios altos, os homens correm e se acotovellam como em qualquer capital da Europa. Nos seus rostos vemos

(92) ROSA (Virgínio Santa), *Paisagens do Brasil*, pág. 75.

(93) ULLMANN (Hermann), *Brasilianischer Sommer*, Verlag Grenze und Ausland, pág. 67, Berlin.

(94) DEFFONTAINES (Pierre), *Geografia Humana do Brasil*, pág. 83, ed. do Conselho Nacional de Geografia, Rio, 1940.

(95) HUNNICUTT (Benjamim H.), *Brazil looks forward*, pág. 400, ed. do I. B. G. E., Rio, 1945.

estampada a mesma expressão de fadiga e intensidade". E conclui: "Aquêles que andam pelas ruas, que olham e gritam, compram e vendem — sentem que ali está o centro de uma metrópole moderna, internacional, de uma cidade de comércio e indústria" (96). Dentro da mesma ordem de idéias e referindo-se à mesma época, o general LIMA FIGUEIREDO chamou São Paulo "a capital do progresso" (97).

São depoimentos valiosos porque, correspondendo todos êles à mesma fase da evolução da cidade, coincidem de maneira impressionante, como se houvessem saído da mesma pena. Mais ainda: foram escritos por homens cultos das mais diversas categorias ou especialidades — geógrafos, um diplomata, simples viajantes, um educador, uma alta patente do Exército; e, sobretudo, de nacionalidades diferentes — franceses, um norte-americano, um belga, dois alemães, brasileiros de regiões diversas.

Mas, afinal, que tipo de cidade veio a se formar em tôrno do núcleo quinhentista criado pelos padres da Companhia de Jesus e sôbre as bases, tão mais amplas, da "capital dos fazendeiros"? Como caracterizar, em sua fisionomia urbana, o São Paulo surgido no derradeiro meio século?

Poderá ser comparado a uma cidade européia? . . . Dois europeus já citados — um belga e um alemão, afirmam que sim. Outro, de nacionalidade suíça — HENRY VALLOTON — percebeu aspectos londrinos na metrópole paulista, porque "pelas sete horas da noite, quando mil reclames luminosos se acendem e alegam a cidade, quando filas de empregados esperam os auto-ônibus, é-se levado a pensar em Picadilly Circus" (98). Entretanto, uma francesa, CLAUDE EYLAN, que a conheceu por volta de 1940, considerou-a "une ville bien brésilienne", nada semelhante às cidades norte-americanas, apesar de seus arranha-céus; por certos aspectos de sua vida comercial e por suas construções, seria quando muito uma cidade ítalo-americana (99).

Todavia, já não pensam assim os norte-americanos que a têm visitado nos últimos quinze anos: chega a impressionar a

(96) HARNISCH (Wolfgang Hoffmann), *O Brasil que eu vi (Retrato de uma potência tropical)*, págs. 75-76, tradução brasileira de Huberto Augusto, ed. Melhoramentos, São Paulo.

(97) FIGUEIREDO (Lima), *Cidades e Sertões* (Páginas de História e Geografia do Brasil), pág. 13, vol. XL da Biblioteca Militar, Rio, 1941.

(98) VALLOTON (Henry), *Brésil, terre d'amour et de beauté*, pág. 162, Lib. Payot, Lausanne, 1945.

(99) EYLAN (Claude), *Étapes Brésiliennes*, págs. 166-167, Lib. Plon, Paris, 1940.

unanimidade de suas opiniões no sentido de que São Paulo faz lembrar, muito fortemente, certas cidades dos Estados Unidos.

Das maiores cidades brasileiras — diz VERA KELSEY — é exatamente São Paulo a que menos atrativos oferece ao viajante norte-americano: "It so strongly resembles modern industrial cities in the United States that the North American is not impressed but disappointed" . . . (100). Vai mais além: o Triângulo lembraria a baixa Nova York e as avenidas largas dos bairros residenciais seriam uma reprodução de Buffalo, Minneapolis ou Los Angeles (101). Dois anos mais tarde, bateu ainda uma vez na mesma tecla, com igual segurança: "With its skyscraper-and-tall-chimney skyline, its crowded, clamorous streets, its suburbs of luxurious homes, São Paulo resembles such cities as Chicago, Los Angeles and Detroit"; e chegou a afirmar que os seus habitantes apresentam "a trait long considered peculiar to the North American" (102).

Com a autoridade que ninguém pode negar-lhe, por ser um geógrafo eminente e conhecer bastante a Capital paulista, PRESTON JAMES afirma que São Paulo, em sua recente evolução, transformou-se numa cidade que, "to a greater and greater degree, has taken on all the characteristics, good and bad, of its North American prototypes" (103).

"São Paulo é a Chicago da América do Sul" (104) ou "uma espécie de Chicago tropical" (105) — dizem outros norte-americanos. E a questão do desapontamento, que êles sentem ao entrar em contato com a metrópole paulista, de novo vem à baila: "Coming from beautiful Rio, the visitor may be disappointed in São Paulo, for it looks a great deal like the industrial cities of the United States. Factories and skyscrapers, electric signs, streets crowded with traffic, all remind the North American of home" (106).

Tudo parece indicar, por conseguinte, que a cidade de São Paulo se assemelha a certas cidades dos Estados Unidos. Por outro lado, forçosamente, deve apresentar e realmente apresenta traços capazes de recordar algumas cidades européias; além das semelhanças já apontadas, acaso não faz lembrar,

(100) KELSEY (Vera), *Seven Keys to Brazil*, pág. 132, ed. Funk & Wagnalls Co., Nova York, 1940.

(101) KELSEY (Vera), obra cit., pág. 132.

(102) KELSEY (Vera), *Brazil in Capitals*, pág. 167, ed. Harper & Brothers Pub., Nova York, 1942.

(103) JAMES (Preston), *Brazil*, pág. 149, ed. The Odyssey Press, Nova York, 1942-46.

(104) BROWN (Harriett McCune) e BAILEY (Helen Miller), *Our Latin American Neighbors*, pág. 388, ed. Houghton Mifflin Co., Boston, 1944.

(105) Em *City of Enterprise*, edição latino-americana do "Time", pág. 20, Nova York, 21 de janeiro de 1952.

(106) BROWN (Harriett) e BAILEY (Helen), obra cit., pág. 388.

sobretudo no velho centro, determinados trechos da cidade do Pôrto? Mas, independentemente de tudo isso, como observou CLAUDE EYLAN, é antes de mais nada uma cidade bem brasileira, na sua fisionomia urbana como no espírito de seus habitantes, embora apresentando características que lhe são inteiramente próprias e asseguram sua originalidade.

É a cidade dos muitos contrastes, com largas avenidas, de tráfego intenso, no meio de blocos compactos de arranha-céus, como também das ruelas tranqüilas, emolduradas de prédios antigos, que fazem lembrar os tempos passados. É a cidade das ladeiras e dos viadutos, a “metrópole internacional”, a “cidade cosmopolita” (107), a “cidade de energia”, a “capital do progresso”, a “grande oficina”, a “capital industrial do Brasil” (108), a “capital de capital” (109), a “cidade dinâmica” e a “city of homes” (110), o grande centro cultural do país, a “cidade que mais cresce no Mundo”...

Naturalmente, cumpre tentar encontrar uma explicação para êsse “fenômeno” urbano, que é a Capital paulista; e os fatores aparecem aos nossos olhos, ora de uma evidência irretorquível, ora menos marcantes em sua influência.

Os *fatores de ordem econômica* devem ser citados em primeiro lugar, porque a cidade de São Paulo é bem um reflexo do admirável desenvolvimento econômico registrado dentro das fronteiras do Estado e mesmo fora delas, nas áreas de influência paulista.

Com efeito, no decorrer do segundo quartel do século XX, o Estado de São Paulo rasgou horizontes novos para sua economia: abandonou a monocultura cafeeira, para transformar-se no maior centro policultor do país. Após a crise de 1929-1930, prosseguiu a marcha do café no rumo de Oeste, com a abertura das frentes pioneiras, não apenas no território paulista, mas também no Norte do Paraná (111). Mas, paralelamente, teve início o importante surto algodoeiro (sobretudo a partir de 1935), desenvolveu-se a cultura canavieira e novos cultivos vieram a surgir.

(107) WIART (Conde Carton de), obra cit., pág. 109; e MAIA (Prestes), em Introdução à obra *São Paulo* (álbum de fotografias em cores), de Kurt Peter Karfeld.

(108) VALLOTON (Henry), obra cit., pág. 161.

(109) KELSEY (Vera), *Seven Keys to Brazil*, pág. 132.

(110) HUNNICUTT (Benjamim H.), obra cit., pág. 408.

(111) Consulte-se, entre outros: MILLIET (Sérgio), *Roteiro do Café*, S. Paulo, 1938; MONBEIG (Pierre), *Pionniers et Planteurs de São Paulo*, Lib. Armand Colin, 1952.

Ao mesmo tempo, a expansão das vias de comunicação, particularmente a multiplicação e a melhoria das estradas de rodagem, puseram a Capital do Estado em contato direto com as áreas produtoras do interior e levaram a influência paulista até a uma parte de Minas Gerais, ao Sul de Goiás e de Mato Grosso, ao Norte do Paraná. O binário São Paulo-Santos, mais do que nunca, passou a comandar tôda uma vasta região brasileira.

Acrescente-se, a tudo isso, o espantoso desenvolvimento do parque industrial paulistano e ninguém poderá ter dúvida que tais fatores de natureza econômica tiveram “magna pars” no crescimento da cidade.

O café continua a ser o grande sustentáculo da economia agrícola do Estado, embora houvesse cedido lugar a outras culturas. No período de 1931-1935, a produção foi de 990 000t; em 1945, foi de 209 421t; em 1952, de 248 000t. Neste último ano, o valor da produção cafeeira alcançou mais de 9 293 milhões de cruzeiros.

Em 1930, a produção paulista de algodão foi de sòmente 6 378t; no entanto, em 1940, atingiu 307 000 e, em 1952, chegou a 337 000t, no valor de 5 392 milhões de cruzeiros.

São essas as duas maiores riquezas de São Paulo e isto vem acontecendo desde a quarta década do presente século (112); em 1952, correspondiam a 70% do valor da produção agrícola do Estado.

Mas outras existem, que merecem ser referidas: o arroz (2 243 milhões de cruzeiros, em 1952), o milho (1 800 milhões), o feijão (540 milhões), a batata (590 milhões), a mandioca (351 milhões), o amendoim, a laranja, a mamona, etc. (113).

Em 1940, o Estado contava com 7 517km de vias férreas e 51 705km de estradas de rodagem. Em 1952, as vias férreas dispunham de 7 737km, ao passo que as rodovias alcançaram o total de 89 357km.

Espantoso, porém, foi o aumento verificado no valor da produção industrial: ao passo que, no período de 1928-1932, a média do valor da produção industrial era, apenas, de 41% do total, em 1950 alcançou 80% (114).

Todavia, não se poderá deixar no esquecimento um outro fator: a *imigração*. São Paulo continua a ser a “cidade cosmo-

(112) Veja: FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DE SÃO PAULO (Alunos da) — *Duas riquezas de São Paulo: café e algodão*, no vol. IV, “Anais” do IX Congresso Brasileiro de Geografia, Rio, 1944.

(113) Cf. *Comércio Internacional*, Boletim Mensal do Banco do Brasil, ano III, n.º 3, pág. 56, Rio, outubro de 1953.

(114) Cf. *Comércio Internacional*, n.º cit., pág. 54.

polita", foco de irresistível atração dos elementos alienígenas fixados no Estado — italianos, ibéricos, japoneses, sírio-libaneses, armênios, húngaros, lituanos, judeus, etc., ou de seus descendentes, brasileiros pelo nascimento. Mas, notadamente, centro de convergência de brasileiros de outros Estados e do próprio território paulista, atraídos pela miragem da metrópole movimentada e dinâmica, sobretudo a partir do ano de 1934.

Em 1920, existiam no Estado 829 851 estrangeiros, dos quais 93% eram europeus e 5% asiáticos. Em 1940, o total caiu para 761 991, dos quais 77% europeus e 20% asiáticos. Em 1950, não existiam mais de 627 433 estrangeiros em território paulista.

Essa constante diminuição do elemento alienígena explica-se pelas restrições registradas nos movimentos migratórios (tanto para a entrada no território nacional, como para a saída dos países de emigração) e pela segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Em compensação, porém, aumentaram sempre as entradas de imigrantes nacionais. Eis algumas cifras referentes a anos próximos:

A N O S	NACIONAIS	ESTRANGEIROS	TOTAIS
1950.. .	100 123	9 421	109 544
1951.. .	208 515	33 615	242 130
1952.. .	252 808	57 512	310 320

Todos os fatores citados, econômicos ou demográficos, palpitam bem vivos na Capital paulista. Sentimo-los na potência de sua vida comercial, na quantidade e movimento de seus bancos, na força de suas indústrias variadíssimas, no ininterrupto despejar de gente que se presencia nas estações ferroviárias e rodoviárias. Sentimo-los, finalmente, na própria massa da população urbana, em que se encontram, de mistura, tipos alourados, morenos, negros, amarelos ou mestiços, brasileiros de tôdas as regiões, homens vindos da Europa, da Ásia e da América do Norte.

Como não poderia deixar de acontecer, êsse São Paulo do segundo quartel do século XX viu expandir-se desmesuradamente sua área urbana e exigiu importantes transformações de caráter urbanístico.

A *expansão urbana*, de 1925 a 1950, não se processou da mesma maneira em tôdas as direções, nem os tentáculos da cidade caminharam de forma homogênea e equilibrada.



Rua Barão de Itapetininga. — A fotografia corresponde à década de 1920-30, quando a movimentada artéria de hoje era uma rua bem sossegada, embora já possuísse seus primeiros arranha-céus (Foto do Arquivo do Dep. de Cultura).

No rumo do Norte, a cidade atravessou o Tietê, pontilhou aqui e ali a grande várzea e foi ocupar extensas áreas ao pé da serra da Cantareira; favoreceu essa marcha a conquista da várzea pelo homem (retificação parcial do Tietê, obras de drenagem e aterramento), ao mesmo tempo que condicionou

tal expansão o "Tramway" da Cantareira, através de suas duas linhas distintas, para Tremembé e para Guarulhos. Entretanto, o avanço nessa direção foi relativamente pequeno e a região de além-Tietê continua a formar um bloco à parte, dentro do organismo urbano.

No rumo de Oeste, a cidade ligou-se definitivamente à Lapa e, mesmo, a ultrapassou, graças à ocupação da zona marginal das vias férreas e à radial Avenida Água Branca — Rua Guaicurus, ao Sul da qual, já no espigão divisor Tietê-Pinheiros, vieram a surgir bairros operários e de classe média.

Para Leste, o velho subúrbio da Penha também foi alcançado pelos tentáculos da cidade e, até, ultrapassado; margeando os trilhos da "Central do Brasil", como ainda a radial Avenida Celso Garcia — Estrada de São Miguel, multiplicaram-se os bairros de aspecto modesto, moradia da população operária. No caso presente, foi pròpriamente o Brás que se expandiu, levando os limites da cidade a uma distância de 10km do centro (115).

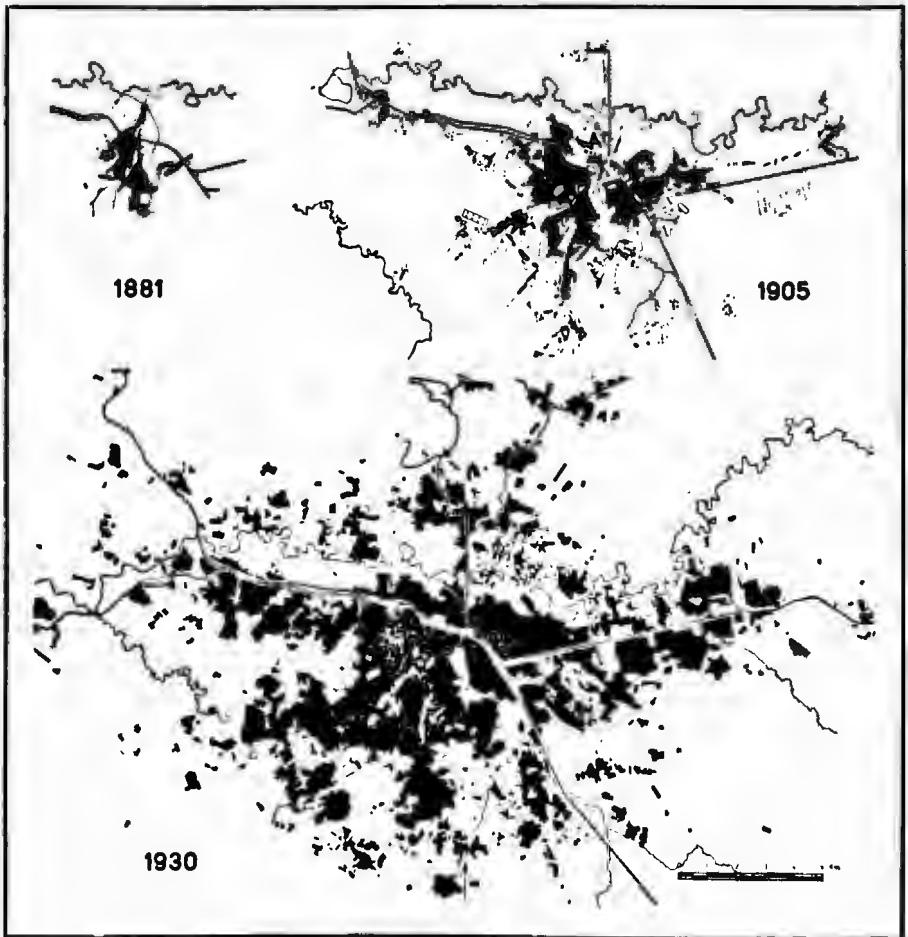
Para Sudeste, também foi a via férrea que presidiu a expansão: o Ipiranga viu-se ligado à cidade e, mais além, novos bairros surgiram preparando a marcha no rumo de São Caetano e Santo André. Corresponde à direção em que o avanço foi mais forte, não pròpriamente na distância, mas pela rapidez da ocupação do solo; e, ainda uma vez, os bairros proletários passaram a caracterizá-la.

Para o Sul, a metrópole emitiu o seu mais alongado tentáculo, pois conseguiu alcançar o velho núcleo de Santo Amaro, dominando-o por tal forma, que lhe tirou a autonomia administrativa. A linha de bondes, as estradas de rodagem, a construção das repêsas da "Light" — tudo isso concorreu para que numerosos bairros residenciais de classe média e algumas indústrias ali viessem a se instalar, estendendo a influência da cidade até um raio de mais de 15km.

No rumo de Sudoeste, finalmente, verificou-se uma expansão bem diversa das citadas até aqui; nem as vias de comunicação, muito menos as indústrias podem explicá-la, mas, tão-sòmente, o reflexo da prosperidade econômica do Estado e da própria Capital. Iniciado o loteamento, ainda no primeiro

(115) Consulte-se: AZEVEDO (Aroldo de), *Subúrbios Orientais de São Paulo*, São Paulo, 1945.

quartel do século, e introduzidos os indispensáveis melhoramentos, que o terreno brejoso ou acidentado exigia, desenvolveram-se, sem demora, bairros residenciais finos, dos mais belos e elegantes da cidade: o Jardim América, o Jardim Europa, o Pacaembu, o Sumaré. E assim tinha de acontecer, pois as despesas realizadas com aquêles melhoramentos só poderiam elevar o custo de seus terrenos, ocasionando uma natural seleção no que se refere aos seus habitantes. Preencheu-se, assim, o vazio existente entre o tentáculo que se dirigia para Santo Amaro e o que, em marcha mais vagarosa e de feição mais



*Cinquenta anos de evolução urbana (1881-1930). — Numa só escala, a cidade de São Paulo aparece, com sua área urbana, em três momentos diferentes de sua evolução (Do estudo de CARLOS LODI, *Sviluppo e problemi di San Paolo*, Roma, 1951).*

modesta, se encaminhou em direção ao velho núcleo de Pinheiros.

É preciso acentuar que, a partir da terceira década do século atual, às linhas de bondes vieram juntar-se as de ônibus, no quase norteamento do crescimento de algumas áreas da cidade, particularmente as que preencheram “vazios” existentes entre os tentáculos da metrópole.

Em conseqüência dessa expansão, afastados subúrbios do São Paulo do primeiro quartel do século XX passaram a constituir, na etapa seguinte, bairros e arrabaldes da metrópole em crescimento.

Os *subúrbios* da cidade passaram a ser bem outros: Itaquera, São Miguel Paulista, Ferraz de Vasconcelos, Guaianases, Poá, Itaquaquecetuba, para as bandas de Leste, na zona da “Central do Brasil” (116); São Caetano do Sul, Santo André e Mauá, na direção de Sudeste, junto à “E. F. Santos-Jundiáí”; Itapeverica da Serra e Cotia, um tanto afastados, no rumo de Sudoeste; Osasco, Duque de Caxias e Barueri, para Ocidente, ao longo da “Sorocabana”; Pirituba, Perus e Caieiras, na direção de Noroeste, margeando a “Santos-Jundiáí”; Tremembé, Vila Galvão e Guarulhos, ao Norte, na região da Cantareira (117).

Em última análise: uma extensa área periférica que não difere essencialmente da que hoje conhecemos como tal, exercendo funções variadas — residencial, industrial e mesmo agrícola (118).

Ao mesmo tempo que São Paulo via expandir-se sua área urbana, importantes *transformações urbanísticas* foram registradas. Em obra publicada em 1944, PAULO HENRIQUE descreveu muito bem a cidade ao iniciar-se a quarta década do século:

“Sob um céu sempre opaco e disputado entre a neblina da Serra e a fumaça das fábricas, a cidade, irregular no traçado, na topografia e nas construções, pouco atraía. Imagine-se cêrca de um milhão de

(116) AZEVEDO (Aroldo de), obra cit., cap. II e seguintes.

(117) AZEVEDO (Aroldo de), *Subúrbios de São Paulo* (Primeiros estudos), em “Anuário da Faculdade de Filosofia do Instituto “Sedes Sapientiae”, São Paulo, 1943.

(118) AZEVEDO (Aroldo de), *Os Subúrbios de São Paulo e suas funções*, em “Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros”, ano IV, n.º 4, págs. 59-69, São Paulo, maio de 1944.

habitantes formigando entre ruas acanhadas, cheias de fumaça, aos empurrões com operários e imigrantes. De vez em vez, ia-se ter a uma bonita praça donde se viam algumas esporádicas edificações de vulto. Não se cogitava da urbanização de hoje. Só em alguns bairros residenciais as construções eram regulamentadas. Mas o centro, a parte vital da cidade e por onde se tinha de passar obrigatoriamente quando de um bairro se demandasse outro, era vitimado por um congestionamento permanente do trânsito, onde veículos e pedestres se amontoavam e se atrapalhavam de uma maneira incrível, a certas horas do dia” (119).

Coube ao Prefeito Fábio Prado (1934-1938) iniciar a renovação da Capital paulista dentro das modernas diretrizes do urbanismo; no entanto, foi o Prefeito Prestes Maia o verdadeiro autor da remodelação da cidade, durante sete anos de administração (1938-1945). No desejo de arejar o centro e desafogar o tráfego cada vez mais intenso, abriram-se as avenidas perimetrais de irradiação, largas de 33 e 45 metros, intercaladas por numerosas praças; iniciou-se a abertura do segundo anel envolvente de avenidas e deu-se um impulso definitivo ao chamado “sistema Y”, com suas avenidas de fundo vale, facilitando as comunicações entre o Sul e o Norte da Metrópole; alargaram-se numerosas ruas e praças, tanto no centro como nos bairros próximos; canalizou-se extenso trecho do rio Tietê, encurtando de 20km seu curso meândrico e propiciando a recuperação de 17km² de terras varzeanas (120). Largas e extensas avenidas, diversos viadutos, quarteirões inteiros transformados, arranha-céus substituindo velhos pardieiros mal arejados e inestéticos deram à área central da cidade uma fisionomia inteiramente nova. Não há nenhum exagero em dizer-se que, nesse período, teve lugar a *quarta fundação* de São Paulo, uma vez que as transformações foram de maior vulto do que as verificadas nas administrações de Antônio Prado e João Teodoro.

Surgiu, assim, no segundo quartel do presente século a cidade que hoje conhecemos, com todos os característicos — bons e maus — das grandes metrópoles do Mundo.

(119) HENRIQUE (Paulo), *Metrópole e Rincões* (Ensaio), pág. 25, São Paulo, 1944.

(120) Sobre o assunto, consultem-se: MAIA (Francisco Prestes), *Estudo de um Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo*, Comp. Melhoramentos, São Paulo, 1930; *São Paulo, metrópole do século XX*, Empresa de Publicações Associadas, São Paulo, 1942; e MAIA (Prestes), *Introdução* à obra *São Paulo* (Álbum com fotografias em cores) de Kurt Peter Karfeld, ed. Melhoramentos, São Paulo, 1953.

São Paulo atual e suas principais características

Antes de mais nada, o que causa espanto na Capital paulista é sua enorme extensão; e, neste particular, assemelha-se realmente muito mais às cidades norte-americanas do que às européias. Já não se percebem, como há poucos anos, seus imensos tentáculos; a metrópole atual apresenta-se como um conjunto mais ou menos harmônico, como um bloco imenso de bairros que, sobretudo ao Sul do Tietê, se estendem de maneira compacta num raio de 7 a 8km. Proporcionalmente ao número de seus habitantes, ocupa uma área bem maior do que Londres ou Paris.

Sua *estrutura urbana*, todavia, é irregular e desordenada. Salvo quanto a certos trechos da área central e nuns poucos bairros, nenhum plano urbanístico norteou ou disciplinou seu espantoso crescimento. As sucessivas administrações municipais não conseguiram acompanhar o ininterrupto desenvolvimento da cidade. Os loteamentos modernos, embora isoladamente atendam aos requisitos do urbanismo, assim não se apresentam quando considerados no conjunto, pois acabam por constituir uma verdadeira colcha de retalhos, sem nenhuma harmonia ou entrosamento.

Três grandes áreas constituem a cidade de São Paulo, atualmente: 1) o *núcleo principal*, compacto e enorme, situado entre o Tietê e o Pinheiros, que se alonga no sentido Oeste-Leste, dos extremos da Lapa até às vilas satélites da Penha e, no rumo de Sudeste, confundindo-se já com São Caetano do Sul; 2) a *área de além-Tietê*, ao Norte deste rio, com uns poucos núcleos antigos (Freguesia do Ó, Santana), embora se caracterize por um desenvolvimento recente, realizado em forma fragmentária, e que também se alonga no sentido Leste-Oeste, desde Vila Maria até Pirituba; 3) a *área de Pinheiros*, à margem deste rio, cheia de contrastes, estendendo-se desde o Butantã até Santo Amaro.

A primeira área corresponde, praticamente, à verdadeira cidade; nela encontramos o centro comercial, os principais bairros industriais



A área central da cidade de São Paulo e suas zonas periféricas. — (Foto da "E.N.F.A.", 1950).

e os mais importantes bairros residenciais. A segunda só agora começa a integrar-se ao aglomerado, graças sobretudo ao desenvolvimento do Tucuruvi e arredores. A terceira área, finalmente, encontra-se em grande parte em franco processo de aglutinação, em virtude de numerosos loteamentos feitos em época recente.

Embora não mais ofereça o aspecto fragmentário e estelar do primeiro quartel do século, São Paulo ainda possui um número elevado de *trechos vazios*, dentro da área urbana. Os mais extensos correspondem às várzeas do Tietê e do Pinheiros; mas também êles aparecem em numerosos vales dos córregos e ribeirões paulistanos, mesmo perto do centro da cidade, sobretudo quando se trata de suas cabeceiras.

A retificação e canalização dos dois maiores rios paulistanos, a par de outras obras complementares (dragagem, drenagem e aterramento das várzeas, abertura de vias públicas, etc.), concorrem poderosamente para a ocupação dessas áreas, através de prolongamentos de bairros já existentes ou do aparecimento de bairros novos. Daí o menor isolamento que hoje se constata em relação à área situada ao norte do Tietê, que não tardará a unir-se completamente ao núcleo principal da cidade; o fato está patente no levantamento aerofotográfico, realizado em novembro de 1952 pela "Cruzeiro do Sul". Neste particular, verifica-se que a várzea de Pinheiros está sendo conquistada com muito maior rapidez, o que talvez possa ser explicado pela proximidade de bairros residenciais finos.

Por outro lado, chega a impressionar a enorme extensão dos *loteamentos* na periferia da cidade; e acreditamos não estar enganados ao afirmar que tais áreas equivalem, se não ultrapassam, aos trechos efetivamente ocupados. Na verdade, a especulação imobiliária fêz com que fôsem arruadas e loteadas extensas áreas, próximas ou bastante afastadas da cidade, chegando-se a calcular que, se forem realmente ocupadas, darão guarida a mais de 30 milhões de pessoas.

Tudo isso serve para demonstrar a maneira completamente anormal e sem nenhum planejamento pela qual se vão processando tais loteamentos. Mais grave ainda é o fato de estarem sendo ocupadas áreas muito distantes do centro da cidade, ao mesmo tempo que, dentro dela, continuam a existir vazios, à espera de valorização.

Certos loteamentos agem como fatores do retardamento da expansão normal da cidade; neste caso encontram-se os terrenos baldios da área urbana, assim deixados à espera de melhores preços.

Outros loteamentos, porém, influem sobre o crescimento da cidade e chegam a orientar sua expansão. Uns são oferecidos a baixo preço, através de prestações módicas, quando não acompanhados por uma certa quantidade de tijolos. Naturalmente, o paulistano de escassos recursos, atormentado pelo pagamento dos alugueis e pelo desconforto da pequena casa ou do “cortiço” situados na cidade, não tem dúvida em adquirir o seu lote, no justificado anseio de possuir sua casa própria, embora grandes distâncias venham a separá-lo do local em que trabalha. Daí o rápido crescimento de uma infinidade de “vilas”, que surgem como cogumelos nos arredores e nos subúrbios da metrópole. De outro tipo são os loteamentos de preços altos, com terrenos de maior área e dotados de comodidades que os anteriormente citados não conhecem; encontram-se no próprio perímetro urbano ou em sua periferia e não tardam a transformar-se em bairros residenciais de classe média ou mesmo rica. Embora ocupem áreas maiores, sua densidade demográfica é, evidentemente, muito menor que a do tipo atrás citado.

Também ligado à especulação imobiliária é o característico que faz São Paulo recordar, no seu aspecto, as grandes cidades dos Estados Unidos: o número sempre crescente de *arranha-céus*. A princípio, limitavam-se à área central, onde hoje constituem um bloco maciço e impressionante, um dos maiores do Mundo, com numerosos edifícios de mais de 20 andares. No entanto, nas áreas periféricas ao centro e mesmo longe (no espigão da Avenida Paulista, por exemplo), suas silhuetas já aparecem, demonstrando que a cidade também cresce em altura.

Antes de 1920, constituíam exceções os prédios de mais de três ou quatro pavimentos. Construído em 1929, o Prédio América (ex-Martinelli), na ladeira inicial da Avenida de São João, com seus 26 andares, foi durante muito tempo o único arranha-céu da cidade. Mas, a partir da década 1930-1940, seu número passou a ser cada vez maior.

Apesar das idéias em contrário, julgamos que tais edificações gigantescas, construídas para escritórios ou para apartamentos residenciais, vieram solucionar, em parte, o problema criado pelo desmesurado crescimento da cidade: oferecem vantagens quanto à insolação e ao arejamento e, em se tratando da área central ou de sua periferia, facilitaram o problema do tráfego urbano, pois praticamente dispensam a utilização de veículos para os que nêles habitam. Em contraposição, porém,

começam a criar embaraços muito sérios em virtude da maior densidade demográfica que vieram ocasionar, pois as rêdes de água e esgotos atualmente existentes na área em que se encontram já não atendem às necessidades da massa de habitantes que delas se utilizam.

Em sua avassaladora expansão, a Capital paulista não se limitou a realizar as *comurbanizações* a que já fizemos referência. Graças à melhoria das vias de comunicação, notadamente no setor rodoviário, e ao estabelecimento de um admirável serviço de transportes, São Paulo já possui numerosas *idades satélites*, que gravitam ao seu redor. É o caso de Santos, de Moji das Cruzes, de Jundiaí, de São Roque, que começam a apresentar, sob certos aspectos, as características de subúrbios afastados da Paulicéia.

Na verdade, em menos de duas horas pode-se atingir tais cidades vizinhas, sendo intenso o tráfego de ônibus, automóveis de aluguel, caminhões de carga e de trens em sua direção. Depois da construção da Via Anchieta, de três em três minutos parte um ônibus para a cidade de Santos, que se transformou em local preferido para o repouso de fins de semana, além de continuar a ser o grande pôrto da cidade e do Estado.

Tudo parece indicar que, pelo menos por alguns lustros mais, São Paulo manterá seu atual ritmo de crescimento. Talvez para o Norte, em direção à Cantareira, essa marcha venha a cessar mais depressa, em razão do obstáculo oferecido pela serra. Noutras direções, porém, a expansão não encontra barreiras e torna-se difícil prever até onde chegará.

Sente-se, apesar disso, que a cidade obedece a certas *diretrizes em sua expansão*, sobretudo para Leste, para Sudeste, para o Sul e para Oeste.

No rumo de Leste, os subúrbios orientais tornam-se cada vez mais densamente povoados, graças à melhoria das vias de comunicação (eletrificação da "Central do Brasil", existência de linhas regulares de ônibus que partem da Penha, a própria Rodovia Presidente Dutra e suas ligações). Foi acentuada a sua função residencial (principalmente de operários) e cresceu sua função industrial, de que São Miguel Paulista e Comendador Ermelino são bem o símbolo.

Para Sudeste, acompanhando a "Santos-Jundiaí" e a Via Anchieta, a cidade marcha decididamente, englobando na esfera

de sua influência, cada vez mais, as atuais cidades de São Caetano do Sul, Santo André e São Bernardo do Campo.

Para o Sul, Santo Amaro integra-se cada vez mais na área urbana paulistana, sobretudo depois do alargamento e da pavimentação da grande avenida que liga os dois centros. O próprio núcleo de Santo Amaro, durante tanto tempo estagnado, amplia-se consideravelmente, não apenas nos bairros surgidos às margens das grandes represas da “Light”, mas no próprio aglomerado. Por outro lado, a abertura da Avenida Nove de Julho e da Avenida Cidade Jardim veio instalar uma nova frente de expansão de âmbito imprevisível. Apesar de umas poucas indústrias, já ali instaladas, tudo indica que tal área virá a ser um dos mais belos trechos residenciais da cidade.

No rumo de Oeste, a Lapa cada vez mais se expande, integrando definitivamente Osasco e Pirituba na área urbana. A presença das duas vias férreas (a “Santos-Jundiaí” e a “Sorocabana”) e da Via Anhangüera são fatores estimulantes dessa expansão e propiciam o fortalecimento dos bairros industriais e operários ali já instalados. Para os lados do rio Pinheiros, o mesmo fenômeno se verifica: o Alto da Lapa tende a unir-se com a Vila Industrial Jaguaré e a Cidade Universitária (em construção), por sua vez ligadas ao Alto de Pinheiros e ao Butantã.

Tudo isso repercute, naturalmente, em outros aspectos da cidade: no impressionante crescimento de sua população, na ininterrupta febre de construções, na multiplicidade de suas funções.

O segundo quartel do século XX assistiu ao espetacular crescimento da *população* da cidade: tendo cêrca de um milhão de habitantes por volta de 1930, passou o município a ter 1 326 261 em 1940, 2 227 512 em 1950, quase 3 000 000 no ano de seu quarto centenário.

“Em grandeza e importância — observa PRESTES MAIA — é a terceira cidade latina do Mundo, depois de Paris e Buenos Aires, e a par do Rio de Janeiro” (121). Na década de 1940-50, ao passo que o Rio de Janeiro registrou um aumento de 28%, São Paulo cresceu 68%; e deixa longe Nova York, Chicago, Buenos Aires ou Madrid, neste particular (122).

(121) MAIA (Prestes), na Introdução à obra *São Paulo*, já citada.

(122) Cf. *Isto é São Paulo I*, ed. Melhoramentos, São Paulo.

Indubitavelmente, é hoje a cidade mais populosa do país e já foi considerada, não apenas a que mais cresce no Mundo, mas a em que mais gente transita pelas ruas (123).

No que se refere à *construção de prédios*, parece não existir nenhuma cidade que a iguale: não há rua que não ofereça um telhado novo, raras são as que não assistem à construção de um prédio. Prédios residenciais, finos ou modestos, palacetes ou bangalôs standardizados, arranha-céus de 8 ou 10 andares e gigantes de mais de 25 andares, com sua estrutura de cimento-armado. Enquanto em Nova York se constrói, cada ano, uma casa para cada grupo de 423 habitantes, em Buenos Aires para 134, em São Paulo registra-se a média de 102 (124). Nos últimos anos, o aumento médio anual de prédios foi de 18 000 (125), embora já se tenha registrado um total de mais de 24 000 por ano. Pode-se afirmar, sem receio de errar, que se constrói em São Paulo uma casa em cada 20 minutos!

Em 1932, existiam 106 327 prédios na cidade (126); hoje este número pode ser avaliado em 410 000. Entre 1950 e 1954, construíram-se 90 000 prédios na Capital paulista, enquanto, no mesmo período, se construíram 50 000 em tôdas as demais capitais brasileiras reunidas.

Tudo cresceu, espantosamente, na última década: o número de fábricas e de operários, as casas de comércio, o total de profissionais, os veículos, os telefones, o movimento de seu aeroporto, o número de ruas, os templos, o abastecimento. E a presente obra, através de todos seus capítulos, testemunha eloqüentemente esta afirmativa.

Limitar-nos-emos a registrar algumas cifras expressivas. Nas 20 000 fábricas paulistanas, trabalham 440 000 operários, o que significa que, em cada grupo de 7 habitantes, um é operário. Em suas 8 000 ruas, existem 36 000 casas de comércio. Trafegam pela cidade cerca de 150 000 veículos, 75 000 dos quais são automóveis, 40 000 bicicletas, 22 000 caminhões, 5 000 de tração animal (pouco mais de 3%), 3 000 ônibus, 2 000 motocicletas, 800 bondes. O número de telefones ascende a 140 000 e os aparelhos de rádio chegam a 40 000,

(123) Cf. ARROYO (Leonardo), em *São Paulo Antigo e São Paulo Moderno*, ed. Melhoramentos, São Paulo.

(124) Cf. ARROYO (Leonardo), obra cit.

(125) Cf. MAIA (Prestes), obra cit.

(126) Cf. QUEIROZ (Victorino Seixas), e ARANTES JÚNIOR (Lourenço), *Os Municípios do Estado de São Paulo*, pág. 114.

existindo 12 estações de rádio e 3 de televisão. O município possui 44 estações de estradas de ferro, e 135km de trilhos. O Aeroporto de Congonhas recebe, anualmente, a média de 40 000 aviões. Existem 200 templos católicos, 98 protestantes, 13 sinagogas, 5 greco-cismáticos e um budista. Nada menos de 804 estabelecimentos primários, 111 ginásios, 56 colégios, 19 escolas normais, 18 estabelecimentos de ensino superior, três Universidades, 15 estabelecimentos de ensino agrícola e industrial, 393 escolas de corte, costura e arte culinária, etc., atendem ao aspecto educacional e cultural de sua população. Existem 449 tipografias, 203 revistas, 106 livrarias, 91 jornais (em várias línguas) e 45 casas editôras. No setor das diversões, há 150 cinemas, 10 teatros e 5 cine-teatros. O Mercado Central da cidade pode ser considerado um dos mais variados do Mundo, chegando a oferecer mais de 300 produtos diferentes, em determinadas épocas do ano. A população consome 315t de carne por dia, 10 milhões de dúzias de ovos, 2 000t de manteiga, 720 000 sacas de farinha, por ano, e 180 000 sacas de arroz e 60 000 sacas de feijão, cada mês. Isto é São Paulo, depois de comemorar o seu quarto centenário.

Poderíamos encerrar estas considerações lembrando as palavras de DOMENICO BARTOLOTTI, um europeu que, como tantos outros, teve expressões de admiração em face do fenômeno urbano representado por São Paulo. Entre outras coisas, acentua que a cidade de São Paulo caracteriza-se “pelo trabalho febril, fecundo, intermitente, voltado para o desejo da criação e da construção, entremeado por sonhos de grandeza e de ambição, vibrante pela ardente febre da novidade” (127).

Como o próprio BARTOLOTTI, entretanto, somos tomados pela dúvida sobre as vantagens e o sentido da presença dessa monstruosa metrópole dentro do Estado de São Paulo, sendo lícito perguntar-se “o que se tornará esta cidade, em contínua renovação e desenvolvimento, e se esta espécie de elefantíase é explicável e justificada” (128).

BIBLIOGRAFIA

I. Estudos especiais :

ALMEIDA (Aluísio de) — *São Paulo em 1907*, em “O Estado de São Paulo”, São Paulo, 29 de dezembro de 1950.

ALMEIDA (Ramiro) — *A expansão vertical e latitudinal da cidade de São Paulo*, em “Ilustração Brasileira”, Rio de Janeiro, 1929.

(127) BARTOLOTTI (Domenico), obra cit., pág. 202.

(128) BARTOLOTTI (Domenico), obra cit., pág. 203.

- ARAÚJO (Oscar Egídio de) — *Cinco prédios em uma hora*, em "Observador Econômico e Financeiro", ano IX, n.º 104, Rio de Janeiro, 1944.
- AZEVEDO (Aroldo de) — *São Paulo, metrópole moderna*, comentários e fotografias aéreas de Paulo C. Florençano, em "Bol. Paulista de Geografia", n.º 15, São Paulo, julho de 1950. — *São Paulo, cidade tentacular*, em "Paulistânia", n.º 38, São Paulo, 1951.
- BARBOSA (Sinésio Cunha) — *O loteamento em São Paulo*, em "Revista do Arquivo Municipal", volume LXXXII, São Paulo, 1942.
- BROTERO (Frederico A.) — *Aeroporos da cidade de São Paulo*, São Paulo, 1950.
- CALDEIRA (Nelson Mendes) — *Construções no Rio e São Paulo*, em "Observador Econômico e Financeiro", IV, n.º 47, Rio de Janeiro, 1939. — *Aspectos da evolução urbana de São Paulo*, em "Boletim do Departamento de Estatística", I, n.º 6, São Paulo, 1939. — *As capitais da América*, em "Boletim do Departamento Estadual de Estatística", III, n.º 2, São Paulo, 1941. — *São Paulo entre as grandes cidades do Mundo*, em "Digesto Econômico", I, n.º 11, São Paulo, 1945. — *São Paulo a galope*, em "Paulistânia", n.º 38, São Paulo, 1951.
- CARVALHO (Delgado de) — *São Paulo, a cidade das indústrias*, em "Boletim Geográfico", I, n.º 3, Rio de Janeiro, 1943.
- DORIA (Escragnolle) — *Aspectos de São Paulo - São Paulo na bruma*, em "O Jornal do Comércio", Rio de Janeiro, 1.º de novembro de 1916.
- EDIÇÕES MELHORAMENTOS — *Isto é São Paulo*, 1951.
- EGAS (Eugênio) — *São Paulo, a cidade*, em "Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo", vol. XIV, São Paulo, 1912.
- EMPRESA DE PUBLICAÇÕES ASSOCIADAS — *São Paulo, metrópole do século XX*, São Paulo, 1942.
- FERREIRA (Bartos) — *Grandezas e misérias de uma grande capital*, em "Digesto Econômico", V, n.º 59, São Paulo, 1949. — *Meio século de São Paulo*, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1954. — *A cidade que mais cresce no Mundo*, em "Diário de São Paulo", São Paulo, 25 de janeiro de 1954.
- FERREIRA (Jorge) — *São Paulo*, em "O Cruzeiro", Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1954.
- FLOREAL (Sílvio) — *Ronda da Meia-Noite* (Vícios, misérias e esplendores da cidade de São Paulo), Tip. Cupolo, São Paulo, 1925.
- FLORENÇANO (Paulo C.) — *Nasce uma Metrópole*, ed. Comp. Antártica Paulista, Liv. Martins, São Paulo, 1954.
- FREIRE (Victor S.) — *Melhoramentos de São Paulo*, em "Revista Politécnica", VI, n.º 33, São Paulo, 1911.
- KARFELD (Kurt P.) — *São Paulo*, álbum com fotografias coloridas, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1954.
- LEÃO (Antônio Carneiro) — *São Paulo em 1920*, ed. "Anuário Americano", Rio de Janeiro, 1920.
- LINGUANOTTO (Daniel) — *IV Centenário de São Paulo*, em "Manchete", n.º 92, Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1954.
- LIVRARIA MARTINS EDITORA — *Guia Pitoresco e Turístico de São Paulo*, São Paulo, s/data.
- LODI (Carlos) — *Sviluppo e problemi di San Paolo*, em "Urbanistica", n.º 7, Roma, 1951.
- MAIA (Francisco Prestes) — *Plano de Avenidas para a Cidade de São Paulo*, Prefeitura Municipal, Comp. Melhoramentos, São Paulo, 1930. — *Os Melhoramentos de São Paulo*, ed. Prefeitura Municipal, São Paulo, 1945. — *São Paulo no IV Centenário*, introdução à obra de Kurt P. KARFELD, "São Paulo", Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1954. — *Os grandes problemas urbanísticos de São Paulo*, em "Digesto Econômico", ns. 96, 97, 98, 99, 100 e 102, São Paulo, 1952-53.
- MARQUES (Cícero) — *De Pastora a Rainha* (Memórias), ed. "Radio Pan-americana S. A.", São Paulo, 1944.
- MARTIN (Jules), PESTANA (Nestor R.) e VANORDEN (H.) — *São Paulo antigo, São Paulo moderno*, São Paulo, 1905.
- MEDINA (José) — *São Paulo, o que foi e o que é*, Gráfica Donato, São Paulo, 1954.

- MENUCCI (Sud) — *O Município da Capital*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. IV, São Paulo, 1934, e vol. XII, São Paulo, 1935.
- MICHALANY (Douglas) — *São Paulo no limiar do seu quinto século*, Gráfica Editora Michalany Ltda., São Paulo, 1955.
- MIRANDA (José Tavares de) e SCLiar (Salomão) — *São Paulo, a cidade que mais cresce no Mundo, em "Manchete"*, n.º 14, Rio de Janeiro, 26 de julho de 1952.
- MOTTA FILHO (Cândido) — *Aspectos da cidade*, em "Diário de São Paulo", São Paulo, 2 de dezembro de 1947.
- MÜLLER (Nice Lecocq) — *Em menos de um século, a cidade de São Paulo viu alterar-se profundamente sua fisionomia urbana*, comentários a fotografias, em "Boletim Paulista de Geografia", n.º 16, São Paulo, março de 1954.
- OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO — *As construções em São Paulo*, n.º 44, Rio de Janeiro, 1939. — *Construções na Capital de São Paulo*, n.º 50, Rio de Janeiro, 1940. — *Edificações na cidade de São Paulo em 1941*, n.º 79, Rio de Janeiro, 1942. — *Evolução urbanística de São Paulo*, n.º 117, Rio de Janeiro, 1945. — *O crescimento da cidade*, n.º 180, Rio de Janeiro, 1951. — *Transporte coletivo em São Paulo*, n.º 91, Rio de Janeiro, 1943.
- PAGANO (Auchos) — *O efetivo demográfico de São Paulo na data do seu IV centenário*, em "Correio Paulistano", São Paulo, 24 de janeiro de 1954.
- PAULISTÂNIA — *São Paulo de ontem, São Paulo de hoje*, n.º 38, São Paulo, 1951.
- PEDROSA (Carlos) — *Metrópoles do Brasil: São Paulo*, Separata de "Cultura Política", Rio de Janeiro.
- PESTANA (Paulo Rangel) — *A Metrópole Paulista*, em "A Capital Paulista comemorando o Centenário da Independência", ed. Soc. Editora Independência, São Paulo, 1920.
- PETRONE (Pasquale) — *As indústrias paulistanas e os fatores de sua expansão*, em "Boletim Paulista de Geografia", n.º 14, São Paulo, julho de 1953.
- PIERSON (Donald) — *Habitações de São Paulo* (Estudo comparativo), em "Revista do Arquivo Municipal", vols. LXXXI e LXXXII, São Paulo, 1942.
- PINTO (Adolfo Augusto) — *A transformação e o embelezamento de São Paulo*, Tip. Cardoso Filho & Cia., São Paulo, 1912.
- PINTO (Alfredo Moreira) — *A cidade de São Paulo em 1900* (Impressões de viagem), Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1900.
- PINTO (Álvaro) — *São Paulo, cidade vertiginosa*, Lisboa, 1937.
- PREFEITURA MUNICIPAL — *Melhoramentos da Capital (1911-1913)*, São Paulo, s/data.
- PUBLICIDADE INDEPENDÊNCIA EDITORA — *São Paulo e seus homens no Centenário*, 2 vols., São Paulo, 1922.
- RADO (George) — *São Paulo, fastest growing city in the World*, Liv. Kosmos, São Paulo, 1954.
- RUDOLFER (Bruno) e VOCE (Antônio Le) — *O transporte coletivo na cidade de São Paulo*, Prefeitura Municipal, São Paulo, 1943.
- SARAIVA (Amadeu de Barros) — *As recentes criações urbanas em São Paulo*, em "Arquitetura no Brasil", vol. V, n.º 29, Rio de Janeiro, 1926.
- SECRETARIA DA AGRICULTURA — *A Capital de São Paulo em 1933*, Diretoria de Publicidade Agrícola, São Paulo, 1934.
- SESSLER (I. J.) e GYOGAS (Théo) — *Eis São Paulo*, Ed. Monumento, São Paulo, 1954.
- SILVA (Jacinto C. Teixeira da) — *Cidade de São Paulo* (Guia ilustrado do viajante), Ed. Monteiro Lobato, São Paulo, 1924.
- SOCIEDADE EDITORA INDEPENDÊNCIA — *A Capital paulista comemorando o centenário da Independência*, São Paulo, 1920.
- TELES (Augusto C. da Silva) — *Melhoramentos de São Paulo*, Escolas Profissionais Salesianas, S. Paulo, 1907.
- THE SÃO PAULO TRAMWAY, LIGHT AND POWER CO., LTD. — *Cinquenta anos de progresso com São Paulo*, São Paulo, 1950.
- TIME — *City of Enterprise*, Nova York, 21 de janeiro de 1952.
- VILARES (Henrique Dumont) — *Urbanismo e Indústria em São Paulo*, São Paulo, 1946.

VISÃO — *São Paulo de 400 anos*, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1954.

VOCE (Antônio Le) — *Transporte coletivo em São Paulo no ano de 1934*, em "Revista do Arquivo

Municipal", vol. XXI, São Paulo, 1936.

WERNER (Teodoro Gustavo) — *São Paulo, a nova metrópole sul-americana*, Tip. Siqueira, São Paulo, 1942.

II. Estudos gerais e subsidiários :

ARROYO (Leonardo) — *Introdução à obra "São Paulo Antigo, São Paulo Moderno"*, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1953.

AZEVEDO (Aroldo de) — *Subúrbios de São Paulo* (Primeiros estudos), em "Anuário da Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", São Paulo, 1943. — *Os subúrbios de São Paulo e suas funções*, em "Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros", ano IV, n.º 4, São Paulo, 1944. — *Subúrbios Orientais de São Paulo*, tese de concurso, São Paulo, 1945.

AZEVEDO (Sálvio de Almeida) — *Imigração e Colonização no Estado de São Paulo*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. LXXV, São Paulo, 1941.

BANDEIRA JÚNIOR (Antônio Francisco) — *A Indústria no Estado de São Paulo em 1901*, Tip. "Diário Oficial", São Paulo, 1901.

BARTOLOTTI (Domenico) — *Il Brasile Meridionale*, ed. Alberto Stock, Roma, 1930.

BERNÁRDEZ (Manuel) — *El Brasil — Su vida, su trabajo, su futuro*, Buenos Aires, 1908.

BRASIL (Raimundo Pereira) — *São Paulo, força econômica*, Emp. Gráfica "Revista dos Tribunais", São Paulo, 1939.

BROWN (Harriett McCune) e BAILEY (Helen Miller) — *Our Latin American Neighbors*, ed. Houghton Mifflin Co., Boston, 1944.

BRUNO (Ernani Silva) — *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, vol. III, ed. José Olímpio, Rio de Janeiro, 1954.

CAMARGO (José Francisco de) — *Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos*, tese de doutoramento, 3 vols., Boletim n.º 153 da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1952.

CAPRI (Roberto) — *O Estado de São Paulo e seus Municípios*, Tip. Focai & Weiss, São Paulo, 1913. — *São Paulo em 1921-1922*, São Paulo, 1922.

DEBENEDETTI (E.) e SALMONI (A.) — *Architettura Italiana a San Paolo*, ed. Instituto Cultural Italo-Brasileiro, São Paulo, 1953.

DEFFONTAINES (Pierre) — *Geografia Humana do Brasil*, 2.ª edição, Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, 1953.

DENIS (Pierre) — *Le Brésil au XXe siècle*, Lib. Armand Colin, Paris, 1911. — *Amérique du Sud* (como I), vol. XV da "Géographie Universelle" de La Blache e Gallois, Lib. Armand Colin, Paris, 1927.

EDIÇÕES MELHORAMENTOS — *São Paulo Antigo, São Paulo Moderno* (Álbum comparativo), São Paulo, 1953.

EGAS (Eugênio) — *Os Municípios Paulistas*, vol. I, São Paulo, 1925. — *Galeria dos Presidentes do Estado de São Paulo*, vols. II e III, São Paulo, 1927.

EYLAN (Claude) — *Étapes Brésiliennes*, Lib. Plon, Paris, 1940.

FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS DE SÃO PAULO (Alunos da) — *Duas riquezas de São Paulo: café e algodão*, em "Anais do IX Congresso Brasileiro de Geografia", vol. IV, Rio de Janeiro, 1944.

FIGUEIREDO (Lima) — *Cidades e Serões* (Páginas de História e Geografia do Brasil), ed. Biblioteca Militar, Rio de Janeiro, 1941.

FREITAS (Afonso A. de) — *Geografia do Estado de São Paulo*, Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1906.

GAFFRE (L. A.) — *Visions du Brésil*, ed. Aillaud, Alves & Cia., Paris, 1912.

GEORGE (Pierre) — *La Ville (Le fait urbain à travers le Monde)*, Presses Universitaires de France, Paris, 1952.

- HARNISCH (Wolfgang Hoffmann) — *O Brasil que eu vi* (Retrato de uma potência tropical), Ed. Melhoramentos, São Paulo, s/data.
- HESSE-WARTEGG (Ernst von) — *Zwischen Anden und Amazonas*, Union Deutsche Verlagsgesellschaft, Stuttgart, 1915.
- HUNNICUTT (Benjamin H.) — *Brazil look forward*, ed. I. B. G. E., Rio de Janeiro, 1945.
- HENRIQUE (Paulo) — *Metrópoles e Rincões* (Ensaios), São Paulo, 1944.
- JAMES (Preston) — *Brazil*, The Odyssey Press, Nova York, 1946.
- KELSEY (Vera) — *Seven keys to Brazil*, Funk & Wagnalls, Nova York, 1940. — *Brazil in Capitals*, Harper & Brothers Pub., Nova York, 1942.
- LIVRARIA GARNIER — *Almanaque Brasileiro para o ano de 1907*, Rio de Janeiro, 1907.
- MILLIET (Sérgio) — *Roteiro do Café*, São Paulo, 1938.
- MONBEIG (Pierre) — *La Ville de Saint-Paul*, em "Revue de Géographie de Lyon", XXV, n.º 4, Lião, 1950. — *La croissance de la ville de São Paulo*, em "Revue de Géographie Alpine", Grenoble, 1953. — *Pionniers et Planteurs de São Paulo*, Lib. Armand Colin, Paris, 1952. — *Aspectos Geográficos do crescimento da cidade de São Paulo*, em "Boletim Paulista de Geografia", n.º 16, São Paulo, março de 1954.
- MOURA (Paulo Cursino de) — *São Paulo de Outrora*, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1932.
- PIZA (Marcelo) — *Os Municípios do Estado de São Paulo*, Secretaria da Agricultura, São Paulo, 1924.
- QUEIROZ (Vitorino Seixas) e ARANTES JÚNIOR (Lourenço) — *Os Municípios do Estado de São Paulo* (Informações interessantes), Secretaria da Agricultura, São Paulo, 1933.
- ROSA (Virgínio Santa) — *Paisagens do Brasil*.
- SÃO PAULO MAGAZINE, ano I, n.º 2, São Paulo, 15 de junho de 1906.
- SORRE (Max.) — *Les Fondements de la Géographie Humaine*, como III (L'habitat), Lib. Armand Colin, Paris, 1952.
- SOUZA (T. Oscar Marcondes de) — *O Estado de São Paulo* (Físico, político, econômico e administrativo), Est. Gráfico Universal, São Paulo, 1915.
- ULLMANN (Hermann) — *Brasilianischer Sommer*, Verlag Grenze und Ausland, Berlim, s/data.
- VALLOTON (Henry) — *Brésil, terre d'amour et de beauté*, Lib. Payot, Lausanne, 1945.
- WALLE (Paul) — *Au Brésil - De L'Uruguay au Rio São Francisco*, ed. E. Guilmoto, Paris, 1910. — *Au Brésil - L'État de São Paulo*, ed. E. Guilmoto, Paris, 1910. — *Au Pays de l'Or Rouge - L'État de São Paulo*, ed. Augustin Chellamel, Paris, 1921.
- WIART (Conde Carton de) — *Mes vacances au Brésil*, ed. Desclée de Brouwer & Cie., Bruges, 1928.
- WRIGHT (Marie Robinson) — *The New Brazil* (Its resources and attractions - Historical, descriptive and industrial), 2.ª edição, George Barrie & Sons, Filadélfia, 1907.

III. Elementos cartográficos :

- Planta Geral da Cidade de São Paulo*, levantada e organizada pelo Eng.º civil ALEXANDRE MARIANO COCOCI e LUÍS FRUTUOSO COSTA, na escala de 1:20 000, São Paulo, 1905 e 1913.
- Planta Geral da Cidade de São Paulo*, organizada pela COMISSÃO GEOGRÁFICA e GEOLÓGICA do Estado de São Paulo, sendo chefe o Eng.º João Pedro Cardoso, na escala de 1:20 000, São Paulo, 1914.
- Planta da Cidade de São Paulo*, levantada pela Divisão Cadastral da Diretoria de Obras e Viação da PREFEITURA MUNICIPAL, edição provisória, na escala de 1:20 000, São Paulo, 1916.
- Planta da Cidade de São Paulo*, com todos os arrabaldes e terrenos arruados, executada por WALDOMIRO GONÇALVES, na escala de 1:26 000, São Paulo, 1924.
- Carta dos Excursionistas* (1.ª seção), organizada pelo INSTITUTO ASTRONÔMICO e GEOGRÁFICO do Estado de São Paulo, na escala de 1:200 000, São Paulo, 1924 e 1935.

Planta da Cidade de São Paulo e municípios circunvizinhos, organizada pela Repartição de Eletricidade da LIGHT & POWER, na escala de 1:40 000, São Paulo, 1926 e 1927

Planta da Cidade de São Paulo, organizada pela REPARTIÇÃO DE ÁGUAS E ESGOTOS, na escala de 1:200 000, São Paulo, 1929.

Mapa Topográfico do Município de São Paulo, executado pela Empresa SARA DO BRASIL, S. A., pelo método Nistri de aerofotogrametria para a Prefeitura Municipal, nas escalas de

1:20 000 e 1:5 000, São Paulo, 1930.

Planta de São Paulo, publicada por JOSÉ CASTIGLIONE, na escala de 1:20 000, São Paulo, setembro de 1941.

Mapa do Município e da Cidade de São Paulo, organizado por L. STRINA & CIA., na escala de 1:20 000, São Paulo, março de 1944.

São Paulo e arredores, mapa editado pelo INSTITUTO CARTOGRÁFICO CASTIGLIONE, na escala de 1:100 000, São Paulo, 1944.

CAPÍTULO IV

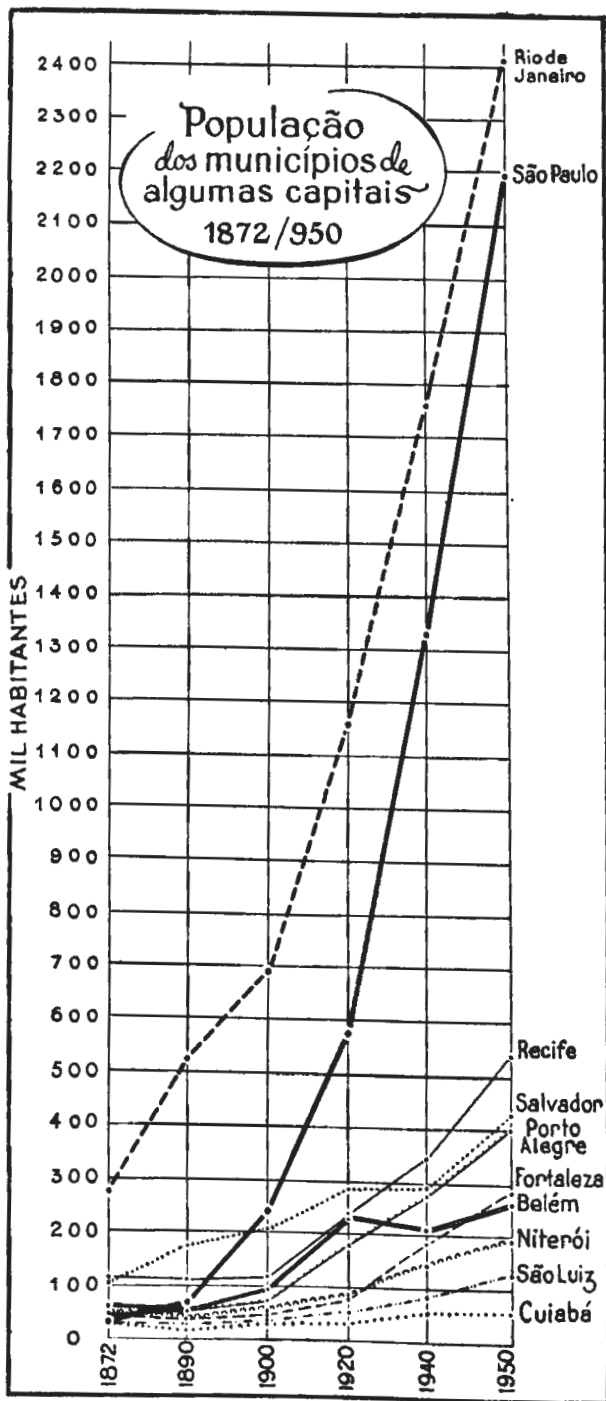
A população paulistana

J. R. DE ARAÚJO FILHO

Uma cidade trilionária. A população paulistana nos séculos coloniais. A população paulistana no século XIX. "A cidade que mais cresce no Mundo." O crescimento vegetativo da população paulistana. O elemento branco e o papel da imigração. Os nacionais e os estrangeiros. O elemento de origem italiana. Os negros e os mestiços. Os japoneses e os "nissei". Outros elementos étnicos. Sexo, idade, religião e ramos de atividade da população. As áreas de densidade demográfica por distritos e subdistritos. O crescimento da população por distritos e subdistritos, de 1934 a 1950. Evolução das áreas de densidades demográficas de 1934 a 1950. Do colégio quinhentista ao "Grande São Paulo".

TUDO INDICA QUE, no momento em que a presente obra fôr entregue ao público, a cidade de São Paulo, já agora quadricentenária, deverá ser considerada a maior cidade do Brasil no que se refere à população absoluta, com a impressionante cifra de 3 milhões de habitantes. Seu vertiginoso crescimento na primeira metade do século XX, resultante de um complexo conjunto de causas e responsável por uma série de problemas para a vida urbana, não tem paralelo dentro de nossas fronteiras e disputa com Caracas a primazia no Mundo atual.

De acôrdo com o censo de 1950, a população do município de São Paulo era de 2 198 096 habitantes, ao passo que, no chamado *Grande São Paulo* (o município e mais os vizinhos a que se encontra ligado estreitamente), aquela cifra elevava-se a 2 563 215 habitantes. Todavia, os estudos demográficos realizados no Departamento Estadual de Estatística pelo Prof. JOÃO CARLOS DE ALMEIDA chegaram à conclusão de que, ao findar-se o ano de 1954, a *população municipal* podia ser calculada em 2 817 600 habitantes.



Crescimento da população municipal de algumas capitais brasileiras (1872-1950).

Sòmente no século XX a população de São Paulo aumentou mais de 10 vêzes, pois saltou de 240 000, em 1900, para o total que hoje apresenta. Tornou-se bímilionária na década de 1940-50, num admirável crescimento que a cidade do Rio de Janeiro — sua mais séria rival no terreno demográfico — não conseguiu acompanhar, conforme bem se pode constatar através do seguinte quadro comparativo:

A N O S	S Ã O P A U L O		R I O D E J A N E I R O	
	População absoluta	Índice de crescimento	População absoluta	Índice de crescimento
1900.. .	239 820	100	691 565	100
1920.. . . .	579 033	241	1 157 873	167
1940.. . . .	1 337 644	557	1 781 567	257
1950.. . . .	2 198 096	916	2 377 451	343
1954.....	2 817 600	1 175	2 684 240	388

Por conseguinte, ao passo que, em 1900, a população do município de São Paulo correspondia a 37,5% da do Rio de Janeiro, em 1950 passou a ser de 92,4% e, em 1954, acabou por superá-la.

O fato se torna ainda mais expressivo se nos recordarmos de que nada menos de nove cidades brasileiras ultrapassavam, em população, a Capital paulista há cêrca de 80 anos.

Se a êste aspecto puramente demográfico acrescentarmos o referente à *composição da população*, constataremos sem demora um outro fato de suma importância: a cidade de São Paulo apresenta-se, dentro do país, como o centro urbano mais cosmopolita, tamanha é a quantidade de tipos étnicos que nela se encontram — brasileiros das mais diversas procedências e dos mais variados matizes, ao lado de estrangeiros, oriundos de terras da Europa ou da Ásia. Não é mais a “cidade de italianos”, que tanto chocou o espírito de ALFREDO MOREIRA PINTO, quando a visitou em 1900 (1); não possui mais de um têrço de sua população constituída de estrangeiros, conforme acontecia em 1920; mas continua a ser, sem a menor dúvida, uma grande *cidade cosmopolita*, a maior das que existem no Brasil.

(1) PINTO (Alfredo Moreira), *A Cidade de São Paulo em 1900* (Impressões de viagem), Imprensa Nacional, Rio, 1900.

São êsses os fatos essenciais que, em nossa opinião, bem caracterizam a população paulistana e que, nas linhas que se vão seguir, procuraremos demonstrar, apesar das dificuldades de tôda ordem que tivemos de vencer.

Antes de 1872 (ano em que se realizou o primeiro recenseamento no Brasil), os dados referentes à população da cidade ou do município de São Paulo são bastante precários, mormente no que se refere ao longo período em que o Brasil estêve sob o regime colonial; as cifras, quando existem, não inspiram confiança, como se torna difícil distinguir a população pròpriamente *urbana* da que constituía o *município*. Depois de 1872, nos sucessivos censos realizados (1872, 1886, 1890, 1900, 1920, 1934, 1940, 1950), nem sempre as estatísticas são suficientemente minuciosas para que satisfaçam a plena curiosidade do geógrafo. Daí as falhas ou deficiências a que fomos condenados, na elaboração do presente capítulo.

A população paulistana nos séculos coloniais

Foi sòmente em meados do século XVIII que se realizou o primeiro recenseamento da população da cidade de São Paulo, embora com as deficiências que a época justifica. Antes disso, o que existe não passa de simples *estimativas*, muitas delas de cunho estritamente pessoal, outras de caráter oficial visando a melhor arrecadação ou ao aumento dos impostos, quando não resultavam de dados recolhidos pelos vigários em suas paróquias ou freguesias.

No quinhentismo, modestíssima era a posição da então vila de São Paulo: menos de 30 anos após a fundação do Colégio de São Paulo ou, mais exatamente, em 1583, sua população total não chegaria a 1 500 pessoas; ao findar o século XVI, contaria com uns 210 “fogos” (2).

Nesse mesmo século, segundo GABRIEL SOARES DE SOUSA, a Cidade do Salvador, então capital da Colônia, teria cêrca de 800 “vizinhos”, sem contar as tropas de sua guarnição (3).

Para o século XVII, os dados são também bastante escasos: em 1637, uma das atas da Câmara paulistana informava,

(2) Cf. TAUNAY (Afonso d'E.), *São Paulo no século XVI*, pág. 188, ed. Arrault & Cia., Tours, 1921.

(3) SOUSA (Gabriel Soares de), *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, 3.ª ed., vol. 117 da coleção “Brasiliana”, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1938.

com certo orgulho, que a população da vila já passava de 600 “vizinhos”; e anos mais tarde, em 1660, SALVADOR CORREIA DE SÁ afirmava que, na vila e seu respectivo têrmo, viveriam mais de 3 000 brancos (4). Não poderiam mesmo deixar de ser modestas tais cifras, uma vez que vários fatores concorreram para o êxodo da população urbana, notadamente o Bandeirismo da caça ao índio, as lutas de famílias e a mudança de muitos habitantes para as vilas próximas, sobretudo Moji das Cruzes (criada em 1611) e Santana de Parnaíba (1625) (5).

O seiscentismo assistiu ao ininterrupto crescimento das cidades do *Salvador* e do *Rio de Janeiro*, cuja população não alcançaria 10 000 habitantes (6), como também a decadência de *Olinda*, principal vítima da invasão flamenga em Pernambuco, e o crescente florescimento do aglomerado urbano que maiores benefícios colheu dessa ocupação estrangeira — o povoado do *Recife*, ao lado do qual fêz MAURÍCIO DE NASSAU construir a *Cidade Maurícia*, cuja população talvez chegasse a ser de 3 a 4 000 habitantes (7).

Embora, ao que parece, tenha havido um censo demográfico em terras paulistanas no ano de 1680 (8), foi somente na segunda metade do século XVIII que se realizaram recenseamentos cujos dados chegaram até nós; datam de 1765 e 1777, tendo tido em SÉRGIO MILLIET e AMADOR FLORENCE OS SEUS principais divulgadores (9).

Em 1765, o têrmo da cidade de São Paulo constituía-se de 3 838 habitantes livres, entre os quais seriam certamente numerosos os mestiços (mamelucos ou caboclos e mulatos), que assim se repartiam:

Homens...	1 748
Mulheres..	.. 2 090

O deficit de 342 indivíduos do sexo masculino, em relação ao total de mulheres, testemunha muito bem uma das conseqüências do Bandeirismo — o êxodo dos homens válidos.

(4) Cf. TAUNAY (Afonso d'E.), obra cit.

(5) Cf. TAUNAY (Afonso d'E.), obra cit.

(6) Cf. AZEVEDO (Aroldo de), *Vilas e Cidades do Brasil Colonial* (Ensaio de geografia urbana retrospectiva), capítulo III, tese apresentada à X Assembléia Geral da Associação dos Geógrafos Brasileiros, inédita, São Paulo, 1955.

(7) Cf. AZEVEDO (Aroldo de), obra cit., capítulo III.

(8) Cf. TAUNAY (Afonso d'E.), obra cit.

(9) MILLIET (Sérgio), *Recenseamentos Antigos*, em *Roteiro do Café e outros ensaios*, 3.^a edição, vol. XXV da coleção do Departamento de Cultura, São Paulo, 1941; e FLORENCE (Amador), *Curiosidades do censo paulistano de 1765*, em “Revista do Arquivo Municipal”, vol. LXXIX, pág. 131.

Como sempre aconteceu no período colonial, não foi o desejo de conhecer qual o efetivo humano do t \acute{e} rmo ou da cidade que motivou a realiza \c o de tal censo, mas o exato conhecimento das posses ou “cabedais” dos recenseados (10). T \acute{o} da a fortuna da popula \c o do t \acute{e} rmo somava, ent \tilde{a} o, 265 288\$400, o que dava a modesta m \acute{e} dia de 69\$121 “per capita”, dentro da gente livre.

Visitando a cidade no ano de 1737, GOMES FREIRE DE ANDRADE definiu-a em poucas, mas sugestivas palavras: “formosa, mas sem dote . . .” (11).

S \acute{E} RGIO MILLIET n \tilde{a} o considera o recenseamento de 1777 como sendo o mais perfeito dos que se realizaram em S \tilde{a} o Paulo, no per \acute{e} odo colonial. Com efeito, sente-se que uma outra mentalidade o presidiu, pois a popula \c o aparece grupada em 10 classes e discriminada por grupos de idades. O t \acute{e} rmo teria, ent \tilde{a} o, 4 318 pessoas livres, entre as quais as mulheres continuavam a predominar num \acute{e} ricamente.

Assim se distribu \acute{a} essa popula \c o (12):

“CLASSES		N. $^{\circ}$ DA GTE.
1. $^{\circ}$	Som \tilde{a} o todas as crian \c as t \acute{e} a ida. de 7 anos completos	99
2. $^{\circ}$	Som \tilde{a} o os rapazes desde 7 anos t \acute{e} 15.	339
3. $^{\circ}$	Som \tilde{a} o os homens de 15 anos t \acute{e} 60.	1134
4. $^{\circ}$	Som \tilde{a} o os velhos de 60 anos t \acute{e} 90.	110
—	Som \tilde{a} o os que pass \tilde{a} o de 90 anos.	4
5. $^{\circ}$	Som \tilde{a} o todas as crian \c as do sexo feminino t \acute{e} 7 a.	314
6. $^{\circ}$	Som \tilde{a} o as raparigas de 7 anos t \acute{e} 14.	337
7. $^{\circ}$	Som \tilde{a} o as mulheres de 14 anos t \acute{e} 40.	1237
8. $^{\circ}$	Som \tilde{a} o as mesmas de 40 t \acute{e} 90 anos.	419
—	Som \tilde{a} o as que pass \tilde{a} o de 90 anos.	11
9. $^{\circ}$	Som \tilde{a} o os que nasceram de ambos os sexos.	114
10. $^{\circ}$	Som \tilde{a} o os que morrer \tilde{a} o de ambos os sexos.	91
TOTAL.		4209”.

Embora houvesse sido elevada \grave{a} categoria de cidade em 1711, a “capital” do Bandeirismo n \tilde{a} o passou de um insignificante aglomerado urbano, no decorrer do setecentismo. ROCHA PITTA, escrevendo em 1730, n \tilde{a} o a mencionou ao enumerar os principais centros urbanos do Brasil: Salvador (28 000 habitantes), Rio de Janeiro (10 000), Recife (7 000), Bel \acute{e} m do

(10) Cf. FLORENCE (Amador), obra cit.

(11) Cf. PIZARRO e ARA \acute{U} JO, *Mem \acute{o} rias Hist \acute{o} ricas do Rio de Janeiro*, vol. VIII, ed. Instituto Nacional do Livro.

(12) Cf. MILLIET (S \acute{e} rgio), obra cit., p \acute{a} g. 143.

Pará (4 000), São Luís do Maranhão, Olinda, Santos, estas últimas com população superior a 2 000 habitantes (13).

Na segunda metade do século XVIII, não se alterou a situação: em 1765, a população da cidade seria de 1 516 habitantes; em 1772, de 1 734 (14). Nada menos de 10 outros centros urbanos, ao findar-se a centúria, teriam mais brilho e maior população que o burgo piratiningano, a começar pelas duas cidades rivais — Salvador (50 000 habitantes) e Rio de Janeiro (40 000), a que se seguiam Vila Rica, Cuiabá, São Luís, Belém, Recife, Olinda, São João del-Rei, Mariana (15). Continuava a cidade de São Paulo a ser “formosa, mas sem dore”, pois vira seus filhos (sobretudo os moços e os homens maduros) partirem em busca do ouro e das pedras, sem que muitos deles jamais retornassem aos seus lares, “mortos no Sertão”; como concorreu com seu tributo em vidas na luta contra os Emboabas ou nas infundáveis Guerras do Sul. Além disso, não podia oferecer bases sólidas para uma produtiva vida agrícola, face à conhecida pobreza de seus solos oriundos dos terrenos terciários da bacia sedimentar em que se assentou. Tudo isso explica satisfatoriamente a modéstia da cidade de São Paulo no setecentismo, a pequenez de sua população urbana, a predominância das mulheres em relação aos homens.

Cumprе lembrar, aqui, que o *antiurbanismo* ou o “centrifugismo à aglomeração comunal”, na frase de OLIVEIRA VIANNA (16), constituiu uma regra no Brasil colonial, pois o brasileiro desse tempo — o “homo colonialis”, segundo a expressão do saudoso sociólogo, evitava a cidade e preferia o campo, amava a solidão e o deserto, apreciava sobremaneira o isolamento, era uma vítima do “complexo do sertão” (17). Em geral, os moradores só acorriam às vilas para as festividades religiosas ou para as festas do fim de ano (18), quando não para liquidar um ou outro negócio; verifica-se claramente, através dos inventários paulistanos, que o mobiliário e as alfaias da *casa da roça* eram superiores em número e qualidade aos da *casa da vila* (19).

(13) Cf. AZEVEDO (Aroldo de), obra cit., capítulo IV.

(14) Cf. CAPRI (Roberto), *São Paulo, a capital artística, na comemoração do Centenário*, 1922.

(15) Cf. AZEVEDO (Aroldo de), obra cit., capítulo IV.

(16) Veja VIANNA (Oliveira), *Instituições Políticas Brasileiras*, vol. I, págs. 119-165, Liv. José Olímpio, Rio de Janeiro, 1949.

(17) Cf. VIANNA (Oliveira), obra e loc. cit.

(18) Cf. PRADO (Paulo), *Paulística*, pág. 88, São Paulo, 1925.

(19) Cf. MACHADO (Alcântara), *Vida e Morte do Bandeirante*, págs. 40, 41. — A respeito desse antiurbanismo do período colonial, veja-se o cap. VII em AZEVEDO (Aroldo de), *Vilas e Cidades do Brasil Colonial*, já por nós citado.

A população paulistana no século XIX

Ao proclamar-se a nossa independência, em 1822, as cidades do Rio de Janeiro e do Salvador continuavam a disputar o *primeiro lugar* entre as maiores do país, com uma população de cêrca de 100 000 habitantes. Seguir-se-lhes-iam provàvelmente algumas cidades que poderemos classificar como de *tamanho médio*, com uma população de 30 000 a 10 000 habitantes, entre as quais Cuiabá, São Paulo, São Luís, Belém e Oeiras, além de algumas vilas — Recife, Vila Rica e Pôrto Alegre — centros êsses que, a rigor, talvez não merecessem outro nome do que o de vilas grandes, pelas suas funções e pelas características de sua vida urbana (20).

Na década de 1820-30 — parece-nos curioso acentuar — a cidade de Londres teria 1 400 000 habitantes, Paris 800 000, Lisboa 245 000, Nova York 200 000, Buenos Aires 60 000 (21).

Por essa mesma época, os que visitaram a cidade de São Paulo ou a seu respeito escreveram não são acordes no que se refere à sua população. Basta examinar o seguinte quadro:

AUTORES	POPULAÇÃO
John Mawe (1810).... .	15 - 20 000
Aires de Casal (1817).. .	23 760
Spix e Martius (1819).. .	30 000
Saint-Hilaire (1822)..... .	25 682
Hércules Florence (1825).. .	12 000 (22)

Do exame de tais cifras ressalta, com tôda evidência, a precariedade dessas estimativas, como a diversidade de pontos de vista dos citados autores, ora encarando o *térmo* da cidade, ora a *área urbana* pròpriamente dita.

(20) Veja AZEVEDO (Fernando de), *A Cultura Brasileira*, 2.^a edição, pág. 72, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1944.

(21) Cf. AZEVEDO (Aroldo de), obra cit., capítulo V.

(22) Cf. MAWE (John), *Viagens ao interior do Brasil*, pág. 78, Liv. Zélio Valverde, Rio de Janeiro, 1944; CASAL (Aires de), *Corografia Brasília*, tomo I, pág. 163, Ed. Cultura, São Paulo, 1943; SPIX (J. B. von) e MARTIUS (C. F. P. von), *Viagem pelo Brasil*, tomo I, pág. 808, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1938; SAINT-HILAIRE (Auguste de), *Viagem à Província de São Paulo*, pág. 173, Livraria Martins, São Paulo, 1940; FLORENCE (Hércules), *Viagem Fluvial do Tietê ao Amazonas (1825-1829)*, pág. 6, Ed. Melhoramentos, São Paulo.

Por outro lado, tudo parece indicar que tais cifras eram por demais exageradas; e a esta conclusão somos levados quando analisamos os dados alinhados pelo Marechal DANIEL PEDRO MÜLLER em sua conhecida obra, inegavelmente o mais sério e mais completo levantamento censitário realizado em território paulista, antes do censo geral de 1872 (23).

Com efeito, de acôrdo com êsse levantamento, em 1836 o *térmo* da cidade de São Paulo (isto é, o *município*) contaria com uma população de 21 933 habitantes, convindo observar que, dentro dêle, se incluíam as freguesias da Sé, Santa Ifigênia, Brás, Nossa Senhora do Ó, Penha de França, Conceição dos Guarulhos, São Bernardo, Juqueri, Cotia e M'Boi (Embu), isto é, uma vasta área que ultrapassa de muito a atual área municipal, embora constitua parte integrante do que já se convencionou chamar de "Grande São Paulo".

Dessas dez freguesias, três apenas corresponderiam à *cidade* propriamente dita; seriam as três primeiras citadas, cuja população equivalia a 9 391 habitantes, vale dizer, menos de 43% do total municipal. Por conseguinte, no período regencial, a cidade de São Paulo não teria ainda 10 000 habitantes e não passaria de um modestíssimo aglomerado urbano, de uma vila grande, de um "burgo de estudantes", como a denominou ERNANI SILVA BRUNO (24).

E assim continuou por mais algumas dezenas de anos, tanto que, por ocasião do 1.º recenseamento geral realizado no Brasil, em 1872, a população da *cidade* não teria alcançado 20 000 habitantes.

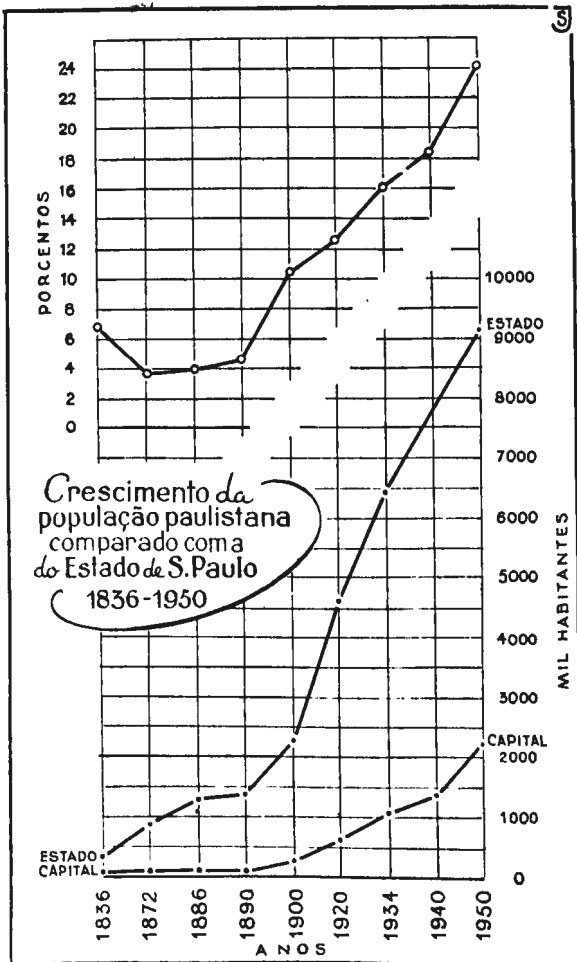
De fato, nesse ano de 1872, as *paróquias* da Sé, de Santa Ifigênia, da Consolação e do Brás — a verdadeira *cidade* de São Paulo — congregariam 19 347 habitantes, embora a *área municipal* possuísse 31 385, o que significa que, já então, nada menos de 62% da população municipal viveriam no centro urbano, bem ao contrário do que se registrara em 1836.

Entre êsses dois recenseamentos, o de 1836 e o de 1872, salvo quanto ao total, a população paulistana não apresentou

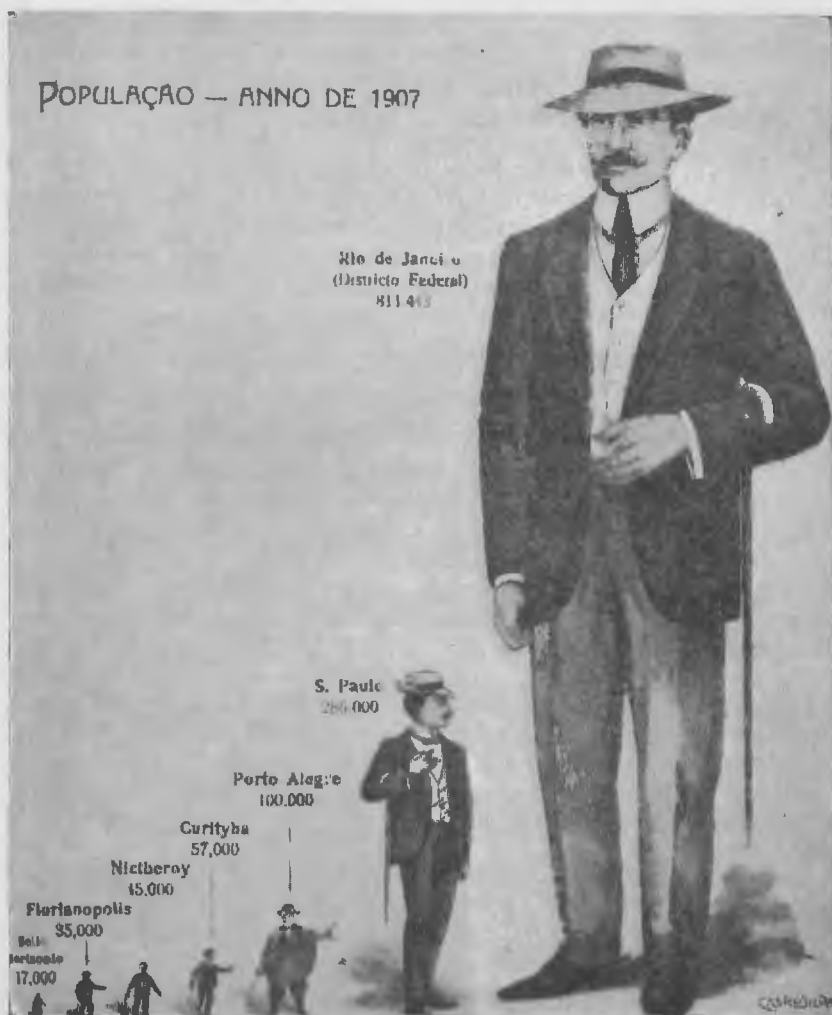
(23) MÜLLER (Daniel Pedro), *Ensaio dum Quadro Estatístico da Província de São Paulo*, Tip. Costa Silveira, São Paulo, 1838, cf. reedição literal impressa na Secção de Obras de "O Estado de São Paulo", São Paulo, 1923.

(24) BRUNO (Ernani Silva), *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, vol. II, Liv. José Olímpio, Rio de Janeiro, 1953.

diferenças sensíveis: o elevado número de brancos em relação aos negros e mestiços; a supremacia numérica das mulheres sobre os homens; o domínio quase absoluto dos nacionais e o reduzidíssimo número de estrangeiros — eis as principais características que ressaltam em ambos os censos, tornando-os muito semelhantes, embora 36 anos os separassem. É que foi somente na década de 1870-80 que a cidade de São Paulo deu início à sua impressionante expansão urbana, conseguindo superar alguns



Crescimento comparado da população do Estado de São Paulo e de sua Capital (1836-1950). — No desenho superior, porcentagens da população da Capital em relação à do Estado de São Paulo, no mesmo período.



Grandes cidades brasileiras na primeira década do século XX. — (Gravura reproduzida do Boletim Comemorativo da Exposição Nacional de 1908, ed. Diretoria Geral de Estatística, Rio, 1908).

dos fatores negativos que a tolhiam e aproveitando-se das vantagens que a evolução econômica da Província lhe propiciava.

Em 1886, a “metrópole do café” ou a “capital dos fazendeiros” (25) possuía em seu *município* 47 697 habitantes, dos

(25) Veja o capítulo II deste volume.

quais 38 997 viviam na *área urbana* (26), isto é, mais de 81% daquele total. E, quatro anos depois, quando teve lugar o 2.º recenseamento geral, em 1890, a população *municipal* já era de 64 934 habitantes.

Em 1872, a cidade de São Paulo colocava-se no 10.º *lugar* entre as mais populosas do país, sobrepujada pelo Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Belém, Niterói, Pôrto Alegre, Fortaleza, Cuiabá e São Luís. Dezoito anos depois, em 1890, sua posição já era bem outra, pois ocupava o 4.º *lugar*, tendo à sua frente apenas o Rio de Janeiro, Salvador e Recife.

Ao encerrar-se o século XIX, a metrópole paulista já se encontrava na magnífica posição em que se manteve até 1950: o 3.º recenseamento geral acusou uma população *municipal* de 239 820 habitantes, o que lhe assegurou o 2.º *lugar* no país, apenas ultrapassada pela Capital Federal. Em apenas uma década vira triplicar sua população.

Essa posição nada mais era do que um perfeito reflexo do crescimento demográfico e do progresso econômico registrados no conjunto do território paulista. Na verdade, em 1872, a então Província de São Paulo possuía uma população de 837 354 habitantes, dos quais apenas 3,7% viviam no município da Capital; em 1890, o já Estado de São Paulo tivera sua população aumentada para 1 384 753 habitantes, dos quais 4,6% viviam na Capital; entretanto, em 1900, a população da metrópole paulista passou a corresponder a 10,5% do total do Estado, que era então de 2 282 279 habitantes.

“A cidade que mais cresce no Mundo”

Tão repetida e repisada tem sido a frase que encabeça esta parte de nosso trabalho, que podemos considerá-la um quase lugar-comum. Tudo parece indicar, porém, que corresponde a uma verdade ou, se não, muito se aproxima dela. De fato, a cidade de São Paulo alinha-se, sem a menor dúvida, entre as cidades do Mundo que mais rapidamente cresceram, quer no ponto de vista da área urbana, quer no que concerne à população.

Tal crescimento extraordinário é fruto do século XX, embora se houvesse esboçado na derradeira década do século

(26) Cf. COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA, *Relatório*, Tip. King, São Paulo, 1888.

XIX, devendo-se principalmente ao surto industrial registrado exatamente em nossa centúria. Os recenseamentos levados a efeito acusaram verdadeiros saltos, no referente à população:

A N O S	POPULAÇÃO MUNICIPAL
1920	579 033
1934	1 060 120
1940	1 337 644
1950	2 198 096

Por conseguinte, em apenas meio século, a população do município teve um aumento superior a 9 vêzes, desde que iniciara o século XX com 240 000 e entrou em sua segunda metade com cêrca de 2 200 000 habitantes.

Lamentavelmente, não pudemos dispor de cifras referentes à *população urbana*, salvo em relação à vintena 1930-50. Nem por isso se tornam elas menos expressivas, o que nos leva a citá-las:

A N O S	POPULAÇÃO URBANA	EM RELAÇÃO AO TOTAL
1934	1 046 530	98,71 %
1940	1 313 100	98,16 %
1950	2 116 721	96,29 %

Como de início tivemos oportunidade de acentuar, pode-se hoje afirmar que, com sua área municipal, a cidade de São Paulo já alcançou a cifra de 3 000 000 de habitantes, o que a coloca no 1.º lugar dentro do país, no 3.º lugar dentro da América Latina (apenas ultrapassada por Buenos Aires e pela cidade do México) e entre as mais populosas cidades do Mundo.

Tal crescimento tem muito de singular; e para chegar-se a esta conclusão basta apenas fazer algumas *comparações* com outras cidades que, por suas origens ou características, mereçam ser incluídas num cotejo imparcial.

Em 1920, existiam no Mundo 18 cidades cuja população oscilava entre 800 000 e 430 000 habitantes; São Paulo colocava-se, então, no 12.º lugar, conforme se pode verificar pelo quadro abaixo (27):

(27) Cf. *Porque São Paulo é a cidade que mais cresce no Mundo*, em "A Gazeta", de 5 de março de 1955, São Paulo.

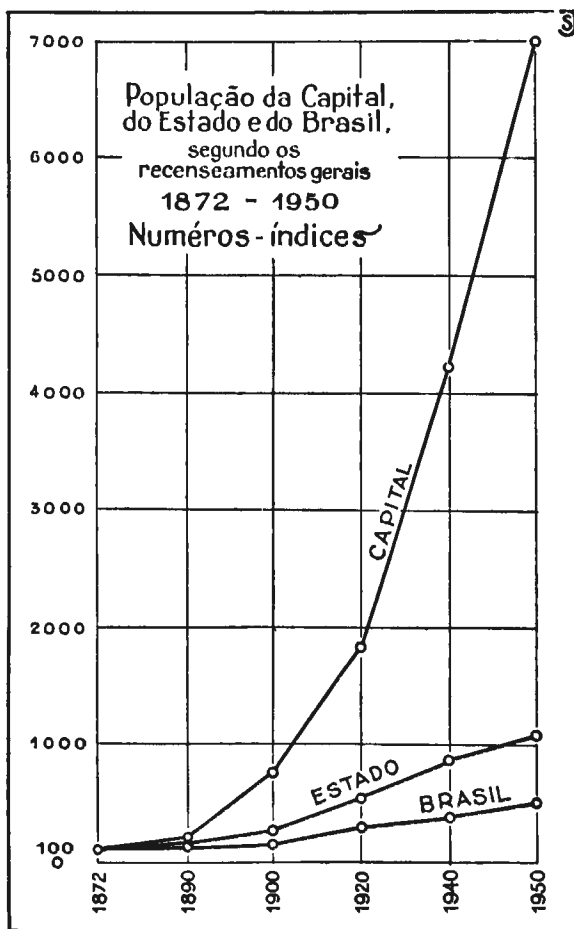
C I D A D E S	HABITANTES
1. Cleveland (U.S.A.).. ..	796 841
2. São Luís (U.S.A.).... ..	772 897
3. Melbourne (Austrália).. ..	766 465
4. Boston (U.S.A.)..... ..	748 060
5. Baltimore (U.S.A.).. ..	733 826
6. Roma (Itália)..... ..	660 238
7. Tchunqing (China).. ..	635 000
8. Nanquim (China).... ..	633 452
9. Montreal (Canadá).. ..	618 506
10. Quioto (Japão)..... ..	591 323
11. Pitsburgo (U.S.A.).. ..	588 443
12. São PAULO (Brasil).... ..	579 033
13. Los Angeles (U.S.A.).. ..	576 673
14. Madrastra (Índia)..... ..	526 911
15. Santiago (Chile).. ..	507 296
16. Búfalo (U.S.A.)..... ..	506 775
17. São Francisco (U.S.A.).. ..	506 676
18. Washington (U.S.A.)..... ..	437 571

Percebe-se, desde logo, o predomínio das cidades americanas nessa relação, pois nada menos de 11, nela figuram, das quais 6 com população superior à da Capital paulista.

Em 1950, entretanto, a situação era bem outra, pois São Paulo passou a encabeçar tão expressiva relação, deixando para trás as cidades dos Estados Unidos que a sobrepujavam 30 anos antes:

C I D A D E S	POPULAÇÃO
1. São PAULO (Brasil).... ..	2 198 096
2. Los Angeles (U.S.A.).. ..	1 970 358
3. Roma (Itália)..... ..	1 695 477
4. Madrastra (Índia).... ..	1 416 056
5. Montreal (Canadá).. ..	1 320 232
6. Santiago (Chile)..... ..	1 161 633
7. Melbourne (Austrália).. ..	1 126 409
8. Quioto (Japão)..... ..	1 101 854
9. Tchunqing (China).. ..	1 038 683
10. Nanquim (China).... ..	1 020 000
11. Baltimore (U.S.A.).. ..	949 708
12. Cleveland (U.S.A.).. ..	914 808
13. São Luís (U.S.A.).... ..	856 796
14. Washington (U.S.A.).. ..	802 178
15. Boston (U.S.A.)..... ..	801 444
16. São Francisco (U.S.A.).. ..	775 357
17. Pitsburgo (U.S.A.)..... ..	676 806
18. Búfalo (U.S.A.)..... ..	580 132

Curioso será observar o deslocamento registrado em relação às cidades dos Estados Unidos, distribuídas entre as 18 de maneira



Curvas de crescimento da população do Brasil, do Estado de São Paulo e da Capital paulista (1872-1950), em números índices. — O índice 100 equivale à população segundo o censo de 1872.

sensivelmente uniforme em 1920 e colocadas, em sua maioria (nada menos de 8 para um total de 9), nos derradeiros lugares da relação em 1950.

Se limitarmos nossas comparações a algumas cidades americanas e a um período mais curto, conclusões não menos surpreendentes seremos forçados a constatar, mormente se levarmos em consideração o índice de crescimento. É o que nos mostra o seguinte quadro (28):

(28) Cf. O crescimento de São Paulo e de outras metrópoles do Mundo, em "Fôlha da Manhã", de 20 de setembro de 1953, São Paulo.

CIDADES	POPULAÇÃO		ÍNDICE DE CRESCIMENTO
	1943	1953	
SÃO PAULO...	1 326 261	2 213 300	60,90 %
Los Angeles...	1 504 000	1 956 000	30,00 %
Buenos Aires..	2 488 000	3 150 000	26,00 %
Rio de Janeiro..	1 806 000	2 300 000	21,30 %
Chicago.....	3 396 000	3 750 000	10,42 %
Nova York...	7 455 000	8 160 000	9,45 %
Filadélfia.....	1 931 000	2 100 000	8,75 %

Não se trata, portanto, de uma simples frase sem conteúdo a que, com justificado orgulho, repetem os paulistanos: São Paulo inclui-se, sem a menor dúvida, entre as cidades que mais crescem no Mundo.

Como seria justo esperar, tal crescimento constituiu um reflexo do crescimento do próprio Estado, registrando-se um sensível paralelismo entre um e outro. Basta atentar para a posição da Capital em relação ao total da população estadual: se em 1900 correspondia a pouco mais de 10%, em 1920 ultrapassou 12%, em 1940 chegou a 18% e em 1950 passou a corresponder a 24%. Em números-índice, tomando-se como base o censo de 1872, a curva ascensional da cidade de São Paulo desenvolveu-se de maneira algo espetacular, em comparação com a referente ao país e ao próprio Estado (29).

O crescimento vegetativo da população paulistana

Como explicar êsse admirável crescimento da cidade de São Paulo? À primeira vista, a resposta parece ser uma só: deve-se às correntes imigratórias, externas e internas, que em ondas sucessivas se foram fixar na Capital do Estado. No entanto, tal fator não poderia servir como razão única do crescimento espetacular da cidade, mormente se advertirmos que, naquelas correntes imigratórias — como sempre sói acontecer — registrava-se a preponderância de indivíduos solteiros. Outro fator poderá ser citado: o *crescimento vegetativo*.

(29) Veja o gráfico à pág. 176.

A análise das tabelas referentes aos derradeiros 60 anos (30) esclarece perfeitamente o assunto, dando a êste último fator o merecido lugar de destaque.

A *natalidade* apresentou índices sempre superiores a 30 por 1 000 habitantes durante o largo período que vai de 1894 a 1923, isto é, numa época em que a cidade estava sob a direta influência das correntes imigratórias estrangeiras, particularmente procedentes da Europa e, dentro desta, da Itália. Corresponde ao que poderemos chamar de “fase italiana”, embora outros imigrantes (sobretudo ibéricos, sírio-libaneses e japonêses) houvessem contribuído com sua parcela. Tal circunstância precisa ser destacada porque representa uma influência indireta da imigração sôbre o crescimento da população, sabido que os italianos se caracterizam por serem prolíferos. Por conseguinte, não apenas a imigração em si contribuiu para o aumento da população paulistana, mas também as famílias numerosas dos elementos imigrados.

Eis alguns dos índices de *natalidade* referentes ao período 1894-1923:

A N O S	POR MIL HABITANTES
1894	41,50
1895	41,56
1896	39,08
1897	35,53
1898	33,55
1899	35,12
1900	36,20
1905	35,89
1910	39,13
1915	33,39
1920	34,02
1921	34,32
1922	34,12
1923	31,35

É bem verdade que, exatamente nesse mesmo lapso de tempo, os índices de *mortalidade* foram mais elevados do que hoje se registram, sendo sempre superiores a 15 por 1 000

(30) Cf. *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo* (Situação demográfica), vol. II, 1950, págs. 72-73, ed. Departamento de Estatística do Estado, São Paulo, 1953.

habitantes e chegando a atingir, excepcionalmente, a cifra de 30,53, no ano de 1895. Apesar disso, porém, os saldos foram perfeitamente favoráveis, registrando cifras nunca inferiores a 10 por 1 000 habitantes. Os maiores índices de mortalidade correspondem aos anos de 1894, 1895 e 1896, quando foram superiores a 28 por 1 000 habitantes, o que deve ser atribuído à incidência da febre amarela, particularmente sôbre os recém-chegados; declina, em seguida, permanecendo entre 23 e 16, salvo um só ano — o de 1918, quando a chamada “gripe espanhola” o elevou a 28.

Eis alguns índices de *mortalidade* referentes ao período 1894-1923 :

A N O S	POR MIL HABITANTES
1 8 9 4	28,09
1 8 9 5	30,53
1 8 9 6	28,89
1 8 9 7	22,76
1 8 9 8	19,55
1 8 9 9	16,45
1 9 0 0	17,12
1 9 0 5	16,96
1 9 1 0	19,89
1 9 1 5	15,24
1 9 1 8	28,03
1 9 2 0	18,24
1 9 2 1	19,05
1 9 2 2	17,98
1 9 2 3	16,58

No período seguinte (1924-1949) dois fatos podem ser constatados: 1.º) uma ligeira tendência à diminuição do índice de *natalidade* (fenômeno de caráter geral, pelo menos no Mundo Ocidental), registrando-se cifras geralmente inferiores a 30 (salvo uma única exceção: 1930, quando se constatou o índice de 31,30), embora sempre superiores a 23, a par de uma tendência ao aumento, a partir de 1946, com cifras superiores a 26; 2.º) uma decisiva tendência à diminuição do índice de *mortalidade*, que passou a ser sempre inferior a 17 e acabou por atingir a cifra realmente consoladora de 10 por 1 000 habitantes, em 1949.

Eis os índices de *natalidade* e *mortalidade* por 1 000 habitantes, no período 1924-49:

A N O S	NATALIDADE	MORTALIDADE
1924	29,35	16,65
1925	28,25	16,25
1926	28,69	15,51
1927	29,21	14,87
1928	29,03	14,76
1929	26,99	13,67
1930	31,30	15,30
1935	25,44	13,37
1940	25,26	12,90
1945	23,07	11,69
1946	25,51	10,37
1947	26,26	10,31
1948	27,64	10,57
1949	26,89	10,18

Percebe-se, imediatamente, que o segundo período que vimos analisando, apesar da ligeira diminuição do coeficiente de natalidade, caracterizou-se pela melhoria do saldo de sobreviventes, graças à queda registrada nos índices de mortalidade; se as dificuldades crescentes da vida podem explicar o primeiro fato, a melhoria das condições de higiene e do padrão de vida justificam plenamente o segundo. O saldo favorável, no balanço vital, passou a ser sempre superior a 12, com frequência superior a 15, chegando a atingir a cifra de 17 — o que constitui prova irrefutável de que o admirável crescimento da cidade no segundo quartel do século XX resultou, como já o afirmamos, não apenas do afluxo de nacionais e estrangeiros, mas também do *crescimento vegetativo*.

Segundo os cálculos do *Departamento de Cultura* da Prefeitura Municipal de São Paulo, o acréscimo anual da população variou, de 1924 a 1949, entre 30 000 e 80 000, o que dá a *média* de 55 000 por ano. No mesmo período, o saldo entre a natalidade e a mortalidade variou de 10 000 a 30 000, o que nos conduz à *média* de 20 000. Assim sendo, o *crescimento vegetativo* teria contribuído com cerca de 40% para o aumento da população paulistana, cabendo os 60% restantes para os contingentes que vieram fixar-se na Capital paulista.

CAIO DE FREITAS GUIMARÃES, estudando o decênio 1940-49, chegou a conclusões não muito diferentes das nossas (31), se bem que com referência a um período muito menor e mais recente. De acôrdo com seus cálculos, a contribuição anual devida ao *crescimento vegetativo* vem-se tornando cada vez mais importante: de 15 060 habitantes,

(31) Cf. GUIMARÃES (Caio de Freitas), *População, natalidade e mortalidade do Estado de São Paulo (1940-1949)*, publicação mimeografada do Departamento de Estatística do Estado, São Paulo, dezembro de 1952.

em 1941, passou para 35 070, em 1949, o que, em porcentagens, corresponderia respectivamente a 21,50 e 33,27%. Em contrapartida, menor vem-se tornando a contribuição dos *movimentos imigratórios*: de 54 740 habitantes, em 1941, passou para 70 330, em 1949, o que, em porcentagens, corresponderia respectivamente a 78,42 e 66,73%. Em última análise, a média para a década em questão daria 27,71% para o crescimento vegetativo e 72,29% para a imigração, tendo-se em vista o total da população.

No último quinquênio (1950-55), tanto o afluxo de indivíduos (nacionais e estrangeiros) como o saldo entre a natalidade e a mortalidade se tornaram ainda maiores, justificando plenamente os que afirmam ser São Paulo uma cidade trímilionária. No que se refere ao índice de *mortalidade*, os dados referentes a 1953 registraram a auspiciosa cifra de 9,4 por 1 000 habitantes, o que coloca a Capital paulista numa posição realmente ímpar no conjunto das demais capitais brasileiras, inclusive a Capital Federal.

Em 1953, assim se colocaram as capitais brasileiras no que se refere ao coeficiente de *mortalidade* por 1 000 habitantes (32):

1. São Paulo.....	9,4	12. Salvador.....	17,2
2. Rio de Janeiro..	11,9	13. Cuiabá (1952)..	19,0
3. Pôrto Alegre.....	13,1	14. Vitória..	20,0
4. Niterói (1952)..	13,5	15. Teresina.....	20,4
5. Florianópolis.....	13,8	16. Maceió (1952)..	20,8
6. Curitiba.....	14,5	17. Goiânia (1952).....	21,3
7. Belo Horizonte..	14,7	18. Recife.....	22,1
8. Belém.....	14,7	19. Fortaleza.....	25,6
9. São Luís.....	15,5	20. João Pessoa.....	31,8
10. Manaus..	16,7	21. Natal....	33,0
11. Aracaju....	17,1		

O elemento branco e o papel da imigração

São Paulo é hoje a maior *cidade branca* do Brasil e, provavelmente, de todo o Mundo Tropical, pois o recenseamento de 1950 registrou a presença de 1 929 410 indivíduos de *côr branca* em sua área municipal, o que corresponde a 87,7% do total da população.

(32) Veja *Mortalidade geral nas Capitais brasileiras*, em "Conjuntura Econômica", ano IX, n.º 2, pág. 68, Rio, fevereiro de 1955.



Gente do povo, das mais diversas origens (Gentileza de "A Gazeta").

No passado, porém, a situação foi bem outra; e quando falamos do passado não pretendemos referir-nos aos séculos coloniais, quando índios e mamelucos constituíam uma parcela bastante ponderável de sua gente. Há pouco mais de cem anos, São Paulo era ainda uma *cidade de mestiços e de negros*; com efeito, o censo realizado por DANIEL PEDRO MÜLLER, em

1836, constatou a presença de 54,6% de indivíduos de cor (mestiços, negros e índios) contra 45,4% de brancos, conforme se pode verificar pelo seguinte quadro:

ELEMENTOS	POPULAÇÃO MUNICIPAL (1836)	
	Pop. absoluta	% s/ o total
Branços	9 948	45,35
Pardos	6 348	28,93
Pretos	5 193	23,67
Índios	445	2,02

A porcentagem de brancos, todavia, é bastante significativa, sobretudo se nos lembrarmos de que dominava a escravidão negra no país e as maiores cidades da época (Rio de Janeiro, Salvador ou Recife) longe estavam de apresentar tão alto coeficiente de elementos brancos. A explicação desse fato é bem conhecida: nos tempos coloniais, as terras paulistas não conheceram nenhuma atividade econômica capaz de justificar a introdução, em larga escala, do braço negro; no momento em que o Marechal MÜLLER realizou o seu admirável levantamento, apenas o vale do Paraíba, graças à cultura do café, se utilizava largamente da mão-de-obra escrava, estando a cidade de São Paulo completamente à margem, neste particular.

A partir de 1870, teve início a grande transformação da população paulistana sob o ponto de vista étnico. Foi o tempo em que muitos fazendeiros de café, enriquecidos graças às culturas localizadas no Planalto sedimentar, passaram a ter suas residências na Capital paulista, que não tardou a se transformar na “capital dos fazendeiros”, como muito bem observou PIERRE MONBEIG (33). Foi o tempo, além disso, em que os imigrantes europeus (sobretudo os italianos), em levas cada vez maiores, se fixaram na Província, de cujo interior refluíram em grande número para a metrópole nascente (34).

Em 1886, existiam no município 12 290 estrangeiros, que assim se repartiam:

Italianos	5 717	Austríacos	340
Portuguêses	3 502	Inglêses	255
Alemães	1 187	Africanos	205
Espanhóis	379	Outras nacionalidades	354
Franceses	351		

(33) MONBEIG (Pierre), *La croissance de la ville de São Paulo*, pág. 27, Grenoble, 1953.

(34) Veja o capítulo II deste volume.

As porcentagens do elemento branco no conjunto da população municipal passaram a dar verdadeiros saltos, conforme se pode constatar por estas cifras:

A N O S	PORCENTAGENS DE BRANCOS s/ O TOTAL
1 8 7 2 .	60,00
1 8 8 6 .	78,46
1 9 4 0 .	90,72
1 9 5 0	87,78

Chegando a possuir menos de 10% de indivíduos de côr em 1940 — ano em que o Rio de Janeiro possuía cêrca de 29% (35) — o município de São Paulo viu aumentada essa porcentagem para 12% em 1950, o que se explica pelo afluxo de dois elementos étnicos de diferentes origens:

- a) *mestiços* (pardos) e também *negros*, procedentes do interior do Estado ou vindos de outras regiões brasileiras através das migrações internas registradas sobretudo na derradeira década;
- b) os *amarelos*, representados pelos *japonêses* e pelos *nipo-brasileiros* ou *nissei*, atraídos em número cada vez maior para a Capital e seus arredores.

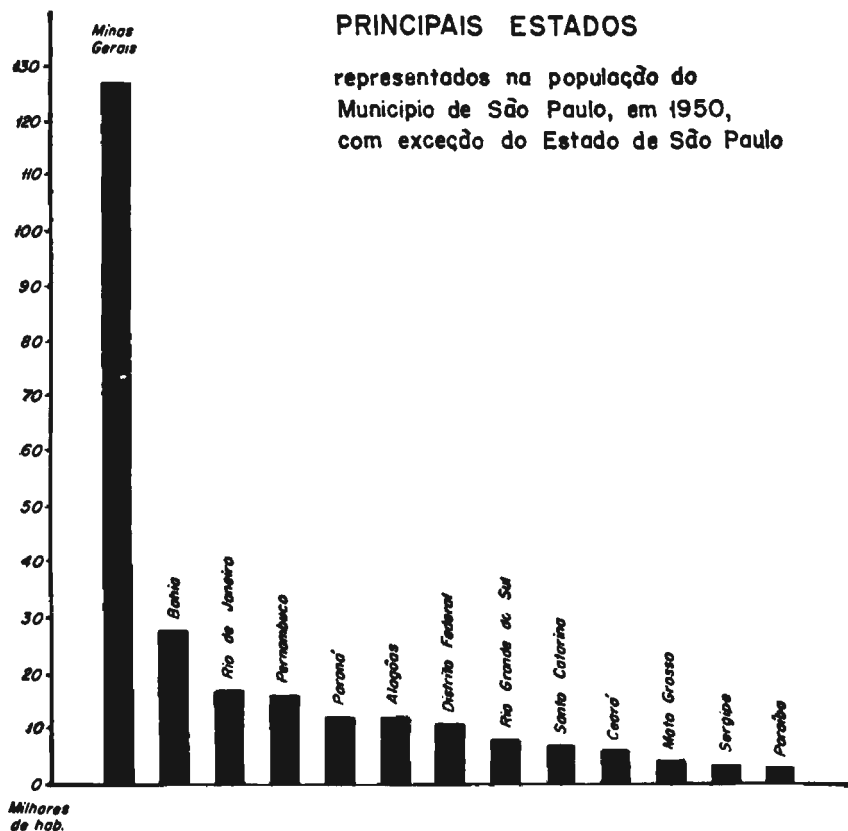
Em relação aos *amarelos*, o censo de 1940 constatou a presença de 14 074 indivíduos, ao passo que, em 1950, seu número passou a ser de 41 457 (36).

Os nacionais e os estrangeiros

Se fizermos uma espécie de parêntese e examinarmos a população paulistana sob o ponto de vista da nacionalidade, constataremos que, no presente século, a situação vem sofrendo alterações substanciais. Na primeira década do século XX, o elemento estrangeiro (sobretudo o italiano) destacava-se pelo seu elevado número, a ponto de chegar-se a afirmar que São Paulo era uma “cidade de italianos”. Ainda em 1920, mais de

(35) Cf. *Pesquisas sôbre os diversos grupos de côr nas populações do Estado de São Paulo e do Distrito Federal*, publicação n.º 12 da série Estatística Demográfica, ed. IBGE, Rio de Janeiro, 1951.

(36) Cf. *Censo Demográfico (1950) — Estado de São Paulo (Seleção dos principais dados)*, ed. Conselho Nacional de Estatística, Rio de Janeiro, 1953.



Brasileiros de outros Estados domiciliados na Capital paulista, em 1950.

um terço da população era constituído de alienígenas. Tal fase refletia, na população paulistana, o período áureo da imigração.

Todavia, bem outra é a situação atual, conforme o atestam estas cifras do censo de 1950:

ELEMENTOS	HABITANTES
Brasileiros natos.....	1 881 362
Brasileiros naturalizados.. . . .	16 159
Estrangeiros..	300 430

Por conseguinte, mais de 85% da população paulistana, em 1950, haviam nascido em terras brasileiras, contra menos de 15% nascidos em terras estranhas, dos quais 13,7% conservavam sua condição de estrangeiros.

Do total de *brasileiros natos*, por sua vez, mais de 85% haviam nascido no próprio Estado de São Paulo, inclusive, naturalmente, o município da Capital. Os restantes brasileiros natos, perfazendo um total de 273 929, haviam nascido em tôdas as outras unidades da Federação Brasileira, com uma única exceção: o Território do Rio Branco. Entretanto, o que é digno de nota é o número elevado de naturais pertencentes a algumas das unidades federativas, tais como Minas Gerais (mais de 50%), Bahia, Rio de Janeiro, Pernambuco, Paraná, Alagoas e Distrito Federal.

Eis o total das principais unidades federativas representadas na população do município de São Paulo, de acôrdo com o censo de 1950 (37):

ESTADOS	HABITANTES
Minas Gerais..	127 084
Bahia.....	28 219
Rio de Janeiro..	16 903
Pernambuco..	16 611
Paraná...	12 745
Alagoas.....	12 235
Distrito Federal.....	11 077
Rio Grande do Sul..	8 107
Santa Catarina...	7 603
Ceará.....	6 253
Mato Grosso..	4 160
Sergipe..	3 721
Paraíba.....	3 486
Rio Grande do Norte..	2 636
Goiás.....	2 469
Espírito Santo..	2 052
Pará...	1 455
Piauí..	1 360

A análise de tais cifras leva-nos, sem nenhuma dúvida, a uma só conclusão: o município de São Paulo sintetiza muito bem o que se registra na totalidade do Estado, quanto às relações e recíprocas influências existentes com os Estados fronteiriços e, através das migrações internas, com a Bahia e os Estados nordestinos. Além disso, a presença de numerosas e importantes repartições públicas subordinadas ao Governo Federal pode ser também apontada como um dos fatores justificativos do número relativamente alto de brasileiros nascidos em determinadas unidades da Federação.

No que se refere aos *estrangeiros*, cumpre observar que seu número total é mais elevado que o dos brasileiros nascidos

(37) Cf. *Censo Demográfico* (1950), cit.

noutras unidades da Federação: o censo de 1950 acusou a presença de 300 000, mas estatísticas fidedignas referentes a 1955 registraram um total de 472 376 cidadãos estrangeiros (38).

De acôrdo com os dados da Delegacia Especializada de Estrangeiros, atrás citados, o Estado contava com 909 772 estrangeiros, o que significa que mais de 50% dêste total vivem na Capital paulista, atualmente. Em apenas cinco anos, houve um aumento substancial de mais de 170 000 estrangeiros, no conjunto da população municipal, num eloqüente testemunho do afluxo de alienígenas que, procedendo diretamente do exterior, vieram fixar-se na cidade.

Todavia, embora elevadas sejam as cifras mencionadas, longe estão dos 35,4% de estrangeiros registrados ainda em 1920; com efeito, o total correspondente a 1950 equivale a 13,7% da população municipal, ao passo que a cifra referente a 1955 deve corresponder a uns 12% da atual população paulistana. É que, cessado o grande "rush" imigratório e falecidos os que continuavam a manter a sua condição de estrangeiros, teve início a fase de abrasileiramento crescente da Capital paulista, por fôrça do aumento da população de longa data brasileira, como também graças ao princípio do "jus soli" e através de uma lenta, às vêzes demorada, assimilação.

Sob o ponto de vista etnográfico, a cidade de São Paulo constitui um *microcosmo*, uma pequenina Babel: as estatísticas de 1955 constataram, dentro dos limites municipais, representantes de 83 nacionalidades diferentes!

Os povos da EUROPA compreendem mais de 80% da população estrangeira da Capital, continuando o grupo de povos *atlanto-mediterrâneos* a ocupar um lugar de excepcional destaque, a exemplo do que vem acontecendo de longa data (39); seguem-se-lhes em importância decrescente os *germânicos*, os *eslavos*, os *leto-lituanos* e os chamados *greco-ilírios* (romenos e gregos).

(38) Cf. dados do Serviço de Estatística da *Delegacia Especializada de Estrangeiros*, do Departamento de Ordem Política e Social da Secretaria da Segurança Pública do Estado de São Paulo, em "O Estado de São Paulo", de 22 de dezembro de 1955.

(39) Veja ARAÚJO (Oscar Egídio), *Latinos e não-latinos no município de São Paulo*, em "Revista do Arquivo Municipal", n.º LXXV, São Paulo, 1940.

Em 1955, eram os seguintes os grupos de povos da Europa mais representados :

Atlanto-mediterrâneos..	...	278 025
Germânicos..	...	42 934
Eslavos.....		30 479
Leto-lituanos..		23 129
Greco-ílfrios..		13 583
Fino-ugrianos..		5 278

Em importância numérica, seguem-se: os povos da ÁSIA, representados principalmente pelos *mongólicos* (30 332, em 1955) e pelos *semitas* (12 987); os povos da AMÉRICA, representados notadamente pelos *norte-americanos* e pelos *argentinos*; e, em escala bem menor, certos povos da ÁFRICA e da OCEÂNIA, entre os quais os mais numerosos são os *sul-africanos* (561).

Entre os estrangeiros não-europeus, destacaram-se, por sua importância numérica, em 1955:

Japoneses.....	...	28 703
Norte-americanos..		7 753
Argentinos..	...	7 381
Libaneses..	...	7 089
Sírios.....		4 445
Armênios.....		1 504
Israelenses e Palestínianos..		1 131

Por conseguinte, na massa da população estrangeira residente no município da Capital, os *atlanto-mediterrâneos* predominam de maneira sensível, constituindo mais de 58% daquele total. Todavia, as estatísticas demonstram que, a pouco e pouco, êste importante grupo de povos vem perdendo terreno em termos percentuais: em 1950, representavam 61% e, em 1920, nada menos de 88% dos estrangeiros fixados na área municipal.

Até ao início da Segunda Guerra Mundial, eram os *italianos* os que vinham à frente dos elementos estrangeiros em geral e, em particular, dentro do grupo atlanto-mediterrâneo; em 1920, chegaram a representar 15,8% do total dêste grupo e 44,6% do total de estrangeiros. Nos últimos anos, porém, graças aos contingentes imigratórios que vieram estabelecer-se na Capital paulista, cederam a primazia aos *portuguêses*, embora continuem a suplantam os *espanhóis* e, com enorme diferença, os *franceses*.

Assim se repartiam os *atlanto-mediterrâneos* na década em que nos encontramos :

NACIONALIDADES	1950	1955
Portuguêses	80 998	141 496
Italianos	66 268	97 334
Espanhóis	36 599	35 774
Franceses	—	3 421

Num lapso de apenas cinco anos, portanto, os *portuguêses* tiveram um aumento realmente significativo, da ordem de 60 000, ao passo que os *italianos* tiveram um acréscimo duas vezes menor. Em relação aos *espanhóis*, pelo contrário, registrou-se uma diminuição, o que pode ser explicado por duas razões, pelo menos: 1) o menor contingente imigratório, se compararmos com os que procederam de Portugal e da Itália; 2) provavelmente, o caráter rural da imigração espanhola, ao contrário do que se verificou com os *portuguêses* e *italianos*, em grande maioria constituídos por elementos que vieram dedicar-se ao serviço doméstico, à indústria e ao comércio.

Entre os povos *germânicos* (que, sob o ponto de vista numérico, ocupam o 2.º lugar na população estrangeira), são os *alemães* os mais numerosos: em 1955, eram representados por 30 537 indivíduos, num total de 42 934. Os demais não se lhes podem ser comparados, embora mereçam ser destacados os *inglêses*, os *austriacos*, os *holandeses* e os *escandinavos*.

Assim se distribuíam, em 1955, os *germânicos* fixados na Capital paulista :

Alemães	30 537
Inglêses	5 595
Austriacos	4 387
Holandeses	1 278
Suecos	638
Dinamarqueses	421
Noruegueses	77
Islandês	1

Em terceiro lugar vêm os *eslavos*, representados, em 1955, por 30 479 indivíduos. Neste total, os *poloneses* aparecem ocupando posição de grande destaque, constituindo mais de 50%, vindo em seguida, em escala bem menor, os *iugoslavos* e os *russos*.

Em 1955, assim se repartiam os *eslavos* residentes na Capital paulista :

Poloneses....	17 309
Iugoslavos..	5 214
Russos.....	4 384
Checoslovacos...	2 941
Ucranianos..	631

O quarto grupo é constituído pelos povos *mongólicos*, em posição quase equivalente à dos *eslavos* (30 332); no entanto, em sua quase totalidade são constituídos por *japoneses*, que, em 1955, perfaziam um total de 28 703. O que resta corresponde aos *turcos* (948), aos *chineses* (680) e aos *coreanos* (1).

Seguem-se, em importância numérica: os *leto-lituanos*, principalmente representados pelos *lituanos* (20 027); outros povos *americanos* (sobretudo *norte-americanos* e *argentinos*) e os povos *semitas*, representados notadamente pelos *libaneses* (7 089), *sírios* (4 445), *israelenses* (1 131), *jordanianos* (192), *árabes* (79) e *iraqueanos* (51).

Entre os *EUROPEUS* não citados, destacam-se por seu número: os *romenos* (10 491), os *húngaros* (5 119), os *letões* (3 102), os *gregos* (3 092), os *suíços* (3 081), os *estonianos* (1 504), os *belgas* (547), os *albaneses* (419), os *finlandeses* (159), os *búlgaros* (99), os *irlandeses* (90), os *luxemburgueses* (68), os *dantziguenses* (42), os *lichtensteinienses* (24), além de *são-marinenses* (13) e *sarrenses* (2).

Dentre os povos da *AMÉRICA*, além dos *norte-americanos* e dos *argentinos*, foram registrados: *uruguaios* (808), *paraguaios* (536), *bolivianos* (255), *chilenos* (233), *canadenses* (205), *cubanos* (121), *peruanos* (88), *portorriquenhos* (83), *mexicanos* (66), *colombianos* (76), *venezuelanos* (59), *hondurenhos* (42), *salvadorenhos* (33), *costarriquenhos* (27), *equatorianos* (26), *guatemaltecos* (23), *haitianos* (15), *panamenhos* (14), *dominicanos* (10) e *nicaraguenses* (8).

Resta-nos mencionar povos de outros continentes, atrás não citados: *egípcios* (198), *australianos* (140), *persas* (90), *indianos* (68), *marroquinos* (21), *indonésios* (2), além de um *tunisino* e um *sudanês*.

Um microcosmo, uma Babel em miniatura.

Ao invés de uma “cidade de italianos”, São Paulo merece hoje o nome de *cidade cosmopolita*, porque, sendo apenas 476 000 os estrangeiros que habitavam seu município em 1955, avultado é o número de seus habitantes, brasileiros pelo nascimento, mas que descendem de pais e mães estrangeiros ou, pelo menos, têm como um de seus progenitores um elemento



Uma pequenina amostra do "microcosmo" paulistano (Gentileza de "A Gazeta").

não nascido no Brasil. Infelizmente, ainda não foi realizada (e nós não nos abalancamos a tentá-la) uma pesquisa no sentido de se verificar qual a porcentagem da população paulistana que descende, em primeira geração, de pai ou mãe estrangeiros, quando não de ambos. O simples exame da lista telefônica

ou da relação de alunos que freqüentam as escolas de todos os graus da Capital paulista serve muito bem para nos dar uma idéia do *cosmopolitismo* da população paulistana. São os *italo-brasileiros*, são os *nipo-brasileiros* ou *nissei*, são os *sírio* ou *líbano-brasileiros*, *hispano-brasileiros*, *armênio-brasileiros*, etc., uns já perfeitamente assimilados e integrados na comunhão brasileira, outros menos, deixando para trás, numéricamente, os *lusobrasileiros*, de velha ou de moderna geração. No jornalismo como na indústria, no comércio como no magistério, nas artes como na política, destacam-se personalidades cujos sobrenomes não figuram nas obras de Pedro Taques ou de Silva Leme, mas refletem os contingentes humanos que, nos últimos 80 anos, provieram da Itália, do Japão, do Oriente-Próximo ou da península Ibérica. É a nova geração de brasileiros que, no âmbito municipal como no âmbito estadual, se equipara ou substitui lentamente a antiga geração daqueles que se orgulham de ser "paulistas de 400 anos".

O elemento de origem italiana

Se desde fins do século XIX, quando o grande surto imigratório atingiu seu ápice no Estado de São Paulo, os atlantomediterrâneos já ocupavam os primeiros lugares no conjunto dos estrangeiros que nos davam preferência, eram os *italianos* os que vinham à frente dentro deste grupo, sob o ponto de vista numérico; e em tal posição se mantiveram até há bem pouco tempo.

Uma série de fatores, tanto de ordem geral, como de ordem particular, referentes uns exclusivamente ao Brasil e a São Paulo, outros à própria Itália, foram os responsáveis por esse "rush" imigratório, já focalizado, aliás, no capítulo II deste volume: 1) o surto cafeeiro em terras paulistas; 2) a proibição da entrada de escravos africanos (1850) e a conseqüente elevação de preços dessa mão-de-obra, cuja eficiência muito ficava a desejar; 3) a abolição da escravatura (1888); 4) as facilidades oferecidas aos imigrantes, notadamente após a proclamação da República (1889); 5) o crescente desenvolvimento econômico do Estado e, reflexo dele, da Capital paulista; 6) o superpovoamento de certas áreas da Itália, particularmente o centro-sul e o extremo-norte; 7) a grave crise por que passou a agricultura italiana em fins do século XIX.

Visitando São Paulo na primeira década do século atual, PIERRE DENIS observou que a Capital paulista não era somente um mercado de produtos, mas também um imenso mercado de homens. “É em grande o que são em pequena escala as populosas cidades da Sicília ou da Apúlia, onde os operários reunidos na praça principal, no princípio da semana, são contratados pelos proprietários no decorrer do dia. É São Paulo que distribui pelas diversas regiões cafeeiras a onda dos imigrantes e é em São Paulo também que se reúnem os operários que deixaram as fazendas onde estiveram empregados e que procuram novo patrão. Nem todos voltam às plantações; muitos fixam-se na cidade. Levam às suas indústrias, a oferta de uma barata mão-de-obra. Graças à sua presença, São Paulo tornou-se, há alguns anos, um grande centro industrial, cuja prosperidade tem resistido à crise cafeeira” (40).

Em conseqüência, ao iniciar-se o século XX, os italianos chegaram a representar mais de 50% da população paulistana, fazendo de São Paulo uma das grandes cidades italianas do Mundo; e há pouco mais de 30 anos (1920) correspondiam a quase 16% da população do município.

Os dados de 1950 nos revelam que, entre os 300 430 estrangeiros residentes na área municipal, 66 268 eram italianos, o que significa que correspondiam a 22% daquele total e a 36% do grupo atlanto-mediterrâneo ou latino — cifra ainda elevada, comparável à população urbana de algumas das grandes cidades paulistas, como Ribeirão Preto ou Sorocaba, mas bastante pequena se a cotejarmos com o total da população do município, de que não significa mais do que 3%.

Em 1955, seu número elevou-se para 97 334, o que corresponde a 20,5% dos estrangeiros e a 35% dos atlanto-mediterrâneos.

Essa diminuição relativa do elemento italiano, na Capital paulista, justifica-se não apenas pelo decréscimo da corrente imigratória, mas também pelo extraordinário crescimento demográfico da cidade registrado nos derradeiros 30 anos e pela admirável facilidade de integração e assimilação dos peninsulares à comunidade brasileira.

Com efeito, de todos os elementos alienígenas foi o italiano o que marcou mais fortemente a população paulistana, através de sua contribuição étnico-cultural. Pelo seu número, pela sua tenacidade no trabalho, pelo seu espírito criador e econômico, pela tradição agro-industrial que para aqui trouxe, enfim, pela férrea vontade de progredir e subir na escala social, o italiano marcou de maneira indelével a população paulistana, deu vida e valor ao ainda mal caracterizado parque industrial da cidade e acabou por exercer sua influência na própria estru-

(40) DENIS (Pierre), *Le Brésil au XXeme. siècle*, págs. 111-112, Lib. Armand Colin, Paris, 1911.

tura da metrópole, através do estilo arquitetônico e da fisionomia característica de certos bairros, onde os tipos humanos e o linguajar patenteavam essa poderosa influência.

Até ao fim do primeiro quartel do século XX, os italianos constituíam a maioria da classe operária, como, também, dos que se dedicavam a outras profissões (jornaleiros, engraxates, barbeiros, cocheiros, confeitores, etc.). Quem percorresse as ruas centrais da cidade não poderia deixar de notar sua presença, não apenas pelo seu linguajar, como pelo tipo físico e alguns costumes característicos (uso do cachimbo, bigodes à Humberto I, boné de pano, etc.); e se viesse a percorrer certos bairros — como o Brás, a Mooca, o Bom Retiro e a Bela Vista (Bexiga), tinha muitas vezes a impressão de encontrar-se em algum recanto da própria Itália.

Hoje, o elemento italiano acha-se por tal forma diluído na massa da população paulistana, em tôdas as camadas da escala social, que quase já não mais podemos distingui-lo, a não ser através de seus nomes de família. Sentimos sua presença, levemente, em algumas ruas esparsas do Brás, da Mooca, da Bela Vista ou do Jardim Paulista, através de uns poucos remanescentes do grande “rush” imigratório, da exuberância dos gestos, de certas expressões utilizadas no falar, da manutenção de umas poucas tradições peninsulares (como o culto a Nossa Senhora da Achiropita, na Bela Vista, de São Vito-Mártir, no Brás, ou de São Januário, na Mooca). A existência de uma Rua dos Italianos, no Bom Retiro, serve apenas para relembrar um predomínio hoje inexistente, substituídos que ali foram por elementos judeus. Não se pode, atualmente, falar na existência de um “bairro italiano”, como outrora e a exemplo do que ainda acontece (em pequena escala, embora) com outros elementos étnicos, como os sírio-libaneses, os japoneses e os judeus. Em compensação, nada mais freqüente do que encontrarmos, em posição de grande destaque, no comércio como na indústria, nas letras como nas artes, brasileiros e paulistas dos que melhores possam ser, cujos sobrenomes indicam uma próxima ascendência italiana. Isto sem falar em inúmeros aspectos da vida urbana, nos quais a influência italiana é, sem dúvida, marcante.

Na alimentação do paulistano de quase tôdas as origens, como de todos os níveis da sociedade, as *massas* ocupam lugar preeminente, utilizadas que são no preparo dos mais típicos pratos da cozinha italiana. Certos jogos (como o “bocce”, aportuguesado sob a forma de “bocha”) e muitos gestos característicos do paulistano denotam a

influência peninsular. E, no linguajar da população, os *italianismos* e certos *modismos* de origem italiana são utilizados largamente, por toda a população: o “até logo!” foi substituído pelo “tcháú!”, ao invés de “húngaro” ouviu-se com frequência o termo “hunganês”, da mesma forma que comum se tornou dizer-se “éramos em dois” ou “somos em quatro” — para nos limitarmos a uns poucos mas expressivos exemplos.

Os negros e os mestiços

Depois do elemento branco, predominantemente atlanto-mediterrâneo ou latino, o grupo étnico que maior importância apresenta, na Capital paulista, é o constituído pelos *negros* e pelos *mestiços* ou *pardos*.

O recenseamento de 1950 registrou a presença de 224 906 habitantes incluídos nesse grupo e assim discriminados:

ELEMENTOS	HABITANTES	% s/ O TOTAL
Pretos..	169 564	7,7
Pardos..	55 342	2,5
TOTAIS.....	224 906	10,2

Por conseguinte, em cifras absolutas, o total de negros e mestiços é bastante apreciável, correspondendo à população de toda a cidade de Belém do Pará e sendo inferior ao total de habitantes de somente sete das maiores cidades brasileiras. Percentualmente, porém, é pequeno, não havendo termo de comparação com os totais registrados nas três outras grandes cidades do país, a saber:

CIDADES	% s/ O TOTAL
Rio de Janeiro..	29,8
Recife....	50,3
Salvador.....	66,1

Se remontarmos ao passado, constataremos alguns fatos que merecem ser examinados e, se possível, explicados; acham-se perfeitamente retratados nas seguintes cifras absolutas, ao

lado das quais figura a correspondente porcentagem sôbre o total da população municipal:

A N O S	N E G R O S		P A R D O S		TOTAL
	Habitantes	%	Habitantes	%	%
1836	5 193	23,6	6 347	28,9	52,5
1872	4 968	15,8	7 583	24,1	39,9
1886	3 825	8,0	7 538	15,8	23,8
1940	63 546	4,8	45 136	3,4	8,2
1950	169 564	7,7	55 342	2,5	10,2

Analisemos rapidamente tais cifras. Em relação aos *negros*, constatam-se os seguintes fatos: 1) em cifras absolutas, o seu número diminuiu nos 50 anos do século XIX acima referidos, quando dominava o regime de escravidão, o que parece indicar um permanente êxodo dêsse elemento em direção, provàvelmente, às zonas cafeeiras da então Província; 2) na década anterior à atual, muito pelo contrário, registrou-se um substancial aumento da população negra, que certamente se iniciou bem antes, embora não tenhamos dados estatísticos para comprovar; 3) uma diminuição das porcentagens no decorrer de um século (1836-1940), interrompida na última década, graças ao notável aumento registrado pelo censo de 1950. Em relação aos *pardos* ou *mestiços*, bem outra é a situação: 1) salvo quanto ao ano de 1886, um constante aumento da população absoluta, embora sem nada de espetacular; 2) uma progressiva queda das porcentagens, sem nenhuma solução de continuidade, desde 1836 até 1950; 3) mais numerosos que os negros durante o século XIX (quando chegaram a ser duas vezes superiores em número), os mestiços já estavam em minoria em 1940 e passaram a ser três vezes menos numerosos em 1950.

Os dados referentes à década anterior à atual são positivamente surpreendentes, pois, enquanto o grupo dos *mestiços* ou *pardos* registrou um aumento de pouco mais de 10 000, o dos *negros* acusou um aumento de mais de 106 000 indivíduos. Como explicar essa realidade estatística?

Em princípio, justo seria esperar que o maior aumento fôsse registrado em relação aos *mestiços*, pois é bem sabido que a maioria, se não a totalidade dos imigrantes nacionais que se têm dirigido para a Capital paulista, procede do sertão da Bahia e do sertão do Nordeste (os chamados "paus-de-arara"), sendo, por isso mesmo, predominantemente *mestiços*, caboclos e mulatos. Não foi isso, porém, que o recenseamento constatou. Como, então, explicar o aumento verificado no contingente negro? Trata-se de uma conseqüência da emigração de elementos das chamadas "zonas velhas" do Estado de São Paulo e do Sul de Minas Gerais, embora também seja possível atribuí-lo, em parte, ao crescimento vegetativo, à melhoria do padrão de vida e, graças a êste fator, à diminuição da taxa de mortalidade infantil.

Os 170 000 *negros*, existentes na Capital paulista em 1950, acham-se mais ou menos espalhados por tôda a área urbana e municipal. Todavia, nota-se uma concentração maior em alguns bairros (Bela Vista, Barra Funda, Casa Verde, etc.), onde vivem em habitações coletivas ou “cortiços”, lamentavelmente miseráveis e promíscuas, ou em modestas habitações de caráter um tanto precário, nos socavões dos vales urbanos, em terrenos baldios ou de aproveitamento difícil. É que, salvo raríssimas exceções, êsse elemento étnico continua a pertencer às classes menos favorecidas, cujo padrão de vida é dos mais baixos, embora já se venha esboçando uma louvável tendência no sentido de se modificar tal situação.

“A garantia de colocação, a vigência do salário mínimo, o aumento natural dos níveis de rendas, as facilidades concedidas pela expansão do sistema de vendas a crédito (de utilidades, de terrenos e de casas), se refletiram também no padrão de vida do negro da cidade e em seus ideais de segurança econômica. O abandono dos *cortiços*, o cuidado na apresentação pessoal (em particular, com o vestuário), o conforto na vida doméstica, a educação dos filhos, a posse de bens econômicos (inclusive imóveis), são preocupações que já se fazem sentir com muito vigor em diversas camadas da população de côr de São Paulo. Tais preocupações alimentam e dão corpo à aspiração de “melhorar economicamente”, de “subir de posição”, e redundaram na disposição de competir com o branco, de usufruir com êle, em condições de igualdade, as garantias sociais proporcionadas pelo trabalho livre.” (41).

Certas atividades profissionais merecem as preferências dêsse tipo étnico: as mulheres trabalham em fábricas e, principalmente, como empregadas domésticas (42); os homens aparecem como operários em fábricas e em construções, nos serviços ligados aos transportes e às comunicações, nas categorias inferiores do funcionalismo público, etc. O futebol, as sociedades de danças (“gafieiras”) e as “escolas de samba” constituem, juntamente com o cinema, os principais derivativos para as horas de folga. Os preconceitos de côr, agravados pela predominância de brancos de origem européia recente, fazem do

(41) FERNANDES (Florestan), *Do Escravo ao Cidadão*, cap. I, pág. 59, do ensaio sociológico intitulado *Relações raciais entre negros e brancos em S. Paulo*, Ed. Anhembi Ltda., S. Paulo, 1955.

(42) Em 1940, num total de 29 629 mulheres de côr preta, com mais de dez anos de idade, 24 655 dedicavam-se às atividades domésticas e escolares, no município de São Paulo.

negro paulistano um marginal, embora lhe caiba uma parcela, de inegável importância na vida e no progresso da grande metrópole.

Não cabe aqui examinar o problema da posição do negro dentro da comunidade paulistana. Não podemos deixar de pôr em destaque o admirável “ensaio sociológico sobre as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo”, elaborado sob a direção dos professores ROGER BASTIDE e FLORESTAN FERNANDES, da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo e publicado pela Editora “Anhembi” sob o título *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo* (São Paulo, 1955), volume com mais de 550 páginas, em que o geógrafo encontra precioso e abundante material para os seus estudos. Nenhum outro tipo étnico dos que constituem a população paulistana foi objeto, até hoje, de um estudo tão profundo e tão bem fundamentado como o que vimos de mencionar.

Os japoneses e os “nissei”

O recenseamento de 1940 registrou a presença de 14 074 indivíduos de *cor amarela* no município de São Paulo; mas, segundo o censo de 1950, seu número ter-se-ia elevado para 41 457. Admitindo-se como exatas tais cifras, pode-se afirmar que hoje vive na Capital paulista uma população de mais de 40 000 *japoneses e nipo-brasileiros*, tendo-se em vista o fato de haver sido reduzida a contribuição de outros povos do grupo mongol. Trata-se de um contingente comparável à população urbana de uma cidade como Piracicaba.

Dentro desse total, é provável que uns 70% conservem ainda sua condição de estrangeiros; pelo menos, os dados referentes a 1955 registraram a presença de 28 703 japoneses (43).

Os japoneses e seus filhos aqui nascidos — os *nissei* — espalham-se pela cidade e sua área rural. Na zona urbana, concentram-se em certos trechos da Área Central (Ruas Conde de Sarzedas, Conselheiro Furtado e Tabatinguera), como em alguns bairros (Pinheiros, Liberdade, Ipiranga, Jabaquara), dedicando-se ao pequeno comércio, sobretudo de gêneros alimentícios e de móveis laqueados, como também mantêm pequenas oficinas mecânicas ou de tinturaria. Mais importante, no en-

(43) Cf. dados do Serviço de Estatística da *Delegacia Especializada de Estrangeiros*, já citados.



Meninos "nissei" da região de São Paulo (Foto Araújo Filho).

tanto, é a atividade por eles exercida nas áreas suburbana e rural, onde marcam a paisagem de maneira inconfundível, graças às suas atividades agrícolas (batatinha, hortaliças, milho) e às suas típicas granjas destinadas à produção de ovos de galinha Leghorn, numa demonstração positiva de que, através de cooperativas (de que a mais poderosa é a "Cooperativa Agrícola de Cotia") ou isoladamente, é perfeitamente possível tornar-se uma realidade o "Cinturão Verde" que os poderes públicos planejaram, mas que não passa, por enquanto, de uma simples aspiração. Seu domínio geográfico, em tais áreas, é bem definido: a SW, nas terras de Cotia e Itapeperica da Serra; a E, na zona servida pela E.F.C.B., em São Miguel Paulista, Itaquera, Poá, Itaquaquecetuba e Suzano.

Recebidos sem prevenções pelos paulistas, a exemplo do que acontecera com outras correntes imigratórias, os japoneses encontraram no Estado de São Paulo não apenas um ambiente propício ao desenvolvimento de sua admirável capacidade de trabalho, como puderam entregar-se livremente às atividades de sua preferência. Não foram olhados com desconfiança, a exemplo do que sucedeu em áreas do Extremo-Oriente (Coréia, Filipinas, Malásia), onde sua preponderância cultural e econômica chegou a criar problemas de ordem política; nem tam-

pouco sofreram restrições de caráter racial, como nos Estados Unidos e na Austrália: sob muitos aspectos, São Paulo transformou-se numa terra ideal para os que desejavam emigrar do Império do Sol Nascente. Passaram a gozar de toda a liberdade, nos termos da Constituição da República; puderam exercer o livre direito de locomoção, de uma para outra cidade, dentro do Estado ou fora dêle; seus filhos passaram a freqüentar as escolas públicas ou particulares, ombreando-se com os demais brasileiros das mais diferentes origens. Sentiram-se completamente à vontade em sua nova Pátria, apesar das diferenças de modos de vida, de costumes, de tradições multisseculares, principalmente da língua.

O *perigo japonês* constituiu o tema preferido de muitos dos políticos e estudiosos dos problemas brasileiros, à frente dos quais se colocou a notável figura do sábio Miguel Couto. Tal perigo de fato existiu, sobretudo ao tempo em que os estadistas do Japão puseram em execução seu plano imperialista (44). O dispositivo constitucional que fixou a quota de 2% sobre o total de cada nacionalidade referente aos últimos 50 anos, introduzido pela Constituição Federal de 1934 e confirmado pela Constituição outorgada em 1937, refletiu o alarme então existente e atingiu frontalmente a imigração japonesa. Posteriormente, a Segunda Guerra Mundial ocasionou por um longo período a paralisação desta corrente imigratória, a par de deslocamentos de japoneses da zona litorânea para o Planalto, por motivos de caráter estratégico.

O isolamento em que ficaram durante muitos anos (1941-45), em relação à mãe-pátria, e o desfecho da última conflagração vieram contribuir para que cessasse completamente o "perigo japonês", desde que não podemos confundir com êle as manifestações esporádicas de fanáticos ou exploradores da boa-fé, do tipo das que foram promovidas pela chamada "Shindô Remei".

Cessada a influência de um mal orientado imperialismo e favorecida pela atmosfera cordial que sempre existiu, iniciou-se o processo de *assimilação* dos japoneses e de seus descendentes aqui nascidos. É verdade que os casamentos entre êstes e elementos de outras etnias continuam a constituir verdadeiras exceções. Todavia, o abrandamento do rigorismo nos costumes e nas velhas tradições; a necessidade do melhor conhecimento da língua portuguesa; o inevitável contato entre as novas gerações de "nissei" com brasileiros de outras origens;

(44) Veja, entre outros: COARACY (Vivaldo), *O perigo japonês*, série de artigos publicados no "Jornal do Comércio", Rio de Janeiro, abril-junho de 1944.

a penetração cada vez mais profunda do Catolicismo no seio dessa nova geração, se não entre os próprios japoneses — tudo isso contribuiu, de maneira notável, para que se fôssem destruindo as barreiras que os separavam do resto da população paulista.

Embora com certo escândalo dos mais velhos, ainda aferrados aos costumes e às tradições trazidas do Japão, percebe-se que os “nissei”, em sua maioria, adotam hoje os costumes que caracterizam a nossa população (inclusive os maus hábitos . . .), tornando-se brasileiros e paulistas, como outros quaisquer, na maneira de vestir, nos alimentos preferidos, no gosto pelos bailes (onde o samba domina) e noutras muitas particularidades (45).

Até bem pouco tempo, os alunos “nissei” que freqüentavam nossas escolas manejavam com dificuldade a língua portuguesa, embora se destacassem por sua aplicação nos estudos, evidentemente porque, em seus lares, outra língua não falavam a não ser a japonesa. Hoje, o fato já se vai tornando raro, numa demonstração inegável de que a língua portuguesa passou a dominar no próprio convívio familiar. Infelizmente, porém, já não mais se pode observar a dedicação aos estudos, que tão bem caracterizava os “nissei” de há dez anos atrás.

A inexistência de templos budistas ou xintoístas, e os respectivos sacerdotes, em número suficiente para atender à massa cada vez maior de neófitos, a par de um indisfarçável desejo de se tornar menos diferentes da maioria da população, tiveram como inevitável consequência a integração, cada vez maior, dos “nissei” e dos próprios japoneses no seio do Catolicismo — religião que foi plantada no Japão há quatro séculos e que, apesar das sangrentas perseguições, dali jamais foi extirpada. Por isso mesmo, sua integração no seio da Igreja de Roma não encontra obstáculos sérios, ainda mais porque, nos dias que correm, o número de seus adeptos aumenta, cada dia, no próprio Japão. Daí as conversões de adolescentes e de adultos, os batizados de crianças, os freqüentes casos de compadrio com pessoas de origem não-japonesa. A Igreja de São Francisco pode ser considerada, sob certos aspectos, a matriz dos japoneses e “nissei” católicos da Capital paulista (46).

Tudo isso veio acrescentar-se àquele fator, que há mais de quarenta anos PIERRE DENIS já constatara, quando escreveu estas palavras: “A prosperidade econômica tem dado a São Paulo um poder de absorção superior ao de todos os outros Estados brasileiros”, porque “a atividade dos negócios, a vida intensa, o espetáculo e o contato de um povo cheio de energia e de ambição bastam para que o paulista absorva os próprios adultos” (47).

(45) A revista “Manchete”, em sua edição de 21 de agosto de 1954, publicou uma interessante reportagem a respeito da assimilação dos japoneses na cidade de São Paulo, digna de ser lida: LINGUANOTTO (Daniel), *Os nissei entre dois Mundos*, loc. cit., Rio de Janeiro, agosto de 1954.

(46) Aliás, é no Convento de São Francisco que se localiza a *Capelania* católica dos japoneses de São Paulo.

(47) DENIS (Pierre), obra cit., págs. 152-153.

Dominando com facilidade a nossa língua; freqüentando com absoluto rigorismo, mesmo à custa de sacrifícios e de longas caminhadas a pé, as nossas escolas primárias; penetrando nos cursos secundários, comerciais e superiores, onde seu número se torna cada vez maior; integrando-se na classe média e subindo rapidamente na escala social, a ponto de se verem representados nas profissões liberais e nas próprias assembléias legislativas do município e do Estado (48) — os “nissei” estão dando uma prova cabal de que o problema da assimilação dos elementos de origem japonêsa não tem a gravidade que parecia ter para os homens públicos da década de 1930-40. Sobretudo quando se tornam católicos, perdem aquêlê ar indecifrável e enigmático que parece caracterizar os seus ancestrais; sabem exprimir os seus sentimentos, rir ou chorar, com a espontaneidade e a franqueza que estamos acostumados a presenciar entre os ocidentais; “tornam-se mais simpáticos e bonitos” — conforme a feliz observação de um japonês de velha cêpa.

Outros elementos étnicos

Resta-nos focalizar alguns outros elementos humanos que, pelo número de seus representantes ou descendentes e pela contribuição trazida, se destacam na vida da cidade.

Já tivemos oportunidade de acentuar que, atualmente, são os *portuguêses* os mais numerosos entre os estrangeiros fixados na Capital paulista, num total superior a 140 000. Encontramo-los espalhados por tôda a cidade, em seus bairros como nos subúrbios, ocupando posição de destaque na vida econômico-financeira ou contribuindo, de maneira mais obscura, para o ritmo normal da metrópole. Quando de condição modesta, demonstram preferência por determinadas atividades: são proprietários ou empregados em empórios, mercearias e padarias; são motorneiros e condutores de bondes ou motoristas de automóveis de aluguel; são jardineiros diaristas e, ao mesmo tempo, proprietários de chácaras de flôres; cultivam hortaliças nas

(48) Foi São Paulo o primeiro Estado brasileiro que viu “nissei” eleitos *Veredores* às suas Câmaras Municipais, como também foi o primeiro a eleger um “nissei” como *Deputado* à Assembléia Legislativa e, recentemente, à própria Câmara Federal.

baixadas úmidas dos bairros periféricos; sendo mulheres, sobretudo dentre as recém-vindas, são empregadas domésticas. Como é de se esperar, integram-se rapidamente na vida e nos costumes da cidade, recebidos que são como irmãos, em nome de uma tradição que o cosmopolitismo da metrópole paulista jamais poderá apagar ou destruir.

Os *sírio-libaneses* constituem outro elemento de importância para a vida urbana. Fixando-se no Estado, em sucessivas levas, desde os fins do século XIX, acabaram por se estabelecer, em número elevado, na Capital, onde se destacam no comércio e na indústria, como na política e nas letras. Dentro da cidade, possuem uma área em que dominam sensivelmente: é a Rua 25 de Março e vizinhanças do Mercado Municipal, onde rara é a loja cujo proprietário não indique, por seu nome, uma próxima ou remota ascendência sírio-libanesa. No que se refere ao problema da assimilação, muito particular é a posição desse elemento étnico. Não resta nenhuma dúvida a respeito da facilidade com que se integram em nossa nacionalidade, não havendo exagêro na afirmativa de que, logo na primeira geração, se tornam brasileiros e paulistas entre os que melhores possam ser. Todavia, constituem uma comunidade que, sob certos aspectos, continua a manter-se um tanto isolada e íntegra em seus costumes: preferem casar-se com elementos oriundos da mesma etnia; conservam certos costumes trazidos por seus pais, como determinados pratos e doces típicos (o “quibe”, “esfiha”, etc.); em matéria de religião, pertencem à Igreja Greco-Cismática ou ao Catolicismo do rito oriental (maronita e melquita) e, se Católicos Romanos, frequentam de preferência o templo construído às suas próprias custas; possuem seus clubes esportivos, ginásios e hospitais.

Como já tivemos oportunidade de observar, o número de *sírio-libaneses* que conservam sua nacionalidade é relativamente pequeno: 11 534, em 1955, dos quais 7 089 eram libaneses e 4 445 eram sírios.

Caso semelhante ao antecedente é o que se verifica com os *armênios* fixados na Capital paulista. Dedicando-se ao comércio e à indústria (em que já possuem representantes que se destacam por suas grandes fortunas), como também à política, nem por isso deixaram de se manter num certo isolamento, dentro de sua própria comunidade. Seus estabelecimentos co-

merciais predominam na mesma área em que se encontram os dos sírio-libaneses — as vizinhanças do Mercado Municipal. São Católicos do rito armênio, freqüentam seu próprio templo, preferem casar-se entre os de sua etnia (49).

Em 1955, o número de *armênios* que guardavam sua condição de estrangeiros ia pouco além de 1 500.

Os *judeus* representam papel de destaque na vida da cidade. Em 1955, o número dos que haviam nascido em terras de Israel e conservavam-se estrangeiros era pouco superior a mil (1 131). Todavia, como tais precisam ser considerados todos os brasileiros que, por suas origens e pela fidelidade aos costumes tradicionais dessa etnia, se consideram como partes da comunidade judaica, provenham seus pais da Polônia, da Alemanha ou de outro qualquer país do Velho Mundo. Vêem-se representados em tôdas as classes sociais e têm sua vida ligada sobretudo ao comércio, desde o mais humilde (que consiste na venda de objetos usados) e de tipo médio (mobiliário) aos mais finos (jóias, peles), sem falar nas atividades ligadas à movimentação de capitais. Por isso mesmo, torna-se possível encontrar os mais variados tipos humanos de judeus — o de longas barbas e de aspecto sórdido, como o comerciante mesureiro e sempre atencioso para com o possível freguês ou o magnata da alta finança. Treze sinagogas atestam, de maneira eloqüente, a importância da comunidade israelita existente na cidade de São Paulo.

Embora seja difícil afirmar quais as áreas em que predominam os judeus, no interior da cidade, acreditamos não errar ao apontarmos algumas das que se seguem: o bairro do Bom Retiro e certas ruas da área periférica do Centro (Ruas de Santa Ifigênia, Consolação).

Os *espanhóis*, a exemplo de seus outros irmãos atlanto-mediterrâneos, integram-se com muita facilidade na vida da cidade. Um número relativamente alto conserva sua nacionalidade (mais de 35 000), embora muito maior seja o daqueles que, por naturalização ou pelo nascimento, se tornaram brasi-

(49) Em 1955, por ocasião da visita do Cardeal-Patriarca da Igreja Cílicia dos Armênios à cidade de São Paulo, um dos Vereadores à Câmara Municipal da cidade, de ascendência armênia, fêz uso da palavra para agradecer, em nome da comunidade de que faz parte, as homenagens que haviam sido tributadas àquele alto dignitário eclesiástico.

leiros. Sua área preferida localiza-se no Brás, particularmente nas Ruas Carneiro Leão e Caetano Pinto. Suas predileções se voltam para o comércio atacadista de cereais, de sacaria, de ferro-velho, etc., embora também as oficinas mecânicas mereçam as suas preferências; mas há ainda os que fizeram fortuna e se destacam na vida financeira da cidade.

Como os portugueses e os italianos, os espanhóis possuem os seus centros culturais, suas associações beneficentes e seus clubes de esportes.

Resta-nos fazer uma referência aos *alemães*, que se elevavam, em 1955, a mais de 30 000, entre os que conservavam sua nacionalidade, embora seja bastante provável que, nesta cifra, se incluam numerosos judeus oriundos da Alemanha. Mas há os teuto-brasileiros, a respeito dos quais, tal como em relação às demais etnias, as estatísticas nada informam. Sem falar na tentativa de colonização levada a efeito na primeira metade do século XIX, na região de Santo Amaro (onde ainda podem ser encontrados teuto-brasileiros inteiramente acaipirados), teve o elemento de origem alemã muita importância na vida da cidade no decorrer de todo o século passado, havendo chegado mesmo a constituir a maior colônia estrangeira da Capital paulista. Hoje, os alemães e seus descendentes aparecem no comércio como na indústria, em posição de preeminência. Até o primeiro quartel do presente século, elegeram como bairro residencial Vila Mariana; hoje, porém, preferem os bairros que se erguem ao longo da Avenida de Santo Amaro, quando não nesta localidade. Mantêm-se um tanto fechados em sua comunidade, preferindo determinados estabelecimentos de ensino e certos clubes esportivos, além de outros locais de habitual reunião.

Sexo, idade, religião e ramos de atividade da população

Quando se analisa a população paulistana no que concerne ao SEXO, desde o século XVIII até aos nossos dias, registra-se uma constante, que só teria sofrido solução de continuidade num período relativamente curto: *o predomínio das mulheres em relação aos homens.*

De fato, os dois censos de setecentismo (1765 e 1777) registraram êsse predomínio, conforme já tivemos oportunidade de acentuar. Em 1836, quando se processou o recenseamento realizado por DANIEL P. MÜLLER, o resultado não foi diferente: 14 051 mulheres e 13 113 homens. Cinquenta anos depois (1886), o mesmo fato se repetiu: 25 252 mulheres e 22 445 homens. E se saltarmos para a nossa época, constatamos que o censo de 1950 também acusou um superavit feminino: 1 112 131 mulheres e 1 085 965 homens. Todavia, já o mesmo não se registrou no primeiro quartel do século XX, de que o censo de 1920 pode ser tomado como índice expressivo: 294 007 homens e 285 026 mulheres.

Em cifras percentuais as comparações se tornam mais significativas:

A N O S	HOMENS	MULHERES
1 7 7 7 . . .	45,6	54,4
1 8 3 6 . . .	48,3	51,7
1 8 8 6 . . .	47,1	52,9
1 9 2 0 . . .	50,7	49,3
1 9 5 0 . . .	49,5	50,5

Bem sabemos que tal predomínio constitui, de modo geral, uma regra, dentro da Demografia; mas aparece, também, como um dos característicos das áreas de emigração (50). Como explicar, então, o caso paulistano? Apenas como um exemplo a mais, a confirmar a regra?

Para o século XVIII, acreditamos que não existe dificuldade a vencer, já que o Bandeirismo constituiu um fator de despovoamento da cidade, no que concerne aos homens. As dificuldades aparecem para os anos do século XIX, pois em 1836 não se teria registrado nenhum fator de despovoamento e em 1886 o Estado preparava-se para entrar em sua etapa áurea no que diz respeito à imigração. Esta última, segundo os tratadistas, aparece como fator do predomínio dos homens em relação às mulheres, o que é perfeitamente compreensível. Por que motivo, pois, em 1886, existiam 52,9% de mulheres no total da população municipal? A resposta parece-nos poder ser dada através de dois argumentos: 1.º) até então, o "rush"

(50) Veja, entre outros: LANDRY (Adolphe), *Traité de Démographie*, ed. Payot, Paris, 1945; CHEVALIER (Louis), *Démographie Générale*, ed. Dalloz, Paris, 1951; SAUVY (Alfred), *A População*, ed. Casa do Estudante do Brasil, Rio, s/ data; LAMBERT (Jacques) e PINTO (L. A. Costa), *Problèmes démographiques contemporains*, tomo I, Atlântica Editôra, Rio.

imigratório continuava a ser predominantemente rural, não se tendo ainda verificado o refluxo de imigrantes para a Capital; 2.º apesar disso, já existia na cidade um número relativamente elevado de estrangeiros (12 290 para uma população de 47 697, isto é, mais de 25%), fixados com suas famílias, em geral numerosas. As cifras de 1920 retratam muito bem a influência da imigração, em que os homens predominam sobre as mulheres, refletindo assim a fase áurea da última década do século XIX e os primeiros 20 anos do século atual. Quanto às cifras referentes a 1950, a explicação é bem mais simples: refletem o afluxo de elementos oriundos do interior do Estado e de outras regiões do país, em que o elemento feminino é sempre numeroso, pois o imigrante vem acompanhado de sua mulher e filhos, fato que se tem registrado noutros países, conforme o atesta LOUIS CHEVALIER em relação à França (51).

A predominância do elemento feminino provavelmente deve ter-se acentuado nos últimos anos, tendo em vista o número elevado de mulheres que têm chegado com as correntes imigratórias externas, particularmente a procedente de Portugal.

Se nos ativermos às cifras referentes a 1950, mais alguns fatos poderão ser registrados: 1.º até à idade de 9 anos, o predomínio cabe aos homens (224 482 homens e 218 787 mulheres); 2.º entre 10 e 24 anos, há um excesso de 21 260 mulheres em relação aos homens (346 347 mulheres e 325 087 homens); 3.º entre 25 e 39 anos, registra-se um certo equilíbrio, embora predominem os homens (285 701 homens e 285 421 mulheres); 4.º entre 40 e 49 anos, cabe o predomínio aos homens (124 852 homens e 122 975 mulheres); 5.º entre 50 e 59 anos, as mulheres ultrapassam de pouco os homens (74 692 mulheres e 74 140 homens); 6.º a partir dos 60 anos, a superioridade do elemento feminino é constante (58 121 mulheres e 47 957 homens); 7.º as mulheres predominam sensivelmente na área urbana (837 470 mulheres e 798 527 homens), embora caiba aos homens a predominância nas áreas suburbana e rural (respectivamente, 210 995 e 76 443 homens em relação a 205 150 e 69 511 mulheres) (52).

(51) CHEVALIER (Louis), *Démographie Générale*, págs. 107-108.

(52) Cf. *Censo Demográfico — Estado de São Paulo*, ed. I. B. G. E., Rio, 1953.

São fatos que, de modo geral, correspondem ao que se registra noutros países e que, em relação a alguns dêles, servem para corroborar nossas observações anteriores.

A circunstância de existirem, em 1950, na área urbana, 38 943 mulheres a mais relativamente ao número de homens, a par do predomínio dos homens nas áreas suburbana e rural (12 777 homens a mais), testemunha a maior atração exercida pela cidade sobre o elemento feminino, o qual, deixando os subúrbios e a zona rural, vai exercer sua atividade como empregadas domésticas e como operárias na metrópole paulista, cujas famílias e cujas indústrias têxteis constituem um sorvedouro insaciável dessa mão-de-obra feminina.

É que, “de façon générale, les villes ont une tendance marquée à constituer un habitat féminin de prédilection lorsque la mobilité de la population est grande; les femmes isolées, qu’il s’agisse de célibataires ou de veuves, dans beaucoup de types d’agriculture, ne peuvent demeurer sur la terre et vont chercher soit du travail, soit simplement des conditions de vie plus favorables, dans les grandes villes ou dans les petits centres urbains, les villages, qui desservent immédiatement la population rurale” (53).

No que se refere à IDADE, São Paulo apresenta-se-nos como uma cidade em *plena mocidade*, a caminho da maturidade, pois possuía, em 1950, cerca de 40% de sua população com menos de 20 anos, e 49% com mais de 20 e menos de 50 anos.

O primeiro grupo, correspondente à *infância* e à *adolescência*, era representado por 856 070 indivíduos num total de 2 198 096 habitantes, o que corresponde a 39,8%, assim distribuídos:

I D A D E S	HABITANTES
De 0 a 4 anos.. .. .	246 002
De 5 a 9 anos.. .. .	197 267
De 10 a 14 anos.. .. .	196 167
De 15 a 19 anos.....	216 634

Trata-se do “grupo do futuro”, de cujo “efetivo depende o desenvolvimento posterior da população” e que, “sob o ponto de vista social, está em grande parte a cargo dos adultos, uma vez que os adolescentes não começam a trabalhar senão aos 15 anos” (54).

O encargo de sustentar, em princípio, essa população infanto-juvenil cabe ao segundo grupo, que abrange a *mocidade*

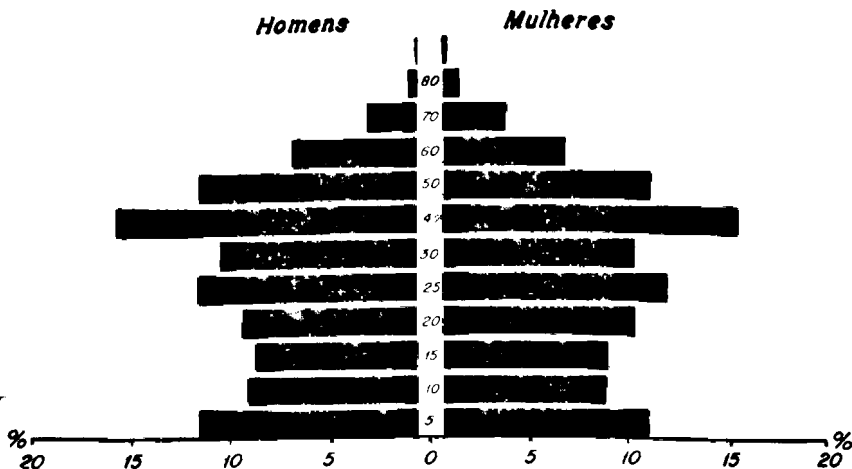
(53) LAMBERT (Jacques) e PINTO (L. A. Costa), *Problèmes démographiques contemporains*, pág. 78.

(54) LANDRY (Adolphe), *Traité de Démographie*, pág. 124.

MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

População segundo
a idade e o sexo

(1950)



Repartição da população paulistana, em porcentagens, segundo a idade e o sexo (1950).

e a maturidade, isto é, a população com idade superior a 20 e inferior a 50 anos; corresponde a 1 077 582 habitantes ou 49% do total, assim distribuídos:

I D A D E S	HABITANTES
De 20 a 24 anos..	258 633
De 25 a 29 anos..	228 793
De 30 a 39 anos..	342 329
De 40 a 49 anos.....	247 827

Dentro dêste grupo — convém ressaltar — os que tinham de 20 a 39 anos de idade correspondiam a 37,7% da população municipal, em 1950, o que significa mais de um terço do total.

Em princípio, constitui a *população ativa*, embora o período de atividade, como observa LANDRY, possa iniciar-se aos 15 anos e chegar até aos 60 anos. É o “produtor de riquezas, o que procria e educa os filhos, e suporta a carga dos velhos” (55).

(55) LANDRY (Adolphe), obra cit., pág. 124.

Resta-nos mencionar o terceiro grupo — o da *velhice*, que se inicia aos 50 anos e, sob nosso clima, raramente vai além dos 90 anos. Corresponde a apenas 264 444 habitantes, isto é, 11,2% da população total, assim distribuídos:

I D A D E S	HABITANTES
De 50 a 59 anos..	148 832
De 60 a 69 anos..	76 768
De 70 a 79 anos..	28 294
Mais de 80 anos.....	8 339

Observa-se uma queda brusca entre os grupos de 50-59 anos e de 60-69 anos, o que vem confirmar ser os 60 anos o limite médio da duração da vida, entre nós.

Cumpre-nos esclarecer, finalmente, que o censo de 1950 registrou 2 211 habitantes de *idade ignorada*.

As comparações com o passado tornam-se bastante difíceis no que se refere às idades, pois os grupos admitidos nem sempre se correspondem, quando não faltam os indispensáveis dados numéricos. Todavia, se cotejarmos os censos de épocas bem diferentes — 1836, 1886 e 1950, chegaremos a certas conclusões, que corroboram a nossa afirmativa de que São Paulo se encontra *em plena mocidade*, a caminho da *maturidade*. Com efeito, ao passo que têm diminuído as porcentagens dos de idade inferior a 30 anos, um constante aumento vem-se registrando dentro do grupo de 30 a 50 anos.

Eis um quadro comparativo das porcentagens, segundo os censos acima referidos:

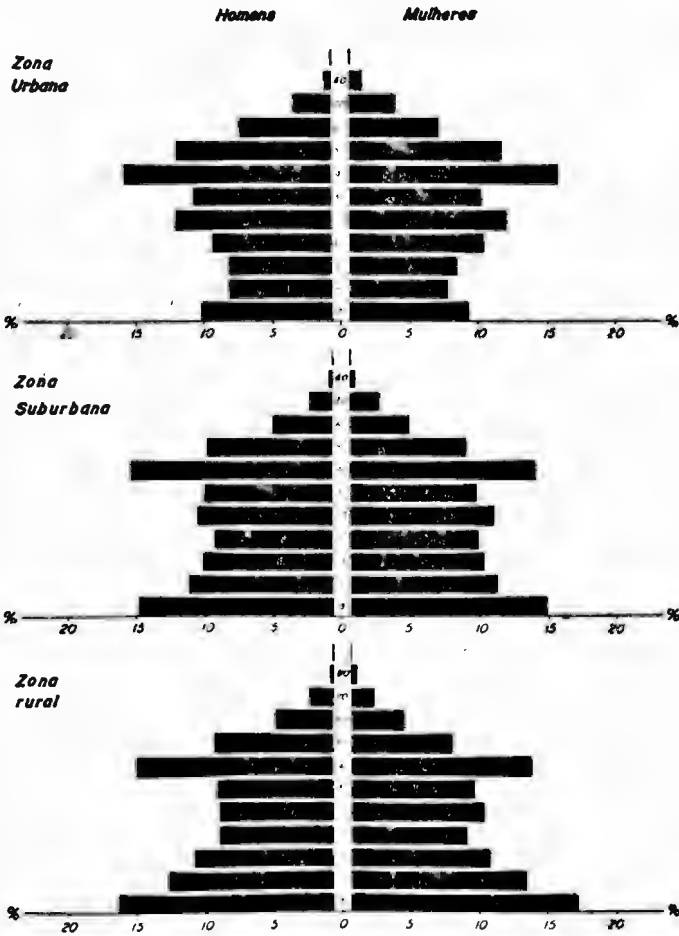
I D A D E S	1836	1886	1950
Menos de 30 anos	68,7	67,3	60,8
De 30 a 49 anos.	21,0	24,9	26,7
De 50 a 69 anos.	8,4	6,3	10,0
Mais de 70 anos.	1,7	1,1	1,5

Não pode constituir nenhuma surpresa o fato de, quanto às RELIGIÕES, predominar no município de São Paulo o *Catolicismo Romano*: em 1950, 1 937 175 habitantes declararam-se crentes da religião que é, também, a da esmagadora maioria dos brasileiros, o que vale dizer 88,2% da população pertencem à Igreja de Roma. Todos os fatores contribuem para explicar tão belas cifras: a tradição católica da cidade, que

MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

População por sexo e grupos de idade,
segundo a situação do domicílio

(1950)



Dora Romariz

Des. Rufino

Repartição da população paulistana, em porcentagens, por sexo e idade, segundo a situação do domicílio (1950).

nasceu à sombra do colégio fundado pelos padres da Companhia de Jesus; o afluxo de imigrantes originários de países tradicionalmente católicos, como a Itália, Portugal e Espanha; a existência de congregações, seminários e estabelecimentos de ensino católicos, em número cada vez maior; a obra realizada pela Ação Católica e, recentemente, pela Confederação das Famílias Cristãs. São Paulo é sede de Bispado desde o ano de 1745 e passou à categoria de Arcebispado em 1908. Por outro lado, desde 1946, o titular de sua Arquidiocese (que é considerada uma das maiores do Mundo, com seus 10 milhões de fiéis) faz parte do Colégio dos Cardeais, a exemplo dos arcebispos do Rio de Janeiro e da Bahia. A presença de 200 templos católicos e, mais que isso, a freqüência que se registra às missas dominicais e dos dias santos de guarda, matutinas e vespertinas, constituem atestados eloqüentes do sentimento de catolicidade da imensa maioria da população paulistana.

A *Arquidiocese de São Paulo*, além de sua sede, conta com 16 Dioceses sufragâneas; e para atender aos serviços, que lhe são inerentes, o Cardeal-Arcebispo tem a seu lado, atualmente, 4 Bispos auxiliares. É constituída por 25 *decanatos*, que abrangem 135 igrejas paroquiais do rito latino e 2 do rito oriental, além de 13 igrejas não paroquiais (56).

Para atender à população católica estrangeira residente na cidade e seus arredores, existem 10 *capelanias estrangeiras*, das quais seis do do rito latino (alemã, inglesa, francesa, húngara, polonesa e japonesa) e quatro do rito oriental (armênia, romena, russa e ucraniana) (57).

Subordinada à Arquidiocese encontra-se a *Universidade Católica de São Paulo*, de que fazem parte, com sede na Capital paulista, duas Faculdades de Filosofia (São Bento e "Sedes Sapientiae"), uma de Direito (Faculdade Paulista), uma de Engenharia Industrial, uma de Ciências Econômicas (Faculdade de Estudos Econômicos), uma de Teologia, uma de Jornalismo ("Casper Líbero"), além de uma Escola de Serviço Social e de um Instituto de História e Arte Religiosas. Com caráter independente, mas católica, é a Faculdade de Ciências Econômicas São Luís.

(56) As duas igrejas paroquiais do rito oriental são as seguintes: a de *Nossa Senhora do Líbano*, do rito maronita, localizada na Aclimação; e a de *Nossa Senhora do Paraíso*, do rito melquita, situada no bairro do Paraíso.

(57) As *capelanias estrangeiras* têm suas sedes: dos alemães, à Rua Manuel de Paiva (Vila Mariana); dos ingleses, à Alamêda Franca (Vila América); dos franceses, à Rua Tabatinguera (Centro); dos húngaros, à Rua Imaculada Conceição (Santa Cecília); dos poloneses, à Praça Coronel Fernando Prestes (Igreja de N. S. Auxiliadora — Luz); dos japoneses, no Largo de São Francisco (Convento de São Francisco — Centro); dos armênios, à Avenida Tiradentes (Luz); dos romenos, à Rua do Carmo (Igreja da Boa Morte — Centro); dos russos, à Rua Bom Pastor (Capela da Anunciação — Ipiranga); e dos ucranianos, na cidade de Santo André.

Quase 130 *congregações* religiosas exercem suas atividades na Capital e seus subúrbios, das quais 50 são masculinas e 79 femininas. Nada menos de 118 *estabelecimentos de ensino* de primeiro e segundo graus são mantidos por religiosos católicos e 43 jornais e revistas difundem a doutrina de Cristo apenas na Capital, onde ainda se localizam 10 livrarias destinadas exclusivamente à venda de livros de doutrina ou baseados na moral católica (58).

No entanto, o censo de 1950 acusou a presença de 260 921 habitantes *não-católicos*, isto é, 11,8% da população. Dentro dêste total, a predominância cabe, em primeiro lugar, ao *Protestantismo*, representado por 101 132 adeptos, o que significa 4,6% da população municipal e mais de 38% da população não-católica.

A presença de um número relativamente elevado de protestantes explica-se pelo vulto do contingente germânico e, notadamente, pela propaganda exercida pelas seitas oriundas dos Estados Unidos. Em mãos dessa religião encontram-se 98 templos e alguns estabelecimentos de ensino, entre os quais se destacam a Universidade Mackenzie, o Colégio Adventista e o Colégio Batista Brasileiro.

Em segundo lugar, entre os não-católicos, aparece com destaque o *Espiritismo*, bastante difundido na classe média e modesta, através de numerosos “centros espíritas”. Seguem-se, em ordem decrescente: o *Mosaísmo*, a *Religião Greco-Cismática*, o *Ateísmo* e o *Budismo*.

Eis como se repartia, em 1950, a população não-católica no município de São Paulo (59):

C L A S S E S	HABITANTES
Protestantes....	101 132
Espíritas..	71 638
Israelitas.....	22 808
Greco-Cismáticos..	18 567
Ateus....	17 762
Budistas.....	11 551
Maometanos.....	659
Outras religiões..	11 812
Não declarados..	4 992

Surpreende, de certo modo, nesta estatística, o número de adeptos do *Budismo*, pois bem longe está do total de japoneses registrados em

(58) Cf. *Guia Católico da Arquidiocese de São Paulo*, ano II, n.º II, editado por LUÍS DAVID RIBEIRO, São Paulo, 1955.

(59) Cf. *Censo Demográfico — Estado de São Paulo*, pág. 71.

1955 (28 703), o que nos leva a supor que o restante deverá distribuir-se entre o *Xintoísmo* e o *Catolicismo Romano*.

Parece-nos interessante acrescentar, finalmente, que, em 1886, para um total de 47 697 habitantes, apenas 1 325 ou 2,7% declararam-se *não católicos*, o que vem demonstrar que a perda de posição do *Catolicismo Romano*, na Capital paulista, constitui fenômeno relativamente recente, estreitamente ligado ao "rush" imigratório, de maneira particular correspondente aos derradeiros 25 anos (60).



Repartição da população paulistana maior de 10 anos, segundo as atividades profissionais (1950), em percentagens.

No que diz respeito às ATIVIDADES PROFISSIONAIS, o censo de 1950 registrou a presença de 1 754 827 habitantes maiores de 10 anos de idade, dedicando-se aos mais diversos ramos de atividade. Como é de se esperar, a maioria dessa população foi classificada como exercendo *atividades domésticas não-remuneradas* e *atividades escolares discentes*: 705 698 habitantes, isto é, 40% daquele total. São as donas de casa, os filhos-famílias, os estudantes em geral. As demais atividades definem bem melhor essa faceta da vida municipal. De fato, o segundo grupo, em importância, é o que trabalha nas *indústrias de transformação*: 420 071 habitantes, o que vale dizer mais de 24% do total (100 571 dos quais do sexo feminino),

(60) Cf. COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA, *Relatório*, pág. 23, São Paulo, 1888.

refletindo a função industrial que marca tão bem a Capital paulista. Seguem-se, com menor destaque: a *prestação de serviços* (193 387), o *comércio de mercadorias* (122 429), os *inativos* (99 685), os *transportes e comunicações* (59 276), as *atividades sociais* (47 965), a *administração pública* (25 995), a *defesa nacional* e a *segurança pública* (18 949), a *agricultura* e a *pecuária* (15 642), as *profissões liberais* (14 211), as *indústrias extrativas* (4 275) (61).

Percebe-se, sem demora, a preponderância da *função industrial* e da *função comercial* que, ligadas à referente aos *transportes e comunicações*, davam trabalho, em 1950, a 626 975 habitantes, isto é, quase um terço da população maior de 10 anos de idade — numa demonstração matemática daquilo que todos sentimos: São Paulo é um dos grandes centros econômicos do país e do continente sul-americano.

De outro lado, observa-se a modéstia da *vida agrícola* paulistana, o que não pode espantar ninguém, face à pobreza dos solos do município e em virtude da sua pequena área: quase se equivalem os que labutam na terra e os que se dedicam às profissões liberais. Além disso, testemunhando a importância do aglomerado urbano, a *administração* e a *ordem públicas* ocupavam, em 1950, cerca de 45 000 habitantes, ao passo que os *serviços sociais* se utilizavam de quase 48 000.

São traços que, juntos aos já citados, servem para definir a fisionomia da grande metrópole.

As áreas de densidade demográfica por distritos e subdistritos

Se nos ativermos à área do município de São Paulo, que é de 1 570km² (62), e à população recenseada em 1950, que foi de 2 198 096 habitantes, encontraremos esta cifra: 1 400

(61) Cf. *Censo Demográfico — Estado de São Paulo*, pág. 74.

(62) Para efeito de comparação, damos a seguir as *áreas municipais* de algumas das maiores cidades brasileiras e as respectivas densidades demográficas (1950):

C I D A D E S	Á R E A (km ²)	POPULAÇÃO (1950)	HABITANTES (por km ²)
Belém.....	719	254 949	345,5
Recife.....	146	524 682	3 593,7
Salvador.....	760	417 235	548,9
Belo Horizonte.....	334	352 724	1 056,0
Distrito Federal.....	1 171	2 377 451	2 030,2
São Paulo.....	1 570	2 198 096	1 400,0
Pórtor Alegre....	482	394 151	817,7

habitantes por km². Como sempre costuma acontecer, porém, tal algarismo apresenta um significado muito relativo, pois é bastante irregular a repartição daquela população através dos distritos e subdistritos municipais.

Cumpre, desde logo, esclarecer que o município da Capital paulista era constituído, em 1950, por sete *distritos*, a saber: São Paulo (sede), Guaianases, Itaquera, São Miguel Paulista, Parelheiros, Jaraguá e Perus.

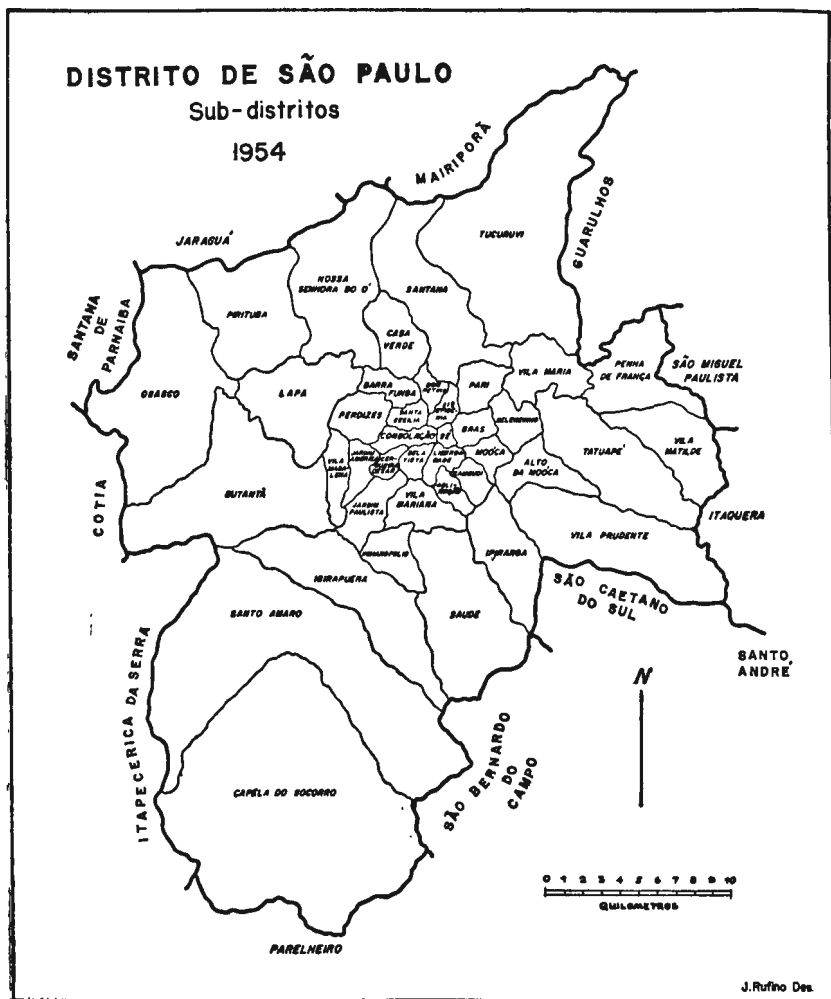
Por sua vez, o distrito de São Paulo (sede) compreendia nada menos de 40 *subdistritos*, a saber: Aclimação, Alto da Mooca, Barra Funda, Bela Vista, Belênzinho, Bom Retiro, Brás, Butantã, Cambuci, Capela do Socorro, Casa Verde, Cerqueira César, Consolação, Ibirapuera, Indaiatuba, Ipiranga, Jardim América, Jardim Paulista, Lapa, Liberdade, Mooca, Nossa Senhora do Ó, Osasco, Pari, Penha de França, Perdizes, Pirituba, Santana, Santa Cecília, Santa Ifigênia, Santo Amaro, Saúde, Sé, Tatuapé, Tucuruvi, Vila Madalena, Vila Maria, Vila Mariana, Vila Matilde e Vila Prudente.

Percebe-se, imediatamente, que é o Distrito de *São Paulo*, isto é, o da sede, o "coração" do município, tantos são os subdistritos que o constituem. Por isso mesmo, se o isolarmos dos demais distritos, as cifras se tornarão bem mais próximas da realidade. De fato, ocupando uma área de 933,9km² (ou seja, 59% do total), concentrava, em 1950, 2 116 721 habitantes, isto é, 96,2% da população municipal e apresentava uma *densidade demográfica* de 2 266 habitantes por km².

Não é só. Entre os subdistritos da sede municipal cinco existem que ocupam grandes áreas, mas apresentam pequena população: Capela do Socorro, Santo Amaro, Osasco, Pirituba e Ibirapuera, abrangendo um território de 397,2km² (42,5% da área do distrito da sede) e contendo, em 1950, 145 955 habitantes (6,8% da sua população). Se os excluirmos em virtude de seu caráter rural ou semi-rural, a densidade demográfica do que resta do Distrito de São Paulo (em última análise, a verdadeira *cidade* de São Paulo) passará a apresentar esta impressionante cifra: 3 946 habitantes por km².

São os seguintes os subdistritos acima citados, com suas áreas e respectiva população em 1950:

SUBDISTRITOS	ÁREAS (km ²)	HABITANTES
Capela do Socorro..	148,6	7 742
Santo Amaro..	93,0	40 115
Osasco...	63,6	43 427
Pirituba....	54,1	27 281
Ibirapuera.....	37,9	27 390
TOTALS.....	397,2	145 955



O distrito de São Paulo (sede municipal) e seus 40 subdistritos. — Além da sede, o município da Capital paulista conta mais 6 distritos: São Miguel Paulista, Itaquera, Guaianases, Parelheiros, Jaraguá e Perus.

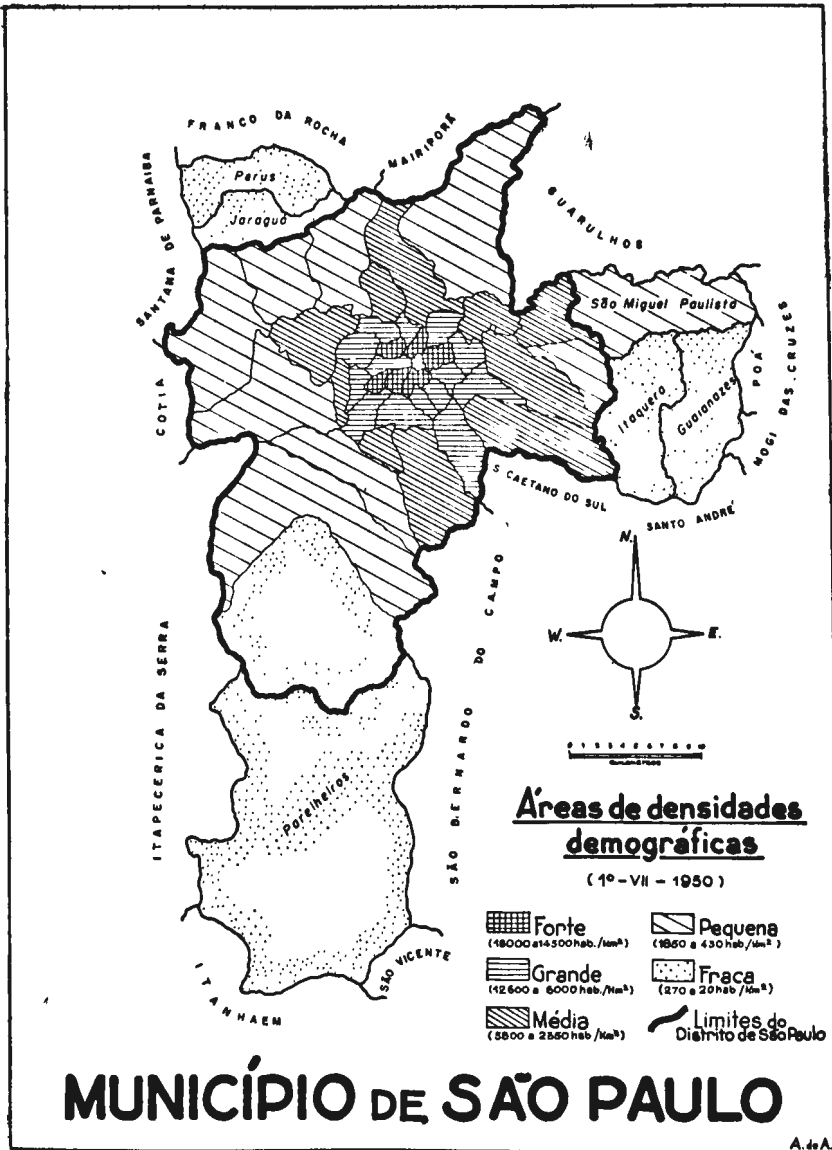
Todavia, só mesmo a análise das densidades demográficas de cada um dos subdistritos da sede e dos demais distritos do município nos conduz a conclusões realmente objetivas e exatas, o mais próximo possível da realidade sensível a quem tenha oportunidade de percorrer os 1 570km² da área municipal paulistana (63).

Antes de mais nada, chocantes são os *contrastos*, quer em relação às áreas ocupadas, quer em relação à população absoluta presente em 1950, mesmo se nos limitarmos a examinar exclusivamente o Distrito de São Paulo, através de seus 40 subdistritos. Já tivemos oportunidade de citar alguns dos mais extensos; mas a relação dos que possuem mais de 30km² eleva seu número a 13, a saber: Capela do Socorro, Santo Amaro, Tucuruvi (89km²), Osasco, Butantã (56km²), Pirituba, Santana (38km²), Ibirapuera, Nossa Senhora do Ó (35km²), Tatuapé (34,5km²), Saúde (33km²), Penha de França (32,9km²) e Vila Prudente (31,7km²). São os mais extensos e situam-se, como é de se prever, de modo geral, na periferia da área distrital. Por outro lado, nada menos de onze subdistritos possuíam, em 1950, mais de 10 000 habitantes por km², a saber :

SUBDISTritos	HABITANTES (por km ²)
Bela Vista..	17 560
Brás.....	17 470
Liberdade.....	16 720
Santa Ifigênia...	15 746
Cerqueira César..	14 647
Santa Cecília..	14 542
Cambuci..	12 441
Mooca.....	12 353
Barra Funda..	11 877
Belêzinho..	11 747
Aclimação.....	10 511

Naturalmente, face a tais contrastes, cumpre encontrar uma maneira que permita razoáveis comparações. É o que tentaremos fazer, distinguindo, preliminarmente, dois grupos de subdistritos: o primeiro, a que chamaremos de *subdistritos urbanos*, com áreas inferiores a 40km²; o segundo, a que daremos o nome de *subdistritos suburbanos e rurais*, com áreas superiores a 40km².

(63) Veja a Tabela n.º 1, à pág. 226.



Áreas de densidades demográficas da Capital paulista, por distritos e subdistritos (1950).

Dentro do grupo dos SUBDISTRITOS URBANOS, chamam logo a atenção os que apresentam *densidade demográfica muito forte*, oscilando entre 14 500 e 18 000 habitantes por km².

Todos êles se caracterizam por sua pequena área, inferior a a 6km², e são os seguintes:

SUBDISTRITOS	HABITANTES (por km ²)
1. Bela Vista..	17 560
2. Brás.....	17 470
3. Liberdade.....	16 720
4. Santa Ifigênia...	15 746
5. Cerqueira César..	14 647
6. Santa Cecília..	14 542

Seguem-se os subdistritos de *densidade demográfica grande*, oscilando entre 6 000 e 12 500 habitantes por km². Aqui, porém, torna-se necessário fazer uma distinção entre os que possuem *pequena área* (inferior a 6km²) e os de *área média* (entre 6 e 25km²), a saber:

a) De *pequena área* (menos de 6km²):

SUBDISTRITOS	HABITANTES (por km ²)
1. Cambuci..	12 441
2. Mooca.....	12 353
3. Barra Funda..	11 897
4. Belêzinho..	11 747
5. Aclimação... ..	10 511
6. Bom Retiro..	9 600
7. Consolação..	9 399
8. Sé.....	8 620

b) De *área média* (de 6 a 25km²):

SUBDISTRITOS	HABITANTES (por km ²)
1. Perdizes.....	7 910
2. Jardim Paulista..	7 465
3. Alto da Mooca.....	7 051
4. Ipiranga.....	7 039
5. Jardim América..	6 820
6. Pari.....	6 319
7. Vila Mariana.....	6 284

TABELA N.º 1

Densidade de População dos Subdistritos de São Paulo

SUBDISTRITOS	1950	1940	ÁREA (km ²)
1 - Bela Vista.....	17 560	18 246	2,6
2 - Brás.....	17 470	18 747	3,9
3 - Liberdade.....	16 720	16 844	2,6
4 - Santa Ifigênia.....	15 746	16 622	2,5
5 - Cerqueira César..	14 647	12 958	1,8
6 - Santa Cecília.....	14 542	13 534	2,7
7 - Cambuci..	12 441	10 227	3,7
8 - Mooca.....	12 353	13 065	3,9
9 - Barra Funda.....	11 877	11 302	2,5
10 - Belênzinho...	11 747	11 435	5,4
11 - Aclimação.....	10 511	6 718	2,8
12 - Bom Retiro..	9 600	11 507	2,4
13 - Consolação.....	9 399	8 647	3,8
14 - Sé.....	8 620	9 392	1,1
15 - Perdizes.....	7 910	5 083	8,7
16 - Jardim Paulista.....	7 465	4 427	7,4
17 - Alto da Mooca.....	7 051	4 779	9,8
18 - Ipiranga.....	7 039	3 716	16,3
19 - Jardim América.....	6 820	4 617	5,6
20 - Pari.....	6 319	5 806	6,5
21 - Vila Mariana..	6 284	4 634	9,3
22 - Casa Verde.....	5 799	2 190	10,1
23 - Vila Madalena.....	5 079	—	6,1
24 - Vila Maria.....	4 420	1 243	12,3
25 - Tatuapé..	3 918	1 565	34,5
26 - Lapa.....	3 708	1 056	23,6
27 - Indianópolis.....	3 680	1 383	7,8
28 - Saúde.....	3 267	1 261	33,0
29 - Vila Prudente....	3 167	993	31,7
30 - Penha de França.....	2 517	1 349	32,9
31 - Santana.....	2 367	1 446	38,1
32 - Vila Matilde.....	1 812	575	21,1
33 - Nossa Senhora do Ó....	1 453	383	35,1
34 - Tucuruvi..	996	379	89,0
35 - Ibirapuera.....	722	200	37,9
36 - Osasco.....	682	240	63,6
37 - Butantã..	592	—	56,1
38 - Pirituba.....	504	173	54,1
39 - Santo Amaro.....	431	164	93,0
40 - Capela do Socorro.....	52	63	148,6
Distrito de São Paulo.....		..	933,9 km ²

Um terceiro subgrupo é constituído pelos subdistritos de *densidade demográfica média*, oscilando entre 2 350 e 5 800 habitantes por km². Também aqui se torna necessário fazer uma distinção quanto à área, a saber:

a) De *área média* (de 6 a 25km²):

SUBDISTRITOS	HABITANTES (por km ²)
1. Casa Verde.....	5 799
2. Vila Madalena .	5 079
3. Vila Maria..	4 420
4. Lapa.....	3 708
5. Indianópolis..	3 680

b) De *grande área* (de 25 a 40km²):

SUBDISTRITOS	HABITANTES (por km ²)
1. Tatuapé.....	3 918
2. Saúde.....	3 267
3. Vila Prudente....	3 167
4. Penha de França..	2 517
5. Santana..	2 367

Resta, dentro da categoria dos subdistritos urbanos, o quarto subgrupo, caracterizado por uma *densidade demográfica pequena*, oscilando entre 400 e 1 850 habitantes por km². Três apenas são os que aqui se incluem, sendo um de área média (Vila Matilde) e os demais de grande área a saber:

SUBDISTRITOS	HABITANTES (por km ²)
1. Vila Matilde.....	1 812
2. Nossa Senhora do Ó..	1 453
3. Ibirapuera..	722

Já OS SUBDISTRITOS SUBURBANOS E RURAIS, com áreas superiores a 40km², distinguem-se em dois subgrupos, tendo-se em vista as densidades demográficas, a saber:

I. Com *densidade demográfica pequena*, oscilando entre 430 e 1 850 habitantes por km²:

SUBDISTRITOS	HABITANTES (por km ²)
1. Tucuruvi.. .	996
2. Osasco... .	682
3. Butantã.. .	592
4. Pirituba.....	504
5. Santo Amaro.. .	431

A êste subgrupo poderemos acrescentar o distrito de *São Miguel Paulista*, cuja densidade demográfica, em 1950, era de 668 habitantes por km².

II. Com *densidade demográfica muito fraca*, inferior a 270 habitantes por km², em que se inclui um só subdistrito: Capela do Socorro, com 52 habitantes por km².

A êste subgrupo poderemos acrescentar os demais distritos municipais não citados, a saber:

DISTRITOS	HABITANTES (por km ²)
1. Itaquera.. .	265
2. Perus.....	154
3. Guaianases.. .	141
4. Jaraguá.....	88
5. Parelheiros.. .	20

Diante de tais fatos, algumas deduções se impõem. Percebe-se, desde logo, que são os subdistritos localizados na periferia da Área Central da cidade (representada pelo subdistrito da Sé) os que apresentam as *mais fortes densidades demográficas*, particularmente o Brás, a Bela Vista, Liberdade e Santa Ifigênia. A massa compacta do casario de tipo modesto, os “cortiços” e casas de cômodos, o número elevado de habitações com porões mais ou menos habitáveis (embora fortemente ocupados), a par dos numerosos prédios de apartamentos, de hotéis e pensões — servem para explicar essa concentração demográfica. No entanto, um outro fator talvez justifique a função residencial de tais distritos, inesperada à primeira

vista: é a proximidade da área comercial e administrativa, como das áreas fabris da Mooca, do Brás, do Pari e da Barra Funda.

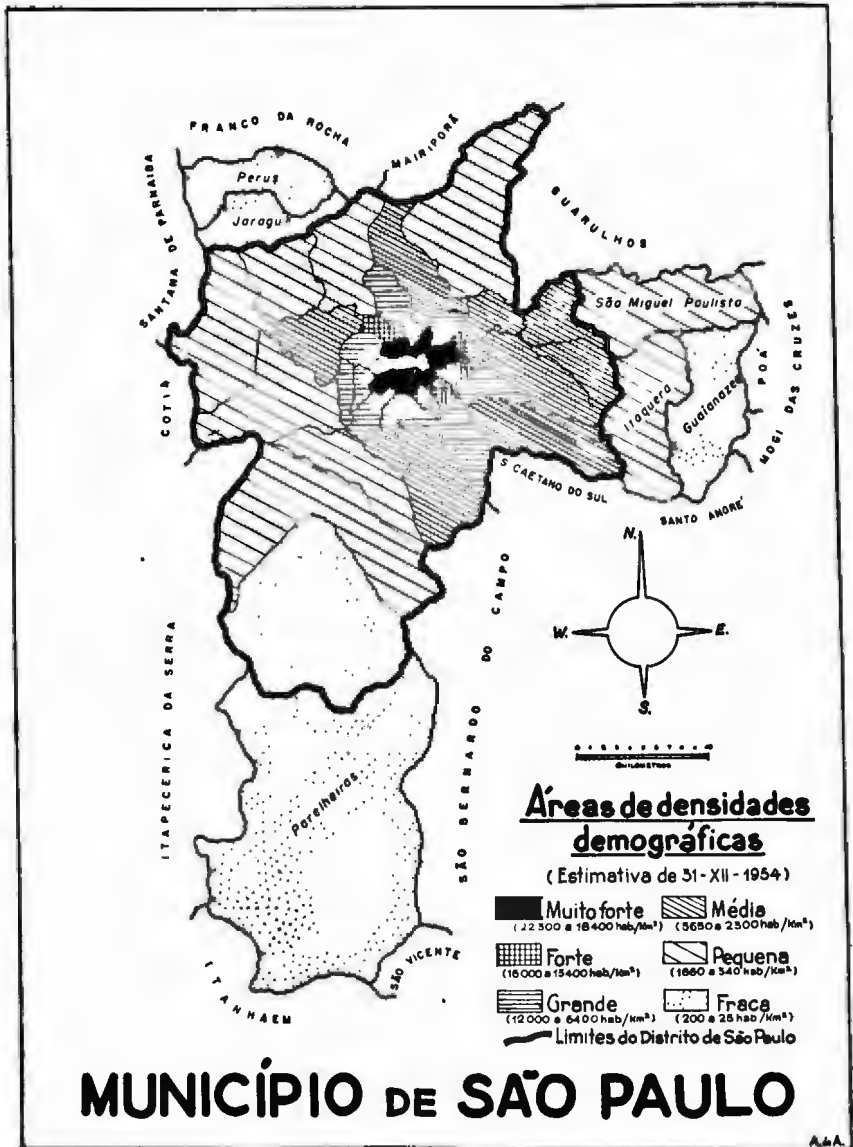
Cumpre observar, todavia, que as densidades dos referidos quatro subdistritos diminuíram entre 1940 e 1950, o que se explica pela expansão da Área Central e pela penetração do comércio em muitas ruas da Liberdade, Santa Ifigênia e Brás. De fato, em 1940, eram as seguintes as densidades demográficas de tais subdistritos:

SUBDISTritos	HABITANTES (por km ²)
1. Brás.....	18 747
2. Bela Vista..	18 246
3. Liberdade.....	16 844
4. Santa Ifigênia..	16 622

À medida que nos afastamos da periferia do Centro em direção aos bairros nitidamente residenciais, as densidades demográficas põem-se a diminuir, embora ainda se mantenham elevadas em determinados casos, como acontece, por exemplo, com a Mooca, a Barra Funda e o Belênzinho, subdistritos residenciais, mas também fortemente fabris, com a predominância de casas de tipo modesto, geralmente constituindo uma só frontaria e densamente habitadas. Em relação aos subdistritos da Aclimação e de Cerqueira César, nitidamente residenciais, outra seria a explicação para sua elevada densidade: de um lado, a pequena área ocupada por ambos, comparável à dos que se localizam na periferia da Área Central; de outro, o fato de nêles residir notadamente uma população pertencente à classe média, que habita de preferência os sobrados geminados.

Os subdistritos até aqui mencionados possuem densidades demográficas superiores a 10 000 habitantes por km² e formam uma espécie de "cinturão" ao redor do subdistrito da Sé, cuja densidade é de 8 620 habitantes por km², não apenas por conter a principal área comercial da cidade, como por ser o menor dos subdistritos paulistanos (1,1km²).

Os subdistritos da Consolação e do Bom Retiro aparecem como exceções, pois, achando-se na periferia do Centro (o da Consolação se limita com o da Sé) e ocupando pequenas áreas,



Áreas de densidades demográficas da Capital paulista, por distritos e subdistritos (Estimativa de 1954).

apresentam densidades inferiores a 10 000 habitantes por km². Como explicá-las? Quer-nos parecer que, em relação à Consolação, a menor densidade poderá ser explicada pelo caráter comercial da rua que lhe deu o nome, pelas áreas relativamente

extensas ocupadas por estabelecimentos de ensino (64), pela Santa Casa de Misericórdia, pelo cemitério, pela Repartição de Águas, etc. Relativamente ao Bom Retiro, as razões se assemelham: a presença de ruas predominantemente comerciais (Ruas José Paulino, dos Italianos, etc.), além de estabelecimentos de ensino (65), Cadeia Pública, quartéis, Jardim da Luz e das várzeas do Tamanduateí e do Tietê.

No grupo dos de *elevada densidade*, superior a 6 000 embora inferior a 8 000 habitantes por km², incluem-se ainda *subdistritos residenciais* afastados do Centro, uns caracterizados por suas habitações de tipo médio e modesto (Ipiranga, Vila Maria, Pari, Perdizes, em parte), mas outros considerados dos mais finos da Capital (Jardim Paulista, Jardim América, maior parte das Perdizes). Em relação a alguns dêles, preferidos pela *classe média* e pela *classe operária*, a densidade não é tão grande, como seria lícito esperar, em virtude das áreas extensas que ocupam, superiores a 9km²; é o caso do Ipiranga, do Alto da Mooca e de Vila Mariana, sendo que, no primeiro, ainda contribui para tornar menor a densidade a presença de fábricas, de pátios ferroviários, do Museu, ruas comerciais, etc., a exemplo do que se dá com o Pari, que, embora menos extenso (6,5km²), apresenta 6 319 habitantes por km², em virtude das instalações da E. F. Santos-Jundiaí e da E. F. Sorocabana (antigo "Tramway" da Cantareira), dos grandes armazéns, fábricas, etc.

No grupo dos subdistritos de *densidade média* vamos encontrar os mais expressivos exemplos de *bairros operários*, se bem que a classe média também nêles esteja largamente representada (como em Indianópolis, Alto da Lapa, Vila Madalena). A presença da população operária não contribui para a elevação da densidade demográfica em virtude das áreas relativamente extensas que muitos dêles ocupam, fato que se vai repetindo, em proporções cada vez maiores, à medida que nos aproximamos da periferia de São Paulo e penetramos na

(64) Universidade Mackenzie, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Faculdade de Filosofia da U. S. P., Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae", Colégio das Cônegas de Santo Agostinho, Colégio Visconde de São Leopoldo, Grupo Escolar São Paulo, etc.

(65) Escola Politécnica, Instituto de Pesquisas Tecnológicas, Faculdade de Farmácia e Odontologia, Liceu de Artes e Ofícios, Colégio Santa Inês, etc.

TABELA N.º 2
Crescimento da População

DISTRITOS E SUBDISTRITOS	1934	1940	1950
<i>Distrito de São Paulo..</i>	—	—	2 116 721
<i>Subdistritos :</i>			
1 - Aclimação.....	12 932	18 809	29 432
2 - Alto da Mooca..	33 021	46 835	69 107
3 - Barra Funda..	23 764	28 254	29 696
4 - Bela Vista..	43 861	47 440	45 657
5 - Belêzinho...	48 165	61 749	63 435
6 - Bom Retiro..	28 449	27 617	23 043
7 - Brás.....	82 955	80 914	68 138
8 - Butantã...	16 272	29 809	33 263
9 - Cambuci.....	29 183	37 841	46 034
10 - Capela do Socorro...	—	9 494	77 742
11 - Casa Verde.....	13 452	22 120	58 571
12 - Cerqueira César.....	18 734	23 324	26 365
13 - Consolação.....	30 299	32 858	35 718
14 - Ibirapuera.....	—	7 571	27 390
15 - Indianópolis.....	7 492	10 790	28 710
16 - Ipiranga.....	40 825	60 563	114 744
17 - Jardim América.....	17 531	25 855	38 192
18 - Jardim Paulista..	15 877	32 757	55 245
19 - Lapa.....	45 378	60 959	87 516
20 - Liberdade..	39 726	43 795	43 473
21 - Mooca.....	45 986	50 953	48 180
22 - Nossa Senhora do Ó..	7 866	13 436	51 012
23 - Osasco.....	12 091	15 258	43 427
24 - Pari.....	36 675	37 738	41 079
25 - Penha de França..	30 716	44 369	82 814
26 - Perdizes.....	31 573	44 225	68 823
27 - Pirituba..	5 467	9 340	27 281
28 - Santana.....	43 588	55 081	90 198
29 - Santa Cecília..	31 096	36 542	39 264
30 - Santa Ifigênia.....	43 623	41 555	39 367
31 - Santo Amaro..	26 918	15 248	40 115
32 - Saúde..	27 676	41 614	107 827
33 - Sé.....	11 469	10 331	9 482
34 - Tatuapé..	63 253	54 002	135 195
35 - Tucuruvi.....	24 632	33 761	88 729
36 - Vila Madalena.....	—	—	30 983
37 - Vila Maria....	5 722	15 288	54 373
38 - Vila Mariana.....	32 700	43 100	58 442
39 - Vila Matilde..	6 119	12 141	38 253
40 - Vila Prudente...	11 675	29 764	90 408
<i>Distrito de Guaianases..</i>	1 642	2 967	10 413
„ „ Itaquera.....	6 220	7 892	15 515
„ „ Jaraguá.....	—	—	2 625
„ „ Parelheiros...	—	—	7 701
„ „ Perus.....	3 504	5 985	5 745
„ „ São Miguel Paulista..	2 224	7 700	39 375
MUNICÍPIO DE SÃO PAULO..	1 060 120	1 337 644	2 198 096

região suburbana. De fato, Tatuapé, Saúde, Vila Prudente e Penha possuem uma grande parte de seus territórios fora da área urbana "strictu sensu", onde os terrenos, se bem que arruados e loteados, se vêem ocupados apenas parcialmente.

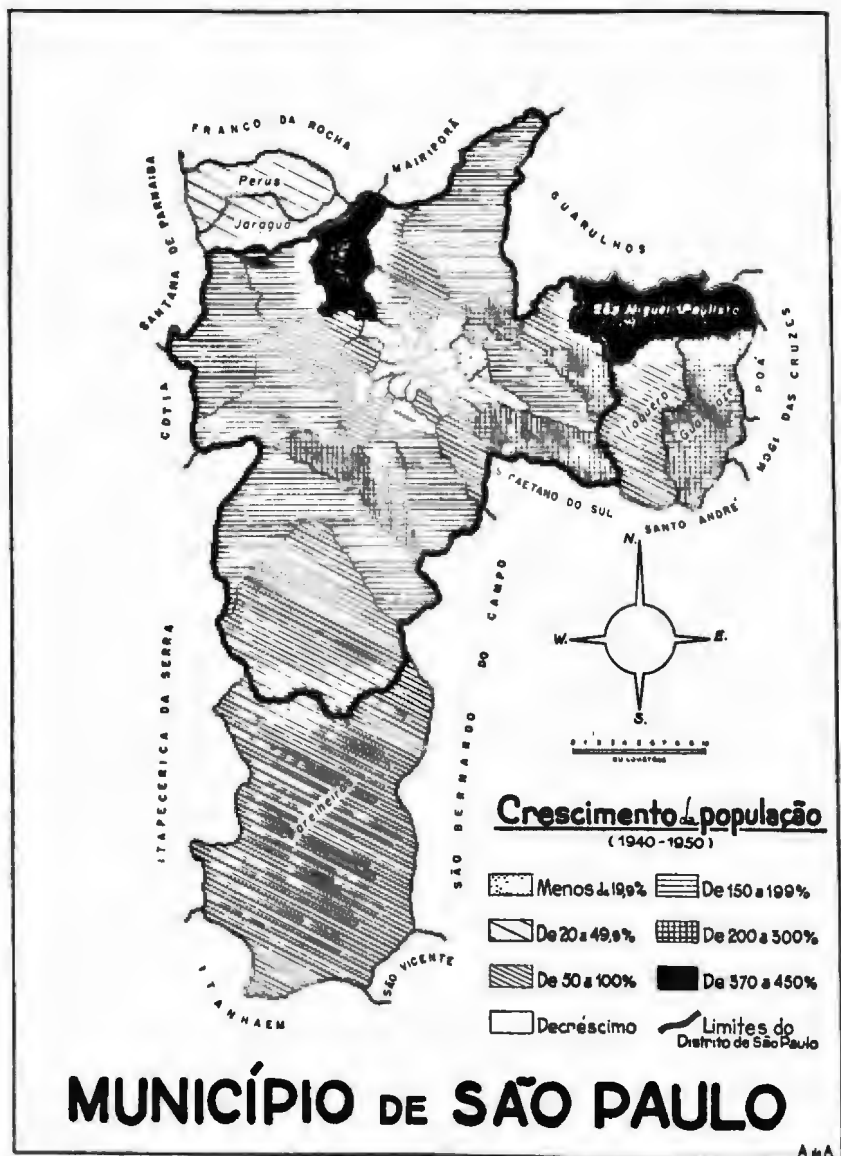
Resta-nos focalizar os subdistritos que apresentam as *menores densidades demográficas* — Tucuruvi, Osasco, Butantã, Pirituba e Santo Amaro, onde, a não ser núcleos relativamente pequenos já urbanizados, o "habitat" se caracteriza por ser semi-rural e até mesmo tipicamente rural, como é o caso de Capela do Socorro, no chamado "sertão" de Santo Amaro.

O crescimento da população por distritos e subdistritos, de 1934 a 1950

Não menos interessante nos parece a análise das cifras referentes à *população absoluta* dos distritos e subdistritos do município de São Paulo, de acôrdo com os dados recolhidos pelo recenseamento estadual de 1934 e pelos censos nacionais de 1940 e 1950 (66), como também a evolução das *áreas de densidade demográfica*, através dos mapas que acompanham o presente capítulo, construídos com base nos mapas da repartição da população por quarteirões, em relação àqueles três recenseamentos, feitos pelo Departamento de Estudos e Controle da "Companhia Municipal de Transportes Coletivos" (C. M. T. C.).

Dentro do DISTRITO DE SÃO PAULO, a regra geral consiste num *grande aumento da população* dos subdistritos, simbolizando muito bem o crescimento admirável registrado no conjunto do município; no período de 16 anos, que estamos focalizando (1934-50), houve casos em que a população duplicou (Aclimação, Alto da Mooca, Jardim América, Lapa, Perdizes, Santana, Vila Mariana), mas não são raros os exemplos de subdistritos que viram sua população aumentar de 3, 4 e até mesmo 10 vezes, em tão curto lapso de tempo; limitar-nos-emos a citar os mais expressivos (em habitantes):

(66) Veja a Tabela n.º II, à pág. 232.



Crescimento da população da Capital paulista entre 1940 e 1950.

SUBDISTRITOS	1934	1940	1950
1. Capela do Socorro.. ..	—	9 494	77 742
2. Casa Verde.. ..	13 452	22 120	58 571
3. Ibirapuera....	—	7 571	27 390
4. Indianópolis.. ..	7 492	10 790	28 710
5. Ipiranga.....	40 825	60 563	114 744
6. Jardim Paulista.....	15 877	32 757	55 245
7. Nossa Senhora do Ó.. ..	7 866	13 436	51 012
8. Osasco.....	12 091	15 258	43 473
9. Penha de França.. ..	30 716	44 369	82 814
10. Pirituba.....	5 467	9 340	27 281
11. Saúde.....	27 676	41 614	107 827
12. Tucuruvi.....	24 632	33 761	88 729
13. Vila Maria.....	5 722	15 288	54 373
14. Vila Matilde.....	6 119	12 141	38 253
15. Vila Prudente.. ..	11 675	29 764	90 408

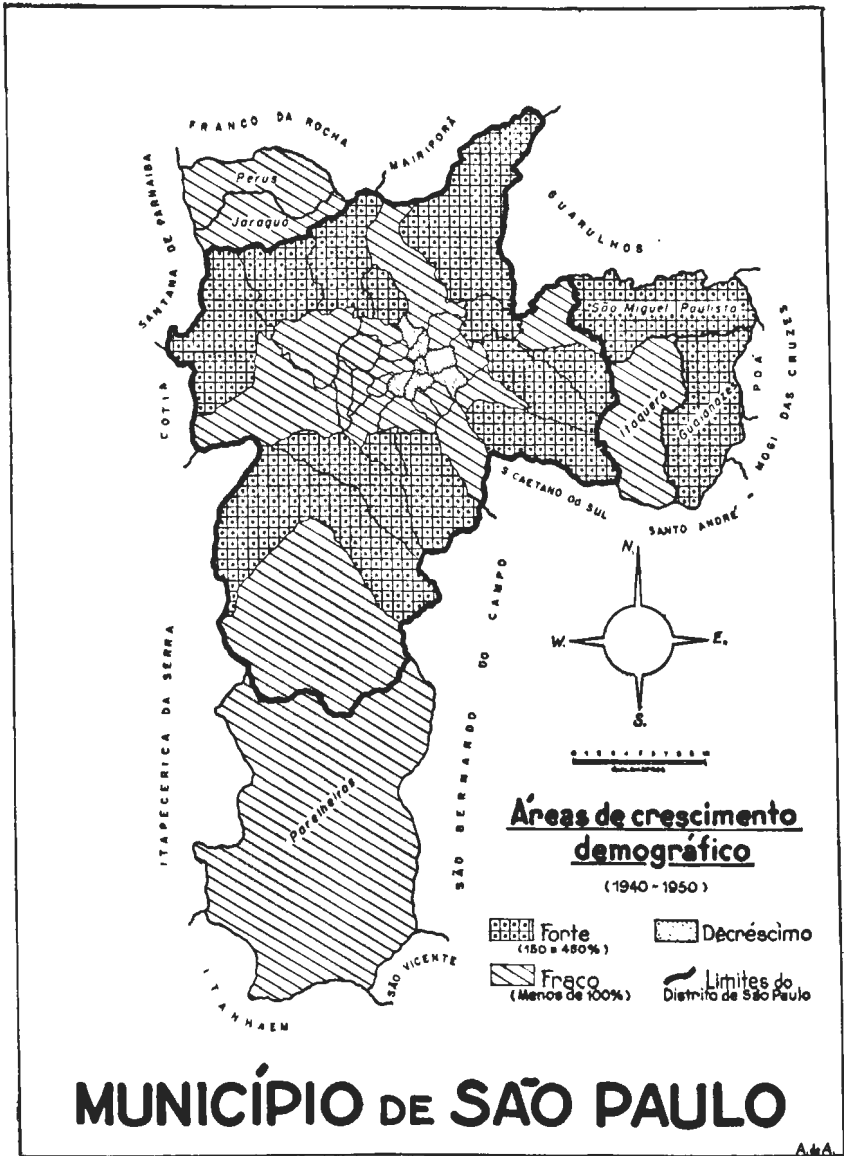
Entre os subdistritos acima citados, *Vila Maria* merece um destaque especial, porque, em 16 anos, passou de 5 722 habitantes para 54 373, o que atesta um aumento de quase 10 vêzes.

Observa-se que tal aumento se registrou em tôdas as direções, embora haja uma sensível predominância de subdistritos pertencentes à *Zona Sul* (Jardim Paulista, Indianópolis, Ipiranga, Saúde, Ibirapuera, Socorro), à *Zona Norte* (Nossa Senhora do Ó, Casa Verde, Tucuruvi, e Vila Maria) e à *Zona Leste* (Penha, Vila Matilde, Vila Prudente).

Outros muitos subdistritos registraram um aumento menos espetacular, se bem que altamente expressivo; de modo geral, encontram-se não muito afastados do Centro da cidade, como se pode verificar pela relação abaixo:

SUBDISTRITOS	1934	1940	1950
1. Aclimação.....	12 932	18 809	29 432
2. Alto da Mooca.. ..	33 021	46 835	69 107
3. Jardim América.. ..	17 531	25 855	38 192
4. Lapa.....	45 378	60 959	87 516
5. Perdizes.....	31 573	44 225	68 823
6. Santana.. ..	43 588	55 081	90 198

O caso da *Lapa* necessita um esclarecimento: a rigor, deveria figurar no primeiro grupo já citado, desde que a população teria quase triplicado de 1934 a 1950; é que, quando se processou o último censo, já se havia desmembrado de seu território o atual subdistrito de *Vila Madalena*, cuja população registrada foi de 30 983 habitantes.



Áreas de crescimento demográfico da Capital paulista, por distritos e subdistritos, entre 1940 e 1950.

Segue-se um terceiro grupo, que se destaca dos antecedentes pela *descontinuidade do aumento*: uns aumentaram sua população entre 1934 e 1940, mas registraram uma diminuição na última década; outros, pelo contrário, tiveram uma dimi-

nuição no primeiro período e registraram um aumento na década 1940-50. São os seguintes:

SUBDISTRITOS	1934	1940	1950
1. Liberdade..	39 726	43 795	43 473
2. Mooca.....	45 986	50 953	48 180
3. Santo Amaro..	26 918	15 248	40 115
4. Tatuapé..	63 253	54 002	135 195

O caso de *Santo Amaro* assemelha-se ao da Lapa: a queda brusca registrada em 1940 pode ser explicada pelo desmembramento de *Socorro* (antiga *Capela do Socorro*), que se tornou subdistrito em 1938.

Há, enfim, o grupo dos subdistritos em que tem havido *decrésimo da população*, de maneira ininterrupta, a partir de 1934. Como bem se pode imaginar, correspondem à Área Central da cidade e sua periferia, comprovando ainda uma vez o fenômeno universal já por tantas vezes registrado nas grandes cidades do Mundo. São os seguintes:

SUBDISTRITOS	1934	1940	1950
1. Sé.....	11 469	10 331	9 482
2. Santa Ifigênia..	43 623	41 555	39 367
3. Brás.....	82 955	80 914	68 138
4. Bela Vista..	43 861	47 440	45 657

Nos DISTRITOS SUBURBANOS E RURAIS, o fenômeno foi um só: *aumento da população*, ora processado de maneira modesta e normal, ora realmente de forma espetacular, conforme as cifras abaixo bem o atestam:

DISTRITOS	1934	1940	1950
1. Guaianases..	1 642	2 967	10 413
2. Itaquera..	6 220	7 892	15 515
3. Jaraguá.....	—	—	2 625
4. Parelheiros..	—	—	7 701
5. Perus.....	3 504	5 985	5 745
6. São Miguel Paulista..	2 224	7 700	39 376

Convém esclarecer que, até 1940, o atual distrito de *Jaraguá* fazia parte do de *Perus* e o atual distrito de *Parelheiros* estava integrado no subdistrito de *Capela do Socorro*.

Se, porém, nos ativermos à década de 1940-50 — tão significativa, sob tantos pontos de vista, para a evolução espacial e demográfica da Capital paulista —, constataremos alguns fatos, que merecem ser lembrados, embora de maneira sintética :

- a) nada menos de 7 subdistritos registraram um *decréscimo em sua população absoluta*: Sé, Santa Ifigênia, Bom Retiro, Brás, Mooca, Liberdade e Bela Vista, isto é, o “coração” da cidade;
- b) seis subdistritos apresentaram um *pequeno aumento*, inferior a 20%: Barra Funda, Santa Cecília, Consolação, Cerqueira César, Pari e Belênzinho, todos localizados contìguamente à área em que se registrou um decréscimo, o que indica que se encontram sob a influência dos fatôres que servem para caracterizar a Área Central ou, para alguns, sob a influência de outros fatôres (instalações ferroviárias, estabelecimentos fabris, etc.);
- c) um número elevado de subdistritos e alguns distritos registraram um *aumento médio* superior a 20% embora inferior a 100%; entre 20 e 50% encontram-se Alto da Mooca, Cambuci, Vila Mariana e Jardim América, subdistritos situados junto à Área Central ou em contato com a sua periferia, além dos distritos de Jaraguá e Perus; com mais de 50 e menos de 100% o número é bem maior, pois abrange os subdistritos de Santana, Perdizes, Lapa, Vila Madalena, Butantã, Jardim Paulista, Aclimação, Ipiranga, Capela do Socorro e Penha de França, além dos distritos de Itaquera e Parelheiros;
- d) os demais subdistritos e distritos já se destacam por um *aumento muito grande*, superior a 150%, ultrapassando mesmo, em dois casos, 370% : com aumento de 150 a 200% encontramos os subdistritos de Tucuruvi, Casa Verde, Pirituba, Osasco, Santo Amaro, Indai-nópolis, Saúde e Tatuapé; com aumento superior a 200% e inferior a 300%, aparecem os subdistritos de

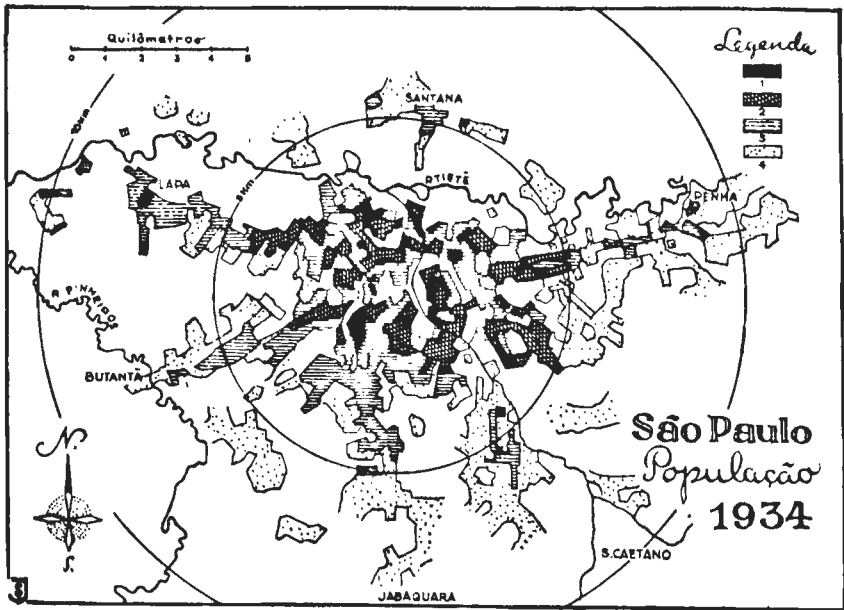
Ibirapuera, Vila Prudente, Vila Maria e Vila Matilde, além do distrito de Guaianases; finalmente, numa posição sem dúvida excepcional, com aumento superior a 370% e inferior a 450%, surgem o subdistrito de Nossa Senhora do Ó e o distrito de São Miguel Paulista.

O simples exame da relação dos distritos e subdistritos que registraram um aumento superior a 150% em sua população absoluta demonstra claramente o predomínio de áreas habitadas principalmente pela *classe mais modesta* da Capital paulista — operários de fábricas e trabalhadores em geral, funcionários públicos de categoria inferior —, que se beneficiam das facilidades oferecidas pelas empresas loteadoras de terrenos ou habitam em casas construídas, aos pouquinhos, nas horas de folga, geralmente aos sábados e domingos. Correspondem às vanguardas da grande metrópole em crescimento. Todavia, existem também os subdistritos em que a predominância cabe à *classe média*, embora estejam em flagrante minoria (Santo Amaro, Ibirapuera, Indianópolis, Saúde, parte de Osasco, Pirituba e Tucuruvi).

Evolução das áreas de densidades demográficas de 1934 a 1950

Os mapas organizados pelo Departamento de Estudos e Contrôles da "C. M. T. C.", tomando por base os censos de 1934, 1940 e 1950, distribuída a população através dos respectivos quarteirões, permitiram ao Prof. JOÃO SOUKUP elaborar os significativos mapas, cuja análise passaremos a fazer.

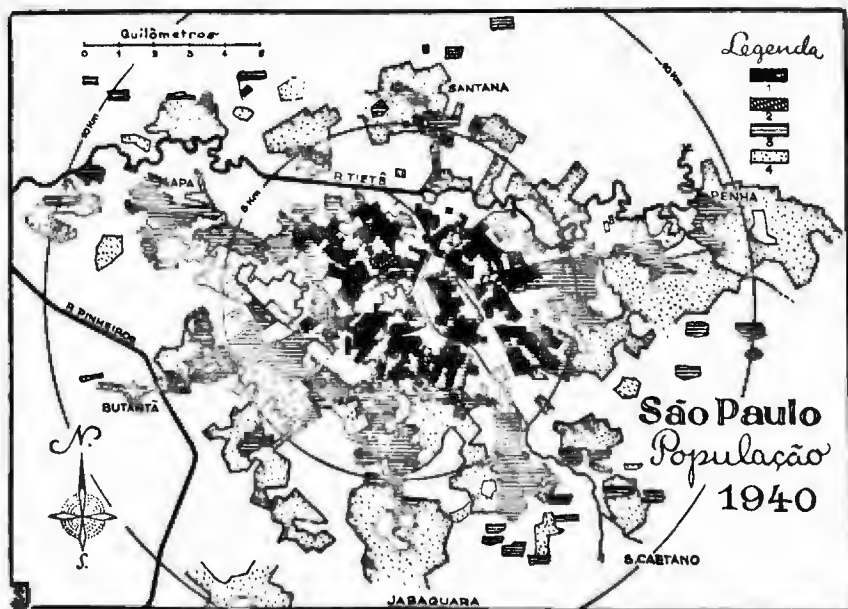
O que preliminarmente se observa, no mapa referente a 1934, é a *escassez das áreas de densidades muito fortes*; limitam-se a pontos isolados, em geral ocupando áreas de pequena extensão, que se localizam na periferia do Centro ou nos bairros da várzea do Tietê e do Tamanduateí. Mais frequentes são as áreas de *forte densidade*, que surgem notadamente dentro de um raio de 2 a 3km, a partir do Centro (Sé). No entanto, a predominância cabe, sem nenhuma dúvida, às áreas de *média e fraca densidade*, que se encontram tanto no aglomerado principal da cidade, como nos seus tentáculos; êstes só excepcionalmente ultrapassavam o raio de 10km (região da Penha e de Santo Amaro) e obedeciam, com muito rigorismo, às principais vias de entrada ou saída da cidade, no rumo



Áreas de densidades demográficas da cidade de São Paulo, em 1934 (Cf. mapa da C.M.T.C.). — 1 - Muito forte; 2 - Forte; 3 - Média; 4 - Fraca.

do Rio de Janeiro (Leste), no de Santos (Sudeste), no de São Roque e Sorocaba (Sudoeste) e no de Jundiáí-Campinas (Oeste). Ao Norte, Santana e vizinhanças continuavam isoladas pelo “hiato” criado pela várzea do Tietê. Penha, a Leste, Ipiranga, a Sudeste, Jabaquara, ao Sul, Butantã, a Sudoeste, e Lapa, a Oeste, constituíam as “pontas de lança” da metrópole em expansão.

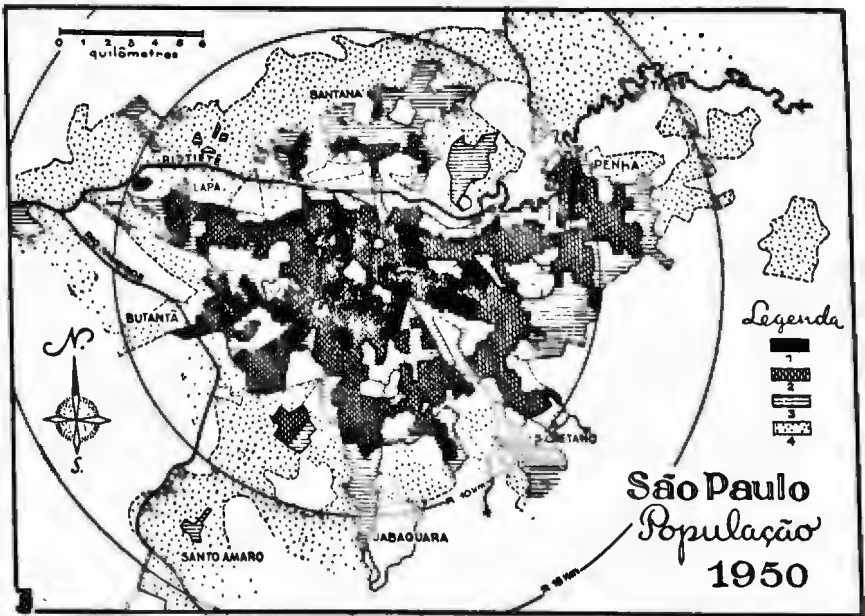
Em 1940 — decorridos apenas seis anos — a situação já era bem outra. Haviam-se multiplicado, sensivelmente, as áreas de densidades fortes e muito fortes, numa distribuição mais ou menos uniforme, dentro de um raio de 2,5km, embora a predominância continuasse a caber às áreas de densidade média e fraca. A Zona Norte apresentou uma substancial transformação, como reflexo do povoamento da região de além Tietê, se bem que a várzea continuasse a ser um obstáculo, uma zona anecumênica, vencida somente em trechos esparsos. Ainda são perceptíveis os tentáculos da cidade, agora muito mais engrossados pela ocupação de áreas não habitadas em 1934; muitos deles como que se ramificaram, tomando uma feição



Áreas de densidades demográficas da cidade de São Paulo em 1940 (Cf. mapa da C.M.T.C.). — 1 - Muito forte; 2 - Forte; 3 - Média; 4 - Fraca.

algo dendrítica. Em sua marcha, a grande metrópole (já então milionária) conseguira ultrapassar, em vários pontos, o raio de 5km, avançando decididamente na conquista da circunferência delimitadora do raio de 10km, o que já conseguira na região oriental (Penha e suas “vilas” satélites).

O mapa referente ao censo de 1950 já nos mostra uma cidade compacta, em que os “vazios”, freqüentes em 1934 e mesmo em 1940, quase não mais existem, conquistados que foram pelo casario. O núcleo principal preencheria, praticamente, a circunferência correspondente ao raio de 10km; e em vários pontos (região de Osasco e de Santo Amaro, trecho oriental da região da Penha) conseguira atingir o raio de 15km. Os tentáculos da expansão já não aparecem com a mesma nitidez dos anos anteriores, embora sintamos sua presença sobretudo para Oeste, para Su-sudoeste, para Sudeste e para Nor-nordeste. São Paulo passou a ser uma *cidade em nebulosa*, como bem observou o Prof. Francis Ruellan, numa das reuniões da Associação dos Geógrafos Brasileiros (Seção Regional de São Paulo). A Zona Norte integrou-se definitivamente no



Áreas de densidades demográficas da cidade de São Paulo em 1950 (Cf. mapa da C.M.T.C.), — 1 - Muito forte; 2 - Forte; 3 - Média; 4 - Fraca.

corpo da cidade, ao mesmo tempo que deixou de existir uma separação entre a metrópole paulista e a vizinha cidade de São Caetano do Sul. No entanto, o que mais impressiona é o sensível equilíbrio entre as áreas de mais fortes densidades e as de média e fraca densidades, chegando as primeiras, na região oriental, a ultrapassar o raio de 5km. Inegavelmente, quem quer que observe o mapa das áreas de densidades demográficas correspondente ao censo de 1950, mesmo que nada conheça a respeito das características da cidade, sente da maneira a mais viva a pujança da metrópole hoje trilionária.

Do colégio quinhentista ao "Grande São Paulo"

Modestíssimo colégio de padres Jesuítas em 1554; pequenina vila até à primeira década do século XVIII; cidade de um município de pouco mais de 4 000 habitantes, ainda no

setecentismo; com menos de 20 000 habitantes em sua área urbana e no 10.º lugar entre as maiores cidades do país, em 1872; quarta cidade brasileira, em 1890; segunda em 1900, com seus 240 000 habitantes na área municipal; cidade milionária a partir de 1940 — São Paulo é, hoje, já o vimos, o mais populoso centro urbano do Brasil, havendo superado, com seus 3 000 000 de habitantes, a própria Capital da República. Há bem mais de um século deixou de ser uma cidade de negros e de mestiços; se há 50 anos foi considerada uma “cidade de italianos”, é hoje uma cidade bem brasileira, apesar do cosmopolitismo que caracteriza a massa de sua população, tão variada em suas origens e em muitos de seus costumes. Em plena mocidade, a caminho da maturidade, católica por tradição e pela esmagadora maioria de seus habitantes, centro econômico dos mais importantes e ativos da América do Sul, possuindo uma das mais vastas áreas urbanas do Mundo, com uma densidade demográfica que chega a ser quase de 4 000 habitantes por km² e exibindo um dos mais impressionantes exemplos de expansão urbana — a Capital paulista não poderia, evidentemente, limitar sua esfera de influência aos estreitos limites de sua área municipal. Seus tentáculos foram muito além: em direção a Leste, alcançam os municípios de *Guarulhos*, *Itaquaquecetuba*, *Podé* e *Suzano*; em direção a Sudeste, os municípios de *São Caetano do Sul*, *Santo André* e *São Bernardo do Campo*; no rumo de Sudoeste, os municípios de *Itapeverica da Serra* e *Cotia*; no rumo de Noroeste, os municípios de *Barueri*, *Mairiporã* e *Franco da Rocha*. É este, hoje, o que poderemos chamar de GRANDE SÃO PAULO, ocupando uma área de mais de 5 000km² e contendo uma população não inferior a 3 500 000 habitantes. Em quatro séculos de vida, passou de um humilde casebre de taipa, onde os Jesuítas ministravam as noções elementares da religião e da língua, à cidade trimilionária de nossos dias, com suas grandezas e suas misérias, seus arranha-céus e seus “cortiços”, sua população heterogênea pela origem mas homogênea na vontade de tudo fazer por sua grandeza, no seio da Pátria comum.

BIBLIOGRAFIA

I. Estudos especiais:

- "A GAZETA" — *Porque São Paulo é a cidade que mais cresce no Mundo*, São Paulo, 5 de março de 1955.
- ARAÚJO (Oscar Egídio de) — *Enquismamentos étnicos*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. LXV, São Paulo, 1940. — *Latinos e não Latinos no Município de São Paulo*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. LXXV, São Paulo, 1941. — *Cinco prédios em uma hora*, em "Observador Econômico e Financeiro", n.º 104, Rio de Janeiro, 1944.
- ARAÚJO FILHO (José Ribeiro de) — *Alguns aspectos da população da cidade de São Paulo*, tese apresentada à Décima Assembléia Geral da Associação dos Geógrafos Brasileiros (Garanhuns, 1955), em "Revista de História", n.º 25, São Paulo, janeiro-março de 1956.
- BASTIDE (Roger) e FERNANDES (Florestan) — *Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo* (Ensaio sociológico sobre as origens, as manifestações e os efeitos do preconceito de cor no município de São Paulo), com outros colaboradores, Unesco-Anhembi, Ed. Anhembi Ltda., São Paulo, 1955.
- CALDEIRA (Nelson Mendes) — *As capitais da América*, em "Boletim do Departamento Estadual de Estatística", ano III, n.º 2, São Paulo, 1941. — *São Paulo entre as grandes cidades do Mundo*, em "Digesto Econômico", ano I, n.º 11, São Paulo, outubro de 1945. — *São Paulo a galope*, em "Paulistânia", n.º 38, São Paulo, janeiro-fevereiro de 1951.
- CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA — *A mortalidade do município de São Paulo, segundo grupos de causas de óbitos (1939-41 e 1949)*, Laboratório de Estatística, Estudos Demográficos n.º 115, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1954.
- DIGESTO ECONÔMICO — *O desequilíbrio entre o número de habitantes e o de residências em São Paulo*, ano I, n.º II, São Paulo, outubro de 1945.
- "FÔLHA DA MANHÃ" — *O crescimento de São Paulo e de outras metrópoles do Mundo*, São Paulo, 20 de setembro de 1953.
- GUIMARÃES (Caio de Freitas) — *Mortalidade infantil no município de São Paulo (1939-49)*, Divisão de Estatísticas Demográficas, Departamento de Estatística do Estado, São Paulo, maio de 1952. — *O crescimento demográfico do município de São Paulo e Mortalidade infantil no município de São Paulo*, em "Boletim do Departamento de Estatística", Boletim Especial n.º 1, ano XIV (2.ª fase), São Paulo, 1952.
- LEÃO (Mário Lopes) — *O crescimento da população da cidade de São Paulo*, em "Engenharia", ano III, n.º 33, São Paulo, 1945.
- JOCHMANN (João) — *Aspectos demográficos do Rio e São Paulo*, em "Digesto Econômico", ano I, n.º 7, São Paulo, junho de 1945.
- LINGUANOTTO (Daniel) — *Os nissei entre dois mundos*, em "Manchete", Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1954.
- LODI (Carlos) — *Sviluppo e problemi di San Paolo*, em "Urbanistica", Istituto Nazionali di Urbanistica, n.º 7, Roma, 1951.
- MONBEIG (Pierre), *La croissance de la ville de São Paulo*, em "Revue de Géographie Alpine", Grenoble, 1953.
- "OBSERVADOR ECONÔMICO E FINANCEIRO" — *O crescimento da cidade de São Paulo*, n.º 180, Rio de Janeiro, janeiro de 1951.
- "O ESTADO DE SÃO PAULO", *Os estrangeiros em São Paulo*, São Paulo, 22 de dezembro de 1955.
- PÁDUA (Ciro T.) — *O negro em São Paulo*, em "Revista do Arquivo Municipal", vol. LXXVII, São Paulo, 1941.
- PAGANO (Authos) — *O efetivo demográfico de São Paulo na data do IV centenário*, em "Correio Paulistano", São Paulo, 24 de janeiro de 1954.

II. Estudos gerais e subsidiários:

- ALMEIDA (João Carlos de) — *Cidades e vilas do Estado de São Paulo; Aspectos do censo demográfico de 1950 — as cidades e o campo; Instantâneos estatísticos — São Paulo de ontem e de hoje; e Populações urbanas* (1950), em "Boletim do Departamento de Estatística do Estado", Boletim Especial n.º 1, ano XIV (2.ª fase), São Paulo, 1952. — *São Paulo no Brasil — correntes de migração interior* (Dados do censo demográfico de 1950), Departamento de Estatística do Estado, São Paulo, agosto de 1953. — *Ensino primário fundamental comum; O ensino primário em São Paulo; e Campanha Nacional de Educação de Adultos*, em "Boletim do Departamento de Estatística do Estado de São Paulo", n.º 1, São Paulo, 1.º trimestre de 1954.
- ALMEIDA (Vicente Untzer de) e MENDES SOBRINHO (Otávio Teixeira) — *Migração Rural-Urbana*, ed. Diretoria de Publicidade Agrícola, Secretaria da Agricultura, São Paulo, 1951.
- ARROYO (Leonardo) — *Introdução à obra "São Paulo Antigo, São Paulo Moderno"*, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1953. — *Igrejas de São Paulo*, Liv. José Olímpio, Rio de Janeiro, 1954.
- AZEVEDO (Aroldo de) — *Vilas e Cidades do Brasil Colonial* (Ensaio de geografia urbana retrospectiva), tese apresentada à Décima Assembléia Geral da Associação dos Geógrafos Brasileiros (Garanhuns, 1955), inédita.
- AZEVEDO (Fernando de) — *A Cultura Brasileira*, 2.ª edição, Comp. Editora Nacional, São Paulo, 1944.
- BERNÁRDEZ (Manuel) — *El Brasil*, Tip. Ortega e Radaelli, Buenos Aires, 1908.
- BRUNO (Ernani Silva) — *História e Tradições da Cidade de São Paulo*, 3 volumes, Liv. José Olímpio, Rio de Janeiro, 1954.
- CASAL (Aires de) — *Corografia Brasileira*, edição fac-similar do Instituto Nacional do Livro, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1945.
- CAMARGO (José Francisco de) — *Crescimento da população no Estado de São Paulo e seus aspectos econômicos*, 3 volumes, Boletim n.º 153 da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1952.
- CAPRI (Roberto) — *São Paulo, a Capital Artística na comemoração do Centenário*, São Paulo, 1922.
- CHEVALIER (Louis) — *Démographie Générale*, ed. Dalloz, Paris, 1951.
- COARACY (Vivaldo) — *O perigo japonês*, em "O Jornal do Comércio", Rio de Janeiro, abril-junho de 1944.
- COMISSÃO CENTRAL DE ESTATÍSTICA — *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da Província de São Paulo*, Tip. King, São Paulo, 1888.
- "CONJUNTURA ECONÔMICA" — *Mortalidade geral nas capitais brasileiras*, ed. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, fevereiro de 1955.
- CONSELHO NACIONAL DE ESTATÍSTICA — *Censo Demográfico de 1950* (Estado de São Paulo — Seleção dos principais dados), ed. I.B.G.E., Rio de Janeiro, 1953. — *Pesquisas sobre as populações urbanas e rurais do Brasil*, ed. I. B. G. E., Rio de Janeiro, 1954. — *VI Recenseamento Geral do Brasil* (Estado de São Paulo — Censo demográfico), ed. I. B. G. E., Rio de Janeiro, 1954.
- D'ALINCOURT (Luís) — *Memórias sobre a viagem do Pôrto de Santos à Cidade de Cuiabá*, Liv. Martins, São Paulo, 1953.
- DEFFONTAINES (Pierre) — *Geografia Humana do Brasil*, ed. C. N. G., Rio de Janeiro, 1940.
- DENIS (Pierre) — *Le Brésil au XXe. siècle*, 4.ª edição, Lib. Armand Colin, Paris, 1911.
- DEPARTAMENTO DE ESTATÍSTICA DO ESTADO — *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo* (Situação demográfica), vol. II, São Paulo, 1947. — *Anuário Estatístico do Estado de São Paulo* (Situação demográfica, 1950), vol. II, São Paulo, 1953. — *Estimativas populacionais do Estado de São Paulo* (1951-53), São Paulo, 1954.
- EGAS (Eugênio) — *Os Municípios Paulistas*, vol. I, São Paulo, 1925.

- ENGE (Arne) e LERRO (Amauri Wilson) — *Mortalidade de crianças maiores de um ano no Estado de São Paulo (1938-47)*, Serviço de Estudos e Pesquisas, Departamento Estadual da Criança do Estado de São Paulo (exemplar dactilografado).
- FLORENCE (Hércules) — *Viagem fluvial do Tietê ao Amazonas (1825-29)*, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1948.
- FORJAZ (Djalma) — *Quadro territorial, administrativo e judiciário do Estado (Quinquênio 1954-58)*, em "Boletim do Departamento de Estatística do Estado de São Paulo", Boletim n.º 1, São Paulo, 1.º trimestre de 1954.
- FREITAS (Afonso A. de) — *Geografia do Estado de São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, São Paulo, 1906.*
- GUIMARÃES (Caio de Freitas) — *População, natalidade e mortalidade no Estado de São Paulo (1940-49)*, exemplar dactilografado do Departamento de Estatística do Estado de São Paulo, Divisão de Estatística Demográfica, São Paulo, dezembro de 1952.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA — *Pesquisas sobre os diversos grupos de cor nas populações do Estado de São Paulo e do Distrito Federal, Estatística Demográfica, n.º 12, Rio de Janeiro, 1951.*
- JAMES (Preston E.) — *Brazil, The Odyssey Press, Nova York, 1946.*
- KOSERITZ (Carl von) — *Imagens do Brasil*, tradução brasileira de Afonso Arinos de Melo Franco, Liv. Martins, São Paulo, 1943.
- LAMBERT (Jacques) e PINTO (L. A. Costa) — *Problèmes démographiques contemporains*, tomo I, Atlântica Editôra, Rio de Janeiro, 1944.
- LANDRY (Adolphe) — *Traité de Démographie*, Lib. Payot, Paris, 1945.
- LOYD (Reginald) — *Impressões do Brasil no Século Vinte*, Lloyd's Greater Britain Publishing Co., Londres, 1913.
- MACHADO (Alcântara) — *Vida e Morte do Bandeirante*, Liv. Martins, São Paulo, 1943.
- MAWE (John) — *Viagens ao interior do Brasil*, tradução brasileira de Solena Benevides Viana, ed. Zélio Valverde, Rio de Janeiro, 1944.
- MILLIET (Sérgio) — *Recenseamentos antigos*, em "Roteiro do Café e outros ensaios", 3.ª edição, Departamento de Cultura, São Paulo, 1941.
- MORTARA (Giorgio) — *Estudos Brasileiros de Demografia*, Monografia n.º 3, ano I, vol. I, ed. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, julho de 1947. — *A imigração italiana no Brasil e Algumas características demográficas do grupo italiano de São Paulo*, em "Revista Brasileira de Estatística", ano XI, n.º 48, Rio de Janeiro, 1950.
- MÜLLER (Daniel Pedro) — *Ensaio dum Quadro Estatístico da Província de São Paulo*, Tip. Costa Silveira, São Paulo, 1838, reedição literal, São Paulo, 1923.
- PAULA (E. Simões de) — *Contribuição monográfica para o estudo da segunda fundação de São Paulo*, São Paulo, 1936.
- PINTO (Alfredo Moreira) — *A cidade de São Paulo em 1900 (Impressões de viagem)*, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1900.
- PRADO (Paulo) — *Paulística*, São Paulo, 1925.
- PRADO JÚNIOR (Caio) — *O fator geográfico na formação e no desenvolvimento da cidade de São Paulo*, em "Geografia", ano I, n.º 3, São Paulo, 1935. — *Nova contribuição para o estudo geográfico da cidade de São Paulo*, em "Estudos Brasileiros", ano III, vol. 7, ns. 19-21, Rio de Janeiro, 1941.
- RECLUS (Élisée) — *Estados Unidos do Brasil*, tradução brasileira de Ramiz Galvão, H. Garnier, Rio de Janeiro, 1900.
- RIBEIRO (Luís David) — *Guia Católico da Arquidiocese de São Paulo*, ano II, n.º 2, São Paulo, 1955.
- SAINT-HILAIRE (Auguste de) — *Viagem à Província de São Paulo*, tradução brasileira de Rubens Borba de Moraes, Livraria Martins, São Paulo, 1940.
- SAUVY (Alfred) — *A População*, ed. Casa do Estudante do Brasil, Rio de Janeiro, s/data.
- SMITH (T. Lynn) — *Introdução à Análise das Populações*, publicação da cadeira de Geografia do Brasil da Faculdade Nacional de Filosofia,

- Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, 1950.
- SPIX (J. B. von) e MARTIUS (C. F. P. von) — *Viagem pelo Brasil*, 4 volumes, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1938.
- TAUNAY (Afonso d'E.) — *São Paulo no século XVI*, Arrault & Cie., Tours, 1921. — *História da Cidade de São Paulo*, Ed. Melhoramentos, São Paulo, 1953.
- TSCHUDI (J. J. von) — *Viagem às Províncias do Rio de Janeiro e de São Paulo*, tradução brasileira de Eduardo de Lima Castro, Liv. Martins, São Paulo, 1953.
- VIANA (Oliveira) — *Instituições Políticas Brasileiras*, vol. I, Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1949.
- WALLE (Paul) — *Au Brésil - De l'Uruguai au Rio São Francisco*, ed. Guilmoto, Paris, 1910.
- ZALUAR (Augusto Emílio) — *Peregrinação pela Província de São Paulo (1860-61)*, Liv. Martins, São Paulo, 1953.

ÍNDICE DAS GRAVURAS

ÍNDICE DAS GRAVURAS

(Volume II)

I. São Paulo nos tempos coloniais

	Págs.
1. O mais antigo documento iconográfico da cidade de São Paulo	8
2. Igreja e Colégio de São Paulo, no período colonial..	11
3. São Paulo, vila fortificada.....	14
4. A vila de São Paulo no século XVI.....	16
5. O Paço Municipal da vila de São Paulo, na primeira metade do século XVII.....	22
6. Bandeirantes paulistas.....	26
7. Um vereador paulistano ao tempo do Bandeirismo.....	30
8. Tipos de habitação da área urbana, no período colonial..	37
9. Habitações da área rural.....	39
10. Dia de feira na vila de São Paulo..	41

II. São Paulo no século XIX

11. São Paulo na primeira metade do século XIX.....	52
12. Três aspectos do velho São Paulo.....	57
13. A Academia de Direito e o largo de São Francisco..	64
14. A Rua Direita da década de 1860-70.....	69
16. A Ladeira do Carmo, ao iniciar-se a década de 1860-70.....	71
16. Chácaras, sítios e fazendas, ao redor do centro de São Paulo	74-75
17. A Igreja do Brás e a atual Avenida Rangel Pestana, na década de 1870-80.....	76
18. A cidade de São Paulo em 1881.....	80
19. O Largo de São Bento, ao findar o século XIX.....	84
20. A cidade de São Paulo ao iniciar-se a década de 1890-1900	88

III. São Paulo no século XX

21. A cidade de São Paulo em 1897.....	106-107
22. O Largo de São Bento, na década de 1910-20..	111
23. A Rua Direita, "coração" da cidade.....	114
24. Rua Líbero Badaró, próximo ao Largo de São Bento.....	117
25. A Igreja do Brás e a Avenida Rangel Pestana..	118
26. São Paulo na primeira década do século XX..	120
27. São Paulo em 1916.....	124
28. O vale do Anhangabaú.....	128
29. Bonde de burros.....	134
30. Cidade de São Paulo: o espaço urbano (1952)..	138-139
31. O Largo da Sé na década de 1920-30.....	142
32. Rua Barão de Itapetininga.....	148
33. Cinquenta anos de evolução urbana (1881-1930).....	150
34. A área central da cidade de São Paulo e suas zonas periféricas	154

IV. *A população paulistana*

	Págs.
35. Crescimento da população municipal de algumas capitais brasileiras (1872-1950).....	168
36. Crescimento comparado da população do Estado de São Paulo e de sua Capital (1836-1950).....	176
37. Grandes cidades brasileiras na primeira década do século XX..	177
38. Gente do povo, das mais diversas origens.....	187
39. Brasileiros de outros Estados domiciliados na Capital paulista, em 1950.....	190
40. Uma pequenina amostra do "microcosmo" paulistano..	196
41. Meninos "nissei" da região de São Paulo.....	204
42. Repartição da população paulistana, em porcentagens, segundo a idade e o sexo (1950).....	214
43. Repartição da população paulistana, em porcentagens, por sexo e idade, segundo a situação do domicílio (1950).....	216
44. Repartição da população paulistana maior de 10 anos, segundo as atividades profissionais (1950).....	219
45. O distrito de São Paulo (sede municipal) e seus 40 subdistritos	222
46. Áreas de densidades demográficas da Capital paulista, por distritos e subdistritos (1950).....	224
47. Áreas de densidades demográficas da Capital paulista, por distritos e subdistritos (Estimativa de 1954).....	230
48. Crescimento da população da Capital paulista entre 1940 e 1950	234
49. Áreas de crescimento demográfico da Capital paulista, por distritos e subdistritos, entre 1940 e 1950.....	236
50. Áreas de densidades demográficas da cidade de São Paulo, em 1934	240
51. Áreas de densidades demográficas da cidade de São Paulo, em 1940	241
52. Áreas de densidades demográficas da cidade de São Paulo, em 1950	242

ÍNDICE DA MATÉRIA

ÍNDICE DA MATÉRIA

(Volume II)

A EVOLUÇÃO URBANA

	Págs.
Cap. I — <i>São Paulo nos tempos coloniais</i> — por RAUL DE ANDRADA E SILVA.....	5
As bases geográficas da vila quinhentista.....	5
O núcleo de origem: o Colégio dos Jesuítas.. . . .	9
Os primeiros povoadores.. . . .	11
A vila quinhentista.....	13
A "capital" do Bandeirismo.....	24
Ascensão política e decadência econômica.....	31
As transformações urbanas nos séculos XVII e XVIII.. . . .	38
Bibliografia.. . . .	44
Cap. II — <i>São Paulo no século XIX</i> — por ODILON NOGUEIRA DE MATOS.....	49
Fisionomia da cidade na primeira metade do século XIX.. . . .	49
A população e a expansão da cidade.. . . .	54
A economia urbana e rural.....	61
A Academia de Direito e seu papel na vida urbana.....	63
A segunda metade do século XIX e os fatores do crescimento da cidade.....	66
São Paulo, metrópole do café.....	70
A expansão urbana e os novos bairros.....	85
A fisionomia da cidade na segunda metade do século XIX.....	91
Bibliografia.. . . .	95
Cap. III — <i>São Paulo no século XX</i> — por PASQUALE PETRONE... . . .	101
São Paulo transforma-se em metrópole industrial.....	101
A expansão industrial e seus reflexos sobre a cidade.....	104
Fisionomia da cidade no primeiro quartel do século XX.....	110
O crescimento de São Paulo até 1925 e os problemas que acarretou.. . . .	125
A cidade de São Paulo no segundo quartel do século XX.....	141
São Paulo atual e suas principais características...	153
Bibliografia.. . . .	160
Cap. IV — <i>A população paulistana</i> — por J. R. DE ARAÚJO FILHO.. . . .	167
Uma cidade trímilionária.....	167
A população paulistana nos séculos colônias.. . . .	170
A população paulistana no século XIX.. . . .	174
"A cidade que mais cresce no Mundo".....	178

	Pags.
O crescimento vegetativo da população paulistana..	182
O elemento branco e o papel da imigração.....	186
Os nacionais e os estrangeiros... .. .	189
O elemento de origem italiana.. .. .	197
Os negros e os mestiços... .. .	200
Os japoneses e os "nissei".. .. .	203
Outros elementos étnicos.....	207
Sexo, idade, religião e ramos de atividade da população.....	210
As áreas de densidade demográfica por distritos e subdistritos..	220
O crescimento da população por distritos e subdistritos, de 1934 a 1950.....	233
Evolução das áreas de densidades demográficas de 1934 a 1950..	239
Do colégio quinhentista ao "Grande São Paulo"..	242
Bibliografia.. .. .	244
★	
<i>Índice das gravuras.. .. .</i>	<i>251</i>
<i>Índice da matéria.. .. .</i>	<i>255</i>

Bibl. Central

A CIDADE DE SÃO PAULO

Estudos de geografia urbana

★

VOLUME II

A EVOLUÇÃO URBANA

BRASILIANA
(SÉRIE GRANDE FORMATO)

Volume 14-A

Direção de
AMÉRICO JACOBINA LACOMBE

1958

Obra executada nas oficinas da
São Paulo Editora S. A. - São Paulo, Brasil



N.ª a Chácara "Bela Cintra" situada na Freguezia da Consolação na Capital do Estado de São Paulo ~
 1890

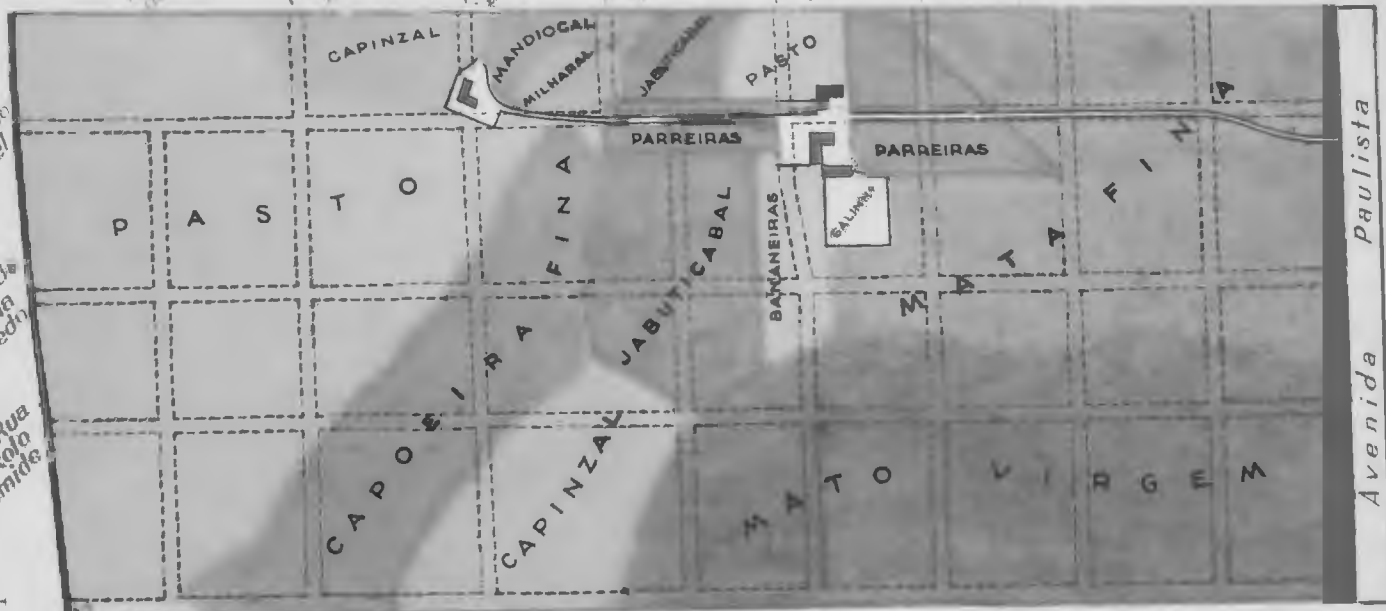
Rua Barão do Rio Branco
 Rua Oscar Freire
 Alameda Lorena
 Alameda Taubaté
 Alameda Francisca
 Alameda Ijuí
 Alameda Jau
 Alameda Santos

Rua Pedro José Manoel


Alameda Rocha Azevedo

Rua Peixoto Gomide

Alameda Casa Branca



SOUKUP

Legenda  arruamento atual

o mapa é baseado na respectiva planta de 1:2000 (cf. ROCHA AZEVEDO FILHO "UM PIONEIRO EM SÃO PAULO" 1954)

Arquivo Histórico do Município de São Paulo

ASSOCIAÇÃO DOS GEÓGRAFOS BRASILEIROS
Seção Regional de São Paulo

★

A Cidade de São Paulo

Estudos de geografia urbana

Por um grupo de geógrafos sob a direção de

AROLD DE AZEVEDO

VOLUME II

A EVOLUÇÃO URBANA

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO

Cartografia de
JOÃO SOUKUP

★

Desenhos de
JOSÉ RUFINO, ANTÔNIO MONTE
e OTTO BENDIX

★

Vinhetas de
MANOEL VICTOR FILHO

BIBLIOTECA MUSEU NACIONAL	J. VICTOR FILHO		
	SEÇÃO REGISTRO		
ANO	1959	N	376